

Universidades Lusíada

Mira, Luiza Barbosa, 1997-

Aporofobia e população migrante : que desafios para o Serviço Social?

<http://hdl.handle.net/11067/7304>

Metadados

Data de Publicação	2023
Resumo	<p>O estudo assenta em uma abordagem teórica sobre as migrações e na revisão de literatura centrada em conceitos como integração e aporofobia, colocando-os em diálogo com elementos teóricos do Serviço Social e, posteriormente, com os dados empíricos recolhidos. O conceito orientador do estudo é Aporofobia, recentemente criado pela filósofa Adela Cortina, que o define, resumidamente, como aversão ao pobre. Assim, o objetivo geral da investigação é o de explorar a influência da aporofobia nos process...</p> <p>The study is based on a theoretical approach to migration and a literature review centered on concepts such as integration and aporophobia, placing them in dialogue with theoretical elements of social work and, subsequently, with the collected empirical data. The guiding concept of the study is Aporphobia, recently created by the philosopher Adela Cortina, who defines it, in short, as a version of the poor. Thus, the general objective of the investigation is to explore the influence of aporpho...</p>
Palavras Chave	Imigrantes - Portugal, Imigrantes - Portugal - Condições Sociais, Discriminação, Pobreza - Aspectos morais e éticos, Serviço social com imigrantes - Portugal
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-ISSSL] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-01T07:13:37Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA
INSTITUTO SUPERIOR DE SERVIÇO SOCIAL DE LISBOA
Mestrado em Serviço Social

**Aporofobia e população migrante : que desafios para
o Serviço Social?**

Realizado por:
Luiza Barbosa Mira

Orientado por:
Prof.^a Doutora Maria Júlia Faria Cardoso

Constituição do Júri:

Presidente: Prof.^a Doutora Teresa Paula Garcia Rodrigues da Silva
Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Júlia Faria Cardoso
Arguente: Prof.^a Doutora Vanda Sofia Braz Ramalho

Dissertação aprovada em: 15 de dezembro de 2023

Lisboa

2023



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

INSTITUTO SUPERIOR DE SERVIÇO SOCIAL DE LISBOA

Mestrado em Serviço Social

Aporofobia e população migrante: que desafios para o Serviço Social?

Luiza Barbosa Mira

Lisboa

Agosto 2023



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

INSTITUTO SUPERIOR DE SERVIÇO SOCIAL DE LISBOA

Mestrado em Serviço Social

**Aporofobia e população migrante: que desafios para
o Serviço Social?**

Luiza Barbosa Mira

Lisboa

Agosto 2023

Luiza Barbosa Mira

Aporofobia e população migrante: que desafios para o Serviço Social?

Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa da Universidade Lusíada para a obtenção do grau de Mestre em Serviço Social.

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Júlia Faria Cardoso

Lisboa

Agosto 2023

FICHA TÉCNICA

Autora Luiza Barbosa Mira
Orientadora Prof.^a Doutora Maria Júlia Faria Cardoso
Título Aporofobia e população migrante: que desafios para o Serviço Social?
Local Lisboa
Ano 2023

MEDIATECA DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

MIRA, Luiza Barbosa, 1997-

Aporofobia e população migrante: que desafios para o Serviço Social? / Luiza Barbosa Mira; orientado por Maria Júlia Faria Cardoso. - Lisboa: [s.n.], 2023. - Dissertação de Mestrado em Serviço Social, Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa da Universidade Lusíada.

I - CARDOSO, Júlia, 1955-

LCSH

1. Imigrantes - Portugal
2. Imigrantes - Portugal - Condições sociais
3. Discriminação
4. Pobreza - Aspectos morais e éticos
5. Serviço Social com imigrantes - Portugal
6. Universidade Lusíada. Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa - Teses
7. Teses - Portugal - Lisboa

1. Immigrants - Portugal
2. Immigrants - Portugal - Social conditions
3. Discrimination
4. Poverty - Moral and ethical aspects
5. Social work with immigrants - Portugal
6. Universidade Lusíada. Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa - Dissertations
7. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. HV4013.P82 M57 2023

Agradecimentos

Assim finalizo este trabalho tão importante para mim. Representa a realização de um sonho. Talvez só as pessoas aqui citadas tenham ideia do meu esforço e dedicação para que este trabalho fosse concretizado com o máximo de esmero. Porém sem o apoio delas, esta conquista não seria a mesma. Primeiramente agradeço a Deus, por ter colocado esta profissão que tanto amo em meu caminho. Em seguida, a minha mãe e a minha irmã que sempre foram meu alicerce, me apoiaram, acreditaram em mim, nos meus sonhos e sempre disseram que eu seria uma grande assistente social.

Agradeço imensamente o apoio da minha orientadora, a professora Dra. Maria Júlia Cardoso, uma professora com profundo conhecimento e admirável habilidade. Sua expertise e capacidade em transmitir seu conhecimento foram inspiradoras, fornecendo-me um suporte para aprimorar minhas competências e progredir na pesquisa. Inclusive, foi em uma de suas aulas que tive o conhecimento do conceito norteador da pesquisa. Suas sugestões foram essenciais para a melhora do estudo e sou verdadeiramente grata pela oportunidade de ser orientada por ela, pois sei que, assim como eu, deu o seu melhor.

Preciso agradecer a coordenadora do projeto de investigação do qual faço parte (Ir Além), a Dra. Elisete Diogo, uma profissional que admiro muito e com quem aprendo diariamente.

A todos os meus professores de mestrado do Instituto Superior de Serviço Social da Universidade Lusíada.

Igualmente a todos os participantes que deram o seu depoimento para a realização deste estudo, assim como, às associações das quais três dos participantes fazem parte.

Ao meu companheiro, Rodolpho Kaseski, por sempre acreditar em mim e estar ao meu lado, a incentivar-me e compreender minhas ausências.

Quero agradecer especialmente ao Júnior e a Beatriz Figueiredo, amigos que me motivaram muito. Além de outros familiares, amigos, colegas de equipa do projeto Ir Além e a minha psicóloga.

Apresentação

Aporofobia e população migrante: que desafios para o Serviço Social?

Luiza Barbosa Mira

O estudo assenta em uma abordagem teórica sobre as migrações e na revisão de literatura centrada em conceitos como integração e aporofobia, colocando-os em diálogo com elementos teóricos do Serviço Social e, posteriormente, com os dados empíricos recolhidos. O conceito orientador do estudo é *Aporofobia*, recentemente criado pela filósofa Adela Cortina, que o define, resumidamente, como aversão ao pobre. Assim, o objetivo geral da investigação é o de explorar a influência da aporofobia nos processos de integração de populações migrantes, bem como as estratégias do Serviço Social para minimizar tal incidência e promover a efetiva integração dessas populações. Para tal, foi realizada uma investigação de carácter qualitativo, tendo sido utilizada a entrevista como técnica central de recolha de dados e, posteriormente, o software MAXQDA Standard 2022 para a codificação e categorização a fim de aplicar o método de análise, a análise de conteúdo. Os resultados do estudo indicam que, mesmo com políticas migratórias reconhecidas, permanecem dificuldades nos processos de integração de imigrantes, influenciadas por dimensões que abrangem o conceito da aporofobia. Estes aspetos são identificados pelos profissionais entrevistados e reforçados pelos imigrantes. Apesar das estratégias dos profissionais participantes, estas não são suficientes, sendo necessário o esforço conjunto de outras esferas da sociedade de acolhimento para que a integração seja uma realidade: do Estado e suas instituições, dos imigrantes e da sociedade em geral.

Palavras-chave: Aporofobia; Serviço Social; População migrante; Pobreza; Integração social

Presentation

Aporophobia and migrant population: what challenges for Social Work?

Luiza Barbosa Mira

The study is based on a theoretical approach to migration and a literature review centered on concepts such as integration and aporophobia, placing them in dialogue with theoretical elements of social work and, subsequently, with the collected empirical data. The guiding concept of the study is Aporophobia, recently created by the philosopher Adela Cortina, who defines it, in short, as a version of the poor. Thus, the general objective of the investigation is to explore the influence of aporophobia in the processes of integration of migrant populations as well as social work strategies to minimize such incidence and promote the effectiveness of these populations. To this end, a qualitative investigation was carried out, using an interview as the central technique for data collection and, subsequently, the MAXQDA Standard 2022 software for understanding and categorization in order to apply the analysis method, content analysis. The results of the study indicate that, even with recognized migration policies, difficulties remain in the integration processes of immigrants, influenced by dimensions that encompass the concept of aporophobia. These aspects were identified by the professionals interviewed and reinforced by the immigrants. Despite the strategies of the participating professionals, these are not enough, requiring the joint effort of other spheres of the host society so that integration becomes a reality: the state and its institutions, immigrants, and society in general.

Keywords: Aporophobia; Social service; Migrant population; Poverty; Social integration

Lista de abreviaturas, Siglas e Acrónimos

ACIDI - Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural

ACM - Alto Comissariado das Migrações

ACIME - Alto-Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas

AS - Assistente Social

CEE - Comunidade Económica Europeia

CICDR - Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial

CLAIM - Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes

CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

CNAI - Centro Nacional de Apoio a Imigrantes

CNAIM - Centro Nacional de Apoio à Integração de Migrantes

ENCP - Estratégia Nacional de Combate à Pobreza

GIP - Gabinetes de Inserção Profissional

LAM - Linha de Apoio a Migrantes

MAI - Ministério da Administração Interna

MIPEX - Migrant Integration Policy Index

NASW - National Association of Social Workers

NISS - Número de Identificação de Segurança Social

PTT - Programa Português para Todos

RNAIM - Rede Nacional de Apoio à Integração de Migrantes

SEF - Serviços de Estrangeiros e Fronteira

SIS II - Sistema de informação de Schengen de segunda geração

SNS - Serviço Nacional de Saúde

STT - Serviço de Tradução Telefónica

Sumário	
Introdução	1
1.0 Migrações	5
1.1 Migração em Portugal	7
1.1.1 Portugal: da emigração a Imigração	7
1.1.2 Recursos de acolhimento e integração e o processo de regularização para permanência em Portugal.	10
1.2 Condição de imigrante	15
1.2.1 Regularização e cidadania restrita?	16
1.2.2 Saúde mental e a distância do país de origem	17
1.2.3 Saúde	19
1.2.4 Habitação	20
1.2.5 Trabalho	21
2.0 Aporofobia e condição de imigrante	22
2.1 Hospitalidade Seletiva?	22
2.2 Discriminação	25
2.2.1 O papel das redes sociais para a discriminação	29
2.3.1 Pobreza e Exclusão Social	34
3.0 O papel do Serviço Social	38
3.1 O Serviço Social e a intervenção com pessoas em situação de pobreza	39
3.2 A relação do Serviço Social e a diversidade de origens culturais	40
4.0 Metodologia de Investigação	44
4.1 Natureza do Estudo	44
4.2 Universo e Amostra	45
4.2.1 Profissionais	45
4.2.2 População Imigrante	47
4.3 Método Científico	47
4.4 Técnica de recolha e tratamento de dados	49
i) Ética e Confidencialidade	49
5.0 Apresentação, sistematização e discussão dos resultados	50
5.1 Profissionais	50
5.1.1 Integração Económica	50
5.1.2 Integração Social	53
5.1.3 Integração cultural	58
5.1.4 Discriminação	60
5.1.5 Ação profissional	64
5.2 Imigrantes	67

5.2.1 Trajetória Migratória	67
5.2.2 Reconhecimento como um sujeito de direito	68
5.2.3 Integração económica	69
5.2.4 Integração social	73
5.2.5 Integração cultural	77
5.2.6 Avaliação global da sua condição no país de acolhimento	78
5.2.7 Enfrentamento à discriminação	79
6.0 Considerações Finais	82
Referências Bibliográficas	86
Bibliografia	96
Anexos	100
Anexo 1- Matriz de Análise (Profissionais).....	100
Anexo 2 - Matriz de Análise (Imigrantes).....	101
Anexo 3 - Ficha de consentimento informado	102
Anexo 4 - Ficha de consentimento informado (Inglês)	104
Anexo 5 - Guião de Entrevista (Profissionais)	106
Anexo 6 - Guião de Entrevista (Imigrantes)	109
Anexo 7- Guião de Entrevista Imigrantes (versão inglês).....	113
Anexo 8 - Transcrição de entrevista com assistente social 1	117
Anexo 9 - Transcrição de entrevista com assistente social 2	124
Anexo 10 - Transcrição de entrevista com dirigente associativo.....	136
Anexo 11 - Transcrição de entrevista com imigrante, Cabo-verde	149
Anexo 12 - Transcrição de entrevista com imigrante, Paquistão (versão traduzida)	159
Anexo 13 - Transcrição de entrevista com imigrante, Paquistão (versão original) ..	172
Anexo 14 - Transcrição de entrevista com imigrante, Angola.....	186
Anexo 15 - Transcrição de entrevista com imigrante, Brasil	194
Anexo 16 - Transcrição de entrevista com imigrante, Congo	202
Anexo 17 - Transcrição de entrevista com imigrante, Rússia (Versão traduzida) ...	208
Anexo 18 - Transcrição de entrevista com imigrante, Rússia (versão original)	215
Anexo 19 - Transcrição de entrevista com imigrante, Nepal (versão traduzida).....	222
Anexo 20 - Transcrição de entrevista com imigrante, Nepal (versão original)	229

Introdução

Os movimentos migratórios acompanharam a evolução do mundo e da sociedade. As últimas décadas têm mostrado um aumento da intensidade dos fluxos migratórios e a sua nova configuração: para além da pobreza e das desigualdades económicas, as migrações têm cada vez mais, na sua origem, a insegurança provocada por conflitos armados, perseguições políticas e fatores climáticos (Ramalho, 2012). A Europa tem sido o continente mais pressionado por tais movimentos, tendo sido definidas políticas específicas para acolhimento e integração de imigrantes e refugiados (Wenden, 2016).

Portugal, ao longo dos anos, tem renovado suas políticas para a melhor integração de imigrantes, inclusive reconhecidas pelo Índice de Política de Integração dos Migrantes (MIPEX), no qual o país está posicionado em segundo lugar. Estas medidas contribuíram para que houvesse um crescimento expressivo de imigrantes no território. Nos anos 2000, havia cerca de 207.587 estrangeiros no país, e, em 2019 este número saltou para mais de meio milhão de pessoas (Marques, Vieira e Vieira, 2022). A população imigrante que chega contribui diretamente para impedir o decréscimo da população residente, afetado com a baixa natalidade, uma população maioritariamente envelhecida (Gois, 2022) e uma expectativa de vida ascendente.

Apesar do título de país acolhedor de Portugal, no que diz respeito às políticas, a sua execução a nível meso e micro, segundo Marques, Vieira e Vieira (2019), não são contempladas. Deste modo, na prática, torna-se discutível a questão relativa a integração de imigrantes.

Alguns autores evidenciam as diferentes dificuldades enfrentadas pela população imigrante, que comprometem a sua integração. Estas são questões que os afetam no âmbito do trabalho (Campos e Canavezes, 2007), habitação (Jorge e Fonseca, 2011), saúde (Bachstrom, 2010), regularização (Santos e Alves, 2022), língua (Gonçalves et al., 2022), entre outras dimensões. A integração de imigrantes já foi inúmeras vezes alvo de diversos estudos ao longo dos anos, no entanto, esta presente investigação apresenta-se inédita. Isto porque tem como objeto os processos de integração da população imigrante em Lisboa, assim como as práticas das/dos assistentes sociais para promover tal integração, tendo como elemento orientador o conceito de Aporofobia criado por Adela Cortina, filósofa espanhola em 2017. Esta autora desenvolveu este conceito que passou a fazer parte do léxico das Ciências Sociais e Humanas. A aporofobia é compreendida como a aversão a pessoas pobres, as quais são tratadas com desprezo, repulsa e, por vezes, violência (Cortina, 2022).

A aporofobia, como afirmado anteriormente, é um termo novo, fruto de novas reflexões sobre a pobreza e as desigualdades que subsistem na sociedade, implicando não só uma discussão de cariz sociológico, mas exigindo, também, uma reflexão de natureza ética (Cortina, 2022).

Estudar a aporofobia como fator condicionante da integração de populações migrantes, incluindo refugiados, é um tema pouco explorado e muito atual. Principalmente porque, assim como pessoas pobres, os imigrantes também são alvo de discriminação, que impacta nas suas oportunidades e no tratamento que recebem (Hellgren e Gabrielli, 2021).

Quando se trata da ida para outro país, por vezes, imagina-se que as pessoas serão bem recebidas. Ser hospedeiro pressupõe amabilidade em seu significado (Pérez, 2007). Contudo, segundo Korstanje (2015), essa receptividade positiva só acontece com pessoas com uma condição financeira mais favorável, que, quando vão para outros países, realizam viagens turísticas e, por isso, têm permissão para se locomover, sendo sempre bem-vindas a retornar. No entanto, quando se trata de pessoas migrantes ou refugiadas, a tendência é que estas fiquem à mercê da própria sorte. Usualmente, associa-se a imagem do imigrante com pobreza, irregularidade, desordem e criminalidade (Nazal et al., 2018) e, por esta razão, pode não ser bem aceite em alguns territórios. Perante estas questões, um dos objetivos do estudo é identificar os fatores que dificultam os processos de integração de imigrantes recentes no país e que podem traduzir dimensões do conceito de aporofobia.

O Serviço Social tem um papel primordial neste contexto, uma vez que intervém com duas realidades complexas, que frequentemente ocorrem em simultâneo: a das pessoas em mobilidade, oriundas de contextos sociais frágeis e de culturas diversas, e a condição de pobreza. É orientação da profissão o empenho em mitigar questões relacionadas a pobreza, vulnerabilidades, além de promover a inclusão e coesão social (IFSW, 2014).

O assistente social tem como dever promover o bem-estar da pessoa, vinculado a valores e princípios como os dos Direitos Humanos e da Justiça Social (Serafim, 2004). Atua em questões sociais que envolvem o sofrimento e afetam as populações migrantes, dada a sua condição de vulnerabilidade em diferentes dimensões da vida, sejam elas no âmbito pessoal, profissional e social. Desse modo, esse trabalhador deve intervir de maneira sistémica com este público, para atender as diversas carências apresentadas e suas múltiplas esferas (Moura, 2006).

No entanto, problematiza-se a questão da postura universalista de alguns profissionais, com a população imigrante (Santos, 1999). Enfatiza-se a competência intercultural na intervenção, primordial para estabelecer relações, promover o respeito, o diálogo e o reconhecimento de pessoas com culturas diferentes (Bracons, 2020), com o objetivo de aprimorar a atuação dos assistentes sociais face às necessidades destas pessoas.

Considerando os objetivos da profissão, a sua intervenção, o conceito de aporofobia e a integração dos imigrantes, outro objetivo específico foi pretendido: perceber como os assistentes sociais interpretam a aporofobia, se a identificam nas vivências cotidianas de quem chega ao país e que estratégias de intervenção, de natureza individual e coletiva, utilizam para prevenir a aporofobia e/ou mitigar os seus efeitos nos processos de integração.

Relativamente à estrutura do estudo, a primeira parte é composta pela introdução e três capítulos de revisão de literatura subsequentes.

O primeiro capítulo preocupa-se em elucidar como as migrações sempre estiveram presente no mundo, mas que, devido a globalização, tornaram-se fluxos mais constantes. Este mesmo capítulo aborda a história da migração em Portugal. Relata desde quando ele era predominantemente de emigração até tornar-se também um país de imigração principalmente, após a sua entrada na União Europeia. Em seguida, comenta-se sobre uma perspetiva mais política, que inclui a alteração de órgãos responsáveis pelo acolhimento e regularização de imigrantes, além da evolução das leis nacionais, que versam sobre a matéria. No primeiro capítulo, também são abordadas as diferentes esferas que relacionam-se com a condição de imigrante e que podem afetar o seu processo de integração.

O segundo capítulo enfatiza a aporofobia e questões relacionadas com a discriminação de imigrantes. Introduce o assunto com a hospitalidade, sua definição e o possível estranhamento entre pessoas de diferentes culturas. Depois, abrange factos que demonstram a discriminação racial e étnica, discursos e crimes de ódio e comoção seletiva. Em seguida, destaca-se o papel dos média e como podem influenciar o conhecimento público sobre determinados assuntos, sobretudo o dos imigrantes. Neste estudo, também é realizada uma raspagem de comentários discriminatórios com autoria de cidadão autóctones, em reportagens de meios de comunicação social como a *S/C Notícias*, *CNN Portugal* e *jornal Público* em redes sociais (Facebook e Instagram). No mesmo capítulo o termo aporofobia é mais explorado, na sua relação com as condições de pobreza e a exclusão social.

O terceiro capítulo reporta sobre o papel do Serviço Social de modo mais abrangente e depois sobre a divisão quanto a intervenção do Serviço Social com pessoas pobres e com aquelas de origens culturais diferentes.

O quarto capítulo retrata a metodologia de investigação, que possui caracter qualitativo e teve a entrevista como principal técnica de recolha de dados, direcionadas a imigrantes e a profissionais que trabalham com esta população. O tratamento de dados se sucedeu à submissão do material ao programa MAXQDA Standart 2022 para sua codificação e categorização, e, posteriormente, objeto de análise de conteúdo para interpretação das informações transmitidas pelos participantes e sua relação com o quadro teórico desenvolvido.

O quinto capítulo apresenta os resultados da pesquisa, divididos entre profissionais e imigrantes, de acordo com as categorias do estudo. Por fim, o sexto capítulo traz as considerações finais, posteriormente, bibliografia, referências e anexos.

1.0 Migrações

As migrações representam uma característica central no mundo atual (Góis, 2019). Isto porque atingiram proporções inéditas desde o início do século XXI (Wenden, 2016). Para melhor compreender o conceito de migração, Elgueta (2009) define-a como um deslocamento, por meio do qual os indivíduos precisam definir uma ligação com o território material e simbólico do país de acolhimento. Este processo envolve a desconfiança com o novo residente, negociação das diferenças, status e direitos políticos. Na perspectiva de Góis (2019), de um modo geral, as migrações são determinadas pelo movimento de pessoas de uma região de residência para outra, enquanto engloba movimentos populacionais dentro ou fora de um país.

A migração, de acordo com Cubillo (2006), pode ser dividida entre duas teorias macros: a teoria *neoclássica* e teoria *histórico-cultural*. A teoria neoclássica defende que as migrações relacionam-se, proporcionalmente, à disponibilidade de capital e mão de obra. Deste modo, quando as pessoas de locais com mais mão de obra disponível vão para países com mais capital disponível, os ordenados são afetados e sofrem uma queda no país de destino devido à alta oferta de mão de obra. Por outro lado, os países que perderam esta mão de obra têm uma subida de salários face à baixa oferta de trabalhadores. No entanto, esta teoria mostrou seu insucesso quando os salários da América Latina e África não foram aumentados mesmo com a emigração de trabalhadores nacionais para outros países. Este mesmo autor também refere-se à teoria *histórico-estrutural* como migrações de países colonizados ou comprometidos pela economia de países mais influentes globalmente. Neste caso, vão de locais menos desenvolvidos para os mais desenvolvidos. Mesma teoria escolhida como linha de pensamento deste presente estudo.

A migração denomina aquele que migra como um emigrante ou imigrante, sendo o emigrante definido como o indivíduo que sai de seu lugar de origem com o objetivo de manter-se em outro lugar, enquanto o imigrante está relacionada ao movimento de entrada e permanência em um novo território (Balz, 2019). Assim, ao contrário do que aconteceu no passado, a maioria dos emigrantes não são europeus e o novo contexto migratório tornou a Europa um dos principais destinos migratórios (Wenden, 2016).

As migrações anteriores à crise sanitária da COVID-19, em 2020, aumentaram significativamente. Neste período, foi aferido um número de 281 milhões de indivíduos a viver fora de seu país de origem, quantidade equivalente a toda população do quarto país mais populoso do mundo, a Indonésia (UN DESA, 2020). As migrações atingem

quase todas as regiões do planeta. Em um parâmetro mundial, as migrações mostram-se complexas e relacionadas a vínculos históricos; proximidades geográficas; redes transnacionais constituídas pelos migrantes; e ofertas (*pull*) e procura (*push*) de mão de obra em locais de origem e acolhimento, os quais constituem um espaço formal e informal de trânsito, com facilidades institucionais, ou não, de passagem (Wenden, 2016). Os fluxos migratórios tendem a permanecer, afinal envolvem processos estruturais evidenciados com a discrepância entre os níveis de desenvolvimento humano, de educação, bem-estar e expectativa de vida (Wenden, 2016);(Valdés e Osmos, 2010). Segundo Castles, Haas e Miller (2014), os motivos que sempre levaram os indivíduos a migrarem são: busca de melhores oportunidades, fuga da pobreza, degradação ambiental ou conflitos. Já para McAuliffe e Triandafyllidou (2021), quando a migração não é impedida por pandemias globais, as razões para a mobilidade internacional estão relacionadas à família, trabalho e estudo, bem como a circunstâncias trágicas, conflitos, desastres naturais e perseguições.

A globalização evidencia o tema das migrações, em vista da reprodução das relações capitalistas que suscitam desigualdades sociais e diversas vulnerabilidades. A globalização é interpretada como responsável pela discrepância de recursos entre países e por provocar problemas sociais, nomeadamente em países subdesenvolvidos e mais distantes da economia mundial (Hobsbawm, 1995 apud Buss e Ferreira, 2010). De acordo com Guiddens (2001), não se resume apenas a um fenómeno económico, pois integra fenómenos sociais, culturais, demográficos e políticos. Do mesmo modo, a globalização é considerada capaz de separar o mundo entre vencedores e vencidos, em que as populações de países com menor desenvolvimento possuem menos influência, e, por isso, mostram-se mais vulneráveis e submissos a uma pequena parcela detentora de poder (Silva, 2008 apud Ramalho, 2012). Este processo alterou o modo de vida dos indivíduos, desde dinâmicas familiares, contextos económicos, políticos a relacionamentos interpessoais e o desenvolvimento de tecnologias, o que proporcionou a aproximação e a interdependência de nações (Guiddens, 2001). A globalização permitiu o livre acesso de bens, capitais e tecnologias, mas não a transição de pessoas (Dencker, 2013). Assim, o carácter neoliberal deste cenário interfere no cotidiano das pessoas (Dominelli, 2010), o que reforça o individualismo e outras formas de exclusão social (Carreteiro, 2003).

O processo de globalização influencia diretamente o desenvolvimento humano sustentável, uma vez que um constrangimento imposto por este cenário é a pobreza, presente em todo o globo, afetada por um período prolongado de desregulação e

liberalização do mercado mundial (Ramalho, 2012). Segundo este mesmo autor, o movimento migratório de países menos desenvolvidos para os mais desenvolvidos deve-se pela crença de que os locais mais desenvolvidos possuem mais qualidade de vida, e, por isso, são mais atraentes para migração. Em decorrência disto, os fluxos migratórios ficam cada vez mais claros, assim como os conflitos motivados pela intolerância religiosa, terrorismo, insegurança social e problemas de cunho étnico. Isto ocorre apesar da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU) mencionar que “todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio e a esse regressar” (ONU, 1948).

1.1 Migração em Portugal

1.1.1 Portugal: da emigração a Imigração

O cenário protagonizado pela Europa no período do pós-guerra revelou uma crescente política de recrutamento de mão de obra imigrante, que impulsionou diversos outros fluxos migratórios com objetivo de fixação, o que, conseqüentemente, também contribuiu para a imigração motivada pelo reagrupamento familiar (Góis, 2021). O mesmo autor ainda salienta que os motivos para migrar eram baseados na mobilidade econômica e social e na crença de que a migração poderia ser temporária ou facilmente invertida, posto que, após a resolução do desajustamento conjuntural do mercado de trabalho, essas pessoas retornariam aos seus países de origem.

Segundo Padilla e Ortiz (2012), a realidade migratória de Portugal altera-se de um país maioritariamente emigratório para imigratório, devido ao fim da guerra colonial e a independência das ex-colônias portuguesas em África, entre os anos de 1974 a 1976. Este cenário configurou menos saídas e mais retornos de emigrantes e retornados de África. Até o início dos anos 80 foi possível compensar as saídas de anos anteriores (Góis, 2022). Este panorama, associado à nova lei de nacionalidade, o Decreto-lei nº 308-A/75, de 24 de junho, contribuiu para a chegada de um maior número de imigrantes provenientes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) em Portugal (Malheiros e Esteves, 2013). E, posteriormente, duas décadas depois, houve um aumento significativo de imigrantes vindos da Europa Central e Leste, motivados pela queda do Muro de Berlim (Martins, 2015) e a rutura da União Soviética (Padilla e Ortiz, 2012).

Na década de 1980, acontece uma alteração da natalidade em Portugal, com a diminuição de nascimentos associada ao aumento da emigração e redução da imigração (Góis, 2022). Por outro lado, em 1986, Portugal passou a fazer parte da Comunidade Económica Europeia (CEE), que possibilitou um crescimento econômico

substancial e um maior investimento de capital estrangeiro no país (Malheiros e Esteves, 2013). Esta combinação de fatores foi imprescindível para alterar o cenário das migrações em Portugal, contribuindo, para torná-lo atrativo (Padilla e Ortiz, 2012), principalmente, com a abertura do mercado de trabalho face a necessidade de mão de obra, a qual Portugal não conseguiria colmatar (Malheiros e Esteves, 2013). Esta necessidade de mão de obra foi identificada em diversos setores do mercado de trabalho, uma vez que, o nível de escolaridade dos portugueses estava a aumentar, criando mais mão de obra qualificada. Paralelamente, a mão de obra portuguesa menos qualificada estava a emigrar para países da Europa do norte e central em busca de melhores salários. Por outro lado, Portugal também passa a ter uma etnização da mão de obra em alguns setores, como o caso da primeira vaga de imigrantes oriundos de África a trabalhar em áreas como o da construção civil (Baganha, Ferrão, e Malheiros, 1999); (Reyneri, 2004).

Simultaneamente, em meados dos anos 80, estes movimentos de saída em Portugal sucedem-se com novos destinos, novas modalidades migratórias e mudanças no contexto institucional e político, que se caracterizam como os novos fluxos de emigração após a descolonização. Em um primeiro momento, até o final dos anos 90, os novos fluxos emigratórios continuaram a ter destinos inseridos na Comunidade Europeia e destinos tradicionais de ligação regional, como o caso dos Estados Unidos da América para os açorianos e a África do Sul e Venezuela para os madeirenses (Marques e Góis, 2012).

De acordo com Góis (2022), a anexação de Portugal à União Europeia, antiga CEE, enquanto se consolidava, despontava novos constrangimentos políticos na administração das migrações para Portugal. O acordo e convenção de Schengen representaram a primeira geração de política europeia relacionada a migrações, que, indiretamente, interferia no tipo e volume de estrangeiros que entravam em Portugal por meio de países vinculados ao tratado, afetando diretamente os fluxos migratórios recebidos.

Góis (2022) também revela que a prossecução de um sistema comum para emitir vistos de Schengen tirou a autonomia de Portugal de fiscalizar as possíveis entradas de migrantes provenientes de países terceiros no país, situação agravada pela isenção de vistos de entrada para alguns países. Este cenário contribuiu para a internalização da política e gestão de fluxos migratórios, que mostram-se mais relacionadas ao mercado de trabalho em conjunto com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, por meio da emissão e renovação de autorizações de residência, ao invés de ser por meio do

Ministério dos Negócios Estrangeiros a pedir a emissão de vistos de trabalho. Esta condição impulsionou o crescimento de migrações, tais como a brasileira (isenta de vistos) e a migração inglesa (primeiramente isenta de vistos, mas com o Brexit ficou sujeita a regulamentos e acordos bilaterais). Em situação contrária, estão as migrações cabo-verdianas, que precisavam de visto de entrada e tinham difícil obtenção, o que também explica vagas de migração em Portugal garantidas por vistos emitidos por autoridades de outros países europeus.

No final do século XX, ocorrem fluxos migratórios expressivos que serão representativos em dados estatísticos por meio de processos de regularização extraordinária (Góis, 2022). Deste modo, ao contrário do que já foi referido por Padilla e Ortiz (2012), Góis (2022) passa a considerar este o momento de transição migratória do país, de um país emigrante, para um país imigrante. Neste mesmo período, a imigração toma uma forma mais complexa e passa a configurar as migrações futuras, mesmo em caso de migrações relacionadas a um passado colonial, com relações econômicas, culturais e históricas (Padilla e Ortiz, 2012). Até o final dos anos 1990, segundo Góis (2021) e Padilla e Ortiz (2012), Portugal ainda não era visto como um destino de imigração para nacionais de países da União Europeia, apenas para os oriundos dos países lusófonos, com um passado colonial com Portugal, como é o caso do Brasil. A chegada dos anos 2000 dá uma nova importância para Portugal no sistema global das migrações. Neste período, imigrantes de outras regiões do globo também passaram a imigrar para o solo português (Baganha, Marques e Góis, 2009). Os motivos para escolher Portugal podem variar entre: conseguir uma porta de entrada para a União Europeia ou escolhê-lo como destino final devido à possibilidade de melhor adequação à legalização, trabalho, expectativas, entre outras dimensões (Góis, 2021).

A partir de 2005, Portugal ganha protagonismo no sistema migratório lusófono, o qual desenvolve outros centros no interior deste mesmo sistema (Marques e Góis, 2012). Por volta de 2007, imigrantes da Índia, Paquistão, Bangladesh e China, mostram-se mais representativos após acordos entre países (Padilla e Ortiz, 2012).

Em contraponto, o significativo número de portugueses no estrangeiro mais do que duplicou entre os anos de 1985 e 2010, evidenciando a emigração como uma realidade para muitos deles. Os fluxos migratórios de natureza temporária tiveram um aumento expressivo a partir do século XXI, facilitados com políticas de acolhimento favoráveis, como, inicialmente, a estada sazonal na Suíça e com a liberdade de circulação dada a adesão do país à União Europeia (Marques e Góis, 2020), o que permitiu uma

participação regular e intensa no mercado de trabalho em outros países europeus (Marques e Góis, 2012).

No entanto, entre os anos de 2010 e 2011 apresentou-se uma queda nos saldos migratórios, (Malheiros e Esteves, 2013) prolongada até o ano de 2015, fruto de uma crise econômica e financeira registada em Portugal (Marques, Vieira e Vieira, 2022). Esta diminuição pode ser explicada pela maior facilidade à cidadania portuguesa, consequência da crise em Portugal e o empenho de países de origem para o retorno de seus cidadãos (Martins, 2015). Após este período, o número de residentes aumenta substancialmente, corroborando para o aumento da população estrangeira no país, que saltou dos 207.587 estrangeiros registados no ano de 2000, para mais de meio milhar de residentes estrangeiros em 2019, com uma alteração representativa da variedade de nacionalidades residentes em Portugal (Marques, Vieira e Vieira, 2022). Esta variável migratória, entre imigração e emigração, tem grande importância para o país, para impedir o decréscimo da população residente no país, que sofre com a baixa natalidade, um envelhecimento generalizado da população (Góis, 2022) e uma expectativa de vida evoluindo de forma positiva (Góis, 2021).

1.1.2 Recursos de acolhimento e integração e o processo de regularização para permanência em Portugal.

As políticas migratórias, antes de serem instituídas, devem ser avaliadas pelo Estado (Marmora, 2003 apud Padilla, e França, 2020) e podem ser conduzidas para controlar as pessoas que chegam, conforme os seus interesses (Berger e Berger, 2018). As políticas podem ser mais conservadoras ou mais abertas, dependendo da prioridade dada a alguma área de intervenção (Padilha e França, 2020a); (Costa, 2016). No cenário português, de acordo com Padilha e França (2020), as políticas migratórias podem ser de natureza de controle e incorporação. As autoras também salientam que o desenvolvimento de algumas políticas é mais avançado que outras, com a influência de diversos atores, tal como optar por atender aos pressupostos da União Europeia, ao invés de corresponder aos requisitos das Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) ou da Ibero América.

As questões de imigração e asilo em Portugal são de responsabilidade do Ministério da Administração Interna (MAI), embora o SEF (Serviço de estrangeiros e fronteiras) seja a figura mais representativa, ligada a todos os eixos das políticas de imigração (Brito, 2019). Na perspectiva de Asensio e Padilla (2018), a responsabilidade das políticas migratórias é dividida em duas instituições políticas e juridicamente separadas. Por um

lado, está o Alto Comissariado para as Migrações (ACM), com um cariz mais ameno de apoio a imigrantes regularizados ou não, ao passo que, o SEF representa um serviço de segurança com uma atuação mais rígida, com o poder de expulsar os imigrantes irregulares e com um trabalho essencialmente técnico.

1.1.2.1 Alto Comissariado para as migrações

Algumas respostas nacionais e atividades foram instituídas com o intuito de facilitar os processos de integração e acolhimento da população imigrante em Portugal de forma diversificada. Portanto, em 2002, de acordo com Ribeiro & Couteiro (2022) foi criado o Alto-Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME), mediante o Decreto-Lei n.º 251/2002, de 22 de novembro,

“tem como missão promover a integração dos imigrantes e minorias étnicas na sociedade portuguesa, assegurar a participação e a colaboração das associações representativas dos imigrantes, parceiros sociais e instituições de solidariedade social na definição das políticas de integração social e de combate à exclusão, assim como acompanhar a aplicação dos instrumentos legais de prevenção e proibição das discriminações no exercício de direitos por motivos baseados na raça, cor, nacionalidade ou origem étnica (...) com o carácter de estrutura interdepartamental de apoio e consulta do Governo em matéria de imigração e minorias étnicas.” (Decreto-Lei Nº 251/2002)

Tais competências conduziram para a criação da Rede CLAI- Centros Locais de Apoio a Imigrantes, em 2003, com protocolos de parceria com o ACIME, que tem o objetivo de apoiar na integração e acolhimento da população imigrante. Por conseguinte, em 2004, o Centro Nacional de Apoio a Imigrantes (CNAI) foi criado em Porto e Lisboa, para oferecer uma resposta integrada de apoio relacionados a questões de regularização da migração, em um único espaço, junto de outros serviços de diferentes Institutos e gabinetes do até então ACIME (Ribeiro e Couteiro, 2022).

Em 2007, o ACIME teve sua designação alterada pelo Decreto-Lei n.º 167/2007, de 3 de maio, para Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI)¹. No entanto, posteriormente em 2014, a lei de admissão do ACIDI é revogada e o Decreto-Lei n.º 31/2014, de 27 de fevereiro, entra em vigor e admite o Alto Comissariado para as Migrações (ACM) como responsável por:

“colaborar na definição, execução e avaliação das políticas públicas, transversais e setoriais em matéria de migrações, relevantes para a atração dos migrantes nos contextos nacional, internacional e lusófono, para a integração dos imigrantes e grupos étnicos, em particular as comunidades ciganas, e para a gestão e valorização da diversidade entre culturas, etnias e religiões”

¹ O ACIDI é o “resultado da fusão do Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, da estrutura de apoio técnico à coordenação do Programa Escolhas, da Estrutura de Missão para o Diálogo com as Religiões e do Secretariado Entreculturas” (DL n.º 31/2014).

É importante referir que o ACM é o promotor de diversas políticas de integração e atua igualmente na sua execução e capacitação. Alguns dos principais trabalhos especializados realizados pelo ACM para dar apoio aos imigrantes são: Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes (CLAIM)², Programa Português para Todos (PTT)³, Centro Nacional de Apoio à Integração de Migrantes (CNAIM)⁴ e Gabinetes de Inserção Profissional (GIP)⁵ (Brito, 2019).

Com o propósito de promover respostas mais apropriadas às dinâmicas migratórias, com uma política migratória moderna e integrada, foi concebida a Rede Nacional de Apoio à Integração de Migrantes (RNAIM), descrita na Portaria n.º 203/2016, de 25 de julho, que reúne os Centros Nacionais de Apoio à Integração de Migrantes (CNAIM) e os Centros Locais de Apoio à Integração de Migrantes (CLAIM), antigo CLAI, hoje contabilizando um total de 150 centros no país (EPortugal, [s.d.]) A RNAIM também incorpora a Linha de Apoio a Migrantes (LAM) e o Serviço de Tradução Telefónica (STT) (Ribeiro e Couteiro, 2022).

É possível perceber que há uma preocupação com a temática migratória e uma constante atualização dos centros criados a partir do ACIME e, posteriormente, designado de ACM para tratar de assuntos relativos à migração. Por outro lado, o mesmo não ocorre com o SEF, que, igualmente, não demonstra esforços para melhorar seus serviços (Costa, 2019).

1.1.2.2 Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

É notória a falta de coordenação entre os órgãos e ausência sobre as definições das responsabilidades e competências de cada um deles. De acordo com Costa (2019), a burocracia vivenciada pelos imigrantes acontece em virtude da falta de protocolos no SEF e na Segurança Social, o que contribui para a discricionariedade de funcionários, motivada pela falta de organização de procedimentos e informações, além da

² Centros Locais de Apoio à Integração de Migrantes (Rede CLAIM) criados em 2003 são gabinetes de acolhimentos, apoio e informação com a função de auxiliar o processo de integração e colhimento da população migrante, de maneira que as diversas estruturas locais articulem-se e promovam a interculturalidade local. (ACM, 2023).

³ O ACM elaborou uma plataforma eletrónica de Recursos Pedagógicos PPT, dedicada ao ensino da língua portuguesa aos migrantes. (ACM, 2023).

⁴ Os Centros Nacionais de Apoio à Integração de Migrantes (CNAIM) foram instituídos em 2004 com o objetivo de dar respostas as diversas dificuldades experimentadas pelos migrantes no processo de integração em Portugal. Este recurso foi criado pelo ACM, para reunir em um mesmo espaço, serviços, instituições e gabinetes de apoio a população migrante, devido as diferenças culturais, organizacionais e legislativas presentes em diversos serviços os quais esta população precisa recorrer (ACM, 2023).

⁵ Os Gabinetes de Inserção Profissional (GIP) são programas de apoio ao emprego que apoiam jovens e adultos desempregados a definirem ou desenvolverem o seu percurso de inserção ou a se recolocarem no mercado de trabalho. Estes locais possuem uma estreita colaboração com centros de emprego e o CNAIM visando uma resposta que ofereça plena integração dos novos residentes (ACM, 2023).

sobrecarga de trabalho destas entidades. A complexidade da regularização oferecida por este órgão prejudica os imigrantes e os condicionam à imigração irregular e a movimentos à margem da lei (Costa, 2019).

Castro (2014) também revela a falta de preparo dos funcionários de serviços públicos em lidar com a população imigrante de modo geral, principalmente quando tratam-se de imigrantes que não falam a língua portuguesa.

Em vista dos constrangimentos enfrentados pela população imigrante para a obtenção de visto e os inúmeros registos de reclamação do SEF, que tem vindo a causar entraves à entrada de cidadãos nacionais de países terceiros em território nacional, levou o Governo Constitucional a prosseguir com mudanças. Deste modo, no seguimento da reestruturação do controlo de fronteiras de Portugal, aprova-se a Lei n.º 73/2021, de 12 de novembro, que estabeleceu que o SEF deixaria de existir e as suas funções seriam divididas entre administrativa e policial (Decreto-Lei nº 41/2023). No entanto, em concreto Decreto-Lei nº 41/2023, de 2 de junho determinou que o SEF e o ACM seriam extintos e substituídos para concentrarem-se em três operações, com as seguintes funções: a) as forças e serviços de segurança com funções policiais b) Agência para a Integração, Migrações e Asilo, I.P.(AIMA) com funções administrativas no âmbito das migrações e asilo em uma nova entidade, e c) O Instituto dos Registos e do Notariado (IRN) cuja as funções são administrativas, mas associadas à concessão e emissão do passaporte eletrónico português e ao serviço das renovações de autorizações de residência no país. Importa referir que este presente decreto-lei entra em vigor dia 29 de outubro de 2023.

1.1.2.3 Evolução social e jurídica para maior abertura de Portugal à imigração

De acordo com Marques, Vieira e Vieira (2019), os diferentes fluxos migratórios direcionados a Portugal podem ser constituídos por imigrantes sazonais, temporários ou de longa duração. As expectativas de interação de cada um são diferentes: a dos imigrantes sazonais é essencialmente instrumental, com pouca integração, devido a um período limitado. Já os imigrantes temporários, apesar de terem o objetivo de estarem pouco tempo, possuem uma estadia mais duradoura do que os primeiros e costumam estar associados a algum sistema educacional ou econômico. Por fim, os imigrantes de longa duração são aqueles que pretendem se fixar no país de acolhimento, e, por conseguinte, precisam estar integrados a grande parte (ou todos) os sistemas sociais do país de destino.

Em 2007, Portugal, com o objetivo de incluir os imigrantes e minimizar os problemas sociais vivenciados por eles no processo de migração, implementa a Lei de Nacionalidade e Lei de Imigração (Martins, 2015).

A Lei de Nacionalidade regida sob o n.º 37/1981, de 3 de outubro, já foi alterada diversas vezes mediante aos fluxos migratórios em Portugal. Isto se deve ao fato de estar à mercê de ideologias parcialmente inclusivas, que possibilitou o alargamento do número de cidadãos portugueses (Góis e Marques, 2018). Esta mesma lei pode ser atribuída por meio da naturalização, isto é, pós cinco anos de residência e conhecimento da língua, e desde que, ao longo destes anos, não tivessem atuado em serviços públicos ou militares de outro país e não houvesse problemas com a justiça portuguesa (Abreu, 2018), o que faz com que esta lei seja atrativa para a migração. Por meio da lei de nacionalidade há uma nítida facilitação para a concretização da cidadania em Portugal, requerida até a terceira geração de um descendente português ou com residência no país (Martins, 2015). A versão mais atualizada da lei é concedida aos filhos de imigrantes, nascidos em Portugal e sem outra nacionalidade, caso um dos pais resida regularmente no país há, pelo menos, um ano antes do nascimento (Artigo 1.º da Lei Constitucional n.º 37/1981 de 3 de outubro).

A Lei de Imigração/Lei de Estrangeiros regulada pelo Artigo 88º, n.º 2, da Lei n.º 23/2007, de 4 de julho, permitiu a regularização de imigrantes de países terceiros por meio de contrato de trabalho. Segundo Martins (2015), este diploma foi desenvolvido para diminuir o número de imigrantes irregulares e para promover maior integração deles em Portugal. A Lei n.º 18/2022, de 25 de agosto, procedeu à nona alteração à Lei n.º 23/2007, de 4 de julho, que aprova o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional (Lei de Estrangeiros ou Lei da Imigração) está fundamentada em uma política migratória capaz de criar condições formais para instituir o acordo de mobilidade entre os Estados membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Além disso, permite operacionalizar o sistema de informação de Schengen de segunda geração (SIS II), facilitar a entrada de estrangeiros em busca de trabalho e estudo em Portugal, bem como atrair profissionais que exercem sua atividade de maneira remota, conhecidos como nômades digitais. O acordo de Mobilidade entre Estados membros da CPLP, estabelecido em julho de 2021, em Luanda, é um instrumento destinado à facilitação da mobilidade de cidadãos de países lusófonos para Portugal, de modo que o SEF dispense seu parecer prévio, como feito anteriormente, além de permitir que os serviços responsáveis pela emissão de

vistos possam consultar de forma direta e imediata a base de dados do SIS II, segundo o acordo de Mobilidade entre Estados membros da CPLP (Salgado e Pereira, 2022).

É importante referir que o final do Estado Novo, de acordo com Padilha e França (2020), colocou em pauta o conceito de 1930, de freyriano de luso-tropicalismo, como uma maneira de dar um novo sentido à colonização de Portugal com as suas ex-colónias e seus povos. Por meio desta lógica, o colonialismo português foi ressignificado como tolerante, devido à miscigenação e a crença de país “não racista” foi disseminada, o que reforça, hoje, o título de Portugal como um dos países mais acolhedores da Europa e com interculturalidade (Araújo, 2008). Apesar disso, Gomes (2013) entende este tipo de componente de uma ordem discursiva como uma forma de dissimular as relações de poder dominantes e injustas, embutidas com práticas discriminatórias e racistas sustentadas por Portugal.

O título de um dos países mais acolhedores do mundo também se deve aos esforços do Estado Português para a integração de imigrantes (Costa, 2016). O empenho dado pelo país corrobora com os dados do Índice de Política de Integração dos Migrantes (MIPEX), no qual Portugal está posicionado em uma das primeiras colocações, atualmente, em 2º lugar, por ter suas políticas de integração de imigrantes reconhecidas internacionalmente, apesar de não contemplar as práticas de integração a nível individual ou grupal (Marques, Vieira e Vieira, 2019).

Na teoria, Portugal sustenta o título de país acolhedor. Na prática, o que se refere a migrantes, as experiências são diversas e essa unanimidade é discutível.

1.2 Condição de imigrante

“Os números são avassaladores e bem emblemáticos, se pensarmos que não se trata só de um número, mas de gente, gente que tem nome, um rosto, direitos e que deveriam ter dignidade. Gente que tem história, aliás história própria (...)” (Mendes, 2022, p. 10). A desigualdade relativamente à qualidade de vida entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos impulsiona os fluxos migratórios (Campos, e Canavezes, 2007). A população imigrante, em Portugal, quase nunca é entendida como originária de países mais desenvolvidos, como Inglaterra ou Espanha. É mais habitual ser remetida a indivíduos de origem africana, brasileira, ou do leste europeu (Baganha e Góis, 1999).

De acordo com Nazal et al. (2018), a noção de “bom migrante” pode ser entendida como um perfil desejado, tal como, o desejo de receber europeus, com base em preconceitos

como “são mais ricos”, “mais desenvolvidos” ou “mais inteligente”. Outro fator que compõe o “bom migrante” são os comportamentos desejados. Ainda segundo os mesmos autores, a noção de imigrante configura uma categoria social que está remetida a imagem de pobreza, irregularidade, criminalidade, desordem e periculosidade, as quais constroem barreiras entre as pessoas, e, em seguida, relacionam-nas a ideias de: “pessoa sem território fixo”, “pessoas de passagem” ou “alguém alheio a uma nação”.

Dias e Sierra (2021) consideram que a população imigrante pode ser interpretada como um grupo de pessoas que, aparentemente, possuem um prazo de estadia no local de destino. A identidade destas pessoas, por vezes, é momentaneamente destituída de cidadania, com uma função social evidente para a sociedade de acolhimento: mão de obra, enquanto houver trabalho. A população imigrante comumente tem seu passado desconsiderado, passa a ter um lugar social mais abastardo, no limiar entre o ser e o não ser social (Dias e Sierra, 2021), uma vez que seu espaço é constituído por invisibilidade social e moral (Pussetti *et al.*, 2009).

“São homens, mulheres e crianças que abandonaram as terras onde nasceram e aventuram-se em busca de melhores condições de vida, novas oportunidades laborais, ou em situações mais extremas, a razão máxima: sobreviver” (Mendes, 2022, p. 10). A emigração permanente também pode ser, inicialmente, motivada ou velada por meio do estudo (Cruz, *et al.*, 2019); (Valdés e Osmos, 2010), assim como pode ser impulsionada por experiências anteriores de turismo (O’Reilly e Benson, 2016).

Segundo Padilla (2013), diversas são as condições que influenciam a vida dos imigrantes no país de destino, a começar pela situação vivida no país de origem. Os indivíduos, que antes de emigrar experienciavam situações de pobreza, com a chegada no país de destino, continuavam a enfrentar desigualdades socioeconómicas, fruto da discriminação e exclusão social. Após a chegada, a vida desta população passa a ser influenciada pelo processo de adaptação, condições de vida, stress com o trabalho, dificuldades cotidianas, saudades do país de origem, aspetos religiosos raciais, entre outros aspetos.

1.2.1 Regularização e cidadania restrita?

Do ponto de vista da regularização, a condição de imigrar, por vezes, é condicionada pela morosidade da regularização de documentos para permanecer no país (Lussi e Marinuci, 2007), o que pode provocar um estado de urgência nesta população (Silva, 2015 apud Bobik, 2018). Isto porque, segundo Santos e Alves (2022), a espera pela regularização provoca impacto nas condições de vida destas pessoas, que, em sua

maioria, não possuem rede de apoio para ultrapassar questões administrativas que exigem tempo, além de, ocasionalmente, disporem de poucas habilidades para compreender as prerrogativas burocráticas necessárias. Este cenário conduz ao sentimento de medo, incerteza, dúvida e precariedade devido ao planejamento e expectativas de vida frustradas.

Lussi e Marinuci (2007) sublinham que a obtenção de documentos possibilita o exercício dos direitos civis e o acesso a serviços. Por outro lado, sua ausência pode ferir a dignidade humana. Para que isto aconteça, é preciso ter algum conhecimento dos costumes, leis, regras de convívio e o idioma deste novo país, o que pode representar um desgaste. Todas estas possíveis barreiras, de acordo com as autoras, são decisivas para o processo de mobilidade, que, em alguns casos, mostram-se humilhantes e causadoras de fragilidade, ainda que dependentes do campo jurídico de cada país.

No entanto, apesar de haver direitos civis e o acesso a serviços concedidos com a obtenção da autorização de residência, a população imigrante permanece com seus direitos restritos. Isto ocorre em virtude de algumas exceções no âmbito dos direitos políticos, exercício de funções públicas (a não ser os de carácter essencialmente técnico) e direitos e deveres estritamente reservados pela Constituição à cidadãos portugueses (exemplo: candidatura à Presidência da República). Apesar desses limites a nível jurídico, a experiência cotidiana da população imigrante em Portugal revela-se menos virtuosa. Especialmente no acesso a serviços públicos, associações da sociedade civil, ONGs, pois, frequentemente, são reportadas práticas discriminatórias com um impacto negativo nos imigrantes residentes (Góis, 2019).

1.2.2 Saúde mental e a distância do país de origem

A chegada a um novo país causa uma dupla solidão, relacionada a distância de sua cultura de origem e a distância social de pessoas. Este cenário conduz a uma situação de vulnerabilidade, essencialmente pelas consequências na integridade física e mental daqueles que migram (Lussi e Marinuci, 2007), o que pode ser explicado pela falta de redes informais de apoio (Bobik, 2018).

Marandola Jr. e Dal Gallo (2010) entendem a desestabilização da relação entre o ser e o lugar como promotores de insegurança existencial e da fragilização da identidade territorial do migrante, que precisa lidar com o desencaixe espacial. Esta circunstância contribui para o sentimento de angústia e ansiedade, devido a necessidade de enraizar-se no local de destino ou de preservar os vínculos com o país de origem, mesmo com

a migração. A segurança existencial e a identidade são dependentes da criação e preservação de laços, de modo que a população imigrante possa envolver-se com eles. É por meio destas relações, de redes de apoio criadas no local de destino, que alguns dos imigrantes encontram recursos para serem resilientes (Valdés e Osmos, 2010).

A qualidade de vida está além de bens materiais. Engloba, igualmente, o processo de inclusão e satisfação pessoal, que quando não alcançada, pode provocar o sofrimento social a nível individual ou coletivo (Pussetti, e Brazzabeni, 2011). Assim, com o objetivo de superar estes sentimentos, a própria população imigrante cria formas para se adaptar à sociedade de acolhimento face ao processo de aculturação (Ramos, 2008).

A aculturação, desde 1989, já era discutida por Berry e seus colegas como um conceito que interpreta a relação entre indivíduos e grupos, porém dividida em quatro comportamentos: assimilação, separação, integração e marginalização. A assimilação é percebida como o abandono da própria identidade cultural para adotar uma nova cultura, nomeadamente a da sociedade recetora; a separação é o afastamento da cultura da sociedade de acolhimento, como uma comunidade independente; a integração ocorre quando um novo grupo incorpora a cultura do local de destino; e a marginalização ocorre quando os imigrantes são mantidos em “seu lugar”, isolando-os.

O conceito de aculturação de acordo com (Gonçalves et al., 2022) aproxima-se do papel do domínio da língua, a qual pode se converter em um obstáculo para a integração dos imigrantes que não possuem a língua portuguesa como língua materna. A par desta dimensão, o governo cria novos cursos como “Português Língua de Acolhimento”, a fim de flexibilizar a aprendizagem, erradicar vulnerabilidades de acordo com as necessidades dos imigrantes (Perista et al., 2021). No entanto, segundo Fonseca et al. (2021), alguns serviços podem sofrer com a alta demanda de aulas de língua portuguesa para imigrantes e, por isso, ficam aquém do que pode ser oferecido pelos serviços. Para além deste constrangimento, é importante ressaltar que, para frequentar as aulas, também é preciso ter autorização de residência. No entanto, assegurados pelo Despacho n.º 2044/2022, de 16 de fevereiro apenas os filhos de imigrantes em idade escolar têm o direito de frequentar aulas gratuitas de português nas instituições públicas de ensino, sem a necessidade de apresentar tal documento. A partir disso, pode-se constatar que o desconhecimento da língua do país de acolhimento, associado à morosidade da regularização de documentos, tende a prejudicar a integração social destas pessoas.

Em 2010, Sam e Berry (2010) já debatiam sobre o aumento do número de migrações no mundo, o que contribuiu para o surgimento de novos termos, tal como o

biculturalismo, multiculturalismo, integração e globalização, termos usados de forma alternativa para se referir à aculturação. O multiculturalismo é percebido como o reconhecimento e o direito da população imigrante em ser diferente (Gonçalves e Silva, 2003). E o biculturalismo centra-se na identidade bicultural, que concilia a identidade proveniente do lugar de origem com a identidade global, alheia à realidade de onde este ser provém (Arnett, 2002).

1.2.3 Saúde

De acordo com Bachstrom (2010), a condição dos imigrantes quando chegam ao país de destino já se traduz em alguma vulnerabilidade, mesmo com uma precaução financeira e coragem. As pessoas que, mesmo após a chegada, permanecem irregulares no país, enfrentam uma dupla vulnerabilidade, com dificuldade de acesso a recursos de saúde e a prevenção de doenças. Tais dificuldades propiciam uma condição de saúde mais fragilizada e desamparada de cuidados médicos. Os imigrantes, mesmo que irregulares em Portugal, de acordo com a Lei n.º 95/2019, de 04 de Setembro⁶, possuem seus direitos garantidos para o acesso ao Serviço Nacional de saúde (SNS). Contudo, defrontam-se com dificuldades no acesso aos cuidados de saúde, pagamento de taxas moderadoras e aquisição do cartão de utente. A mesma autora igualmente refere a recusa do atendimento de pessoas irregulares por parte de profissionais de saúde e funcionários do administrativo, ainda que por norma, não seja permitido se recusar a atender ninguém. (Costa, Ramos e Silva, 2012) do mesmo modo, também mencionam a desinformação por parte destes trabalhadores.

Ainda sobre os imigrantes em situação irregular, outro fator que dificulta o acesso é o medo da denúncia (Estrela, 2009).

Os obstáculos de acesso à saúde incluem condicionantes que vão além de cenários que envolvem apenas o ambiente hospitalar. Abrange, igualmente, a acessibilidade linguística, material e cultural (Padilla, 2013). Bachstrom (2010), também salienta a falta de informação, barreiras administrativas e burocráticas, acesso a emprego, habitação, necessidade de apoios sociais, comunicação, entre outros aspetos.

Padilla (2013) destaca o estilo de vida como uma dimensão de impacto para a saúde devido às suas mudanças face à migração e à aculturação. Os hábitos dos imigrantes causam efeitos à saúde, sobretudo quando relacionam-se ao consumo de álcool, drogas ou tabaco, assim como quando a alimentação e exercícios sofrem alterações

⁶ Revoga a Lei n.º 48/90, de 24 de agosto, e o Decreto-Lei n.º 185/2002, de 20 de agosto

significativas, as quais podem ocasionar o desenvolvimento de problemas como: obesidade, subnutrição ou até mesmo aumento da ocorrência de doenças como cancro e diabetes.

1.2.4 Habitação

A habitação representa um espaço que pode funcionar como meio de adaptação e oportunidade para criar novas relações (Malheiros e Esteves, 2013).

A habitação, em Portugal, representa uma necessidade que compete a todas as pessoas, não só à comunidade imigrante. No entanto, de acordo com Jorge e Fonseca (2011), é inquestionável a frágil realidade da população imigrante e minorias étnicas, sobretudo, as que estão em situação de irregularidade, desemprego ou vínculos de contrato precários.

As dificuldades iniciais dos imigrantes estão relacionadas à incompatibilidade das rendas habitacionais com os rendimentos desta população, desvantagens quanto ao estatuto legal, desconhecimento quanto ao funcionamento do mercado formal e informal de habitação, entre outros (Jorge e Fonseca, 2011).

No âmbito da habitação a população imigrante portadora de menos recursos financeiros, ocasionalmente, não é aceite, por parte dos proprietários dos imóveis, como inquilinos por questões de discriminação étnica ou racial. Além disso, apesar de, comumente, receberem salários mais baixos, a população imigrante tende a pagar mais caro pela habitação, em comparação aos autóctones ou cidadãos da União Europeia. Por conseguinte, estas pessoas acabam por buscar o mercado informal de arrendamento, que se configura pelo arrendamento de quartos, casas ou apartamentos em condições precárias, degradadas, com pouca infraestrutura (Jorge e Fonseca, 2011) e sem contratos (Silva, 2021). Tais problemas implicam nos processos de reunificação familiar e regularização, aos quais exigem condições adequadas de residência (Jorge e Fonseca, 2011). Ademais, a situação de precariedade contratual da habitação corrobora para o sentimento de insegurança com o futuro do alojamento, em vista do interesse dos senhorios de lucrarem com as altas temporadas turísticas, (Silva, 2021).

Segundo Jorge e Fonseca (2011), outra realidade vivenciada por imigrantes relaciona-se com a decisão de ter uma habitação própria, uma vez que, possuem suas oportunidades limitadas, principalmente, os imigrantes laborais recentes, por apresentarem níveis baixos de solvência. Na prática, alguns bancos reconhecem que a concessão de crédito a cidadãos estrangeiros é mais dificultada, comparado a cidadãos

nacionais. Isto acontece em vista dos riscos associados, como a instabilidade profissional e os baixos salários de contratos formais de trabalho.

Fonseca (2009) destaca a falta de coordenação de políticas de habitação como uma condicionante para a restrição a serviços, empregos e comércios, o que contribui para o mercado informal. Em consequência deste fenômeno, observa-se a desqualificação e exclusão social de determinadas zonas de residências e de seus moradores.

1.2.5 Trabalho

A interdependência entre os meios de subsistência, atividade laboral e vida social evidencia a importância do mercado de trabalho como peça-chave na integração da população migrante. Por essa razão, tais aspetos geram preocupação e são o enfoque na vida dos que chegam (Brito, 2019).

Segundo Campos e Canavezes (2007), constantemente as populações de migrantes têm sua integração e acolhimento facilitados por meio do mercado de trabalho do novo país. Porém, as dificuldades processuais, relacionadas à morosidade para a regularização da população imigrante pode contribuir para o desemprego (Gonçalves, Guimarães e Brandão, 2022), ou para condicionar os indivíduos a aceitarem atividades laborais precárias e de baixo retorno financeiro, uma vez que buscam meios para se sustentarem, e em alguns casos, garantir a subsistência da família ou dependentes que se encontram no local de origem (Bobik, 2018; Campos e Canavezes, 2007). Assim, as populações que migram ocupam atividades basilares para a economia e o funcionamento dos países acolhedores, apesar de poderem apresentar vínculos mais instáveis e juridicamente pouco vantajosos em relação aos nacionais (Campos e Canavezes, 2007). Isto porque é considerada uma mão de obra mais barata. Importa referir que as pessoas que não possuem o domínio da língua portuguesa enfrentam dificuldades para conseguir trabalhos. Devido a barreira da língua, assumem atividades com menor prestígio social (Gonçalves, Guimarães e Brandão, 2022) e, por vezes, ficam mais expostos a trabalhos com riscos relacionados à saúde e segurança (Cardoso, 2008).

De acordo com Machado (2019), a migração em Portugal, em contraste com o panorama migratório anterior, tem se mostrado mais heterogênea, devido ao novo fluxo de pessoas com altas habilitações académicas e com diferentes motivações relacionadas. Os imigrantes, em geral, com ensino superior proveniente de outro país, quando chegam ao país de destino precisam lidar com o desafio da certificação

profissional e escolar, além de todas as burocracias atribuídas, que podem ser condicionantes para a mobilidade social (Pires, 2006). Por outro lado, há pesquisas que evidenciam que, apesar do da qualificação profissional, a população imigrante possui uma mobilidade profissional restrita, de modo ocorre um processo de desqualificação (Góis, 2019) e menor remuneração (Perista et al., 2021).

É importante frisar o tráfico humano que acontece em Portugal. Os números mais que duplicaram nos últimos anos. Boa parte deles relacionados ao tráfico para a exploração de mão de obra (Góis, 2019). As pessoas, usualmente, não são raptadas e aliciadas para tal. (Matos, 2022).

2.0 Aporofobia e condição de imigrante

2.1 Hospitalidade Seletiva?

Segundo Adela Cortina (Soares, 2018) a Europa apresenta-se muito recetiva para turistas, por movimentarem a economia, o que leva o continente a investir em diferentes atividades de cultura e lazer, com o objetivo de promover o retorno deste mesmo público. Desta forma, aquele que tem condição para fazer viagens turísticas é considerado pela elite mundial um bom cidadão, e, por isso, tem permissão legal para se locomover, enquanto os diversos migrantes e refugiados ficam à mercê da própria sorte (Korstanje, 2015). Quando se trata de populações imigrantes, isto é, de pessoas que vão para a Europa para tentar se estabelecer em busca de novas oportunidades de vida e de acolhimento, há uma lacuna entre a hospitalidade e não hospitalidade de imigrantes (Soares, 2018).

De acordo com (Dencker, 2013), o conceito de hospitalidade, baseando-se na abertura para o outro, para alguém diferente, de outra classe social, de outro local de origem, ou estrangeiro, torna-se essencial para compreender a sociedade atual, a transformação das relações sociais. Na perspectiva de Kant (2009), o direito cosmopolita limita-se à hospitalidade universal, que enfatiza o *direito de visita* de quem vai para outro país, o que concede o direito de não ser tratado de forma hostil, o que pressupõe a ideia de uma comunidade universal e promotora da paz. Neste sentido, entende-se que todos possuem os mesmos direitos sobre a terra, todos são proprietários de forma coletiva e como o planeta é finito são impedidos de estender-se, o que os obriga a se tolerarem. Já o *direito de hóspede* só é possível quando um tempo de estadia é determinado por meio de um contrato. Embora, enquanto o mundo for constituído por diferentes Estados, estes têm o dever de proteger seus cidadãos (Cortina, 2022), do mesmo modo é

responsável por conferir a cidadania a imigrantes e controlar a entrada e saída de suas fronteiras (Velasco, 2014).

Na concepção de Derridá (2003), o estrangeiro já chega com a condicionante da língua imposta pelo “dono da casa”, por quem manda, nomeadamente representado pelo Estado, o que impacta diretamente na hospitalidade recebida. Esta circunstância impõe a língua do país de acolhimento junto deste novo morador, o que pode configurar-se como a primeira violência (Derridá, 2003; Hass, Fonseca e Medeiros, 2019). Deste modo, Derridá (2003) também refere:

“devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-lo entre nós? Se ele já falasse a nossa língua, com tudo o que isso implica, se nós já compartilhássemos tudo o que se compartilha com uma língua, o estrangeiro continuaria sendo um estrangeiro e dir-se-ia, a propósito dele, em asilo e em hospitalidade? (p. 15).”

A linguagem, de acordo com Paula Penchaszadeh, já foi utilizada para disciplinar imigrantes em uma nação, na qual aqueles que resistiam a falar a língua nativa deveriam ser tratados como anarquistas ou hóspedes indesejados (Korstanje, 2015). No entanto, a língua não deve ser um empecilho para acolher pessoas vindas de outro país, embora viabilizar a aprendizagem possa representar um ato de acolhimento (Hass, Fonseca e Medeiros, 2019).

Lévinas (1991) legitima o outro como alguém diferente, e, mesmo com suas diferenças, considera que deve ser servido apesar de ser desconhecido. Neste sentido, este autor enfatiza a importância da responsabilidade para com o outro por meio de uma perspectiva ética, sem esperar nada em troca. Desta forma, a ética de responsabilidade pode igualmente ser atribuída a questão dos imigrantes.

A ideia de hospitalidade também está diretamente relacionada com a questão da territorialidade, uma vez que relaciona-se com a recepção do outro em um território, o que torna a interação social essencial para a comunicação e relações de hospitalidade, em meio a globalização (Dencker, 2013). Neste mesmo prisma, Harney e Boccagni (2022) fundamenta a hospitalidade como um idioma cultural que proporciona uma combinação de práticas para reduzir a ameaça representada com a chegada de alguém estranho em um território.

Segundo Casey (2001), não existe lugar sem pessoa e nem pessoa sem lugar, o que vincula o ser humano ao lugar e traduz um como parte do outro. Deste modo, Casey (1993;1997 apud Casey, 2001) salienta a importância de diferenciar lugar de espaço,

no qual “espaço” é entendido como um vazio volumétrico, em que coisas e seres humanos o ocupam. E lugar é considerado um ambiente de ação onde o corpo vive, bem como possui dimensões culturais, históricas, físicas e sociais. Na perspectiva de Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), a dimensão espacial permanece sendo interpretada, nomeadamente, como uma metáfora, ou por uma propensão materialista, em que resume o território ao poder, determinado por relações económicas e políticas.

Ser hospedeiro, para Pérez (2007), relaciona-se com o fato de receber bem aquele que não é da família, o que sugere amabilidade para o seu significado. Do mesmo modo, quando trata-se dos estrangeiros em relação ao Estado, espera-se uma atitude gentil das democracias ao acolher quem vem de fora.

A interação entre diferentes grupos, nomeadamente interculturais, é definida face à diferença identificada que leva a desorientação e desconfiança. Sendo assim, a competência intercultural deve ser interpretada como capaz de superar a estranheza, levar à normalidade e estabelecer a coesão na situação (Rathje, 2007). Esta interação acontece por meio de uma comunicação com diversas formas de linguagem, que se traduz em um processo simbólico. A linguagem simbólica, seja por via escrita, oral ou gestual, contribui para os seres humanos aprenderem as normas de comportamento de seu próprio grupo em sua socialização. É através do domínio das normas básicas de comportamento/relacionamentos e seus códigos que a socialização se apropria de um conhecimento sistematizado e acumulado ao longo dos anos pelo grupo. Estas mesmas regras estão em um incessante processo de transformação de acordo com as ações dos diferentes indivíduos pertencentes ao coletivo. Portanto, a socialização não molda os seres humanos, eles podem criar e aprender novas formas de interação e linguagem, constituindo um conjunto simbólico ativo que reconhece os membros de um grupo e os diferencia dos demais (Dencker, 2013).

Segundo Valdés (2010), é necessário que o indivíduo se entenda como alguém particular e individual para fazer parte de um grupo. Dado que a família é o primeiro contacto social de um indivíduo (Winnicott, 2005), é importante entendê-la como unidade. A família comumente partilha dos mesmos costumes, comportamentos e preferências, gerando um coletivo com traços culturais comuns e submetidas às mesmas regras, mesmo que cada família seja considerada única. Por isso, cada comunidade divide uma memória coletiva, perpetuada entre seus membros com o objetivo da integração. Neste sentido, cria-se um sentimento de pertencimento, que partilha do mesmo espaço e contexto, que legitima um contrato simbólico e leva à cooperação dos grupos (Moriconi, 2014; Dencker, 2013).

As pessoas que vem de fora são vistas como estranhos, causam ansiedade por serem diferentes, e, por isso, tornam-se extremamente imprevisíveis, em contraste com os a comunidade autóctone, de quem espera-se maior previsibilidade das ações (Bauman, 2017). De acordo com (Harney e Boccagni, 2022), a sociedade de acolhimento pode apresentar algum receio em como dividir o espaço e sustentar necessidades com os novos residentes. Desta forma, a chegada não representa apenas um estranhamento das diferenças, mas uma ameaça quanto à solidariedade local imaginada e à autoridade considerada hegemónica. Assim, os Estados assumiram maneiras institucionalizadas de dar boas-vindas para reduzir os riscos provenientes da incerteza com o outro como hóspede.

O hiato entre hospitalidade e não hospitalidade é, por vezes, transformado em muros, denúncias, alarmes, policiamento armado, empecilhos para entrada de imigrantes e barreiras simbólicas, como no caso da xenofobia, que estabelece uma distância entre nações e culturas (Soares, 2018). Em um cenário globalizado, a hospitalidade se enquadra no aspeto da tolerância, e não da ética, de modo que impacta diretamente nas práticas sociais, uma vez que mostra causar uma interdependência entre contextos micro e macro e se apresenta de maneira assimétrica e ambivalente (Dencker, 2013).

2.2 Discriminação

A figura do imigrante pode ser representada como sinónimo de perigo, resultado da globalização, face ao excesso de mobilidade na qual as soberanias dos Estados-nações se sentem ameaçadas (Kirchgasler, 2021). Mesmo com a aproximação de nações por meio do avanço da tecnologia e as diferentes comunicações realizadas com base em interesses econômicos e políticos, o grupo de pertencimento relacionado à origem de cada um continua a ser um fator determinante (Dencker, 2013). No entanto, Camargo (2015) salienta as regras de conduta como outra forma de segregação e preconceito, o que faz com que as pessoas sejam divididas entre civilizadas e não civilizadas, entre educados e não educados, entre cidadãos e caipiras e, sobretudo, entre ricos e pobres. Já Hellgren (2019) fala sobre as características mais visíveis, nomeadamente a cor de pele, como um dos principais marcadores de discriminação com este público também representante de minorias étnicas.

De acordo com Gans (2017), o processo de racialização é interpretado como a distinção entre os indivíduos baseados em suas características “raciais”, e, por isso, é muito importante discutir este assunto com a chegada de novos migrantes. Contudo, este mesmo autor indica que a racialização, não está atribuída apenas à cor de pele. Abrange outras dimensões, tais como o vestuário, religião, formato e tamanho de nariz, tipo e cor

de cabelo, entre outros aspetos. Para Omi e Winant (2015), o processo de dar um significado social e simbólico para as distinções percebidas nos imigrantes é uma componente fulcral para a racialização. Deste modo, estes estudiosos definem a racialização como a expansão do significado de raça em assuntos como relacionamentos, grupos racialmente não avaliados ou práticas sociais. É importante referir que este conceito está presente em escalas que vão do nível micro ao macro.

A discriminação racial e étnica entre os indivíduos está prevista na desigualdade de um tratamento injusto e negativo justificado por raça ou etnia de uma pessoa. Esta discriminação pode acontecer de forma explícita com ameaças, insultos ou assédio, da mesma forma que pode decorrer de forma sutil e discreta, com atitudes menos respeitadas, antipatia ou desconfiança (Rosenbloom e Way, 2004). É importante ressaltar que a discriminação racial e étnica não significa o mesmo que discriminação com imigrantes, apesar de, ocasionalmente, os motivos para as discriminações coincidirem (Góis, 2019).

A discriminação com populações imigrantes ocorre em diferentes dimensões, como no âmbito do trabalho, saúde e habitação (Góis, 2019), no qual o tratamento recebido e as oportunidades da vítima são diretamente impactados (Hellgren e Gabrielli, 2021);(Hellgren, 2019). Uma outra mazela da discriminação abrange a interiorização do desprezo recebido, após a recorrência de atitudes preconceituosas experimentadas (Hellgren e Gabrielli, 2021).

As crenças estão diretamente relacionadas com as estruturas sociais e são determinantes para as ações dos indivíduos em sociedade, refletindo nos modos de hospitalidade (Dencker, 2013). A xenofobia, de acordo com as ideias de Cortina, é definida por meio da rejeição de sujeitos com origem, etnia e raça distintas, mas que, entretanto, também pode estar atrelada com outros preconceitos, como no caso da misoginia, homofobia ou islamfobia. Propensões que merecem uma intervenção para sua erradicação (Soares, 2018). De acordo com Cortina (2022), as atitudes oriundas deste tipo de fobia podem ser consideradas delitos por ação ou por omissão, denominadas de Crime de ódio. No entanto, o crime de ódio, por vezes, é pouco expressivo, face à linha tênue entre discurso de ódio e liberdade de expressão, com o qual as autoridades mostram pouca preparação para lidar. O discurso de ódio é representado por qualquer forma de expressão que justifique o ódio a grupos sociais, mediante uma postura intolerante, com pouca ou nula argumentação. Estes mesmos discursos monológicos, que não consideram seu interlocutor válido e com direitos para dialogar e responder, contribuem para que os autores desses comentários se

mantenham em posição de privilégio, onde possam continuar a ser servidos por subordinados.

A legislação portuguesa visa a igualdade para suprimir a discriminação. O Artigo 13.º da Lei Constitucional n.º 1/2005, de 12 de agosto, especifica: “ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual” (Artigo 13.º, nº 1, da Lei Constitucional n.º 1/2005 de 12 de agosto). Do mesmo modo, ninguém pode ser privilegiado ou prejudicado face a características como sexo, religião, raça, ascendência ou língua. O Artigo 15.º da Lei Constitucional contempla que: “os estrangeiros e os apátridas que se encontrem ou residam em Portugal gozam dos direitos e estão sujeitos aos deveres do cidadão português” (Artigo 15.º, nº 1, da Lei Constitucional n.º 1/2005 de 12 de agosto).

As pessoas agredidas, por vezes, deixam de denunciar os episódios vivenciados, por medo de represália, por estarem irregulares no país de destino, por acreditarem que as autoridades não considerariam as suas queixas ou por não saberem que estas situações se configuram como crime denunciável e punível (Cortina, 2022). Em Portugal qualquer pessoa pode prestar queixa por discriminação racial contra um serviço, uma entidade pública ou pessoa individual, por meio da Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR), desenvolvida em 1999 e administrada pelo Alto Comissariado para as Migrações com o objetivo de combater, prevenir e proibir práticas de cunho discriminatório em razão da nacionalidade, cor, ascendência, etnia e origem, em virtude da Lei nº 93/2017, de 23 de agosto (Carlos, Silva e Góis, 2017).

Na conceção de Bauman (2017), a cada onda de novos imigrantes é notado um ressentimento como se eles fossem “precursores de más notícias”. Por esta razão, os imigrantes podem não ser bem recebidos por lembrarem à sociedade de acolhimento daquilo que ela quer esquecer, uma vez que é um hábito humano culpar e punir aqueles que levam a mensagem de conteúdo odioso, da qual os imigrantes são portadores. Assim, evidenciam a fragilidade do bem-estar e da posição social causada por forças globais poderosas, que realçam a incerteza existencial.

A possibilidade de um relacionamento entre grupos com interesses, crenças, comprometermos e princípios diversos só é possível por meio de códigos de respeito e tolerância, que garantam o diálogo, mesmo que não cheguem a um consenso

(Dencker, 2013). No entanto, de acordo com Derrida (1996), a tolerância não pode ser entendida como uma verdadeira hospitalidade, uma vez que:

A tolerância é na realidade o oposto da hospitalidade. Ou pelo menos o seu limite. Se alguém acha que estou sendo hospitaleiro porque sou tolerante, é porque eu desejo limitar a minha acolhida, reter o poder e manter o controle sobre os limites do meu 'lar', minha soberania, o meu 'eu posso' (meu território, minha casa, minha língua minha cultura, minha religião etc.). (...) nós aceitamos o estrangeiro, o outro, o corpo estranho até um certo ponto, e desse modo com restrições. A tolerância é uma hospitalidade condicional, circunspeta, cautelosa (Borradori, 2004, p.137-138).

Para que as práticas comunicativas do cotidiano possam se manifestar de forma eficaz na vida cotidiana é necessário que, primeiramente, a confiança seja estabelecida. A constituição desse vínculo depende tanto do progresso de condições materiais quanto da cultura política em que essas pessoas encontram-se em interação mútua, pois, sem isso é inexequível a adoção de óticas mútuas (Dencker, 2013).

Borradori (2004) aproveita o pensamento de Habermas e destaca que na busca de uma linguagem comum e a possibilidade do diálogo, a violência apresenta-se como um empecilho e como parte de uma comunicação distorcida que, por meio de uma incontornável desconfiança de ambos, não há comunicação. Apenas após o embate destes dois aspetos é possível perceber o que não funciona, não deu certo e o que deve ser revisto. Deste modo, de acordo com Casquilho-Martins, Belchior-Rocha e Alves (2022) desde a pandemia do COVID-19, observou-se maior incidência de movimentos de extrema-direita, nomeadamente em Portugal, junto de discursos de ódio presentes em comentários de noticiários online.

De acordo com (Ferrugem, 2022), há uma comoção seletiva quando tratam-se de tragédias que envolvem pessoas de pele e olhos claros. Simultaneamente, um desprezo evidente pelo sofrimento da população negra e povos não brancos, como pessoas provenientes do oriente médio – sociedades abaladas com conflitos armados que se instalaram. “Em síntese, os não europeus não são “merecedores” de comoção. Inclusive, é esperado o ataque a estas pessoas, já que não são uma “típica família europeia que poderia ser sua vizinha”” (Ferrugem, 2022, p. 22). Esta mesma autora também destaca o papel primordial das redes sociais em disseminar conteúdos racistas e parciais, principalmente em contas do Twitter.

2.2.1 O papel das redes sociais para a discriminação

A difusão da informação por meio da globalização (Busutil e Márquez, 2017) mudou sua forma de consumo e divulgação, assim como transformou as relações sociais (Rodrigues, 2019). De acordo com Cerigatto e Casarin (2017), os média estão presentes em diversos meios de comunicação como revistas, jornais, mídias sociais, televisão e, por isso, possuem um papel central na vida pública de indivíduos de diferentes faixas etárias, nomeadamente no âmbito do trabalho, educação, participação política e entretenimento. Os meios de comunicação de massa possuem o poder de manipular a informação, com uma triagem do conteúdo transmitido e assim, sendo capaz de moldar o conhecimento público sobre determinado assunto (Dijk, 2013).

Os Media pode ter um papel essencial na receção de imigrantes, pois pode influenciar no sentimento de aceitação ou rejeição do país de acolhimento (Ferin *et al.*, 2008). É a partir do material transmitido pelos média que boa parte das imagens sobre os imigrantes são criadas, desta forma, pode reforçar ou não estereótipos e preconceitos que fomentam a xenofobia e tensões sociais, através do qual cria-se uma barreira face às diferenças culturais, que diferem “nós” e “eles”, no qual “eles”, por vezes, são denominados como “estranhos”(Carlos, Silva e Góis, 2017).

O aumento do fluxo migratório em Portugal leva a imprensa a noticiar mais sobre este tema. Os média quando falam dos imigrantes costumam abordar assuntos mais sensacionalistas que chamam a atenção do público. Por isso, optam por falar primeiramente sobre a criminalidade, principalmente, em veículos de comunicação, como a televisão. Além disso, mencionam assuntos como a irregularidade e exploração da mão de obra migrante e, por fim, a integração desta população na sociedade portuguesa (Carlos, Silva e Góis, 2017). Por outro lado, as *fake news* também podem ser prejudiciais neste aspeto, pois podem ser difundidas por qualquer meio de comunicação, com o objetivo de enganar e ter algum benefício económico ou político com o conteúdo divulgado (Braga, 2018), embora seja a imparcialidade dos média, que contribui para manter a democracia (Rodrigues, 2019).

A sociedade do espetáculo, proveniente da globalização e seus avanços tecnológicos, impacta precisamente nos estilos de vida, nas relações e na compreensão de laços sociais, por meio da informação mediática (Dencker, 2013). Há uma maior exposição das atitudes de cada um e sua reputação, com este novo cenário tecnológico, as pessoas estão mais suscetíveis ao julgamento social baseado em “curtidas” e “descurtidas”. É importante referir que os indivíduos tendem a ter condutas egoístas

quando têm o seu anonimato assegurado, enquanto, em situações com maior exposição, comportam-se, tendencialmente, de maneira mais pró-social (Cortina, 2022).

De acordo com (dos Santos, 2022), esta nova era digital tornou o uso da internet mais acessível e instrumento de comunicação. No entanto, este autor ainda relata que a internet também facilitou discursos de ódio contra pessoas, respaldados por um comum sentimento de falsa proteção e, por vezes, anonimato dado pela tela do computador, cujo conteúdo, por influenciar a opinião pública, pode promover e justificar comportamentos ofensivos no âmbito virtual (Rodrigues, 2019).

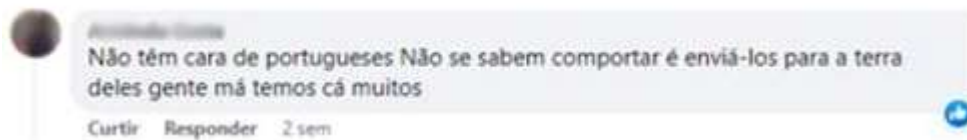
As imagens fornecidas por alguns veículos de informação podem transmitir credibilidade em vista do seu efeito realista que influencia o público, e, ocasionalmente, pode enviesar o sistema de informação. A tensão entre alçadas do poder pode indicar sistemas ocultos e anônimos para impedir que alguma notícia circule, sustentada por uma ordem simbólica (Eyzaguirre, 2013). Simultaneamente, a informação também é alvo de consumo e não está disponível para toda sociedade (Rodrigues, 2019).

Em linha com dados da (Eurostat, 2021) 58% da população portuguesa é usuária de redes sociais. Portanto, a fim de apresentar a realidade discriminatória vivida por imigrantes em Portugal, nomeadamente, nas redes sociais. Entre os meses de fevereiro a junho, a estudante raspou alguns comentários de reportagens em redes sociais (*Facebook* e *Instagram*), de jornais como a *SIC Notícias*, *Público* e *CNNPortugal*, os quais possuem grande circulação e relevância.

O grupo de reportagens reunidas no Facebook, engloba conteúdos da *SIC Notícias*. A primeira reportagem aferida teve como título “*Imigrantes vivem em tendas debaixo de viaduto no porto*”, e provocou muitos comentários, tendo alguns deles apresentado as seguintes declarações:



Outra reportagem realizada pela *SIC Notícias* tinha como título “*Grupos Jovens espanca e rouba imigrantes em Olhão*” que gerou o seguinte comentário, que chama atenção:



Por fim, a última reportagem aferida no *Facebook* e também encontrada na página da *SIC Notícias* foi “*Nacionalidade Portuguesa já pode ser pedida online, mas (só) por advogados e solicitadores*”, em que dois comentários se destacaram:



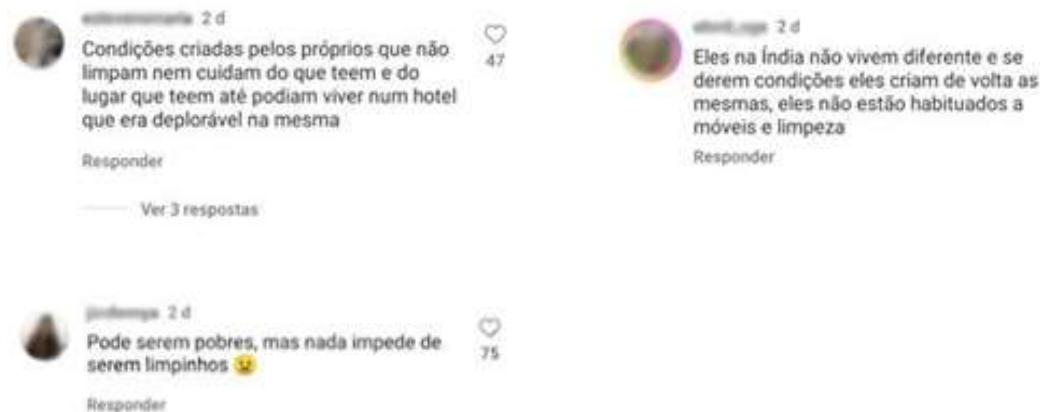
O grupo de reportagens reunidas no *Instagram*, abrange matérias do jornal *CNN Portugal* e o *Público*. A primeira reportagem apreciada teve como título “*Um quarto para cinco pessoas por mil euros: a vida de inúmeros imigrantes em Lisboa e Porto*”, e foi disponibilizada na rede social do jornal *Público*. Os comentários realçados nesta publicação foram:



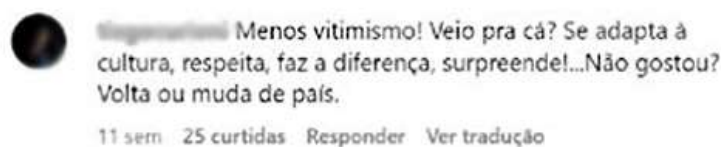
Por conseguinte, a reportagem da CNN Portugal no Instagram com o título “*Imigrantes correm para obter autorização de residência online e 85% são brasileiros*” teve os seguintes comentários:



Adicionalmente, outra reportagem que foi encontrada na página da CNN Portugal, ainda no Instagram com o título “*As condições em que viviam os imigrantes explorados no Montijo*” apresentou comentários particulares, que chamam atenção pelo teor aporóforo:



E por fim, no Instagram, o Jornal *Público* publicou a matéria “Os brasileiros em Portugal têm sofrido um preconceito invisível, silencioso e difícil de admitir que transpira no quotidiano sem deixar evidências” em que um dos comentários chama a atenção da investigadora:



A partir dos comentários das reportagens de jornais em redes sociais é possível aferir que aparentam ser perfis reais, de pessoas que utilizam este meio para destilar o ódio e o preconceito, seja pela vertente xenófoba, aporófora ou racista, e ainda recebem *likes* por isso. É importante salientar que os perfis não foram analisados, o trabalho se ateu apenas aos comentários destas reportagens em questão.

2.3 “Há muitos racistas e xenófobos, mas quase sempre todos são aporófobos”

A história, ao longo dos anos, abrange nomear coisas, sejam elas palpáveis ou não, mas que, enquanto subjetivas, sem um corpo físico, tem seu reconhecimento dificultado, tanto para analisá-las quanto para ter um posicionamento. Deste modo, senão definidas, as questões observadas podem agir com a força de uma ideologia, o que leva à distorção da realidade. A xenofobia e o racismo são designações estabelecidas há muitos anos, o que permite criticá-las. Estes tipos de fobias não são resultados de relacionamentos pessoais passados, experienciados de forma negativa, nem sequer de seus antepassados, mas sim, pelo fato de seus agentes considerarem aqueles com características diferentes de si, pessoas desprezíveis ou temíveis (Cortina, 2022).

Aquele que despreza justifica sua postura de rejeição por meio de seu sentimento de superioridade sobre as pessoas consideradas diferentes sob o ponto de vista da etnia, raça, crenças, classe social e orientação sexual. Esta lógica é fundamental para nortear outras fobias no mundo e legitimar tais ataques, que, mesmo por meio da palavra, provoca a ação de violar a dignidade do outro, o que também representa uma maneira de agir (Cortina, 2022).

Em linha com esta mesma autora, esta postura de rejeição acontece não só com os refugiados ou imigrantes pobres. Os ciganos e sem abrigo também são alvo desse preconceito, o que legitima a ideia de que o problema não está relacionado com a etnia, raça, ou alguém que vem de fora, e sim, com a questão comum a todos, a pobreza (Cortina, 2022).

É o *apóros*, o pobre, quem incomoda e condiciona a aversão a pessoas, etnias e raças que normalmente não possui recursos, e, por isso, não poderia oferecer nada ou aparenta não poder. Deste modo, é importante reforçar: “[...] há muitos racistas e xenófobos, mas quase sempre todos são aporófobos” (Cortina, 2022, p. 26).

Comportamentos discriminatórios acontecem até dentro de núcleos familiares, em que o parente pobre representa vergonha e, portanto, é posto de lado. Este tipo de conduta observada pela autora levou-a a buscar um termo para designar o pobre e encontrou em seu dicionário grego a palavra *áporos*. Com base na designação encontrada, criou o termo aporofobia - análoga a xenofobia e homofobia (Cortina, 2022) .

2.3.1 Pobreza e Exclusão Social

A condição de carência e vulnerabilidade é traduzida como resultado da aporofobia, cometida contra pessoas excluídas ou com risco de exclusão. A condição de pobreza e exclusão social passa a se agravar a partir do surgimento do neoliberalismo, quando há a valorização do lugar social relacionado com o prestígio do indivíduo em relação ao coletivo e gera novas formas de exclusão (Carreteiro, 2003). Nesta altura, a questão social ganha uma nova forma e passa a ser denominada por alguns estudiosos como a “Nova Questão Social”, devido às novas expressões do processo de produção e reprodução do capital, em detrimento da globalização e da crise iminente (Da Silva, 2007). Este mesmo momento é determinante para a alteração de uma sociedade inclusiva, de acordo com o Estado Social, para uma realidade exclusiva, que almejava o controle da criminalidade e da justiça penal (Pussetti, e Brazzabeni, 2011). Neste sentido, Habermas, (Borradori, 2004) destaca que:

(...) a globalização acelerou a reação defensiva que acompanha o medo do que Habermas define como o ‘violento desenraizamento dos modos tradicionais de vida’ algo de que a modernização é violentamente acusada. Não podemos negar, diz Habermas, que a globalização dividiu a sociedade mundial em vencedores, beneficiários e perdedores. (...) Em um nível psicológico, tal experiência cria uma situação favorável a uma visão de mundo altamente polarizada, em que várias fontes espirituais buscam resistir à força secularizadora da influência ocidental (p.30).

A globalização provoca profundas desigualdades sociais e coloca a violência no cotidiano de diversas maneiras, como consequência da busca pelo individualismo e pelo sucesso, o que distancia as formas tradicionais de vida. O individualismo, o egoísmo e a exclusão dominam e impedem a inclusão, e, conseqüentemente, a fraternidade entre os indivíduos (Dencker, 2013).

É neste mesmo contexto que a população migrante oriunda de países subdesenvolvidos é mal recebida nos países de destino. Estes novos residentes compõem boa parte da mão de obra menos qualificada, incluindo funções com menos prestígio nos grandes aeroportos internacionais, o que contrasta com as mensagens cordiais e simpáticas apresentadas nestes locais, como: “bem-vindo”, “welcome”, “benvenuto”, “bienvenue” e “bienvenido” (De Deus, 2017). De acordo com Patarra (2006), países recetores possuem uma vasta e heterogênea oferta de imigrantes para o mercado de trabalho que se submete a diferentes formas de superexploração. Assim, colaboram para a produção e o consumo em países recetores, além de levarem investimentos dos países de origem no âmbito da sua formação, saúde e educação para os seus destinos. Deste modo, muitas famílias continuam a receber apoio monetário de quem migrou e, por fim, reforça a condição dos países de origem serem eternamente subdesenvolvidos (Patarra, 2006).

As desigualdades se evidenciam cada vez mais e impactam diretamente na distinção entre indivíduos, denominando-os como "indivíduos por falta" ou "indivíduos por excesso", de acordo com os recursos pessoais que possuem para superar as adversidades da vida cotidiana (Castel, 2001 apud Carreteiro, 2003). De acordo com os especialistas do relatório *Global Risks 2014*, no Fórum Econômico Mundial realizado em Davos, a desigualdade de renda é o motivo do maior impacto na economia mundial na próxima década, superando eventos climáticos extremos, altas taxas de desemprego, crises fiscais e riscos geopolíticos (Cinca, 2015)

A pobreza tem preocupado cada vez mais os países, principalmente após análises feitas baseadas na pobreza absoluta encontradas em países na África e Ásia. Estes indicadores conciliam recursos básicos como água potável, saneamento e taxas de analfabetismo (da Costa, 2015), enquanto o conceito de pobreza relativa é definido quando as pessoas se encontram em posição de significativa desvantagem face a questões relacionadas à renda, emprego e poder (Crespo e Gurovitz, 2002).

Segundo Alves (2009 apud da Costa, 2015), a pobreza relativa também é alvo de preocupação e, por isso, contribuiu para o desenvolvimento de programas para o seu combate. Esta realidade acontece em virtude da "nova pobreza" gerada pelas mutações económicas e sociais, desregulação dos mercados, competitividade, precarização do trabalho, fruto da globalização. A pobreza passou a estar relacionada com a exclusão social, principalmente a pobreza relativa, convertendo-se em dificuldades de acesso tanto em condições básicas, como trabalho, educação e cidadania, bem como oportunidades sociais efetivas (da Costa, 2012). Estes fatores impactam diretamente na perda de liberdade, injustiça social e perpetuada privação material (Werlang e Mendes, 2013).

A pobreza referida por Cortina não está relacionada apenas à carência económica. Esta fragilidade torna-se mais notória e fulcral no sistema capitalista em que as relações monetárias determinam o agir de forma livre, segura e autônoma (De Deus, 2017). Neste sentido, a autora define a pobreza como "a carência dos meios necessários para sobreviver, porém não apenas isso, (...), pobreza é a falta de liberdade, a impossibilidade de levar a cabo os planos de vida que uma pessoa tenha razões para valorizar" (Cortina, 2022, p.49). No entanto, deve-se ter em conta que, ao olhar para a história, percebe-se que hoje aqueles que fazem parte da classe C possuem condições similares a nobreza e a burguesia da europa do século XV. Isto porque as condições consistem em ter água encanada, tratamento de esgoto, diversidade de alimentos, entre outros. Deste modo, percebe-se que a noção de pobreza e riqueza não são definidas

pelo que realmente importa, a vida. Não se trata de um conceito empírico real, nem um objeto categórico, mas sim, de uma disparidade entre o rico (dominante) e o pobre (dominado) (De Deus, 2017).

Muitas das vítimas da aporofobia, os pobres, são considerados não só aqueles que não possuem recursos econômicos, mas também os que não possuem poder, e, por isso, são vistos como pessoas sem dignidade e que não merecem respeito. No entanto, esta atitude são deixadas de lado quando os sujeitos pobres dão algum benefício à sociedade do país de destino, tal como:

“Não são repugnantes os orientais capazes de comprar equipes de futebol ou de trazer o que, há algum tempo, se chamavam de “petro-dólares”, nem os futebolistas de qualquer etnia ou raça, que cobram quantidades milionárias, mas são decisivos na hora de ganhar competições. Não incomodam também os ciganos triunfantes no mundo do flamenco, nem rejeitamos os investidores estrangeiros que montam fábricas de automóveis em nosso país, capazes de gerar emprego, centros de lazer aos quais se dá permissão de fumar em suas instalações, além de muitos outros privilégios. E todo esse longo etecetera de aportes estrangeiros que aumentam o PIB.” (Cortina, 2022, p. 25).

A postura de instituições políticas e econômicas deficientes que favorecem grupos que estão no poder agravam o sentimento de injustiça em cidadãos mais abastados, que por sua vez perdem a confiança em figuras representativas (Cinca, 2015). Este tipo de comportamento que favorece aqueles que estão no poder são denominados de “*economia clientelista*” e são considerados um empecilho para a igualdade de oportunidades (Cortina, 2022).

A nova ordem social submete as transformações sociais às relações de poder, o que contribui para comprometer os direitos sociais, direitos à dignidade humana e para impulsionar a exclusão social (Morgado, 1996). Desta forma, as condições advindas dos detentores de poder impõem as possibilidades de ação dos sujeitos e suscitam o sofrimento. As pessoas que mostram alguma vulnerabilidade ficam impossibilitadas de escolher as circunstâncias de sua própria vida, determinadas pela posição social que ocupam e que condicionam a sua liberdade. Deste modo, entende-se que quanto menos poder uma pessoa tem, menor a sua liberdade de fazer escolhas consoante ao rumo de sua vida (Pussetti, e Brazzabeni, 2011). Neste sentido, de acordo com Cortina (2022), o limite da liberdade pessoal no contexto liberal é composto pelo prejuízo do exercício da liberdade do outro.

O pobre é alvo de desprezo, visto como inferior, tratado com impaciência e, por vezes, gera medo, apesar de só desejar ajuda para ascender socialmente (Cortina, 2022).

Desta forma, incomodam até mesmo o *emergente “preariado”*, denominado como aquele que já foi pobre, e hoje, com uma condição social melhorada, tem medo de perder suas conquistas, propriedade e status social apreciável e invejável (Bauman, 2017). Assim, não há dúvida de que a pobreza introduz a discriminação negativa entre as pessoas em capacidades tão básicas quanto a de organizar suas próprias vidas e buscar a felicidade, porque apenas uma parte da humanidade tem os meios para isso” (Cortina, 2022, p. 153).

A carência prolongada e intensificada de certos recursos pode ser precursora de patologias, as quais ultrapassam o domínio psicológico e pessoal. As patologias de âmbito pessoal podem prontamente se manifestar como patologias sociais, econômicas, culturais, religiosas e políticas, que permite a persistência de habitações precárias, indiferença à condição de irregularidade de imigrantes, marginalização e exclusão social ou reprodução de pobreza (Valdés, 2010).

Segundo Hellgren (2019), o contexto de exclusão social ao qual o imigrante está exposto interfere na sua participação em tomadas de decisões, na obtenção de um emprego de qualidade, assim como a habitação em locais mais atraentes. Assim, viver com o rótulo de imigrante pode reforçar o preconceito e consolidar o lugar destas pessoas em esferas sociais mais baixas. E todo este cenário contribui para que haja um agravamento da precariedade das condições de vida dos imigrantes, como o trecho a seguir: “[...] de um ponto de vista ético estigmatizar outras pessoas, condenando-as à exclusão, à perda de sua reputação e privando-as do direito à participação social, é algo lesivo por si só e destrói qualquer possibilidade de convivência justa”. (Cortina, 2022, p. 66).

Na tentativa de mitigar a questão da aporofobia no nível político e jurídico, e a fim de garantir direitos e também influenciar a mudança de postura a nível social, o Governo português, reconhecendo os níveis de pobreza existentes, inscreveu na sua agenda o compromisso de lançar uma Estratégia Nacional de Combate à Pobreza (ENCP) no âmbito do Pilar Europeu dos Direitos Sociais. Foi aprovada, através da Resolução do Conselho de Ministros a lei n.º 184/2021, de 29 de dezembro, a ENCP para os anos 2021-2030, com o principal objetivo de erradicar a pobreza, relacionada com o desafio de reduzir estrategicamente as desigualdades. Entre os principais eixos estratégicos desta lei, identificam-se os que se relacionam de forma mais direta com o presente estudo: reforço das políticas públicas de inclusão social, promoção e melhoria da integração, proteção e assistência social de pessoas e grupos necessitados.

3.0 O papel do Serviço Social

A constituição de uma profissão engloba uma série de componentes que exigem articulação: valores, ideologias, escolhas teóricas, práticas, éticas, políticas, uniformização de direitos e deveres, recursos político-organizativos, debates e investigações críticas de acordo com o movimento da sociedade, a qual o Serviço Social é parte e expressão dela (Yasbek, 2010)

“O Serviço Social é uma profissão de intervenção e uma disciplina académica que promove o desenvolvimento e a mudança social, a coesão social, o empowerment e a promoção da Pessoa.” (IFSW, 2014) Paralelamente, de acordo com (Yasbek, 2010) a profissão de um assistente social (AS) depara-se constantemente com diversos desafios. O AS tem uma importante responsabilidade de politizar e dar visibilidade aos interesses das classes mais baixas, independente da alta qualidade técnica do serviço oferecido. De acordo com Moura (2006) este profissional trabalha com diferentes dimensões e públicos, como ocorre na intervenção micro, a qual o AS possui um trabalho mais individualizado, a intervenção meso, inclui grupos, comunidades e/ou territórios e por fim, a intervenção macro é adotada por projetos que abrange extensas áreas geográficas e de grande alcance, como a nível político. Contudo, independente do tipo da intervenção social realizada, os princípios que as atravessam podem culminar na presunção de uma tríade entre factos, pessoas e instâncias.

Diante de algumas questões colocadas ao longo do texto, nomeadamente, aquelas que se traduzem a condição de vulnerabilidade, não só pela condição de ser imigrante, mas, sobretudo, por possuírem poucas condições económicas, o assistente social possui um papel fundamental para a promoção do bem-estar da sociedade. Deste modo, deve realizar um trabalho vinculado aos valores éticos da profissão, tal como relacionados ao respeito pela vida, a autodeterminação/autonomia da pessoa, a dignidade do ser humano, a não discriminação, responsabilidade social e justiça (Serafim, 2004); (APSS, 2018).

O assistente social em diversas áreas de intervenção social deve recorrer a conhecimentos e atuações metodológicas específicas e complexas, de acordo com a situação social e humana do utente em atendimento. No âmbito da intervenção, entende-se que o profissional necessita ter uma compreensão teórica do assunto e capacidades científicas e técnicas (APSS, 2018). Posto isso e diante dos objetivos da investigação considerou-se recorrer a uma literatura específica no âmbito do Serviço

Social direcionada aos contextos de intervenção de duas áreas específicas, nomeadamente: a pobreza e a imigração (APSS, 2018).

3.1 O Serviço Social e a intervenção com pessoas em situação de pobreza

O AS exercia sua profissão, sobretudo, no setor público, onde o seu trabalho estava relacionado à participação na conceção de políticas e na sua implementação, nomeadamente em áreas como a educação, saúde, segurança social, habitação, trabalho e justiça. Esta profissão, atualmente, possui um papel mais relacionado com funções técnico-executivas e emergenciais, exercido, principalmente, em instituições privadas do setor solidário. Estas alterações são o resultado da contratualização dos serviços e da transferência de responsabilidades entre o Estado e as organizações do terceiro setor (APSS, 2018), significando clara tendência de privatização em determinadas funções do Estado. Tal significa, também, que os problemas sociais que enformam a “nova questão social” como referida por da Silva (2007) - embora, Netto (2007) entenda que se trata apenas de uma nova expressão, uma vez que a “velha” questão social expressada como pauperismo não foi devidamente refletida e muito menos resolvida – não encontram, por parte dos poderes públicos, a atenção e o investimento necessário, em matéria de políticas públicas.

Este cenário apresenta impactos negativos para a profissão, com o trabalho mal remunerado, competição desregulada com outras profissões e ausência de carreira. O contexto profissional apresentado, afeta igualmente os utentes, designadamente, grupos mais vulneráveis, os quais recebem um apoio mais direcionado para a gestão da pobreza, ao invés do seu combate, promovendo assim, desigualdades e injustiças sociais (APSS, 2018).

Os assistentes sociais trabalham diariamente com questões ligadas à pobreza, lidam de perto com contextos trágicos, relacionados às classes subalternas da sociedade. Este cenário, comumente, é marcado por trajetórias de exploração, resistência, opressão, pobreza, maior índice de violência, consumo de drogas. Há também outros indicadores da condição de subalternidade, tais como: moradias precárias, desemprego, debilidade da saúde e o sofrimento expresso nas falas, nos silêncios, por meio da linguagem verbal e não verbal (Yazbek, 2010).

A intervenção com pessoas em situação de pobreza significa entrar em um universo de dimensões marcadas pela revolta silenciosa, alienação, humilhação e em particular, pela resiliência associada às estratégias de subsistência (Yazbek, 2010)

Quanto mais desenvolvidas forem as competências dos AS e suas capacidades de compreender e explicar a pobreza e a desigualdade, inerentes ao capitalismo, mais bem preparados estarão para intervir, oferecer respostas embasadas e qualificadas do ponto de vista teórico, político, técnico e ético. Paralelamente, é primordial decifrar as lógicas do capital, sua expansão e seu enfrentamento no cotidiano da profissão (Yazbek, 2010).

3.2 A relação do Serviço Social e a diversidade de origens culturais

Segundo Bracons e da Mata (2015), o Serviço Social, quando trabalha com a comunidade imigrante, passa a compreender melhor as dificuldades e os problemas enfrentados por eles. Portanto, com um conhecimento mais aprofundado e direcionado, o profissional do Serviço Social deve saber priorizar alguns aspectos na sua intervenção e implementar estratégias para solucionar a complexa condição apresentada, face às características culturais de cada um.

O processo de integração deve acolher as diferenças, proporcionar abertura para a negociação, adaptação e ajustes dos envolvidos, com o intuito de proporcionar um sentimento de pertença comum a todos os nacionais e estrangeiros (Pena, 2012). Estes agentes são essenciais para a integração social plena, uma vez que, sem eles, não há reciprocidade e uma dinâmica social entre estas comunidades. As transformações sociais, resultado das mudanças globais, geram uma série de novos desafios para os imigrantes no destino, ao passo que, a sociedade de acolhimento reorganiza sua estrutura básica para recebê-los (Casquilho-Martins, Belchior-Rocha e Ferreira, 2020).

A vertente ideológica que combate a desigualdade e exclusão é o universalismo. Paradoxalmente, este dispositivo ideológico pode ser difundido em duas componentes contraditórias: o universalismo anti-diferencialista, que nega as diferenças e o universalismo diferencialista, que absolutiza as diferenças (Santos, 1999). Contudo, D'Almeida e Sousa (2014) entendem que o Serviço Social, habitualmente, utiliza o universalismo anti-diferencialista por meio de abordagens de assimilação, visando a integração social. Paralelamente, os programas sociais e de saúde são essencialmente pautados em abordagens reativas, marginalizantes e alienantes, principalmente, no atendimento a populações vulneráveis. Isto acontece devido à promoção do bem-estar individual, ignorando a influência do meio social que leva ao sofrimento, a falha na capacidade crítica de construir alternativas e deficiência no reforço das competências pessoais e dos coletivos (Pena, 2012).

D'Almeida e Sousa (2014) defendem que o Estado de Bem-estar contribuiu para que o Serviço Social, especialmente, em Portugal, se tornasse dependente de diretivas e

políticas universalistas do Estado, que, ao invés de enfrentar a exclusão, restringe-se em geri-la. Assim, o Estado passa a ter o poder de limitar a autonomia técnica e ideológica da profissão.

As questões relacionadas à diversidade cultural tornam-se progressivamente mais evidentes na sociedade, presentes em contextos mais globalizados e em instituições sociais. Este cenário estimula os assistentes sociais a aprimorar a relação e a comunicação com o outro e a refletir sobre elas em uma perspectiva institucional e societária. O reconhecimento da diversidade e suas particularidades é primordial, nomeadamente, em permitir o contacto que conduz a compreensão e, por conseguinte, uma interação e comunicação mais efetiva (Bracons, 2020).

Usualmente, o assistente social pode perceber o utente como alguém igual a todos, com base em uma premissa universalista e monocultural. Esta interpretação comporta uma abordagem que não corresponde a uma sensibilidade cultural devido à falta de formação específica para desenvolver sensibilidade e competência cultural para a intervenção social. Deste modo, as designações e vocábulos como “Culturally, Competente e Practice” não estão presentes nos discursos dos assistentes sociais do país (D’Almeida e Sousa, 2014).

O conceito de sensibilidade cultural não tem sido alvo de estudos científicos em Serviço Social e desconhece-se a sua apropriação nas práticas profissionais, contrariamente ao que vem acontecendo noutros países. Segundo D’Almeida e Sousa (2014), em outros países, esta expressão já foi alvo de produção de conhecimento científico e da prática profissional. No entanto, nesses outros territórios, coloca-se questões para além de como deve-se oferecer serviços culturalmente competentes para os usuários, mas, nomeadamente, como realizá-los de forma mais eficaz. Estes mesmos autores também destacam a sensibilidade cultural como um atributo ou um “dom” não inerente aos indivíduos e aos assistentes sociais. Esta é uma qualidade desenvolvida por meio de uma orientação educacional, que deve promover a conscientização da existência deste conceito, sublinhando seus efeitos e influência na prática profissional.

A postura universalista dos assistentes sociais pode dissimular a percepção etnocêntrica sobre pessoas e culturas diferentes. Do mesmo modo, pode desvalorizar os efeitos da ocidentalização. Assim, qualquer postura deve ser contestada e submetida a um “multiculturalismo crítico”, que exige um posicionamento crítico e reflexivo (D’Almeida e Sousa, 2014).

Os dez padrões da atuação do assistente social com populações migrantes são definidos pela National Association of Social Workers (NASW, 2015) como: a) Ética e

valores de acordo com o código deontológico da profissão; b) Autoconsciência da sua própria identidade cultural e dos outros; c) Conhecimento intercultural; d) Habilidades Interculturais; e) Prestação de serviços; f) Capacitação e defesa; g) Promoção da força de trabalho diversificada; h) Educação profissional promotora da competência cultural na profissão; i) linguagem e comunicação eficaz com todos os grupos culturais; j) liderança para promover a competência cultural. Estes padrões consolidam o conceito da competência como um indicativo de atitudes, habilidades e conhecimentos de uma prática intercultural eficaz.

De acordo com Bracons (2019), a competência é um conceito utilizado para caracterizar a capacidade de reunir diferentes recursos, de maneira pertinente, em prol de um problema ou para concretizar uma ação específica. No âmbito da cultura e das relações culturais, a competência é interpretada como uma série de capacidades (competência cultural) e, em outros casos, como administração da interação (competência intercultural).

Segundo D'Almeida e Sousa (2014), a competência cultural destaca a resposta ponderada e eficaz de indivíduos e sistemas, oferecida a pessoas com diferentes culturas, raças, classes, línguas e outros aspetos de diversidade, de maneira que estas pessoas tenham sua dignidade assegurada e protegida por meio do reconhecimento, afirmação e valorização do valor de cada um.

A competência intercultural é a mais comum (Bracons, 2019) e definida como a capacidade indispensável de estabelecer relação com pessoas culturalmente diferentes, de maneira que possa promover o respeito, diálogo e conhecimento desta, a fim de aprimorar a atuação profissional dos assistentes sociais (Bracons, 2020).

A competência intercultural é marcada por Alsina (1997) com duas dimensões primordiais, a competência cognitiva e a competência emocional. Primeiramente, a competência cognitiva aborda a importância do diálogo intercultural, com o intuito de conhecer o outro com criticismo e também, com uma abordagem autocrítica. É a partir deste contato com outras culturas que as características pessoais se mostram mais evidentes do que em outras circunstâncias. O autor destaca igualmente o conhecimento sobre outras culturas e a forma de comunicação é transmitida, com o objetivo de alcançar uma linguagem comum entre todos os envolvidos na conversa. Por outro lado, a competência emocional é interpretada como a capacidade de projetar e receber respostas emocionais positivas ao longo das interações interculturais (Chen e Starosta, 1996 apud Alsina, 1997). No entanto, o desafio encontrado pela competência emocional é a ansiedade que, dependendo do seu nível, pode ser determinante para a eficácia da

transmissão de informações junto de culturas desconhecidas. Outro aspeto essencial é a capacidade empática de se identificar com o outro e se colocar em seu lugar a partir de referências da cultura do outro. Por fim, a motivação é vertente importante desta competência, pois é a partir da motivação, do interesse para iniciar uma comunicação intercultural, que ela acontece (Alsina, 1997).

Segundo Bracons (2019), o conhecimento dos assistentes sociais que trabalham com os imigrantes é adquirido por meio de visitas domiciliárias, leituras pessoais, internet, relatórios de estagiários e partilhas de experiências entre os colegas. Isto ocorre porque o tempo previsto para cada utente é pouco, uma vez que há dias específicos para atendimentos e momentos destinados a informatizar os dados da Segurança Social. Paralelamente, as rotinas administrativas são longas e demoradas, o que não permite dar uma maior atenção para conhecer com profundidade as características culturais de cada um dos utentes.

O número significativo de processos para acompanhar, junto do elevado volume de trabalho e o pouco tempo, tornam o imediatismo das respostas e a intervenção assistencialista circunstâncias habituais do cotidiano dos assistentes sociais. As jornadas de trabalho destes profissionais são marcadas por pressões diárias, principalmente, derivadas de situações complexas e que solicitam respostas urgentes. Assim, dificulta-se a relação de proximidade desejada para conhecer melhor o público com quem eles trabalham (Bracons, 2019).

De acordo com NASW (2015), os assistentes sociais são profissionais que lidam com dilemas éticos relacionados com a cultura e valores dos utentes e a ética profissional. Contudo, este profissional assume a competência cultural, que se baseia na ética e valores do Serviço Social, de modo que defenda os pontos fortes das culturas e renuncie a práticas culturais que afetam negativamente os direitos humanos e a dignidade dos envolvidos

O trabalho dos profissionais que trabalham com imigrantes usualmente focam nos défices experimentados por eles (Prilleltensky, 2005). Por outro lado, o trabalho destes profissionais apresenta diversas limitações devido aos processos burocráticos que condicionam os recursos financeiros e humanos, além do desenvolvimento de programas e projetos sociais (Casquilho-Martins, Belchior-Rocha e Ferreira, 2020).

De acordo com Bracons e da Mata (2015), é importante que o assistente social conheça as políticas sociais a que os imigrantes têm acesso, se seus direitos estão a ser cumpridos e relacionados com as suas necessidades e se possuem alguma rede de apoio. Deste modo, o assistente social integra na sua prática os fundamentos do modelo

sistêmico, em que a intervenção com o indivíduo é planejada tendo em conta os diversos sistemas de que faz parte, ao mesmo tempo que desenvolve o seu trabalho em cooperação com outros profissionais e em rede (Bracons, 2019).

Em resumo, entende-se que a atuação do assistente social deve estar congruente com as necessidades e singularidades dos imigrantes, para proporcionar uma intervenção mais eficaz. Para isso, é preciso uma constante atualização acerca dos avanços conceituais, paradigmas emergentes e demandas no âmbito do Serviço Social com imigrantes, sobretudo relacionados com a aporofobia, por ser um novo conceito. Inteirado desses novos conceitos, o AS pode compreender novos contributos teóricos e ter o conhecimento de novas políticas sociais disponíveis, garantindo a proteção integral dos direitos dessa população. Contudo, é essencial considerar que a implementação eficaz dessas novas medidas requer a colaboração entre o Serviço Social e diferentes esferas e áreas de atuação. É crucial enfatizar que a adaptação aos novos conceitos não é apenas responsabilidade do assistente social, mas também de toda a sociedade. A efetiva personalização do atendimento aos imigrantes exige mudanças profundas no enfoque e na estrutura do Estado, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural e as experiências individuais dos imigrantes.

4.0 Metodologia de Investigação

O estudo realizado adotou uma abordagem qualitativa, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre o tema da pesquisa através de entrevistas realizadas a indivíduos imigrantes e profissionais que trabalham com essa população, procurando-se conhecer e compreender processos de integração e percepções sobre as dificuldades nesses processos.

Para a análise e compreensão dos dados obtidos, foi empregue o software MAXQDA Standard 2022, que permitiu uma melhor organização e a categorização das informações. Foi feita a análise de conteúdo com o material obtido, com o objetivo de discernir as nuances das narrativas dos participantes e sua articulação com a estrutura teórica desenvolvida.

4.1 Natureza do Estudo

O estudo possui caráter exploratório, utilizado para conhecer variáveis mais específicas e profundas do tema. Este tipo de pesquisa realiza-se quando o tema é pouco explorado ou trata-se de um novo fenómeno, que, por ser recente, dispõe de poucos recursos bibliográficos para um trabalho mais aprofundado (Vilelas, 2020). Portanto, como esta

investigação é norteada por um conceito recente e ainda pouco analisado, adequa-se, assim, ao estudo exploratório. O conceito *Aporofobia* foi criado em 2017 pela filósofa Adela Cortina para denominar aqueles que possuem aversão ao pobre (Cortina, 2022). Esta investigação pretende articular este conceito com as migrações e saber em que medida ele comprometer a integração da população imigrante no país de destino. Para tanto, recorre-se aos relatos vivenciados por uma parcela deste grupo que, dada a pequena dimensão da amostra, não é suscetível de generalização.

Por se tratar de um novo conceito, considera-se, também, o caráter inovador do estudo no campo da pesquisa em Serviço Social, assim como o interesse em o disseminar junto dos profissionais que já intervêm ou que virão a trabalhar com imigrantes, assim como profissionais que trabalhem em contextos de pobreza.

4.2 Universo e Amostra

Dado ser um estudo qualitativo e dado o universo extenso dos potenciais participantes - que engloba não só a população imigrante em Portugal, como também os técnicos e responsáveis de associações de defesa de imigrantes – a amostra foi definida, no que diz respeito aos profissionais, de forma não probabilística, intencional, em função do conhecimento quanto ao cumprimento de requisitos prévios; no que diz respeito aos imigrantes, a amostra é não probabilística, por conveniência, em função da acessibilidade aos utilizadores dos serviços e da sua disponibilidade para participarem no estudo, tal como se descreverá nos pontos seguintes.

4.2.1 Profissionais

Os profissionais que fazem parte do estudo são compostos por duas assistentes sociais e um dirigente associativo e são contactos da orientadora deste estudo. Por isso, considera-se uma amostra intencional e por conveniência, realizada por indicação e conhecimentos de alguém que considera as características dos entrevistados, nomeadamente as relacionadas com a experiência, diversidade do público que atendem e qualidade reconhecida da intervenção, como as mais convenientes face aos objetivos do estudo. A investigadora não tinha qualquer relação com os entrevistados e o único critério definido previamente era que tais profissionais trabalhassem com imigrantes e que fossem, preferencialmente, assistentes sociais.

A *assistente social 1* trabalha numa das sedes de um CLAIM, localizado num Município da Área Metropolitana de Lisboa. Assistente social há doze anos, trabalha com imigrantes há trinta e quatro anos e é também imigrante. Boa parte das pessoas que atende são dos PALOP's e outras de nacionalidade brasileira. Este público é formado

por pessoas que ainda não estão regularizadas no país, possuem baixa escolaridade e qualificação profissional e estão em idade ativa. Relativamente ao número de imigrantes que atende, não sabe precisá-lo devido à grande rotatividade de pessoas neste espaço de atendimento. A principal função da *assistente social 1* é acompanhar e apoiar os imigrantes em questões relacionadas com a regularização, trabalhar em rede para responder às suas necessidades, como carências económicas e alimentares, além de promover a interculturalidade, como é o caso de um projeto com mulheres imigrantes de diversas nacionalidades, e também portuguesas, que se reúnem semanalmente em atividades de dança, canto, culinária e outras.

A *assistente social 2* é assistente social há dois anos e meio e trabalha com imigrantes desde então, numa associação de apoio a esta população na cidade de Lisboa. Quanto ao perfil dos imigrantes com quem trabalha, são, maioritariamente, homens entre 30 a 40 anos, provenientes de diversos países, principalmente da Ásia. Em média, recebe 320 utentes mensalmente e suas principais funções estão relacionadas com o oferecimento de resposta às necessidades sociais. Porém, quando necessário, encaminha para outros serviços que possam supri-las. Cotidianamente, depara-se com as dificuldades deste público, que, nomeadamente, não possui título de residência. O tempo médio de espera deste grupo para se regularizar está entre 2 a 3 anos. Enquanto isso, vivem momentos de angústia, riscos, insegurança e vulnerabilidades, sem contar com qualquer apoio do Estado. A população imigrante, segundo ela, também precisa lidar com os altos custos de habitação, discriminação nos serviços públicos e dificuldades de conseguir trabalho devido à barreira linguística.

O *dirigente associativo* entrevistado para este estudo trabalha numa associação que luta pela defesa dos direitos dos imigrantes, também localizada em Lisboa. Sua formação base é na área da engenharia, mas trabalha com imigrantes há vinte e cinco anos, vinte e dois dos quais na mesma associação. Cerca de 110 a 120 pessoas buscam diariamente o atendimento da associação, as quais podem ser caracterizadas como pobres, fragilizadas, precarizadas, necessitadas de apoio, tendo sido mais evidente durante o período pandémico. As principais funções deste *dirigente associativo* é coordenar a associação, com o intuito de defender o direito dos imigrantes, realçando que as principais dificuldades dos imigrantes estão relacionados com: políticas públicas restritivas, direitos bloqueados pela alta burocracia, imigrantes sem cidadania ativa e democracia participativa, além do tempo longo para regularização, que leva de 2 a 3 anos.

4.2.2 População Imigrante

Inicialmente, pretendia-se entrevistar imigrantes com condições económicas baixas e de nacionalidades diversas. A amostra não probabilística, por conveniência, mostrou-se diversificada e realizada por meio dos contactos estabelecidos com os profissionais entrevistados, que, por intermédio das organizações de que fazem parte, facilitaram o contacto dos imigrantes com a investigadora. Cabe salientar que não houve escolha prévia dos imigrantes entrevistados, uma vez que a investigadora conversou com aqueles que se encontravam disponíveis nos recintos durante as suas visitas. Não foi definido critério prévio, apenas seria privilegiada a inclusão no estudo de diferentes nacionalidades, sendo que, ao utilizarem os serviços de apoio, seriam potencialmente pessoas com dificuldade no processo de integração. Como essas associações atendem um grande volume de pessoas, a investigadora não teve dificuldade em reunir pessoas de diferentes nacionalidades para entrevistar.

No princípio, a intenção era entrevistar, aproximadamente, seis imigrantes. Contudo, no fim, foram ouvidos oito imigrantes. A decisão de fazer mais uma ocorreu para assegurar a satisfação do trabalho desejado, e também para garantir uma ressalva caso, eventualmente, viesse a acontecer algum problema de áudio com alguma das entrevistas. Felizmente, todas foram bem-sucedidas e incluídas no presente trabalho. Em resumo, foram feitas sete entrevistas com oito imigrantes, pois uma delas foi realizada a um casal.

Os participantes possuem idades entre 22 e 52 anos, e estão em Portugal entre o período de três meses a três anos. São de sete diferentes origens: Cabo-verde, Paquistão, Angola, Brasil, Congo, Rússia e Nepal. Possuem distintos níveis de escolaridade. Dos oito imigrantes, metade possui ensino superior. Apenas dois deles desempenham atividades qualificadas, pois trabalham, à distância, para seus países de origem. Por outro lado, outros dois encontram-se em situação de desemprego. Alguns não se expressavam em português, tendo sido necessário realizar a entrevista em inglês.

4.3 Método Científico

Segundo Vilelas (2020), a análise de conteúdo é um dos métodos mais escolhidos para análises qualitativas. Este tipo de análise reúne uma série de técnicas para interpretar a comunicação, com o intuito de adquirir procedimentos sistêmicos e alcançar a descrição do conteúdo das mensagens. Isto possibilita o conhecimento das suas condições de produção e receção. Esta análise almeja identificar o que estava

escondido ou subentendido na mensagem. De acordo com Bardin (1977), a análise qualitativa investiga a presença ou ausência de características de um determinado trecho da mensagem considerado relevante.

Esta investigação foi operacionalizada com base nas regras da análise de conteúdo. Portanto, houve o processo de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, por meio de três etapas. A primeira é a fase de pré-análise, em que o *corpus* (conjunto de documentos que serão analisados) é selecionado e alvo de leituras flutuantes, com o objetivo de compreender aspectos importantes. De maneira menos estruturada, visualiza indícios não evidentes para a próxima fase. A segunda fase é a exploração do material, em que os dados brutos são codificados para apurar o núcleo da sua compreensão. Nesta etapa, é feita a seleção das unidades de análise (frases, parágrafos, textos completos, entrevistas, livros, etc.), orientadas por questões de pesquisas que necessitam de respostas. Deste modo, é importante elucidar o papel das categorias neste tipo de análise, pois podem exprimir significados importantes que correspondem aos objetivos do estudo e criam novos conhecimentos. Isto ocorre devido aos seus grandes enunciados que incluem diversos temas, de acordo com o seu grau de intimidade ou proximidade. Em simultâneo, pode surgir o processo de codificação para que, junto das categorias e subcategorias, estes dados sejam posteriormente discutidos de acordo com as características relevantes do conteúdo. Na terceira e última etapa, há o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. De posse das informações, o investigador faz suas interpretações segundo seu quadro teórico e os objetivos do estudo, o que pode, ou não, culminar com o surgimento de novas teorias (Vilelas, 2020).

Em linha com a teoria de Bardin, este estudo possui uma análise essencialmente temática ou categorial. Foram utilizadas duas matrizes de análise, conduzidas pelo conceito orientador da investigação, a Aporofobia. Uma das grelhas é dirigida para os imigrantes e a outra para os profissionais, as quais nos devolvem com diversas variáveis. Isto tem como resultado sete categorias para a análise do conteúdo dos imigrantes e cinco, para os profissionais. Todas elas foram analisadas, sendo apresentadas no capítulo seguinte. Com base em Vilelas (2020), este tipo de análise aspira descobrir os núcleos de sentido que constituem uma comunicação. Importa mencionar que a matriz de análise foi uma ferramenta orientadora para a elaboração do guião de entrevistas semiestruturadas.

4.4 Técnica de recolha e tratamento de dados

Para compreender de maneira mais profunda sobre as experiências dos migrantes, optou-se pela utilização de entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados. Este método oferece uma combinação equilibrada de perguntas abertas e fechadas, possibilitando que os entrevistados relatem suas vivências de acordo com o assunto apresentado. Por meio dessa abordagem, a pesquisadora pôde conduzir as entrevistas de maneira similar a uma conversa informal e adicionar perguntas sem desviar-se do tópico central. As entrevistas semiestruturadas revelaram-se particularmente adequadas para iluminar o significado subjacente aos comportamentos observados, especialmente em contextos culturais específicos (Vilelas, 2020) e por isso, foram consideradas adequadas.

Ao longo das entrevistas individuais, a sensibilidade foi fundamental. Reconhecer os diversos contextos geográficos, econômicos, religiosos e culturais pelos quais os entrevistados puderam transitar, adotou-se uma abordagem empática e respeitosa. Esta condição possibilitou para que os participantes se sentissem à vontade para compartilhar suas experiências de forma autêntica, promovendo uma relação de confiança e uma compreensão detalhada da vida do imigrante, de acordo com os objetivos da pesquisa (Ahsan Ullah et al., 2020).

A pesquisa sobre migração exige objetividade e confiabilidade, principalmente a partir da seleção dos entrevistados, desde que o investigador assuma uma posição imparcial. Esse paradigma produz dados confiáveis e, usualmente generalizáveis, para uma escala maior (Ahsan Ullah et al., 2020).

Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra e, quando necessário, traduzidas do inglês para o português, a fim de possibilitar análises detalhadas. A fase de codificação e análise foi aprimorada com o auxílio do software MAXQDA versão 2022, o que garantiu maior rigor no reconhecimento de padrões e significados.

i) Ética e Confidencialidade

O guião de entrevista foi desenvolvido de acordo com uma matriz de análise direcionada aos dois grupos de interesse. Antes de iniciar as entrevistas, os participantes concordaram voluntariamente em participar do estudo, ao expressar sua autodeterminação. Do ponto de vista ético, para que esta fosse preservada, todos os participantes assinaram um documento de consentimento informado. Este consentimento permitiu a gravação e transcrição das entrevistas para fins educacionais,

garantindo absoluta confidencialidade relativamente à identidade dos entrevistados e ao conteúdo discutido, como afirma Vilelas (2020). Os participantes foram plenamente informados de seu direito de encerrar a entrevista a qualquer momento que se sentissem desconfortáveis. Ademais, ficaram com o contacto da investigadora para dirimir qualquer questão adicional.

5.0 Apresentação, sistematização e discussão dos resultados

Este capítulo está focado em apresentar dados recolhidos e sistematizados de acordo com a contribuição de profissionais e, assim, analisados e discutidos. Posteriormente, o material dos imigrantes é alvo de análise e discussão, com base nos objetivos anteriormente definidos. Algumas informações a mais, presentes em cada categoria e trazidas por esta análise, podem ser conferidas na íntegra nos anexos, devido à extensão do trabalho. É importante ressaltar que os imigrantes objeto deste estudo são justamente aqueles desprovidos de condições económicas favoráveis, ao passo que os imigrantes com condições mais substanciais, isto é, com poder de compra elevado, por vezes não são considerados imigrantes sob a designação tradicional, tal como refere Nazal et al. (2018). Esta distinção pode perder importância ou relevância, como mencionado por Cortina (2022). É relevante notar que, apesar da principal população investigada constituir-se de imigrantes com limitações económicas, existe uma exceção representada por um casal que dispõe de uma situação financeira mais estável.

5.1 Profissionais

5.1.1 Integração Económica

i) Emprego

O emprego dos imigrantes na percepção dos profissionais que trabalham com esta população possuem perspectivas diferentes quando questionados em que situação de emprego este público se encontra. Uma das assistentes sociais diz que a maioria deles estão em situação de desemprego e os outros dois consideram que a maior parte esteja empregada, mas com atividades precárias. Os trabalhos precários são referidos como aqueles sem contratos, sem seguros de proteção na saúde, sem direitos e, por vezes, com salários abaixo do mínimo. Por isso, alguns optam por trabalhar em plataformas de entrega de comida e outros, devido a urgência pela subsistência como referido por Brito (2019), trabalham em troca de um lugar para dormir. Uma assistente social reforça a questão do não conhecimento da língua do país de acolhimento como uma barreira para a admissão no emprego (Gonçalves, Guimarães e Brandão, 2022).

É importante destacar que um dos entrevistados aponta a exigência de um contrato de trabalho, por parte do governo, para efetuar a regularização do imigrante no país. No entanto, entende-se que o mais plausível seria exigir o contrato somente após a obtenção do documento de regularização. Os patrões, usualmente, não querem oferecer um contrato, como uma promessa de trabalho, por exemplo, e sim, apenas usufruir da mão de obra. Esta situação também colabora para que os imigrantes se sujeitem a qualquer tipo de trabalho para sua própria subsistência.

Relativamente às áreas de atuação deste público a opinião destes profissionais é unânime. Estes trabalhadores referem que a população imigrante costuma ocupar trabalhos na construção civil, limpezas, restauração, hotéis e atendimento ao público, quando possuem competências linguísticas, tal como refere Campos e Canavezes (2007). Estas pessoas ocupam estes tipos de trabalho, mesmo que possuam altas habilitações académicas, como mencionado por uma das assistentes sociais, o que vai de encontro aos estudos de Góis (2019). *“Não diria a grande maioria, mas são mais de sessenta por cento os muito qualificados com cursos superiores, mestrados, designadamente, os que vêm de países asiáticos.” (Assistente social 2)*

Nota-se uma setorização de trabalhos ocupados por imigrantes. Trabalhos estes que as comunidades de acolhimento não querem aceitar por oferecerem baixos salários. Um dos profissionais afirma que mesmo que o imigrante e o cidadão autóctone ocupem o mesmo cargo, o imigrante terá sua categoria profissional em desvantagem (Góis, 2019) e receberá menor salário (Perista et al, 2021). Uma das assistentes sociais entrevistada acredita que os imigrantes já integrados e nacionais possuem oportunidades de salário semelhantes, por isso possuem NISS (Número de Identificação de Segurança Social) e contrato de trabalho. E a outra participante, como trabalha a dar apoio no âmbito da empregabilidade, junto de algumas entidades parceiras, não costuma lidar com casos de informalidade no campo laboral, pois como os utentes conseguem estes trabalhos por intermédio da associação da qual ela faz parte, precisam estar regularizados, com o número da segurança social, contrato e o salário, que não pode ser abaixo do mínimo. A irregularidade e impunidade dos patrões que cometem ilegalidades no trabalho, nomeadamente com imigrantes, é bastante referido pelo dirigente associativo. Ele refere que estas atitudes se dão em busca do lucro, e que Portugal possui uma cultura empresarial que está imune à impunidade. No entanto, estas situações de irregularidade por parte de quem contrata, têm autoria não só na comunidade autóctone, mas é comum serem realizadas por compatriotas dos imigrantes, explorando-os e enganando-os.

Frases reproduzidas na íntegra:

“Por um lado, há uma grande dificuldade na entrada do mercado de trabalho por causa do desconhecimento, do não domínio do português” (Assistente social 2)

“aparecem, quando aparecem, e nós procuramos muito é na restauração, a nível de copa de cozinha, assim, nos hotéis, mas mais para limpezas, não tanto para o atendimento ao público, lá está, por causa da língua, jardinagem.” (Assistente social 2)

“Eu acho que neste momento estão mais empregados do que desempregados, sim, apesar, de ser um trabalho mais precário...” (Assistente social 1)

“É o já o fenômeno da uberização. [...] As pessoas não podem estar a trabalhar, porque se inscreveram com recibos verdes e agora inscreveram-se numa plataforma qualquer e pronto, não! Isto é a precarização, por isso é que chamei de "uberização" no pior sentido, sem direitos nenhuns. (Dirigente associativo 1)

“ainda existe um pêndulo muito forte, esta cultura empresarial do tempo das cavernas. Ainda é uma cultura empresarial muito recuada, que pensa que podem fazer tudo, assim ao bel-prazer, porque Portugal é um país de impunidade que não vigia, que não controla, que não pune quem comete ilegalidades no trabalho nomeadamente os patrões.” (Dirigente associativo 1)

“Eles começam por situações muito precárias e muito aquém daquilo que é legal, muitas vezes, é muito aquém daquilo que seria nós estarmos a pensar na igualdade de oportunidades em Portugal, que não existe. Mesmo em algum setor de atividade onde existe português e imigrantes a fazer o mesmo trabalho e, muitas vezes, a categoria profissional é inferior à de um imigrante, mas está a fazer o mesmo trabalho de pedreiro, por exemplo. Ou mesmo que tenha a categoria de pedreiro, muitas vezes, não entra com o mesmo salário que o português.” (Dirigente associativo 1)

“O lucro, o maior lucro possível que faz com que os patrões optem por este caminho e depois as pessoas também já não querem trabalhar os portugueses não querem vir para o restaurante, para copa, para a cozinha ou seja para onde for, não querem vir porque o salário são miseráveis. É isso. E às vezes são os salários que definem muitas vezes quem vai trabalhar ou não.” (Dirigente associativo 1)

“Portanto esta é a exigência muitas vezes dos contratos de trabalho e não sei, sem primeiro ter o documento, deveria ser ao contrário. Primeiro dado documento e depois exigir então contrato de trabalho, porque os patrões não querem dar contrato de trabalho e a pessoa precisa muito do pão todos os dias, para se alimentar e ajudar a sua família, precisam de ganhar o seu dinheiro e depois sujeitam-se a qualquer tipo de trabalho, sem contrato, sem direitos, sem nada, qualquer salário. E é assim a vida que nós temos e é preciso alterar isto, colocar tudo do avesso, questionar tudo. É a nossa política” (Dirigente associativo 1)

ii) Condições económicas

As condições económicas desta população, segundo os profissionais entrevistados, mostra-se muito frágil. Alguns dos imigrantes pedem ajuda para conseguir um trabalho que lhes proporcione uma fonte de renda para a sua subsistência. Este grupo com quem

trabalham encontram dificuldade para encontrar empregos remunerados e quando encontram, são salários baixos para pagar todas as despesas como habitação e alimentação (Campos e Canavezes, 2007). Alguns dos imigrantes veem-se tão aflitos que aceitam trabalhos que paguem abaixo do salário mínimo, ou até mesmo que lhe dê um lugar para dormir.

Segundo uma das assistentes sociais, a expectativa inicial de alguns imigrantes era que, com o ordenado recebido em Portugal, pudessem sustentar-se a si mesmos e enviar dinheiro para seus familiares que ficaram em seus países de origem (Bobik, 2018). No entanto, a situação de fragilidade é tal que não permite tal pretensão, uma vez que com o que ganham mal conseguem se auto sustentar.

Frases reproduzidas na íntegra:

“quando vem aqui ter comigo dizem mesmo “olha eu procuro qualquer trabalho, a vida que eu tinha, a vida, o que eu fui é para esquecer” dizem mesmo isto “eu quero sobreviver”” (Assistente social 2)

“porque já tive aqui situações de pessoas que me dizem, pessoas migrantes, que me dizem “olha tive acesso a um trabalho...”, não por nosso intermédio, mas imagine “ah eu soube de um trabalho que me iam pagar quinhentos euros”, mas depois, no dia a seguir imagina, outra pessoa migrante diz que aceita trabalhar em troca de um sítio para dormir.” (Assistente social 2)

“Pronto, a grande maioria vive-me bastante mal em termos económicos e financeiros, muito mau, veem-se muito aflitos, as casas estão muito caras, os quartos igual, a comida também, os ordenados são baixos, quando trabalham, não é?” (Assistente social 2)

“A habitação está um caos e as pessoas recebem já um ordenado muito baixo que é o ordenado mínimo.” (Assistente social 1)

“E não conseguem enviar dinheiro para a família ou não conseguem se sustentar? As duas coisas. Muitos coitados nem conseguem sequer se sustentar e ter uma vida minimamente digna porque não tem dinheiro, nos primeiros anos é muito difícil.” (Assistente social 2)

5.1.2 Integração Social

i) Acesso aos direitos sociais

Relativamente ao acesso aos direitos sociais os pontos mais referidos pelos profissionais são a habitação, acesso a prestações sociais, saúde e regularização. No processo de regularização eles referem que a população imigrante tem dificuldade em conseguir se regularizar, sobretudo em fazer o agendamento, seja por telefone ou email. Uma das assistentes sociais informa que acaba por empoderar essas pessoas que precisam marcar o atendimento com o SEF, nomeadamente, quando orienta como escrever o email para este órgão regulador, uma vez que ela não consegue atender a todos que precisam dela.

“só para efetuar o agendamento não é possível, praticamente. Não atendem o telefone e demoramos mais de uma hora, duas, se atendem. Antigamente, nem sequer atendiam. Eu normalmente para não estar a perder tempo envio sempre um email, porque as pessoas não conseguem, os imigrantes já não conseguem fazer os agendamentos, os poucos que conseguem ficam muito tempo ao telefone à espera [...] porque assim também dá o empoderamento às pessoas, quando sei que têm, que o conseguem fazer através [...] do email e que não têm dificuldades em lidar com a parte da escrita. Eu ensino a fazer, eu ensino a fazer esta marcação e este agendamento.” (Assistente social 1)

Quando trata-se de apoios sociais, há uma grande preocupação com os imigrantes com poucas condições económicas de modo geral. Caso estejam irregulares não possuem qualquer apoio do Estado, mesmo que estejam em circunstâncias alarmantes. Outro pressuposto que chama a atenção são os altos custos com habitação, comida e os baixos salários, insuficientes para suprir as necessidades desta comunidade. Alguns dos imigrantes, inclusive, na falta de trabalho, precisam recorrer às prestações, como o RSI (Rendimento social de inserção), que concede cerca de 200 e poucos euros para cada um, o que igualmente não cobre todos os custos necessários. Mesmo com este tipo de apoio esta população não conseguem nem pagar por um quarto, quando conseguem estão superlotados, em condições precárias de habitabilidade.

“Pronto, a grande maioria vive bastante mal em termos económicos e financeiros, muito mau, veem-se muito aflitos, as casas estão muito caras, os quartos igual, a comida também, os ordenados são baixos, quando trabalham, não é? São trabalhadores pobres ou nem sequer têm trabalho. Pronto e alguns têm o rendimento social de inserção, que são duzentos euros, não é? também não dá para nada, enfim, passam muitas dificuldades.” (Assistente social 2)

“ Pronto, uma grande dificuldade é a questão das das pessoas que não têm ainda o título de residência, portanto, não estão ainda regulares e não tem quaisquer apoios do estado. Isso para mim é uma dificuldade gigante, porque as pessoas vivem miseravelmente”. (Assistente social 2)

Do ponto de vista da habitação, o alto custo de arrendamento impacta diretamente na forma como os imigrantes vivem e onde vivem Alguns não conseguem pagar por uma casa e precisam viver em quartos compartilhados, até mesmo junto de seus filhos. Mas as condições mostram-se cada vez mais precárias com cada vez mais pessoas a viver na rua. Um dos profissionais realça que há focos de imigrantes a viver em diferentes partes de Lisboa ou até mesmo do país, de acordo com a nacionalidade de cada um, vivem onde a condição económica permite viver. Uma das assistentes sociais entrevistadas também revela que sua colega de trabalho, que possui condições económicas para arcar com custo de habitação, teve dificuldade em conseguir um lugar para viver somente por ser imigrante e não falar português, o que vai de encontro com os estudos de Jorge e Fonseca (2011) sobre a discriminação no campo da habitação.

“[...] mesmo que recebam prestações sociais ou que tenham até trabalho, muitas vezes são pobres na mesma, porque o valor que recebe não chega para pagar nem os quartos,

nem as casas, portanto vivem em situações muito, muito más, partilham quartos, muita gente no mesmo quarto com crianças, com com zero condições ou muitos estão na rua e cada vez estão mais na rua.” (Assistente social 2)

“A habitação está num caos e as pessoas recebem já um ordenado muito baixo que é o ordenado mínimo. É o que às vezes nem chega para apagar a renda habitacional ou a empréstimo ou à prestação bancária.” (Assistente social 1)

“Há focos, depois espalhados pelo pela cidade, pelo país, mas e onde é que moram pessoal que vem da Índia ou à Ásia e da África francófona, de outros países...? também da América Latina, Colômbia, Venezuela, etc? mais no casco velho da Cidade de Lisboa, amontoados em quartos. Portanto, esta funciona aqui a habitação solidária, uns ajudam outros. Alguns tirando alguns dividendos económicos, naturalmente, mas um ajuda o outro porque não há sítio, ou então vão para a rua” (Dirigente associativo 1)

“[...] eu tenho uma colega minha aqui na Instituição 2 que o facto de ser imigrante teve para aí, sete meses ou oito à procura de casa e não conseguia, apesar de ter um contrato de trabalho e receber o mesmo que eu não conseguia. Só porque fala inglês. E não falava português e era do do Bangladexe, e é.” (Assistente social 2)

Na área da saúde, os profissionais mencionam a necessidade de médicos de família, uma questão que não engloba apenas a sociedade imigrante, mas não deixa de ser um factor que os impacta. Também referem o longo tempo de espera nos hospitais, situações de discriminação e inclusive, o não atendimento à pessoas imigrantes. A saúde de acordo com a lei Lei n.º 95/2019, de 04 de Setembro é um direito de todos, tal como indicado pelo dirigente associativo entrevistado. No entanto, este profissional chama a atenção para quando este direito não é respeitado ou pensado nos imigrantes. É comum que os imigrantes tenham que pagar no âmbito da saúde, no entanto na maioria das vezes não conseguem pagar. Por isso, por vezes não buscam os serviços porque não possuem condições económicas e não são tratados como cidadãos autóctones. Este mesmo profissional chama a atenção para o atendimento com imigrantes oferecido por funcionários da saúde:

“No caso de uma mulher paquistanesa, acho eu, sim, ela não sabia falar português, ela estava grávida, ela foi ao centro de saúde. Ela estava grávida e ainda não tinha documentos, estava assustada, natural. Não tem documentos, não é? O que é que irá acontecer? Foi ao centro de saúde. Chegou ao centro de saúde, começou a falar em inglês e eles não perceberam nada, nem quiseram, nem fizeram esforços para perceber e começaram a ralar e “ah você não fala português tem que falar...” começaram assim com esse palavreado, digamos assim, e a senhora ficou assustada e foi para casa e nunca mais foi ao centro de saúde, já tinha medo. Não atendiam e tinha medo, de como estavam a falar, quase que estava a ameaçar, a pessoa não entendeu e ficou ainda com medo, porque ainda nem sequer estava regularizada neste país. Então o bebé nasceu morto, por falta de assistência.” (Dirigente associativo 1)

Frases reproduzidas na íntegra:

“Em termos de saúde não há médico de família e há muita gente à espera, como também há portugueses, com a pandemia também houve uma grande... um grande esforço por parte das entidades de saúde e as respostas nem sempre são céleres, não é? A verdade também é essa.” (Assistente social 2)

“Há maior dificuldade para as que chegam ao país. Em primeiro lugar, os que chegam, os recém-chegados, muitos ainda estão à espera da sua regularização e a questão do direito à saúde é um direito fundamental, não devia ser negado independentemente da situação jurídica do cidadão em território nacional. Saúde não devia ser negada, as pessoas deveriam ter direito à saúde.” (Dirigente associativo 1)

“A saúde não devia ser negada, as pessoas deveriam ter direito à saúde. As pessoas muitas vezes vão e o governo diz assim “tem então, eles têm, vão lá” Têm, mas vão pagar quanto? E o dinheiro tem? Eles não vão, porque não têm esse dinheiro, portanto, não estão a ser tratados em igualdade que outros cidadãos, sejam portugueses ou residentes há mais tempo. Não estão, não têm médico de família é complicado. Portanto, passam horas e horas a dormir aí em frente aos postos de saúde sem serem atendidos.” (Dirigente associativo 1)

ii) Relações sociais

As duas assistentes sociais reportam que há o desejo dos imigrantes em integrar-se com a sociedade de acolhimento. Uma delas fala especificamente sobre o desejo de alguns deles em fazer o reagrupamento familiar e a satisfação em ver os filhos com amigos na escola. A outra já menciona o interesse mútuo no relacionamento entre comunidades. Paralelamente, o dirigente associativo tem um ponto de vista diferente, não vê um entrosamento entre pessoas de nacionalidades diferentes. Efetivamente os veem isolados com pessoas da mesma nacionalidade, inclusive, segregados geograficamente em diferentes pontos da cidade, consoante a sua nacionalidade. Adicionalmente, acredita que não os imigrantes não são obrigados a integrar-se com a comunidade de acolhimento, apenas a se respeitarem, mesma ideia defendida pelo multiculturalismo (Gonçalves e Silva, 2003).

Uma das entrevistadas compreende que o trabalho é um dos meios essenciais para a inclusão social da comunidade imigrante em Portugal, assim como argumenta Brito (2019). No entanto, neste mesmo domínio, quando um candidato imigrante disputa uma vaga de emprego, com os mesmos conhecimentos que um cidadão autóctone, sai em desvantagem por falta de conhecimento da língua de acolhimento, tal como menciona (Gonçalves, Guimarães e Brandão, 2022).

Os profissionais quando questionados relativamente a facilidade da relação entre a comunidade imigrante recém-chegada e a comunidade nacional, há uma convergência de opiniões. Uma das entrevistadas diz que há facilidade, mas com algumas exceções. A outra relativiza e diz que depende, pois, cada caso é um caso. Enquanto o outro profissional, evidencia a origem destes imigrantes como fator determinante para o estabelecimento de relações e o conhecimento da língua portuguesa.

Um assunto bastante abordado por estes trabalhadores são os atendimentos oferecidos nos serviços públicos à imigrantes. Profissionais e funcionários principalmente no

âmbito da saúde, segundo eles, se negam a atender pessoas imigrantes por falta de documento ou domínio do português, praticam atos discriminatórios, com juízos de valor atribuídos e por isso, são prejudicados. Às vezes, a população imigrante é lesada de maneiras irreparáveis, como o caso exemplificado pelo dirigente associativo, de uma paquistanesa grávida que estava irregular no país e teve seu atendimento negado e posteriormente, seu bebê quando nasceu, já estava em óbito.

Outro caso mencionado por um dos profissionais, que chamou atenção foram as notícias transmitidas na televisão sobre os condutores de TVDE, nomeadamente aqueles de origem imigrante. Estas campanhas depreciavam, estereotipavam e reforçavam o racismo e a xenofobia, segundo ele. Estavam a tratar com normalidade a discriminação que estas pessoas estavam a passar, sem qualquer defesa do Estado ou da CICDR. Uma questão que pode ter grande impacto para perpetuar comportamento xenófobos e racistas, em vista da influência deste meio de comunicação, capaz de contribuir para formação de opiniões (Carlos et al., 2017).

“Não se tomou nenhuma medida em relação à campanha que se fez na televisão, alguns canais da televisão estarem a mostrar entrevistas com cidadãos portugueses, esses do TVDE das plataformas dos Ubers para transportar as pessoas, esses do TVDE " Compram carta", "Um paquistanês tentou violar", ou não sei o que "eles vem daquela zona da indo Ásia"... campanha racista e xenófoba. Não houve ninguém do Estado que pusesse ponto final a isto. Vieram do estado a Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR), não se manifestou, mas é aquela campanha... O conselheiro que estava lá da Índia era, sim, é verdade. Estão a pôr em causa a honestidade das pessoas conduzem TVDE, que não são portuguesas, são da Indo ásia e não só.” (Dirigente associativo 1)

Frases reproduzidas na íntegra:

“a maior parte dos migrantes que eu atendo e que têm família e cá já ou que não e que pensam trazer reagrupamento familiar as pessoas que ficaram, as mulheres ou maridos e filhos, há muita vontade de ficar e muitos dos filhotes que já cá estão estão a estudar na escola, e, portanto, e os pais muitas vezes dizem "estou contente porque já têm amigos”” (Assistente social 2)

“(...) eles não são obrigados a coisa nenhuma. Ok, respeitam-se os seus valores, respeitam aquilo que existe, mas não somos obrigados a nos inserirmos ou integrarmos na sociedade. Podemos até viver à parte a nossa vidinha e prontos é bom para o seu lado, naturalmente, tu não vês muitos portugueses a conviverem aqui, por exemplo, na cidade de Lisboa por exemplo, com muçulmanos, não é? Claro que não. Não vês, nem eu vejo. Vejo muito os indianos na martiz da pátria vão lá fazer os seus piqueniques e tal, são eles não vejo lá que portugueses.” (Dirigente associativo 1)

“Depois a questão da empregabilidade, não é? Para mim é um, é um veículo para uma inclusão realmente efetiva, porque se a pessoa não tiver trabalho estará sempre excluída da sociedade, não é?” (Assistente social 2)

“Se tiver um português e se estiver uma pessoa migrante, quase que garante que vão para a pessoa que fala português, em exclusão da pessoa que é migrante ou em termos de mercado de trabalho igual, em vez de darem oportunidade à pessoa para terem

acesso à uma oferta de trabalho em pé de igualdade com uma portuguesa, por exemplo, se o outro imigrante não domina o português, automaticamente, excluído, automaticamente.” (Assistente social 2)

“é designadamente a nível de serviços públicos que eu sinto porque já vi, já presenciei e sei porque as pessoas não falam português e têm que saber falar, porque tem muito a ver com isso é porque já, ouvi... tem médicos a dizer: "isso é porque você está assim porque quando toma muitos óleos ou porque usa muitos óleos" há logo um conjunto de juízos de valor e mesmo discriminação faz relativamente às pessoas migrantes, a nível dos serviços públicos que eu sinto que tem que haver uma reformulação urgente e importante e tem que ser dada formação às pessoas que estão a atender seja a pessoa que está no PBX ou que está numa secretaria até ao médico ou enfermeiro, ou enfim, para mim tem que haver.” (Assistente social 2)

“(...) considera que há facilidade no estabelecimento de relações? (Investigadora)

T: Depende das nacionalidades, muitas vezes, há nacionalidades que mais ou menos, de uma forma mais ou menos conseguem-se interagir com a sociedade de acolhimento, interagir, não estou a dizer integrar-se. Não sou apologista desta palavra integrar, mas pode ser podem se inserir na sociedade com as suas diferenças respeitando-os, respeitando as diferenças que vem dos outros, com respeito mútuo. Mas consegues inserir e articular e interagir com o país acolhimento. Há comunidades que têm essa vantagem, essencialmente, os países de língua oficial portuguesa. Fator de língua é um fator fundamental para as pessoas terem boas relações de vizinhança (...)” (Dirigente associativo 1)

5.1.3 Integração cultural

Quando o tema é integração cultural, os profissionais apontam a interação e a diferença cultural como um fator benéfico. Uma das assistentes sociais destaca a necessidade de haver o interesse de ambas as comunidades culturais, com uma abertura quer da comunidade de acolhimento, como da comunidade nacional, para que haja uma melhor interação, bem como menciona Alsina (1997). Os outros dois entrevistados valorizam a diferença cultural que pode ser facilitadora para a integração de imigrantes, considerando que haja uma interação intercultural e posteriormente, o enriquecimento de conhecimentos proveniente da relação entre pessoas de diferentes culturas (Bracons, 2020). Um destes trabalhadores também destaca que esta troca de conhecimento pode evoluir para um processo de luta pelos seus direitos e dignidade.

“cada um tem a sua cultura, eu acho que deve haver uma abertura de ambas as partes, quer da da comunidade de acolhimento, quer dos imigrantes que chegam aqui país também ter a sua sensibilidade de saber entrar e ao mesmo tempo ao mesmo tempo a comunidade que a acolhe saber aceitar as diferenças principalmente as diferenças culturais.” (Assistente social 1)

“E começaram a misturar-se. Às culturas é assim. Quanto mais mistura mais se valoriza. Mais valor tem e é isso que nós queremos ter esta ação e o transporte das culturas e saberes e conhecimentos que as pessoas trazem que seja efetivamente, que façam parte de um processo também de luta pelos seus direitos e pela sua dignidade.” (Dirigente associativo 1)

Relativamente às iniciativas que estes profissionais promovem nas instituições que trabalham para haver maior respeito e interação entre diferentes culturas, possuem abordagens parecidas, mas com algumas distinções.

No caso da assistente social 1, ela realiza um projeto denominado “As Marias”, que é uma iniciativa criada por esta profissional e que reúne mulheres de diferentes origens que, semanalmente, se juntam para dançar, cantar, participar em passeios e visitas culturais, partilhar aspetos das suas culturas, nomeadamente, ao nível das tradições familiares e culinárias; atualmente encontram-se a preparar uma dança intercultural para apresentarem num evento em que estará presente a Secretária de Estado para a Interculturalidade e Migrações.

“(...) aqui um projeto que se chama “As Marias” que é um projeto multicultural que já temos seis naturalidades diferentes. (...) É uma dança intercultural isso sim, que engloba Portugal, Cabo Verde e Guiné está aí uma senhora que vem lhes dar esta aula porque vamos receber no dia dezanove de julho a senhora secretária do Estado para interculturalidade e migrações nesse dia então estamos a preparar tudo um evento para dar as boas-vindas com uma dança intercultural.” (Assistente social 1)

A assistente social 2 faz um evento em junho em que reúne pessoas de diversas culturas, a realizar uma festa. Neste evento, intitulado por ela como arraial, entende-se que há diversas mercadorias e alimentos de diversas culturas, o que contribui para que a instituição igualmente angarie fundos. Além disso, há momentos de reflexão e debates com convidados importantes, como a presença de políticos a discutir sobre assuntos cruciais na vida dos imigrantes, como o tema da habitação, discriminação e outros.

“(...) temos muitos projetos, temos o arraial que fazemos em junho, mas já terminou este ano, é uma forma de (...) comemorar as várias as várias culturas (...) por ser uma celebração mais sobre as várias culturas, tivemos debates temáticos também nos dias do arraial, portanto, começávamos mais cedo tivemos sobre discriminação, tivemos sobre habitação e entre outras tivemos. Sempre convidados, políticos etc. Nós também em termos de estratégia trabalhamos também muito em rede, em conjunto tentamos trabalhar também com os poderes políticos, as juntas de freguesia, a Câmara Municipal, para além das outras entidades do terceiro setor e é isso.” (Assistente social 2)

O dirigente associativo menciona um evento, que realizaram durante dez anos, mas após a pandemia deixaram de fazer, que era o festival imigrar-te. Este evento era autónomo e reunia pessoas imigrantes de diferentes associações de todo país, com variadas idades para mostrar a sua cultura em um palco. Este festival, estava inserido na luta pelo direito dos imigrantes, uma vez que segundo este profissional, a cultura poderia ser promotora de resgate de direitos. O objetivo não era apenas mostrar a perspectiva folclórica de uma cultura, mas também a sua história.

“Cultura é uma ferramenta na minha opinião. É uma ferramenta que pode transmitir valores e valores, que fazem parte, muitas vezes, num processo de resgate de direitos. Porque nós, por exemplo, eu vou-te dar um exemplo, eu não gosto da palavra da integração, prefiro inserção, interação com sociedade de acolhimento, mas nós durante dez anos consecutivos, há coisa de quatro anos quando veio a pandemia deixamos de fazer. Mas há dez anos consecutivos todos os anos vínhamos fazendo o festival imigrante, interessante era autónomo, era alternativo, não era das Câmaras de Lisboa, nem as festas da Cidade Lisboa. Era um dos imigrantes, era da nossa associação, mais vinte e cinco que juntávamos para nos ajudar a organizar isto. (...) participavam gente que nunca pisou num palco e que se sentia importante e era importante que as pessoas se sentissem, importante que lhes dessem essa possibilidade de eles mostrarem a sua cultura e a sua arte. Mas num festival que estava enquadrado numa luta pelos direitos dos imigrantes. Não era um festival para mostrar música sob o ponto de vista folclórico. “Ah, a música é boa, o forró é fixe e tal.” É fixe, mas tudo bem, forró para quê? Para divertir os portugueses? para eles gostarem muito? nós temos nós temos que explicar o que é isto e a capoeira de onde é que veio, a escravatura o que é que fazia a escravatura” (Dirigente associativo 1)

5.1.4 Discriminação

i) Principais dificuldades

Todos os profissionais entrevistados falam bem das leis enquanto teoria, no entanto, observam problemas na sua execução. Um destes trabalhadores é bastante categórico ao dizer que os executores das leis são xenófobos e racistas. Ademais, ele sugere que ao invés dos imigrantes receberem o estatuto de irregulares, é o Estado o autor de ilegalidades com os imigrantes, isto porque, o Estado é o responsável pela morosidade dos processos de regularização destas pessoas, em linha com os estudos de Costa (2019).

“(...) as leis, muitas vezes, são muito bonitas, pois vamos ver a prática. Na prática é que são elas, muitas vezes, os executores, digamos assim, das políticas, na prática, muitas vezes são... é gente que não gosta da imigração, é gente xenófoba, é gente um pouco racista, é gente que não quer e muitas vezes não aplica. E mais, você perguntou a ainda agora, quanto tempo demoras os processos? Não só para pedir um documento, ou pedir um regulamento familiar, 2, 3 anos, às vezes mais. Pois é. E o código do processo administrativo, que é uma lei portuguesa, que regula o funcionalismo público, a relações entre o estado e o cidadão, às normas, as regras, a lei Diz assim" O estado tem 3 meses, 3 meses, não é 3 anos para responder um pedido que tu faças ao estado" Então, onde é que está a ilegalidade? o cumprimento da lei vem do próprio estado.” (Dirigente associativo 1)

Uma vez mais é referida a discriminação com imigrantes em serviços públicos. O dirigente associativo fala sobre questões de racismo no atendimento em serviços públicos, que podem ser mais ou menos demorado, consoante a cor da sua pele, isso, se este atendimento acontecer. No entanto, uma das assistentes sociais fala sobre uma outra perspetiva, a qual o próprio Estado é discriminatório com os imigrantes, uma vez que, estes não ocupam trabalhos nos serviços públicos, assim como afirma, Góis (2019). Este facto, talvez possa explicar o porque a maioria das queixas de discriminação sejam neste âmbito, uma vez que há interação cultural no contexto de trabalho.

“(...) quando as pessoas vão a uma repartição pública qualquer e muitas vezes olham para a gente do lado, porque não é branca, é complicado e, muitas vezes, não respondem da mesma forma, como respondem a outra. É complicado e, muitas vezes, não resolvem com o mesmo tempo, com a mesma celeridade, que resolvem outros. É complicado. Muitas vezes, quando vão ao centro de saúde e não querem atender. É complicado. Portanto, Essa discriminação é, essencialmente, institucional. Portanto, transforma este país num país efetivamente de branco com costumes mais racista.” (Dirigente associativo 1)

“Infelizmente como eu estava a dizer há bocadinho onde eu sinto ainda mais, em termos de dos serviços públicos. (...) ainda há discriminação... custa muito ver quando o Estado deveria dar o exemplo. Depois em termos de empregabilidade o próprio Estado também devia empregar pessoas migrantes e aí também não se verifica, há muitas funções que é só para cidadãos portugueses nacionais, pronto e que pessoas estrangeiras estão impedidas de participar ou candidatar-se. Também para mim, o Estado devia dar o exemplo mais uma vez, não é?” (Assistente social 2)

Um elemento referido pelo dirigente associativo é o facto de a central sindical portuguesa não lutar contra as ilegalidades que acontecem com os imigrantes que trabalham em Portugal. Estes sindicatos também deveriam lutar contra a discriminação que estas pessoas sofrem, que os leva a trabalharem em condições menos favoráveis, com menor salário e outras condições condizentes com o princípio da luta da causa trabalhista. Eles também não são trabalhadores? O que os diferencia dos cidadãos nacionais?

“Como é que é possível um sindicato, a grande central sindical portuguesa não a lutar contra essa discriminação, porque somos todos trabalhadores, independentemente do país de origem. Portanto, temos de ser tratados de uma forma igual, salário igual, trabalho igual, não deveria ser preciso lutar por esses princípios e...” (Dirigente associativo 1)

ii) Acolhimento consoante a origem

Os profissionais quando questionados se observam se os nacionais acolhem imigrantes de forma diferente, consoante a sua origem tiveram diferentes respostas.

A assistente social 1 afirma que há muitas pessoas boas no país que acolhem bem os imigrantes, mas por outro lado também há aqueles que não recebem bem aqueles que vêm de fora, mas de maneira velada. A assistente social 2, preferiu não responder como profissional e em vista do que observa como cidadã acredita que há uma receção diferente com pessoas de países africanos, do que talvez outros países da Europa. O dirigente associativo aborda como foi o acolhimento de refugiados ucranianos (pessoas de pele branca) e o empenho do SEF em atendê-los, inclusive fora de dias de serviço para ampará-los, enquanto imigrantes de outras origens como provenientes da África e

Ásia permaneceram à espera por anos pela sua regularização, bem como refere Ferrugem (2022), uma comoção seletiva.

“Eu não gosto de falar de uma forma geral porque eu conheço muito bons muito bons e boas pessoas portuguesas que não ligam nenhuma a essas diferentes ou que venham mais, mas também pode ser que há outras pessoas que têm esse dizemos preconceito que, às vezes, muitas vezes, está um bocadinho escondido.” (Assistente social 1)

“o que eu vejo é com uma cidadã portuguesa de senso comum, o que sinto que, às vezes, existe sim, principalmente, até mais se calhar relativamente à pessoa de país africano, mas pronto. Também cada caso é um caso, sim haverá também com certeza, mas como trabalhadora nesta área...eu não aqui não recebo cidadãos de de países da União Europeia, não atendo, mas sim de uma maneira geral sinto que haverá, por exemplo, relativamente a países africanos ou até ou até vem mudando de outras nacionalidades poderá haver maior discriminação do que do que por exemplo para outros da Europa.” (Assistente social 2)

“africano, árabes ou da indo Ásia, comparados com outros cidadãos de pele clara, Ucrânia, por exemplo. A gente viu o que se passou com o processo da Ucrânia, não é? É um país de proximidade, de cor branca, então vamos lá, rapidamente, até o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras fez horas voluntárias aos sábados para resolver problemas deles. E havia muitos imigrantes, isto não é só... [imperceptível]. É claro isto, havia processo de imigrantes, África, Ásia e por aí afora, que estava a espera a 3 anos e não se lembraram de dizer assim" vamos fazer trabalho voluntários em um sábado ou dois para este pessoal, que está sofrendo muito, há 3 anos à espera". Mas acabaram de chegar os ucranianos fizeram logo trabalho voluntário ao sábado para tratar dos documentos. Por que será? Quem diz ucraniano diz também algumas outras nacionalidades que são mais, digamos assim, mais aceitáveis do que outros.” (Dirigente associativo 1)

iii) Aporofobia com imigrantes

A aporofobia, assim como já foi mencionado pelo estudo, embasado pelos conhecimentos de Cortina (2022) é definida de forma resumida como a aversão a pessoas pobres. Neste caso, consoante aos objetivos do estudo, pretende-se verificar a aversão a pessoas pobres que também sejam imigrantes. Por isso, serão consideradas atitudes aporófobas a discriminação com pessoas provenientes de países subdesenvolvidos que apresentarem poucas condições económicas de acordo com o depoimento dos profissionais entrevistados. Importa referir que o termo, antes do estudo era desconhecido para estes trabalhadores.

A aporofobia ocorre em diferentes esferas da vida destes imigrantes segundo estes profissionais. A começar pelo entrave criado por senhorios que não querem arrendar suas habitações para imigrantes, que recebem um ordenado mínimo e por isso, cobram diversas rendas com adiantamento. No âmbito do trabalho, mesmo que a população imigrante exerça a mesma função que um cidadão nacional, possui a sua categoria profissional desvalorizada e com um menor salário. No campo da saúde, a população

imigrante precisa pagar por taxas moderadoras as quais não sabem o valor previamente, não possuem médico de família, são discriminados por funcionários, além de passarem horas à espera de serem atendidos.

Frases reproduzidas na íntegra:

“Ou se a pessoa tem dinheiro, recebe o ordenado mínimo e tenta arrendar uma casa, se lhe pedem cinco, seis rendas de adiantado. Claro que nunca vão conseguir. Portanto é logo uma forma de excluir a pessoa porque pensa” ah é imigrante, se calhar, tem uma situação estável em termos de mercado de trabalho” e não vão, não vão arrendar a casa a essa pessoa.” (Assistente social 2)

“Eles começam por situações muito precárias e muito aquém daquilo que é legal, muitas vezes, é muito aquém daquilo que seria nós estarmos a pensar na igualdade de oportunidades em Portugal, que não existe. Mesmo em algum setor de atividade onde existe português e imigrantes a fazer o mesmo trabalho e, muitas vezes, a categoria profissional é inferior à de um imigrante, mas está a fazer o mesmo trabalho de pedreiro, por exemplo. Ou mesmo que tenha a categoria de pedreiro, muitas vezes, não entra com o mesmo salário que o português. Portanto há sempre discriminação não tenhamos ilusões nenhuma.” (Dirigente associativo 1)

“As pessoas muitas vezes vão e o governo diz assim “tem então, eles têm, vão lá” Têm, mas vão pagar quanto? E o dinheiro tem? Eles não vão, porque não têm esse dinheiro, portanto, não estão a ser tratados em igualdade que outros cidadãos, sejam portugueses ou residentes há mais tempo. Não estão, não têm médico de família é complicado. Portanto, passam horas e horas a dormir aí em frente aos postos de saúde sem serem atendidos.” (Dirigente associativo 1)

Os imigrantes já foram expostos nos média a respeito do serviço que alguns deles prestam, essencialmente, para plataformas de transporte de pessoas ou comida, conhecidos como TVDE. Nessa reportagem foram julgados, estereotipados e depreciados com discursos xenófobos e racistas, em que a honestidade e a regularização destas pessoas foram questionadas.

“Não se tomou nenhuma medida em relação à campanha que se fez na televisão, alguns canais da televisão estarem a mostrar entrevistas com cidadãos portugueses, esses do TVDE das plataformas dos Ubers para transportar as pessoas, esses do TVDE “ Compram carta”, “Um paquistanês tentou violar”, ou não sei o que “eles vem daquela zona da indo Ásia”... campanha racista e xenófoba. Não houve ninguém do Estado que pusesse ponto final a isto. Vieram do estado a Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR), não se manifestou, mas é aquela campanha... O conselheiro que estava lá da Índia era, sim, é verdade. Estão a pôr em causa a honestidade das pessoas conduzem TVDE, que não são portugueses, são da Indo ásia e não só. Então, pôr em causa a documentação deles, quase a quer dizer quem é falsa, porque eles compram as licenças da TVDE, estão a pôr em causa tudo. Então, pelo negativo, tudo. E saíram nas televisões, essas entrevistas e não vi nenhuma reação por parte que quem de direito deveria combater isto... Portugal devia ter efetivamente um cartão de visita totalmente diferente, um país acolhedor, um país que respeita os outros, um país recebe, um país que dê direitos a quem tem que ter direito, mas não.” (Dirigente associativo 1)

Outra situação de aporofobia com imigrantes é a comoção seletiva, como menciona Ferrugem (2022), também referida por um dos profissionais. Notórios foram os esforços

do SEF para apoiar os refugiados da Ucrânia. Por outro lado, não foi possível perceber o mesmo cuidado com outros imigrantes que estavam no país à espera da regularização. Estes imigrantes que aguardam a regularização do SEF, por vezes esperam cerca de três anos para que isto aconteça, embora essa morosidade possa ser responsável por diversas vulnerabilidades, assim como afirma Costa (2019).

“Mas africano, árabes ou da indo Ásia, comparados com outros cidadãos de pele clara, Ucrânia, por exemplo. A gente viu o que se passou com o processo da Ucrânia, não é? É um país de proximidade, de cor branca, então vamos lá, rapidamente, até o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras fez horas voluntárias aos sábados para resolver problemas deles. E havia muitos imigrantes, isto não é só...[imperceptível]. É claro isto, havia processo de imigrantes, África, Ásia e por aí a fora, que estava a espera a 3 anos e não se lembraram de dizer assim" vamos fazer trabalho voluntários em um sábado ou dois para este pessoal, que está sofrendo muito, há 3 anos à espera". Mas acabaram de chegar os ucranianos fizeram logo trabalho voluntário ao sábado para tratar dos documentos. por que será? Quem diz ucraniano diz também algumas outras nacionalidades que são mais, digamos assim, mais aceitáveis do que outros.” (Dirigente associativo 1).

Adicionalmente, o dirigente associativo também relata um cenário, em que um dos imigrantes que de origem guineense que busca apoio da associação, foi levado à esquadra injustamente por roubar um telemóvel. O jovem estava assustado com a situação e sem perceber porque havia sido acusado, se só estava a passar na rua. Não houve investigação, assim como, o jovem também foi desacreditado. Segundo o profissional, por uma questão racista foi tido como culpado, por isso, iria ter que ir ao tribunal para tratar desta situação.

“(...) um jovem veio aqui da Guiné-Bissau. Ele disse assim" a polícia agarrou-me a mim, levou-me à esquadra e agora tenho que ir ao tribunal amanhã" e então, mas por quê? Está a dizer que fui eu que tirei o telemóvel de outra pessoa que passou na rua, " mas como eu não tirei o telemóvel, meu telemóvel está aqui. Eles ficaram com o meu telemóvel a dizer que este é roubado dela", uma pessoa qualquer. Depois virou para o rapaz jovem que estava a passar ali ao lado, que é o nosso sócio, que veio aqui queixar-se também " é preto? foi ele, ponto final" a polícia não quis saber, não investigou, não, não, não acreditou na palavra do jovem. Então fez um processo contra a jovem. E o jovem ficou assustado com tudo isso disto e há N casos nos bairros e por aí fora.” (Dirigente associativo 1)

5.1.5 Ação profissional

i)Pratica profissional diante da discriminação

No cotidiano da prática profissional dos entrevistados eles demonstraram diferentes preocupações. Uma delas, destaca a importância do assistente social estar informado sobre a realidade do território, das leis e políticas para melhor intervir, tal como menciona Bracons e da Mata (2015). A outra assistente social ressalta a competência intercultural, em que há o respeito, o diálogo e o conhecimento entre culturas (Bracons, 2020), além da escuta ativa e a relação de confiança estabelecida com o utente (APSS,

2018). O outro profissional fala sobre a importância em inserir os imigrantes na comunidade de acolhimento como um todo. Entende-se que ele se refere à representatividade e à busca dos imigrantes por direitos como cidadãos, sem a necessidade de se esconderem. Sugere o empowerment e a autodeterminação (APSS, 2018).

“Temos que conhecer bem a realidade que é o que eu tento fazer, conhecer bem aqui este território, tentar ver quais são as necessidades e as potencialidades das pessoas ou dos indivíduos que aqui residem e também estar por dentro do que é que diz a lei da imigração, o que é que diz a segurança social, o que é que diz o centro de emprego o que é que está legislado em Portugal para podermos melhor atuar perante aqueles que nos procuram.” (Assistente social 1)

“eu acho que é muito importante estabelecer uma relação de confiança, não é? Entre mim e a pessoa que eu estou a atender. Pronto. Se isso não existir acho que não vale a pena. depois a questão da estratégia há bocadinho de ouvir bem o que é que a pessoa tem a dizer para poder responder o mais próximo possível à intenção da pessoa quando me procura, não é? quando nos procura. Depois a questão da informação, comunicação que eu acho que é importantíssima, eu dizer "olha estes serviços funcionam desta forma, aqueles funcionam de outra, falar até sobre a cultura portuguesa e também e também ouvir sobre a cultura das pessoas, não é?” (Assistente social 2)

“(…) queremos que os imigrantes exerçam esta cidadania e participem mais e se mostrem mais e que deem a conhecer-se mais e que apareçam na rua e que deem visibilidade e que deem a cara e que não, e que não, e que não tem que não tenham medo de dar a cara e não optem só pelo anonimato. Deem a cara pelos seus direitos, que lutem mais.” (Dirigente associativo 1)

Acerca da discriminação esta pode ser velada ou evidente. Os profissionais desta pesquisa quando questionados sobre a atitude que têm quando estão diante de ambas as situações tiveram respostas similares quando trata-se da discriminação velada. Estes trabalhadores, quando deparam-se com discriminações mais sutis, buscam conversar com os autores e passam a ter um papel sociopedagógico, o que poderia ser considerado uma intervenção psicossocial (APSS, 2018). Este trabalho contribui para que quem cometeu o ato discriminatório possa refletir sobre o que fez.

“Nestas veladas, eu vejo que vale a pena, eu geralmente mostro, mas posso mostrar de uma forma mais simpática ou menos simpática. Pronto. De forma simpática é tentar mostrar à outra pessoa que não faz sentido o que está a fazer, que muitas vezes, até digo “esta pessoa que é médica” e eles ficam assim a olhar para mim... “é médico?” eu digo” sim, essa pessoa é ginecologista ou isto ou aquilo ou é engenheiro” porque logo ali é como se caíssem as defesas do outro, não é? Um bocado ficam assim pé atrás pensam “ah pronto”.” (Assistente social 2)

“Eu intervenho logo de uma forma educada também, claro, não é? Demonstrando a minha indignação e tem que haver respeito pelas pessoas. Ao atravessar a passadeira também ajudo qualquer pessoa a atravessar. Para mim está tudo bem com qualquer tipo de pessoa. Não é igual e quando vejo que não está bem que há ali algum sinal de preconceito eu tento sempre intervir de uma forma que do outro lado sai quase sempre um bocadinho de desculpas.” (Assistente social 1)

Em circunstâncias mais explícitas de discriminação, dois dos profissionais usualmente fazem queixas formais, recorrem a livros de reclamações ou fazem denúncias ao concelho das migrações, por exemplo. Um deles, o dirigente associativo, inclusive, utiliza de outra estratégia para evitar que situações de discriminação se repitam, como no âmbito da saúde. Este profissional na associação em que trabalha providenciou uma circular a dizer que todas as mulheres grávidas em qualquer que fosse sua situação de regularização no país tinham direito à saúde. Inclusive à saúde gratuita. Esta circular era apresentada pelas gestantes sempre que solicitavam atendimento. A outra assistente social, orienta as vítimas a fazerem as denúncias no CICDR.

“Ou já assisti a situações mesmo graves até por profissionais e, como disse há bocadinho, digo mesmo que não não posso admitir na minha presença que haja uma circunstância dessa, faço queixa às utilizando usando o livro de reclamações ou... não deixo de fazer se eu sentir que é mesmo, que é mesmo necessário fazê-lo. Senão tendo um bocadinho de uma forma pedagógica tentar mostrar à outra pessoa que não está a ser, a agir de uma forma correta.” (Assistente social 2)

“Devemos dizer a própria pessoa a vítima para apresentar queixas, principalmente, perante no Alto Comissariado para as Migrações, no gabinete (CICDR) Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial mostrar, fazer, perceber a pessoa dos seus direitos e deveres e principalmente se for necessário a apresentação de queixas contra a outra pessoa, isso não há dúvidas.” (Assistente social 1)

“nós conversávamos fizemos uma, uma coisa para uma circular, digamos assim, uma nota para dar às mulheres grávidas quando iam ao centro de saúde para à priori mostravam logo aquilo, a dizer que tem direito, a circular tal, tem direito assistência médica gratuita para toda a gente independentemente da situação jurídica.” (Dirigente associativo 1)

“(...) quando a efetivamente discriminação que é notada como esta das televisões da TVDE, eu próprio denunciei isto no Concelho das Migrações. Portanto, Nós denunciámos imediatamente através dos meios que temos ao dispor, para que isto acabe, para que se tome medidas.” (Dirigente associativo 1)

ii) Desafios da Aporofobia

Os desafios da aporofobia segundo os profissionais entrevistados relaciona-se com a dificuldade de regularização destas pessoas, que as coloca em condições de vulnerabilidade. Além disso, quando estão em busca de trabalho, por serem imigrantes pobres, são julgados pela aparência e, principalmente, pelas roupas que vestem.

“Pronto uma grande dificuldade é a questão das pessoas que não têm ainda o título de residência, portanto, não estão ainda regulares e não tem quaisquer apoios do estado. Isso para mim é uma dificuldade gigante, porque as pessoas vivem miseravelmente.” (Assistente social 2)

“se quer que lhe diga, todos os dias acontecem estes comportamentos, todos os dias. Se não aqui, pessoas a dizer que não quiseram aceitar na empresa (A) que nós encaminhamos para emprego, por exemplo, não, porque, naturalmente, olharam para eles e disseram" Este cara é um desgraçado". Um desgraçado neste sentido, devido a sua condição é uma pessoa, que evidentemente está à procura do primeiro ou segundo

emprego, que é Imigrante e naturalmente, é pobre, naturalmente é pobre. Então por isso, não são bem aceitos, muitas vezes, são mais aceitos pela aparência que tem. Mas muitas vezes quando não aparentam ser pessoas que não levam bom fato, uma camisola, uma camisa ou uma t-shirt de marca, não sei, de nome, a essa aparência afasta em relação a muitos empregos.” (Dirigente associativo 1)

5.2 Imigrantes

Importa referir que, para fins de melhor apresentação de resultados, optou-se por colocar as iniciais dos entrevistados de acordo com as variantes dos seus países de origem.

5.2.1 Trajetória Migratória

As motivações para migrar, referidas pelos entrevistados, estão relacionadas ao reagrupamento familiar, propostas de trabalho atrativas e instabilidade política do país de origem. Neste último caso, segundo Ferrugem, (2022) trata-se de imigrantes oriundos da Rússia, que, neste momento, estão a enfrentar uma guerra contra a Ucrânia. As condições de vida no país de origem constituem um outro indicativo para a migração. Quando as condições de vida são ruins em um determinado lugar, a migração torna-se uma alternativa em busca de melhor qualidade de vida. A questão da educação também é referida por alguns dos entrevistados, que anseiam por uma educação de qualidade para si ou para os filhos. Portugal foi escolhido como destino não só por oferecer uma boa educação, mas por ser um país europeu com um clima mais quente, sem invernos tão rigorosos. A segurança é outro fator importante considerado por aqueles que migram. Aberto a migrações e, portanto, com facilidades de regularização, Portugal foi escolhido por uma das participantes (proveniente de um país lusófono) em razão da maior facilidade de comunicação decorrente da língua.

Frases reproduzidas na íntegra:

“A instabilidade, e a situação política do nosso país, também nos fez vir.” (P07, Rússia)

“Sim, vim seguir a família. A família é o tinha ficado sozinho aí na Terra. Condições não estava a permitir [...] O europeu está a mexer muito na nossa terra, não tem como ficar lá, tem que seguir o que ele faz, o pensamento deles.” (P05, Congo)

“Aqui tem muita segurança em relação ao Brasil.” (P04, Brasil)

“Porque aqui a gente consegue o cartão de residência, eu ouvi (...) comparando com outros países.” (P08, Nepal)

“Porque aqui o clima é muito bom.” (P06, Rússia)

“me mudei para cá com minha família para um sistema educacional melhor. (P02, Paquistão)

5.2.2 Reconhecimento como um sujeito de direito

Num país, o estatuto de cidadão é inerente ao reconhecimento da Pessoa como um sujeito de direito, isto é, como alguém que dispõe de uma identidade própria, reconhecida pelo Estado, e que é o centro das garantias legais definidas por ele. A Constituição da República Portuguesa, mecanismo legal de um Estado de Direito, define os direitos fundamentais dos cidadãos, designadamente, o direito à Proteção Social na sua amplitude. Tal garantia é, depois, traduzida em diplomas legais específicos, que definem de forma mais concreta o acesso aos direitos, sendo que os direitos dos imigrantes são alvo, também, de legislação específica, garantindo-lhes, por norma e no quadro dos Direitos Humanos, proteção igual à dos nacionais, ao nível dos direitos civis e direitos sociais.

Contudo, importa entender que a consideração da Pessoa como Sujeito de Direito requer, em primeiro lugar, o reconhecimento da existência desse indivíduo, da sua identidade e da sua residência no território nacional. Ora, diversos fatores, designadamente de natureza burocrática, podem constituir obstáculo à concretização dessa condição, essencial a que o imigrante possa ser, de facto, um cidadão (Góis, 2019): a maioria dos entrevistados ainda não possui o título de residência.

Dos oito imigrantes, apenas três estão regularizados e levaram períodos de tempo distintos para adquiri-los. Uma imigrante levou dois meses, a outra 5 meses, e a terceira, 2 anos e meio devido a questões burocráticas e envio de documentos. A única semelhança entre aquelas que demoraram menos tempo para o conseguir é que são provenientes de países lusófonos, ao contrário da participante que demorou mais. Já os cinco imigrantes que estavam sem a documentação, revelaram a dificuldade em conseguir fazer marcações para a regularização, principalmente, por meio do contacto telefónico. Por isso, precisam solicitar apoio/ajuda, especialmente aqueles que não falam português. Uma das entrevistadas refere que pagou a uma pessoa para ajudá-la a se regularizar. Ela não sabe, ao certo, se esta pessoa pertence a alguma entidade ou organização. Mas quando a própria imigrante fazia o contacto com o SEF, não conseguia realizar a marcação. No entanto, após pagar por este serviço, conseguiu sem dificuldade. Ou seja, a complexidade da regularização contribui para prolongar a condição de irregularidade e para que os próprios imigrantes busquem por meios irregulares para se regularizarem e, assim, terem acesso aos seus direitos como cidadãos.

Frases reproduzidas na íntegra:

“Sim, já se passaram 3 meses. Finalmente, depois de dois anos e meio, consegui.” (P08, Nepal)

“Vocês têm cartão de residente? (Investigadora)

R: *Não, não.* (P06, Rússia)

R7: *Só temos hora marcada para o SEF.* (P07, Rússia)

“Possui autorização de residência? (Investigadora)

B: *Sim (...)*

I: E como é que você fez a marcação? Foi por telefone? (Investigadora)

B: *Foi, não, eu conversei com uma mulher no qual ela faz esses trâmites, né? Aonde eu tive que pagar pra ela poder agendar, porque não sei, de certa forma ela deve ter um esquema, porque ela consegue. Eu ligando todos os dias, só caía na caixa postal ou falava que era pra tentar um outro horário, mas eu ligando todos os dias não consegui.”* (P04, Brasil)

5.2.3 Integração económica

i) Emprego e condições laborais

A situação laboral de parte dos imigrantes ao chegar a Portugal mostra-se bastante frágil. Eles alegam situações atuais e do passado em Portugal que revelam exploração, longas jornadas de trabalho, falta de contrato, descontos infundados, pagamentos abaixo do mínimo, além de outras circunstâncias descabidas. Três dos imigrantes trabalham em atividades que não exigem qualificação académica, como na área da restauração e apoio à um curso de línguas.

Uma das participantes foi aliciada em seu país de origem, vítima de tráfico humano, por meio de uma proposta enganosa para trabalhar em Portugal. Após chegar ao território português, além de explorada, era destrutada e discriminada por seu chefe. Circunstâncias estas que corroboram com os estudos de Góis (2019) e Matos (2022).

“Ele disse em Cabo verde, 800 euros, depois chegando em Portugal disse 700 euros, depois disse que não ia receber nada. Depois disse que vou descontar passagem porque eu trouxe vocês de Cabo-Verde, vou descontar o apartamento, porque tínhamos apartamento gratuito, era 800 líquidos na mão e depois disse que vocês tem que pagar o apartamento, descontar o gás, água e a luz (...) depois nós não tínhamos mais dinheiro para receber, ele estava a fazer descontos de tudo.” (P01, Cabo-Verde).

Outros três estão em situação de desemprego, uma porque está com um bebé muito pequeno e outros devido a dificuldade de regularização e a exigência da língua como fator determinante para a admissão (Gonçalves, Guimarães e Brandão, 2022).

Frases reproduzidas na íntegra:

“Eu não estou a trabalhar porque não tenho documento, falta de documento, porque muitos trabalhos que está a aparecer do meu gosto, mas de você chega lá, não tem residência, não vale.” (P05, Congo)

“os empregos são muito difíceis em Portugal. Encontrar empregos sem idioma (...) é muito difícil.” (P02, Paquistão)

Um dos entrevistados, que está em situação de desemprego, mostra uma certa indignação relacionada à divulgação nas redes sociais de que Portugal está a precisar de mão de obra. Desde que chegou, há cerca de um ano, está sem trabalho e sem documento. *“Em Portugal o trabalho está muito difícil, muito difícil. Trabalho está muito difícil, mas sempre nas redes sociais estão a publicar que precisa de trabalhadores. Mas você quando liga “não”, você quando manda os documentos... sempre assim.”* (P05, Congo). As políticas migratórias portuguesas facilitam a naturalização e incentivam a migração laboral, migração para estudos e a atração de nômades digitais como as suportadas pelo Decreto-lei nº 308-A/75, de 24 de junho e a lei n.º 37/1981, de 3 de outubro. Deste modo, os imigrantes provenientes de países subdesenvolvidos vão para países mais desenvolvidos com a esperança de encontrar mais qualidade de vida (Ramalho, 2012). Junto deste facto, alguns dos imigrantes, ao invés de recorrerem a informações transmitidas por órgãos oficiais, tem como fonte principal as redes sociais e páginas da internet (Fernandes, Peixoto e Oltramari, 2020). Porém, quando chegam ao seu destino, nomeadamente, em Portugal, o tempo de espera para regularização provoca impactos negativos na vida dos imigrantes (Santos e Alves, 2022). No caso deste participante, a morosidade para regularização culminou com o desemprego prolongado (Gonçalves, Guimarães e Brandão, 2022), causado pelo mesmo Estado que regula as fronteiras e os processos de regularização, assim como cria essas políticas (Velasco, 2014). Ou seja, esta condição notoriamente contribui para um cenário de extrema vulnerabilidade, o qual deixa o imigrante exposto a uma série de constrangimentos, principalmente a nível económico.

Dentre os oito imigrantes, quatro possuem ensino superior. Entretanto, apenas dois, de nacionalidade russa, trabalham na área de formação, como nômades digitais para seu país de origem. Deste modo, mostra-se como as oportunidades podem ser desiguais para imigrantes, mesmo quando possuem capacitação e especialização, tal como refere Góis (2019). Por possuírem trabalhos mais satisfatórios, os dois imigrantes russos não se incluem nesse discurso de desigualdade de oportunidades relativamente ao trabalho, o que não acontece com outros imigrantes que possuem habilitações académicas, que não tiveram, até então, a oportunidade de trabalho qualificado em Portugal.

Frases reproduzidas na íntegra:

“Antes desse eu também trabalhava em um café (...) Eles disseram que “eu não vou te dar um contrato, mas vou te dar um emprego”, então tive que trabalhar assim porque preciso de dinheiro para sobreviver. (...) Disseram que era meio período, mas tive que trabalhar 12 horas, às vezes 10 horas sem contrato e com menos dinheiro.” (P08, Nepal)

“Trabalhamos remotamente em nosso país (...) “Arquiteta e Designer (P06, Rússia) (...) Eu tenho negócios na área de produtos químicos.” (P07, Rússia)

“Geralmente é mestre e você está apenas fazendo trabalhos de entrega de comida aqui em Lisboa, em Portugal. Isso porque a língua é muito importante em Portugal.” (P02, Paquistão)

ii) Condições Económicas

Ao questionar os entrevistados se a renda que possuem supre as suas necessidades, a entrevistadora percebeu que, dos oito entrevistados, apenas um respondeu afirmativamente. Esta única pessoa afirmou que isso ocorre em vista das condições em que vive atualmente. Entretanto, demonstra certa preocupação com sua renda, uma vez que pretende ingressar no ensino superior. Prevê-se uma situação económica difícil, no futuro, quando terá de pagar as propinas, que, segundo ela, são muito altas. Deste modo, com base em WEIWEI (2018), as licenciaturas e mestrados possuem propinas avultadas para imigrantes, comparados a estudantes portugueses. Esta diferença pode contribuir para comprometer o acesso de imigrantes ao ensino superior. Do mesmo modo, sugere uma elitização da educação e seleção de seus alunos em universidades portuguesas.

As razões para que a maioria julgue não receber o suficiente para suprir as suas necessidades são muitas. Contudo, a carência é citada como uma das mais significativas. Uma das entrevistadas, culpabiliza o aumento significativo de preços no país, de modo geral. Outros, vivem em agregados familiares apenas com a renda de um dos cônjuges. Uma das participantes é mais específica quando questionada, sobretudo quando diz que um ordenado mínimo não contempla todas as necessidades básicas, nem para si, nem para sua família, devido aos altos custos com alimentação e habitação. Por isso, vê-se obrigada a viver em condições ruins. Ela e sua família, além de partilharem a casa com outras pessoas, também precisam partilhar o quarto. Portanto, pode-se considerar que estas pessoas estão a viver em condição de pobreza, designadamente pobreza relativa, assim como afirma da Costa (2012), que observa este conceito quando as pessoas estão em situação de desvantagem, principalmente relacionadas ao acesso a condições básicas dignas e oportunidades sociais. A pobreza pode ser observada nestas circunstâncias, uma vez que facilmente poderiam ser

sanadas, caso estes imigrantes tivessem um maior poder económico e acesso a estes recursos básicos.

Quanto a ajuda, boa parte nunca recebeu de familiares para se manterem financeiramente, enquanto imigrante. Somente uma entrevistada referiu ter recebido este tipo de auxílio da família, principalmente, assim que migrou para Portugal. Contou com auxílio para todos os altos gastos iniciais, como a habitação, por exemplo. Posteriormente, conseguiu se reorganizar financeiramente.

Uma das participantes mencionou ter apoio do governo após ter dado à luz ao seu filho. Recebe o valor de 161 euros por mês para apoiá-la com os custos do bebé. Deste modo, considera-se que a participante usufrui de uma política pública, relacionada com a proteção na infância, que atende a todos, independentemente da nacionalidade. Tal como descrito anteriormente, trata-se do reconhecimento da criança como sujeito de direito.

Paralelamente, há alguns entrevistados que não sabem onde pedir apoio de carácter económico. Outra pessoa referiu pedir a uma associação, mas devido à enorme demanda de pessoas a precisarem de apoio, este auxílio não se realiza. *“Sim, eu pedi ajuda, mas tu não consegues porque tem muita gente que vem aqui, vêm imigrantes, vêm, todos querem ajuda.”* (P02, Paquistão). Este trecho pode mostrar que o número de imigrantes a precisarem de apoio é elevado e que as respostas manifestam-se insuficientes para atender altas demandas de imigrantes.

Frases reproduzidas na íntegra:

“Não consegue nem um pouco. Só mulher que está a trabalhar, eu não trabalho.” (P05, Congo)

“Com um salário base em Lisboa, não consegues satisfazer as tuas necessidades diárias. É assim que são os aluguéis, são as contas, sua comida. Não, você não é capaz de cumprir todas as coisas para sua família. Se tens um salário base com a tua família em Portugal, não, não é possível. É por isso que não podemos pagar nossa casa. Estamos vivendo desde o início até agora em um quarto, compartilhando (...) É por isso que estou morando em um quarto compartilhado com meus filhos e outras pessoas.” (P02, Paquistão)

“no começo precisamos sim de ajuda, porque era muito gasto e o dinheiro acaba que por ter o aluguel muito caro, essas coisas, acabava que a gente... enfim, foi bem complicado.” (P04, Brasil)

“O único apoio que eu recebo hoje é o do bebé (...) É um valor de 161, EUR. É considerado pré-Natal, né? Até então, agora é apoio de família, mas é o mesmo valor (...) Aí foi calculado entre a renda do meu marido e a minha. Só que né? Até então não tenho renda, então só calculou a dele. Aí ficamos no primeiro escalão” (P04, Brasil)

5.2.4 Integração social

i) Acesso aos direitos sociais

a) Saúde

No âmbito da saúde, três dos imigrantes não possuem número de utente, porque ainda estão em regularizarem esse e outros documentos. Outros três possuem, mas não dispõem de médicos de família. E por fim, as outras duas pessoas não referiram ter, ou não, médico da família, mas afirmaram ter número de utente. Parte dos entrevistados afirmou ter tido alguma dificuldade para conseguir um número no Serviço Nacional de Saúde. Alguns buscaram por ajuda de colegas ou familiares, e outro, o apoio de uma associação, uma vez que tentavam seguir as orientações fornecidas no balcão de atendimento dos centros de saúde. Embora o envio de email fosse uma das orientações sugeridas, não recebiam nenhuma resposta. Isto porque há uma desinformação dos funcionários que trabalham diretamente em atendimento ao público (Costa, Ramos e Silva, 2012), o que acaba por criar um obstáculo para os imigrantes conseguirem o número de utente. Por outro lado, a ausência deste documento não pode impedi-los de receber atendimento médico, como refere a Lei n.º 95/2019, de 04 de Setembro.

É importante frisar que uma das participantes que engravidou em Portugal e precisou dos serviços de saúde locais, lamenta a experiência que viveu. Infelizmente, não teve o acompanhamento de um pré-natal, como gostaria, assim como o acompanhamento pediátrico do seu bebé. Acredita que a constante troca de médicos e enfermeiros dificulta o seu atendimento. Este é um problema grave do sistema de saúde português, uma vez que não há médicos de família para todos os residentes, sejam eles nacionais ou não.

Frases reproduzidas na íntegra:

“Você tem acesso à saúde aqui? Número de utente? (Investigadora)

R: Não, mas eu quero agora, semana que vem, talvez na semana que vem eu pego niss e depois eu pego número de utente.” (P06 e 7, Rússia)

“L: O senhor possui número de utente? (Investigadora)

C: Sim já tem, já tem (...) Médico da família não tem agora em Portugal está difícil, tá difícil” (P05, Congo)

“quando sou atendida não é por um médico só (...) primeira consulta, foi por uma médica, depois a enfermeira, agora eu com meu filho, não é o mesmo médico, é sempre um médico trocando. Eles sempre deixam as coisas apontadas, numa caderneta. E é isso, não tenho médico, eu acho que é até ruim, porque é uma coisa que você quer conversar com o médico, mas você nunca sabe ao certo qual é o médico. Não tem um médico para te acompanhar, nem acompanhar o seu filho (...) às vezes nem entende o que está se passando porque não estava lá.” (P04, Brasil)

“Quando a gente veio pra cá, a gente foi para o hospital, e não pegou. Ninguém estava nos dando o número do SNS. Eles disseram: “você deve nos enviar um e-mail”. Enviamos um email. Eles não nos responderam, então enviamos novamente. Depois de dois meses eles não nos responderam. Então chegamos a uma associação. Então eu disse a ela “Por favor, faça alguma coisa porque não estou recebendo meu número do SNS, eu e meus filhos”. Isso porque meu marido tem do trabalho dele, mas eu não tinha, a gente não tinha. Então ela me ajudou. A associação ajudou-me a obter o meu número SNS.” (P02, Paquistão)

b) Educação

Relativamente à educação, os imigrantes são afetados de diversas maneiras. Uma das entrevistadas disse que os filhos passaram seis ou sete meses sem frequentar a escola porque nenhuma das escolas da região onde mora tinha vaga para eles. Esta circunstância se dissocia do DL nº 67/2004, de 25 de Março, que dá direito à educação para filhos de cidadãos imigrantes, independente da sua situação documental. Por isso, viu-se obrigada a colocar dois dos seus filhos em uma que se localiza em área diferente da sua zona de residência. Outra participante indica o desejo de ingressar numa licenciatura em Portugal. Mas fala sobre os altos custos das propinas, que dificultam o seu acesso à instituição de ensino (WEIWEI, 2018) e sustento, em simultâneo. Uma questão referida, usualmente, por imigrantes não falantes de português, é a dificuldade com a língua. Quando não estão regulares não podem ter acesso ao curso de português (Fonseca, Esteves e Moreno, 2021). Uma das entrevistadas, agora que está regularizada, espera há cerca de 6 a 7 meses um retorno do curso. Por outro lado, se quisesse fazer um outro curso de português, por fora, não teria condições financeiras face ao alto custo envolvido. E é justamente a questão da língua que a impede de tentar trabalho na sua área de formação como assistente social.

Frases reproduzidas na íntegra:

“Disseram que agora não há vagas nas escolas da área a que eu pertença. Há talvez mais ou menos 5 ou 6 escolas, e em todas as escolas a que me candidatei não há vagas para os meus dois filhos. Então, eu fico muito triste, porque meus filhos estão em casa há seis ou sete meses. Então, eu digo que eles ainda não sabem se tem lugar para os meus filhos. Mas em todas as escolas da região meus filhos não têm lugar (...) Então eu admiti meus filhos fora da escola da área, é difícil para mim porque meus dois filhos na minha área e dois filhos estão indo para longe de minha casa. É muito difícil.” (P02, Paquistão)

“Aqui quero tentar na minha área, mas devido ao problema do idioma é um pouco difícil de achar.” (P08, Nepal)

“para ir à escola temos que marcar hora. Eles vão nos ligar ou algo assim. Mas já se passaram 6-7 meses (...) Antes eu não tinha o cartão de residência, então falaram que não é permitido. Então, alguns dos meus sobrinhos estão tentando conversar com eles, mas eu não quero ir porque é muito caro.” (P08, Nepal)

“as propinas aqui nas universidades de Lisboa acaba por ser um bocadinho mais cara.” (P03, Angola)

c) Habitação

No domínio da habitação, diversas são as realidades referidas. Três dos entrevistados referem não partilhar sua habitação, além da sua família nuclear, entre eles, o casal de russos menciona estar a viver em um apartamento dos sonhos, com vista para o mar. Paralelamente, há participantes que falam sobre más condições de habitação, e uma, em especial, queixa-se dos avultados montantes que precisa pagar para viver em uma casa confortável com sua família, o que os levou a viverem em um quarto compartilhado, tal como:

“Com um salário base em Lisboa, (...) É assim que são os aluguéis, são as contas (...) Estamos vivendo desde o início até agora em um quarto, compartilhando. Normalmente, as pessoas vivem em partilha em Lisboa, Portugal. É por isso que estou morando em um quarto compartilhado com meus filhos e outras pessoas (...) Principalmente em Lisboa, é muito difícil. O dono está a pedir-te às vezes cinco rendas, às vezes seis rendas e às vezes, sei lá, logo quer este IRS. Ele quer este papel, este papel, uma declaração, a concessão, se ele pedir no fim do dia. Você é um estrangeiro, nenhuma vantagem para você.” (P02, Paquistão).

Observa-se uma diferença discrepante de realidades entre os P06/07 e a P02, por exemplo. Por que será que isto acontece? Jorge e Fonseca (2011) indicam que a população imigrante costuma pagar por rendas mais caras, comparados à população autóctone ou cidadãos da UE. Neste caso, os russos não são cidadãos da UE, mas não deixam de ser europeus, o que pode implicar em migrantes desejáveis, como afirma Nazal, Reyes Velásquez e Vergara Muñoz (2018). Nota-se a incompatibilidade dos arrendamentos (superfaturados) com cobranças de diversas cauções e rendas, em vista do ordenado mínimo, comumente recebido pela população imigrante pobre. Além disso, há outras diversas exigências burocráticas para conseguir arrendar uma habitação. Todas essas exigências feitas a esta população pode ser uma maneira de selecionar e excluir pessoas devido à sua condição financeira, ou um pretexto para uma discriminação velada direcionada a migrantes oriundos de países subdesenvolvidos, com poucas condições económicas. Uma vez que é comum a discriminação com imigrantes por parte de proprietários de imóveis (Jorge e Fonseca, 2011), os mesmos investigadores também salientam que estes fatores podem propiciar contextos de precariedade habitacional e fazer com que os imigrantes busquem o mercado informal de arrendamento.

Viver em quartos compartilhados é uma condição, algumas vezes, referida nas entrevistas. Sobretudo, há um caso partilhado neste estudo, no qual a imigrante precisou de viver num quarto compartilhado com mais cinco pessoas, em condições precárias. Tinha apenas um colchão no chão para cada um, confirmando o que refere

Jorge e Fonseca (2011) sobre a realidade habitacional de alguns imigrantes no país. Atualmente, compartilha o quarto com sua irmã numa casa comprada pelo primo.

Um dos participantes também destaca que vive numa casa adaptada num sótão, e, por isso, sofre com constantes machucados e cicatrizes na cabeça. Inclusive, indica que, se tivesse boas condições financeiras, mudaria de habitação.

Frases reproduzidas na íntegra:

“um apartamento (...) nossa vista é o oceano. É muito bom para nós.

É o nosso sonho. [risada]” (P06 e 7, Rússia)

“Está numa casa, mas é sótão. É sótão, vocês têm que andar, abaixar a cabeça. Se não, tô cheio de cicatriz. Cicatriz, se não quer ir na cabeça. No momento porque não tem sítio para ir, estamos vivendo só aí, porque não tem também outro dinheiro para acrescentar aí. Se conseguir outras condições, vou mudar de casa.” (P05, Congo)

“Eu vivo compartilhando (...) Antes, era como cinco pessoas em um quarto e eles simplesmente não davam nada, só um colchão, mais nada. Então, é como se fosse muito difícil antes, mas agora meu primo comprou uma casa aqui (...) Então, em um quarto eu e minha irmã” (P08, Nepal)

ii) Relações Sociais

De acordo com as relações sociais estabelecidas entre os imigrantes e a sociedade de acolhimento, apresentam-se indícios de pouca interação entre os grupos. Isto porque, dos oito imigrantes entrevistados, apenas 3 disseram ter amigos portugueses. Dentre essas 3 pessoas, duas possuem apenas uma amizade de origem portuguesa. Grande parte destas interações podem ser compreendidas como multiculturais. Isto porque entende-se que há o reconhecimento e o direito da população imigrante de ser diferente (Golçalves e Silva 2003), mas não há o diálogo intercultural, como defendido pela competência intercultural (Alsina, 19997). O contacto que imigrantes têm com os portugueses, geralmente, acontece no ambiente de trabalho, seja enquanto clientes ou chefes. Esta comunicação também pode ocorrer com vizinhos. Outra possibilidade é quando precisam ir a estabelecimentos, como o supermercado (por exemplo). Entretanto, há um entrevistado que considera não possuir momentos de convívio com a comunidade local. Deste modo, os novos residentes, em sua maioria, possuem amizades com pessoas da mesma origem e de outras nacionalidades, mas não com a própria comunidade de acolhimento.

Há uma nítida distinção entre os dois imigrantes russos que estão mais bem instalados, se comparado aos demais, apesar de estarem no país apenas há três meses. Por serem imigrantes europeus, talvez não sejam considerados imigrantes para a comunidade que

os acolhe. Deste modo, quando questionados sobre o acolhimento em Portugal, o casal de russos afirma uma receptividade positiva por parte da comunidade portuguesa “Sente-se bem-vindo em Portugal? (Investigadora); *E: Os portugueses são simpáticos; I: Pessoas maravilhosas e sorridentes; E: E úteis em muitas situações.*” (P06 e 7, Rússia). Contudo, os elogios não são somente destes dois entrevistados. Há uma participante que diz ter muitos amigos em Portugal e que os portugueses são muito prestativos. Estão sempre a perguntar sobre sua cultura. Mas, quando questionada se se sente bem integrada no país, responde: “*Não. Não está muito “bem”, mas não está mal e fica no meio.*” (Participante 2, Paquistão)

5.2.5 Integração cultural

Relativamente a aspetos culturais, quatro dos imigrantes conhecem a cultura portuguesa. Dois conhecem um pouco e os outros dois não conhecem. Costumam gostar da culinária portuguesa, mas apenas duas entrevistadas incorporaram hábitos portugueses, uma na forma de falar, com o uso de determinadas palavras e a outra integra alguns ingredientes comuns da cozinha portuguesa em seus pratos, como o uso da nata.

Quando questionados se tiveram a oportunidade de divulgar sua cultura e falar sobre ela, poucos dizem que tiveram ou que se interessaram. Mas, quando há oportunidade, costumam ser questionados pela culinária e vestuário, aspetos mais superficiais. Deste modo, observa-se pouca interação entre os diferentes grupos culturais, que acaba por impedir a adoção de óticas mútuas (Dencker, 2013). Esta pouca interação pode ser explicada devido a desconfiança e falta de comunicação comum entre as comunidades envolvidas (Borradori, 2004).

Adicionalmente, em um caso em particular, quando uma das entrevistadas foi perguntada se sentia sua cultura respeitada no país, disse que não. Principalmente por ser brasileira, percebe que há discriminação quando fala-se português do Brasil.

Frases reproduzidas na íntegra:

B: Aí, eu acho que algumas palavras que eu entendo, se calhar que eu imito, não é? Eu uma vez imitei e acabou pegando, então já virou costume, mas... Ah, algumas comidas que eles fazem aqui que fazemos no Brasil de uma forma diferente, mas só isso.” (P04, Brasil)

B: Eu acho que a partir do momento que a gente conversa com alguém, a gente está ali, meio que já introduzindo. Não é? que nem no Brasil, a gente faz desse jeito, gente come isso...” (P04, Brasil)

“E a cultura portuguesa é muito boa e a comida portuguesa também é muito boa.” (P02, Paquistão)

“Os meus amigos portugueses costumam achar muito interessante a minha cultura, a minha comida, geralmente as minhas especiarias, porque quando eu e os meus filhos celebramos aqui, os meus filhos usam roupas minhas diferentes, pratos tradicionais ou nós vestimos só para comer. Principalmente perguntam.” (P02, Paquistão)

“Por exemplo, essa mesma mulher que falou para gente que não gosta de imigrantes, refugiados, o filho dela estava assistindo muito vídeo por brasileiro. Ele é português. E aí ele começou a falar, geladeira, ônibus, que é considerado no Brasil e ela simplesmente ficou indignada e falou que não é geladeira, é frigorífico, não é o ônibus como a gente fala no Brasil, aqui é o autocarro. E se ele está em Portugal, ele tem que falar português de Portugal.” (P04, Brasil)

5.2.6 Avaliação global da sua condição no país de acolhimento

Os aspetos positivos da migração são variados e entram em diferentes classificações. Não é possível eleger um motivo universal entre todos eles, mas uma cadeia de motivações; entre elas, está o facto de poder estar perto da família, proporcionar melhor educação para os filhos, ter mais segurança, desenvolver-se a nível pessoal, essencialmente referente a gestão financeira e salários mais altos, principalmente com a conversão entre a moeda local e a do país de origem, bem como algumas expectativas migratórias, tal como referidas por Góis (2021), McAuliffe e Triandafyllidou, (2021) e Wenden (2016).

Frases reproduzidas na íntegra:

“O vencimento é alto” (P01, Cabo-verde)

“Como a família já tinha vindo, vindo aqui, eu também não dá para ficar sozinho” (P05, Congo)

“É, primeiramente, acho que ajuda a crescer como pessoa. No meu caso foi isso, aconteceu. Fiquei mais, mais madura, né? Hoje consigo gerir as minhas coisas, consigo gerir as minhas contas desde que eu comecei a trabalhar nem foi preciso Eu pedi ajuda de alguém.” (P03, Angola)

“a segurança, não é? você pode comprar algo e não ser assaltado. A educação só de saber que agora meu filho pode ter espanhol francês, não é pelo preço, muitas vezes gratuitamente nas escolas.” (P04, Brasil)

Os aspetos negativos referidos pelos imigrantes, perpassam por diversas causas, como a falta de trabalho e rede de apoio e o sentimento de solidão, além do desejo de retorno. No entanto, dois aspetos chamaram maior atenção da investigadora, quando uma das imigrantes indica *“o idioma é a principal desvantagem e ser “marrom” também, em alguns lugares, é assim.”* (P08, Nepal). Esta frase pode sugerir que a participante vê suas próprias características culturais e raciais como um sinónimo de desvantagem, e, por isso, as indica como um aspeto negativo de migrar. Um fator indicado por Hellgren

e Gabrielli (2021), é a interiorização do desprezo recebido, após uma série de atos discriminatórios. Fato este que não contribui para que se sinta integrada e bem recebida pela sociedade de acolhimento.

Frases reproduzidas na íntegra:

“Às vezes, a solidão um bocadinho, por não ter os familiares por perto, também é um bocadinho difícil, quando, se calhar, está a precisar de uma ajuda, que normalmente quem dá esse tipo de ajuda são os familiares e não tens? É um pouco complicado.” (P03, Angola)

“Eu queria só ir para Cabo-verde” (P01, Cabo-Verde)

Outro testemunho relaciona-se ao esforço de um dos entrevistados para conseguir chegar a Portugal de forma mais rápida, e, talvez, menos burocrática para tentar ajudar a família que já estava no país. Por isso, reporta: *“numa forma, ilegal, mas consegui, entrei (...) Entrei aqui com documento angolano, mas eu não sou angolano, Porque não tinha como, não tinha como, porque a família estava a passar mal. Passou, então, a passar mal e a mulher tinha caído de doente, doença. Passou muito mal, às crianças, passou muito mal. Quando estava a escutar isso mesmo, não consegui. Fez tudo mesmo para conseguir chegar aqui. Imagina um documento? Vamos falar em documento falso, documento original, mas de identidade falsa.”* (P05, Congo).

5.2.7 Enfrentamento à discriminação

A discriminação é um ponto abordado pelo estudo e exposto por cinco dos intervenientes que se mostraram constrangidos com situações vivenciadas desde sua chegada em Portugal. Dois deles, russos, sentiram esta diferença de tratamento em uma situação, em particular. Ao tentar abrir contas no Banco, foi solicitada uma série de documentos, além de questionamentos que consideraram sem fundamento. Estes, inclusive, relacionados ao histórico familiar, o que os impediu de obter o serviço pretendido.

Outras declarações se relacionam a culpabilizar os imigrantes por questões que não se relacionam diretamente com eles. *R: Sim, 1000% (...) “quando falo com a polícia, a gente que fala inglês, eles falam que por causa dos imigrantes, existe poluição e sujeira. Tudo porque eles (imigrantes) jogam na estrada.”* (P08, Nepal). Casos de xenofobia, alegando que a população migrante está em Portugal para usufruir de benefícios que deveriam ser de portugueses ou para “roubar” trabalho da comunidade de acolhimento. Este tipo de comentário ainda ocorre mesmo que estudos como os de Oliveira (2022) digam o contrário, isto é, de que os imigrantes são os que mais contribuem para a

segurança social e são os que menos usufruem de prestações sociais. Além da discriminação com relação aos diferentes sotaques oriundos da língua portuguesa, há também o facto de alguns nacionais distratarem os imigrantes porque não gostam de falar inglês.

“As pessoas habituais que dirigem Uber ou Careem ou serviço de alimentação em Portugal são quando às vezes são maltratadas pelas outras pessoas. Então, novamente, às vezes eles enfrentam muitas dificuldades, é muito difícil. Às vezes, eles dizem “por que você está dirigindo o carro do Uber se não sabe português”. Os estrangeiros estão falando inglês; os estrangeiros não falam português. Se os estrangeiros vêm aqui, se os turistas vêm aqui, os turistas não estão falando a sua língua portuguesa. Você sempre fala inglês como língua internacional. Então, eles estão usando isso e dizendo “por que você não fala português se está dirigindo nossos carros no país?”. Então porque não falamos português? Então às vezes eles estão lidando muito mal.” (P02, Paquistão). Por que a língua representa uma barreira para a integração de um imigrante e não representa um obstáculo para um turista? De acordo com (Korstanje, 2015) as condições financeiras e o lucro que o turista pode proporcionar, podem ser determinantes e servir como pretexto para considerá-lo um bom cidadão e segregar pessoas pobres, designadamente, imigrantes.

“Se eu fosse de países latino-americanos ou de países europeus, em qualquer outro país europeu, não é difícil encontrar um apartamento. Aqui, você pode encontrar mais ou menos, mas se você for de um país asiático, é muito difícil encontrar um apartamento aqui.” (P02, Paquistão). De acordo com Cortina (2022), este trecho mostra que entre os próprios imigrantes existe uma percepção de diferentes níveis de aporofobia e xenofobia. Esta participante, como asiática de um país pobre, percebe que um imigrante de um país com o português como língua materna tem mais vantagens, por exemplo. Confirma que existe uma diferenciação dentro da própria classificação de imigrante. Para ela, assim como para Dencker (2013), a origem continua a ser um fator fulcral para a integração. Esta pode ser considerada uma evidência de que existem problemas com imigração, e que, dentre os imigrantes, há subníveis de diferenciação, classificação de classe e de origem, além de pobreza. Ou seja, na visão dela, os imigrantes provenientes da América Latina ou Europa até podem sofrer, mas não na mesma medida que ela, de origem asiática.

Frases reproduzidas na íntegra:

“Você acha que os imigrantes são discriminados? (Investigadora)

“[...] meu marido que tem um amigo português aonde a família dele inteira é portuguesa e fomos jantar, fomos convidados a jantar, (...) a esposa desse amigo do meu marido deixou bem claro que ela não gosta de Imigrante, ela disse, refugiados ucranianos, que vem para cá para sugar ela disse, desse jeito, que vem para cá para sugar os benefícios, o emprego dos portugueses, a ajuda que os portugueses têm que ter, não esses outros povos. Ela disse que não tem nada contra brasileiro, mas creio que sim, porque eu senti ali uma coisinha. Mas ela falou que os imigrantes que vêm para cá não deveriam ter ajuda, ajuda que eles recebem no governo, porque o português em si ele não é ajudado. Então por que que os refugiados, os imigrantes, têm que ter essa ajuda?” (P04, Brasil)

“Alguma vez já sentiu que foi tratada de forma diferente por causa da sua origem? (Investigadora)

A: Já, pela forma como falam contigo, pela forma como te olham. Já senti isso sim, é super desconfortável (...) São vários, vários acontecimentos, porque a pessoas mal-educadas, arrogantes e por seres preta, acabas por ser tratada de forma diferente também, até pela forma te olham. Já ouvi cliente que falaram mal, tu perguntas e respondem de forma arrogante, sem qualquer respeito.” (P03, Angola)

L: Como se sentiu em termos de acolhimento em Portugal? Se sentiu acolhida pelos portugueses? (Investigadora)

B: Não (...) discriminação e que eu sofri também por ser brasileira e eles me falaram que eu teria que ser falar português de Portugal, agir como se eu tivesse em Portugal. Não, não me senti acolhida.” (P04, Brasil)

“Já sentiu que foi tratado de forma diferente porque não tem uma boa condição? (Investigadora)

P: Sim, você está certo. Às vezes, as pessoas não gostam que os migrantes venham trabalhar para ele. Porque muitos imigrantes vêm aqui, porque eles não têm muitos. Se você não é grande o suficiente para um trabalho aqui. Se você não é grande o suficiente para morar aqui em uma casa, por que ficar aqui? “Volte para o seu país”, eles costumavam dizer. Acontece. Às vezes acontece.” (P02, Paquistão)

“[...] eles não gostam de falar em inglês e eu estou tentando aprender português (...) mesmo que eu tente falar em português dizendo “oh, por favor me ajude” ou algo assim, eles realmente me ignoram.” (P08, Nepal)

As pessoas que disseram ter sido tratadas de modo diferente devido a sua origem, foram questionadas sobre os sentimentos que emergiram no momento. Uma delas sentiu-se ansiosa, não acolhida, mesmo quando tentou falar português, via-se ignorada. Este tratamento pode ser percebido como invisibilidade social, bem como refere Pussetti et al. (2009). *“aqui mesmo que eu tente falar em português dizendo “oh, por favor me ajude” ou algo assim, eles realmente me ignoram. Então, de alguma forma, é como ansiedade.” (P08, Nepal)*. Outros casos, havia o desejo de retornar para seu país, mal-estar e tristeza, *“Eu queria só ir para Cabo-verde (...)eu disse agora tenho de aguentar.” (P01, Cabo-verde)*.

Em vista do sofrimento que as imigrantes passaram diante da discriminação que consideraram ter sofrido, estas pessoas não fizeram nenhuma queixa formal ou solicitaram ajuda de alguma autoridade pública. Os participantes buscaram ser

resilientes. Uma delas encontrou apoio emocional com a família e os amigos deixados no país de origem, ao contrário do que diz Valdés e Osmos (2010), que salientam as redes de apoio no local de acolhimento. Apenas uma das entrevistadas, em seu ambiente de trabalho, reportou ao supervisor uma situação discriminatória, *“quando eu sofri discriminação na empresa, eu tentei conversar com meu supervisor, que também era português, e me deixou bem claro que aqui é normal, que é comum acontecer essas coisas que quando acontecesse isso era para pedir para, para o cliente tentar ligar novamente para que caísse com um português.”* (P04, Brasil). Nesta circunstância, observa-se a desvalorização da discriminação sofrida pela participante, por parte do seu supervisor, como se fosse obrigada a aceitar este tipo de tratamento só porque é imigrante, o que assemelha-se com o pensamento de Ferrugem (2022).

Relativamente as sugestões, algumas pessoas, quando questionadas sobre o que poderia ser feito para superar a discriminação, sugerem que haja empatia da comunidade de acolhimento, uma lei mais rigorosa tanto para imigrantes como para os portugueses e *“até mesmo em serviços públicos... Os serviços públicos em si, já são péssimos, o atendimento às pessoas que estão nessas instituições públicas acabam por piorar ainda mais a situação. Ou seja, o governo deveria criar leis ou estar mais atento a esse tipo de situações, terem o controle.”* (P03, Angola). Este depoimento vai de encontro ao pensamento de Castro (2014) sobre o despreparo dos técnicos que trabalham em serviços públicos. Deste modo, a entrevistada sugere que os serviços públicos sejam os primeiros a darem o exemplo de como tratar os imigrantes.

6.0 Considerações Finais

Diante de todo o estudo realizado, concluiu-se que a dissertação de mestrado investigou sistematicamente a influência da aporofobia nos processos de integração de populações imigrantes, bem como, as estratégias do Serviço Social para enfrentar essa problemática e promover uma integração efetiva, em que emergiram resultados de acordo com o objetivo proposto. Através das perspectivas e experiências dos imigrantes e profissionais entrevistados, foi possível observar como a aporofobia transpassa várias dimensões da vida dos imigrantes.

Um dos resultados apresentados inclui a regularização da situação documental dos imigrantes que se mostra complexa e morosa (Santos e Alves, 2022), o que contribui para situações de vulnerabilidade e busca de meios duvidosos para a regularização. A sua situação laboral é frequentemente frágil, marcada por exploração, desrespeito aos direitos do trabalho e dificuldade em encontrar empregos qualificados, apesar de possuírem, por vezes, habilitações acadêmicas de nível superior. No âmbito da língua,

esta revela-se uma barreira para a integração, tanto no acesso a serviços quanto no desempenho de atividades no ambiente de trabalho, contribuindo para a sensação de desvantagem e discriminação (Gonçalves et al., 2022).

Na perspectiva da habitação, são relatadas dificuldades de encontrar habitações adequadas, agravadas por preços elevados e exigências burocráticas diversas (Jorge e Fonseca, 2011). Além disso, demonstram preocupação quanto ao acesso a apoios sociais e também sob o ponto de vista da saúde, pois sofrem com a falta de médicos de família, discriminação de funcionários e custos inesperados relacionados ao acesso a assistência médica pública, que surgem como obstáculos à integração social.

A integração cultural dos imigrantes é considerada um fator importante. Destaca-se a necessidade de interações interculturais e o enriquecimento cultural resultante da troca de conhecimentos entre diferentes comunidades (Bracons, 2020). No entanto, observa-se que, muitas vezes, as comunidades permanecem isoladas de acordo com sua origem e cultura, em diferentes regiões geográficas de Lisboa e com dificuldades de interação.

Merecem atenção alguns depoimentos que evidenciam a diferença de tratamento de imigrantes consoante a sua origem. Identificou-se que os imigrantes, especialmente aqueles provenientes de países subdesenvolvidos e com poucos recursos económicos, enfrentam discriminação, tanto velada quanto explícita. Os profissionais, diante desta situação, utilizam estratégias que incluem o diálogo, denúncias e ações formais, que são indicativos da luta contínua por justiça e inclusão.

Uma questão muito referida é a discriminação sofrida por imigrantes em serviços públicos. Por ironia, estas pessoas não podem ocupar tais espaços enquanto funcionários (Góis, 2019). Os entrevistados destacam que, embora haja leis e políticas exemplares que visam a inclusão e proteção dos imigrantes, na prática, a execução dessas medidas é problemática, uma vez que não são executadas de forma eficaz a nível meso e micro. Com isso, perduram queixas de discriminação proveniente dos setores públicos (Castro, 2014) e uma comoção somente com certos grupos de imigrantes, o que não ocorre com outros (Ferrugem, 2022), principalmente por parte do Estado. Portanto, percebe-se que o autor desta discriminação sofrida por imigrantes é predominantemente o Estado, os seus serviços, e uma parcela da sociedade de acolhimento, por vezes, pode igualmente reproduzi-la. Este é um dos problemas que mais fortemente atingem os imigrantes, lembrando, contudo, que os resultados não são generalizáveis na medida em que a amostra não é representativa.

Estes resultados exprimem as fragilidades sociais da população em condição de pobreza, que atinge igualmente uma parte da população nacional, embora tal se mostre mais cruel para os imigrantes, fora do seu meio habitual de vida e com fraca ou ausente rede de apoio social e familiar. Tais resultados interferem diretamente na oportunidade de integração social da população imigrante.

O Serviço Social desempenha um papel fundamental, atuando como mediador, defensor e agente de mudança para uma sociedade mais inclusiva e justa (IFSW, 2014). Para um processo de integração bem-sucedido, é imperativo que sejam adotadas medidas que não apenas abordem as questões legais e burocráticas, mas que também promovam uma mudança de mentalidade e uma cultura de inclusão e respeito mútuo.

O estudo também destacou a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para lidar com a aporofobia, não só com assistentes sociais, mas, igualmente, com outros profissionais, políticos e a sociedade em geral. A luta contra a aporofobia deve ser abordada de forma ampla, desde a educação e sensibilização da sociedade (Cortina, 2022) até à execução de políticas públicas que garantam a igualdade de direitos e oportunidades para todos, independentemente da sua origem e condição económica.

Dentre os entrevistados para o presente estudo, o dirigente associativo e uma das assistentes sociais são os únicos que declaram de maneira direta a presença da aporofobia com populações imigrantes. A outra assistente social, sem conhecer o conceito, menciona dimensões da aporofobia ao longo da entrevista, uma vez que esta é sucintamente definida como a aversão ao pobre, segundo Cortina (2022). Quando se trata de imigrantes, esta profissional retrata condições de pobreza destes utentes e como elas foram excluídas de diversas formas. A aporofobia com imigrantes, assim como outros tipos de discriminação, também pode ser velada.

Esses resultados apresentam uma contribuição para a prática profissional do Serviço Social, pois provoca uma reflexão das abordagens empregadas no dia a dia dos imigrantes, revelando como a aporofobia pode ser determinante na integração de imigrantes. A aporofobia é um termo até então desconhecido dos profissionais entrevistados; por isso, ao torná-lo público, permitirá que outros profissionais possam ter acesso ao seu significado e conteúdo e utilizá-lo na análise das situações e nas suas práticas profissionais, seja com imigrantes, seja com outras pessoas em pobreza e exclusão social. Isto é importante porque, em afinidade com a definição e compromissos do Serviço Social, é necessário dar visibilidade aos interesses das classes mais baixas (Yazbek, 2010) e incluí-las como elementos relevantes na ação profissional, assim como

investir na formação e aprofundamento das competências para uma intervenção que se baseie na interculturalidade, enquanto fator constitutivo da cidadania e da dignidade humana, que não deve alicerçar-se em fronteiras, nem geográficas, nem culturais.

Ao considerar que o Serviço Social é uma das áreas profissionais com responsabilidade em assegurar a integração social efetiva, sua colaboração junto a outros setores e áreas profissionais é essencial para enfrentar os desafios atuais, o que requer uma intervenção eficaz com esta população. Por outro lado, ao longo do trabalho, foi possível observar que a deficiência de órgãos responsáveis pela intervenção com imigrantes pobres, permeia tanto o Estado quanto o próprio Serviço Social e realça a urgência de uma reconfiguração integral do trabalho que está a ser realizado. A atribuição de responsabilidade exclusiva ao assistente social para se adaptar a esse cenário é insuficiente e limitante. A reformulação dos meios através dos quais o Estado realiza a regularização e acolhimento da população migrante emerge como um imperativo e em todas as esferas da administração pública, a começar pelos setores com maior poder de decisão até chegar aos profissionais que trabalham na linha de frente junto aos imigrantes. No entanto, desde já é necessário que haja um esforço coletivo para a integração de todos, independente de sua origem ou condição social e econômica.

Relativamente a perspectivas futuras, sugere-se que o tema seja igualmente estudado em outras realidades, outras escalas, sobretudo até em pesquisa a nível nacional. É um assunto de suma importância e pouco abordado, uma vez que o título de país acolhedor pode mascarar algumas realidades adversas vivenciadas por imigrantes. No âmbito do Serviço Social, cujos profissionais já trabalham com imigrantes e pessoas em situação de pobreza, pode representar um auxílio para aprimorar a sua intervenção.

Referências Bibliográficas

ABREU, Vera Paula Almeida - A Migração em Portugal Plano Municipal de Integração de Migrantes Fundação/UBI [Em linha]. [Consult. 12 fev 2023]: Universidade da Beira Interior (Portugal), 2018 Disponível em WWW:<URL: <http://hdl.handle.net/10400.6/9935>>.

ACM - Rede de Centros Locais de Apoio à Integração de Migrantes (CLAIM) [Em linha], atual. 2023. [Consult. 26 fev. 2023]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.acm.gov.pt/pt/-/rede-claii-centros-locais-de-apoio-a-integracao-de-imigrant-3>>.

ACM - Português para Todos (PPT) na internet [Em linha], atual. 2023. [Consult. 26 fev. 2023]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.acm.gov.pt/-/portugues-para-todos-ppt-na-internet?inheritRedirect=true>>.

ACM - Centro Nacional de Apoio à Integração de Migrantes (CNAIM) [Em linha], atual. 2023. [Consult. 26 fev. 2023]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.acm.gov.pt/pt/-/cnai-centro-nacional-de-apoio-ao-imigrante>>.

ACM - Gabinetes de Inserção Profissional (GIP) [Em linha], atual. 2023. [Consult. 26 fev. 2023]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.acm.gov.pt/-/o-que-sao-os-gabinetes-de-insercao-profissional->>.

ALSINA, Miquel Rodrigo - Elementos para una comunicació efectiva. Afers Internacionals, Fundació CIDOB. 36 (1997) 11–21.

APSS (ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SERVIÇO SOCIAL) - Código Deontológico dos Assistentes Sociais em Portugal [Consult. 20 mai. 2023].

ARAÚJO, Marta - Racismo.pt? Em PAZ, ACÇÃO PARA A JUSTIÇA E (Ed.) - Somos diferentes, somos iguais: diversidade, cidadania e educação [Em linha]. Coimbra: [Consult 22 dez 2022] Disponível em WWW:<URL: <http://hdl.handle.net/10316/42649>>. ISBN 978-989-95306-3-8. p. 25–49

ARNETT, Jeffrey Jensen - The psychology of globalization. American Psychologist. ISSN 0003066X. 57:10 (2002) 774–783. doi: 10.1037/0003-066X.57.10.774.

BACHSTROM, Bárbara - O Acesso À Saúde E Os Factores De Vulnerabilidade. Alicerces, Revista de Investigação, Ciência e Tecnologia e Artes. Lisboa. ISSN 1645-7943. 3:3 (2010) 79–90.

BAGANHA, Maria I.; GÓIS, Pedro - Migrações Internacionais em Portugal.pdf. Revista Crítica de Ciências Sociais No 52/53. 1999).

BAGANHA, Maria Ioannis; MARQUES, José Carlos; GÓIS, Pedro - Imigrantes em portugal: uma síntese histórica. Ler história | Imigração | No56. 2001 (2009) 115–126.

BALZ, Janaína Raquel - Os movimentos migratórios do século xxi e a proteção internacional [Em linha]. [Consult. 3 março 2023]: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Su, 2019 Disponível em WWW:<URL: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/6359>>.

BAUMAN, Zygmunt - Estranhos à nossa porta. 1.ed. ed. Rio de Janeiro: Zahar. ISBN 9788537816103. (2017) p. 7-1

EYZAGUIRRE, Lucía Benítez - Representación audiovisual y red discursiva sobre las migraciones en el estrecho. Em TROTTA (Ed.) - Las representaciones de las migraciones en los medios de comunicación [Em linha]. Madrid: [s.n.] Disponível em WWW:<URL: <http://hdl.handle.net/10498/22715>>. ISBN 9788498794342. p. 99–116.

BERGER, Carlos Noberto; BERGER, Isis Ribeiro - Imigração e governamentalidade: reflexões sobre o lugar dos imigrantes nos estados-nação. Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v.20 no2. 2018).

BERRY, J. W. et al. - Acculturation Attitudes in Plural Societies. Applied Psychology. . ISSN 14640597. 38:2 (1989) 185–206. doi: 10.1111/j.1464-0597.1989.tb01208.x.

BOBIK, Fabyanna - A graduação da vulnerabilidade do trabalhador como forma de concretização do princípio da proteção: um novo olhar através da teoria das vulnerabilidades e da (hiper) vulnerabilidade do trabalhador imigrante. [Em linha] Disponível em WWW:<URL: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cirp.2016.06.001><http://dx.doi.org/10.1016/j.powtec.2016.12.055><https://doi.org/10.1016/j.ijfatigue.2019.02.006><https://doi.org/10.1016/j.matlet.2019.04.024><https://doi.org/10.1016/j.matlet.2019.127252><http://dx.doi.org/10.1016/j.cirp.2016.06.001>>.

BORRADORI, Giovanna - Filosofia em tempo de terror Diálogos com Habermas e Derrida. Rio de Janeiro: [s.n.]. ISBN 9781119130536.

BRACONS, Hélia - Conhecer para Intervir- Competência cultural no Serviço Social. Lisboa: Editorial Cáritas, 2019. ISBN 9789729008702 p.11-187.

BRACONS, Hélia - Comunicação intercultural nos cuidados de saúde. Uma abordagem exploratória da interação entre assistentes sociais e doentes imigrantes. Comunicação pública. ISSN 1646-1479. 15: Vol.15 no 29 (2020) 0–12. doi: 10.4000/cp.10968.

BRACONS, Hélia; MATA, Ana Rosalina DA - Serviço Social com famílias Imigrantes. Em PACTOR (Ed.) - Serviço Social com famílias. Lisboa: [s.n.]. ISBN 9789896930479. p. 225–237.

BRAGA, Renê Moraes Da Costa - A indústria das Fake News e o Discurso De Ódio. Em (IDDE), INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTODEMOCRÁTICO (Ed.) - Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio [Em linha]. Brasília: : [Consult. 16 jan. 2023] Disponível em WWW:<URL:<http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4813>>. ISBN 9788567134055v. 1. p. 203–220.

BRITO, Paula Bauab - Migrantes qualificados e o mercado de trabalho: desafios e oportunidades [Em linha] [Consult. 5 março 2023] Disponível em WWW:<URL: <https://www.ptonline.com/articles/how-to-get-better-mfi-results>> (2019) Dissertação de mestrado.

BUSS, Paulo Marchiori; FERREIRA, José Roberto - Ensaio crítico sobre a cooperação internacional em saúde. Reciis. ISSN 1981-6278. 4:1 (2010) 93–105. doi: 10.3395/reciis. v4i1.350pt.

BUSUTIL, Rebeca Oroza; MÁRQUEZ, Yoannis Puente - Migración y comunicación: su relación en el actual mundo globalizado. *Revista Novedades en Población*. La Habana: ISSN 18174078. 25 (2017) 10–16.

CAMARGO, Luiz Octávio De Lima-Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*. São Paulo: ISSN 2179-9164. V. XII: número especial (2015) 42–69.

CARDOSO, Maria José - Os trabalhadores imigrantes e os riscos associados ao trabalho. *Revista Migrações - Número Temático Imigração e Mercado de Trabalho*. Observatório da Imigração, ACIDI. IP. Lisboa nº2 (2008) 203-205.

CARLOS, João; SILVA, Jarochinski; GÓIS, Pedro - A Imigração e a Mídia. Entre a Utopia Da Invisibilidade Social E Os Direitos Humanos Universais. *Paraíba State University*. João Pessoa: ISSN 2236-4811. 8:3 (2017) 22–34.

CASEY, Edward S. - Between Geography and Philosophy: What Does It Mean to Be in the Place-World? *Annals of the Association of American Geographers*. ISSN 0004-5608. 91:4 (2001) 683–693. doi: 10.1111/0004-5608.00266.

CASQUILHO-MARTINS, Inês; BELCHIOR-ROCHA, Helena; ALVES, David Ramalho - Racial and Ethnic Discrimination in Portugal in Times of Pandemic Crisis. *Social Sciences*. Lisboa: ISSN 20760760. 11:5 (2022). doi: 10.3390/socsci11050184.

CASQUILHO-MARTINS, Inês; BELCHIOR-ROCHA, Helena; FERREIRA, Jorge M. L. - Community strategies for intercultural participation. *Community strategies for intercultural participation*. Lisboa: ISSN 2013-6757. 10:19 (2020) 157–179. doi: 10.30827/tsg-gsw.v10i19.11507.

CASTLES, Stephen; HAAS, Hein DE; MILLER, Mark J. - *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*. Fifth ed. New York: ISBN 9780230355767. Palgrave Macmillan (2014)

CASTRO, Fátima - *Imigração e Desenvolvimento em Regiões de Baixas Densidades* [Em linha]. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014 [Consult. 18 ago. 2020]. Disponível em WWW:<URL: <http://hdl.handle.net/10316.2/32887>>. ISBN 978-989-26-0705-4.

CERIGATTO, Mariana Pícaro; CASARIN, Helen De Castro Silva-As mídias como fonte de informação: aspectos para uma avaliação crítica. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*. 12:2 (2017) 155–176. doi: 10.22478/ufpb.1981-0695.2017v12n2.36614.

CINCA, Alfonso Novales - Austeridad Y Desigualdad. Em *Anales de la Real Academia de Ciencias Morales y Políticas*. [Em linha]. [S.l.]: Ministerio de Justicia, 2015 Disponível em WWW:<URL: <http://www.racmyp.es/R/racmyp/docs/anales/A92/A92-12.pdf>>. p. 241–260.

CORTINA, Adela - *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. Contracorrente. São Paulo: ISBN 9786588470084. 1ª reimpressão (2022) 9-213

COSTA, Ana Paula - *Os burocratas de nível de rua e a implementação da Lei de Estrangeiros em Portugal*. Universidade Nova de Lisboa, 2019 (Dissertação de Mestrado).

COSTA, Iris Do Céu Clara; RAMOS, Natália; SILVA, Antonia Oliveira - Avaliação do acesso aos serviços de saúde por imigrantes brasileiros em Portugal. *Covinbra*. 1 (2012) 1–14.

COSTA, Paulo Manuel - A política portuguesa de integração dos imigrantes: uma análise dos dois primeiros planos de integração [Em linha] Disponível em WWW:<URL: <http://hdl.handle.net/10400.2/5708>>.

CRUZ, Eduardo Picanço; FALCÃO, Roberto Pessoa De Queiroz; PAULA, Fábio De Oliveira - Imigrantes ou Consumidores de Intercâmbio? As Agências como possíveis facilitadores da imigração de brasileiros para Austrália. *Turismo: Visão e Ação*. 2019) 22(2), 297-317.

CUBILLO, Andrés Tornos - Humanismos y Teorías de las Migraciones [Em linha]. Aula de Teología Santander: [Consult. 6 abril 2023] Disponível em WWW:<URL: <http://www.unican.es/NR/rdonlyres/00013645/wqzdqfruyjorhwmklqakyrwbpkmmnx/HumanismosyTeoriasdelasMigraciones280206.pdf>>.

D'ALMEIDA, José Luís; SOUSA, Paula De - Prática de Serviço Social Culturalmente Competente. Em *FACTOR - QUESTÕES DE CIÊNCIAS SOCIAIS, FORENSES E EDUCAÇÃO* (Ed.) - Serviço Social: Teorias e Práticas. Lisboa ISBN 9789896930400. (2014) p. 289–310.

Da COSTA, António Firmino - Desigualdades globais. *Sociologia, Problemas e Práticas*. ISSN 08736529. 68:2012) n.º 68, 2012, pp. 9-32, DOI: 10.7458/SPP201268691

Da COSTA, António Firmino - Desigualdades sociais contemporâneas. *Mundos Sociais*. Lisboa: ISBN: 9789898536150 (2015) 1-186.

DENCKER, Ada De Freitas Maneti - Hospitalidade e interação no mundo globalizado. *Revista Rosa dos Ventos*. 53:9 (2013) 1689–1699. ISSN 1098-6596.

DERRIDA, Jacques - A Questão de estrangeiro: vinda do estrangeiro. Em *A falar da hospitalidade*. Escuta. [S.l.] ISBN 9783031077531. (1996) p. 5–65.

DIAS, Gustavo; RIVERO SIERRA, Fulvio - Vidas vulneráveis: ser migrante em tempos de conservadorismo e crise pandêmica na América Latina. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*. 30 (2021) 11–27. doi: 10.47284/2359-2419.2021.30.1127.

DIJK, Teun A. Van - *DISCURSO Y PODER*. Gedisa. Barcelona. ISBN 9788497844239 (2009).

DOMINELLI, Lena - Globalization, contemporary challenges and social work practice. 2010). doi: 10.1177/0020872810371201.

ELGUETA, José Miguel Labrín - Migración y medios de comunicación: elementos para su análisis desde una perspectiva intercultural. Universidad Complutense de Madrid. Madrid: ISSN 0718-4867 Vol. 2, Nº 1, (2009) 66–74.

EPORTUGAL - Centros Locais de Apoio à Integração de Migrantes (CLAIM) [Em linha] [Consult. 4 jun. 2023]. Disponível em WWW:<URL: <https://eportugal.gov.pt/servicos/centros-locais-de-apoio-a-integracao-de-migrantes-claim->>>.

- ESTRELA, Paulo - A saúde dos imigrantes em Portugal. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*. 25:1 (2009) 45–55. doi: 10.32385/rpmgf.v25i1.10590.
- EUROSTAT - Enterprises using social media, 2021 [Em linha], atual. 2021. [Consult. 3 jul. 2023]. Disponível em WWW:<URL: <https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained>>.
- FERIN, Isabel et al. - Media, Imigração e Minorias Étnicas 2005-2006 [Em linha] Disponível em WWW:<URL: <http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/pdfs/ClaraAlmeidaSantos.pdf>>. ISBN 989800021X.
- FERNANDES, Duval; PEIXOTO, João; OLTRAMARI, Andrea Poletto - A quarta onda da imigração brasileira em Portugal: uma história breve. *Revista Latinoamericana de Población*. ISSN 2175-8581. 15:29 (2020) 34–63. doi: 10.31406/relap2021.v15.i2.n29.2.
- FERRUGEM, Daniela - A Racialização como estruturante da questão social: entre silêncios e insurgências na produção de conhecimento em Serviço Social. Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul (2022) Tese de Doutorado.
- FONSECA, Maria Lucinda - Imigração, Diversidade e Novas Paisagens Étnica e Culturais. Em *INTERCULTURAL, PORTUGAL* (Ed.) - Povos e Culturas. 13. ed. ISBN 519-561. p. 519–561.
- FONSECA, Maria Lucinda; ESTEVES, Alina; MORENO, Luís - Migration and the reconfiguration of rural places: The accommodation of difference in Odemira, Portugal. *Population, Space and Place*. ISSN 15448452. 27:8 (2021) 1–10. doi: 10.1002/psp.2445.
- FONSECA, Maria Lucinda; ESTEVES, Alina; MORENO, Luís - Migration and the reconfiguration of rural places: The accommodation of difference in Odemira, Portugal. *Population, Space and Place*. ISSN 15448452. 27:8 (2021) 1–10. doi: 10.1002/psp.2445.
- GANS, Herbert J. - Racialization and racialization research. *Ethnic and Racial Studies*. ISSN 14664356. 40:3 (2017) 341–352. doi: 10.1080/01419870.2017.1238497.
- GÓIS, Pedro - Casa Comum- Migrações e desenvolvimento em Portugal. Avançar nas práticas: rumo à inclusão e coesão social [Em linha] Disponível em WWW:<URL: <https://caritas.pt/2019/noticias-principais/estudo-casa-comum-migracoes-e-desenvolvimento/>>. ISBN 978-972-9008-69-6 (2019).
- GÓIS, Pedro - Nós e os outros: as migrações no Portugal contemporâneo. *Língua-lugar: Literatura, História, Estudos Culturais*. 1:2 (2021) 24–41. doi: 10.34913/journals/lingualugar.2020.e417.
- GÓIS, Pedro - Ainda entre periferias e um centro: o lugar de Portugal no sistema migratório global. Em *EDIÇÕES ESGOTADAS, LDA* (Ed.) - Práticas e Políticas – Inspiradoras e Inovadoras com Imigrantes. Lisboa, Porto, Viseu, Aveiro: ISBN 9789899092570. (2022) p. 29–40.
- GÓIS, Pedro; MARQUES, José Carlos - Retrato de um Portugal migrante: a evolução da emigração, da imigração e do seu estudo nos últimos 40 anos. e-cadernos CES. 29 (2018). doi: 10.4000/eces.3307.

GOMES, Mariana Selister - O imaginário social <mulher brasileira> em Portugal: Uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. ISSN 00115258. 56:4 (2013) 867–900. doi: 10.1590/S0011-52582013000400005.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves E - Multiculturalismo e educação: do protesto de rua a propostas e políticas. *Educação e Pesquisa*. São Paulo. 29:1 (2003) 109–123. doi: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100009>.

GONÇALVES, Sónia P.; GUIMARÃES, Joana; BRANDÃO, Catarina - Recrutamento, seleção e acolhimento de pessoas migrantes em Portugal: Da perspectiva dos profissionais de gestão de recursos humanos às recomendações. Em *EDIÇÕES EGOTADAS, LDA (Ed.) - Práticas e Políticas – Inspiradoras e Inovadoras com Imigrantes*. Lisboa, Porto, Viseu, Aveiro: ISBN 9789899092570 (2022) p. 171–219.

HARNEY, Nicholas De Maria; BOCCAGNI, Paolo - Calibrating home, hospitality and reciprocity in migration. *Anthropological Theory*. ISSN 17412641. 2022). doi: 10.1177/14634996221118140.

HASS, Daiane Aparecida; FONSECA, Elisa Marina; MEDEIROS, Mirna De Lima - Hospitalidade e o ensino de português aos imigrantes nas universidades do Paraná. Em *Desafio Online*. ISBN 0000000264

HELLGREN, Zenia - Class, race—and place: immigrants' self-perceptions on inclusion, belonging and opportunities in Stockholm and Barcelona. *Ethnic and Racial Studies*. . ISSN 14664356. 42:12 (2019) 2084–2102. doi: 10.1080/01419870.2018.1532095.

HELLGREN, Zenia; GABRIELLI, Lorenzo - Racialization and aporophobia: Intersecting discriminations in the experiences of non-western migrants and spanish roma. *Social Sciences*. Basel. ISSN 20760760. 10:5 (2021). doi: 10.3390/socsci10050163.

IFSW - Global Definition of the Social Work Profession. [Em linha], atual. 2014. [Consult. 5 mai. 2023]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.ifsw.org/what-is-social-work/global-definition-of-social-work/>>.

JORGE, Malheiros; FONSECA, Lucinda - Acesso à Habitação e Problemas Residenciais dos Imigrantes em Portugal [Em linha] Disponível em WWW:<URL: www.oi.acidi.gov.pt>. ISBN 9789896850432 (2011) 9-213.

KIRCHGASLER, Christopher - The end(s) of inclusion: ungrounding globalization and 'the migrant' in dialogue with hospitality. Routledge. Madison: ISSN 14693739. 42:5 (2021) 648–664. doi:10.1080/01596306.2020.1836745.

KORSTANJE, Maximiliano - Reviewing the concept of hospitality in a contemporary world. *International Journal of Safety and Security in Tourism and Hospitality*. *IJSSTH*. ISSN 2250-5105. 1:10 (2015) 21.

LÉVINAS, Emmanuel - *Ética e Infinito*. Antonio Machado Libros. Madrid: ISBN 9788491141433 V. 198 (2015).

LUSSI, Carmem; MARINUCI, Roberto - Vulnerabilidade social em contexto migratório. Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. [S.l.] (2007).

MALHEIROS, Jorge Macaísta; ESTEVES, Alina - *Diagnóstico da população imigrante em Portugal: desafios e potencialidades*. Lisboa: ISBN 978-989-685-050-0.

- MARANDOLA JR., Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori - Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. *Revista Brasileira de Estudos de População*. ISSN 0102-3098. 27:2 (2010) 407–424. doi: 10.1590/s0102-30982010000200010.
- MARQUES, José C.; VIEIRA, Ana; VIEIRA, Ricardo - Migration and integration processes in Portugal: The role of intercultural mediation. *Journal of Siberian Federal University - Humanities and Social Sciences*. ISSN 23136014. 12:2 (2019) 187–205. doi: 10.17516/1997-1370-0388.
- MARQUES, José Carlos; GÓIS, Pedro - A evolução do sistema migratório lusófono. Uma análise a partir da imigração e emigração portuguesa. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*. 24:2012) 213–232.
- MARQUES, José Carlos; GÓIS, Pedro - Migração e Desigualdade: O caso português. Em *Desigualdades sociais: Educação de territórios*. (2020) p. 81–106.
- MARQUES, José Carlos; VIEIRA, Ana; VIEIRA, Ricardo - Entre a coexistência e a convivência: imigração portuguesa e estratégias de mediação. Em *EDIÇÕES ESGOTADAS, LDA. (Ed.) - Práticas e Políticas – Inspiradoras e Inovadoras com Imigrantes*. Lisboa, Porto, Viseu, Aveiro. ISBN 9789899092570. (2022) p. 53–78.
- MARTINS, Inês Casquilho - Políticas de imigração e integração: intervenção do Serviço Social. *Intervenção Social*. n. 046 (2015) 57–75.
- MATOS, Vítor - Portugal na rota do Tráfico de Seres Humanos. *Jurimat: Revista Jurídica*. Portimão: ISSN 2182-6900. 15:2022) 123–144.
- MCAULIFFE, M.; TRIANDAFYLLIDOU, A. (Eds.) - Relatório Mundial de Migração 2022. Organização Internacional para as Migrações (OIM). Genebra. ISSN 15615502. (2021).
- MENDES, Ivaneide - Prefácio- Ir Além de si mesmo: histórias que transformam e transformam-nos. Em *ESGOTADAS, EDIÇÕES (Ed.) - Trajetórias Sociais- percepções da condição de imigrantes*. Lisboa, Porto, Viseu, Aveiro. ISBN 97889899092563. (2022) p. 9–14.
- MORICONI, Lucimara Valdambri - Pertencimento e identidade. Universidade Estadual De Campinas. Campinas (2014) Licenciatura em Pedagogia.
- MOURA, Maria Helena Fernandes - Serviço Social e Modelos de Intervenção: da sociedade industrial à sociedade do risco. Universidade Do Porto. Porto (2006) Tese de Doutoramento.
- NATIONAL ASSOCIATION OF SOCIAL WORKERS (NASW) - Standards and Indicators for Cultural Competence in Social Work Practice [Em linha], atual. 2015. [Consult. 7 jul. 2023]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.socialserviceworkforce.org/system/files/resource/files/StandardsandIndicatorsforCulturalCompetenceinSocialWorkPractice.pdf>>.
- NAZAL, Andrea Verónica Corvalán; REYES VELÁSQUEZ, Carlos Andrés; VERGARA MUÑOZ, Nelson - Migrar y ser migrante: nociones de migrantes extranjeros actuales asentados en cuatro ciudades del sur de Chile. *Papers. Revista de Sociologia*. ISSN 0210-2862. 104:1 (2018) 101. doi: 10.5565/rev/papers.2346.

NETTO, José Paulo - Desigualdade, Pobreza e Serviço Social. REVISTA Em Pauta. Rio de Janeiro. ISSN 1414-8609. 19 (2007) 135–170. doi: <http://doi.org/10.12957/rep>.

OLIVEIRA, Catarina - Indicadores de Integração de Imigrantes - Relatório Estatístico Anual. Lisboa: ISBN 9781119130536 (2022)

OMI, Michael; WINANT, Howard - Racial Formation in the United States. Routledge. New York: ISBN 9780429968372 (2015).

O'REILLY, Karen; BENSON, Michaela - Lifestyle migration. Routledge. New York. ISBN 9781315592398 (2016).

PADILLA, Beatriz; FRANÇA, Thais - Políticas migratórias em Portugal: complexidade e hiatos entre a lei e a prática. Sociedade em movimento: Fluxos internacionais, conflitos nacionais. (2020) 131–153.

PADILLA, Beatriz - Saúde Dos Imigrantes: Multidimensionalidade, desigualdades e acessibilidade em Portugal. Rev. Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Brasília. . ISSN 1980-8585. 49: n. 40 (2013) 49–68.

PADILLA, Beatriz; ORTIZ, Alejandra - Fluxos migratórios em Portugal: do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. 20:39 (2012) 159–184. doi: 10.1590/s1980-85852012000200009.

PATARRA, Neide Lopes - Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. Estudos avançados. São Paulo. ISSN 1806-9592. 20:57 (2006) 12–14.

PENA, Ingrid Machado - Boas Práticas para a Integração de Populações Imigrantes: Governamentalidade, Gestão e Bem-estar num Centro de Acolhimento Temporário em Lisboa, entre 2011-2012. ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa: (2012) Dissertação de mestrado.

PÉREZ, Daniel - Os significados dos conceitos de hospitalidade em Kant e a problemática do estrangeiro. Revista de Filosofía y Culturas en Diálogo. Valparaíso: ISSN 1669-9092. 15 (2007) 23–34.

PERISTA, Pedro et al. - Trabalhadores imigrantes na grande lisboa: da integração laboral à participação cívica. Alto comissariado para as migrações, I.P. (ACM, I.P.) ISBN 978-989-685-122-4. (2021) 7-48

PRILLELTENSKY, Isaac - Promoting well-being: Time for a paradigm shift in health and human services. Scandinavian Journal of Public Health, Supplement. Nashville: ISSN 14034956. 33:66 (2005) 53–60. doi: 10.1080/14034950510033381.

PUSSETTI, Chiara et al. - Migrantes e Saúde Mental-A Construção da Competência Cultural [Em linha] 2009 [Consult. 20 set. 2022]. Disponível em WWW:<URL: www.oi.acidi.gov.pt>. ISBN 9789898000897.

RAMALHO, Néelson Alves - Processos de globalização e problemas emergentes: implicações para o Serviço Social contemporâneo* Processes of globalization and emerging Issues: implications for the contemporary Social Services. 110:2012) 345–368

RAMOS, Natália - Migração, aculturação e saúde. Em UNIVERITÁRIA/UFPB, EDITORA (Ed.) - Saúde Migração e Interculturalidade: perspectivas teóricas e práticas. João Pessoa: [2008]. p. 45–96 Acedido em: 13 de junho de 2023, disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6831/1/Sa%C3%BAde%20Migra%C3%A7%C3%A3o%20e%20Interculturalidade%20%283%29.pdf>

RATHJE, Stefanie - Intercultural competence: The status and future of a controversial concept. *Language and Intercultural Communication*. ISSN 1747759X. 7:4 (2007) 254–266. doi: 10.2167/laic285.0.

REYNERI, Emilio - Illegal immigration and the underground economy. Em *The Challenges of Immigration and Integration in the European Union and Australia*, 18-20 February 2003, University of Sydney [Em linha]. Sydney: University of Milan Bicocca, 2004 Disponível em WWW:<URL: <https://digitalcollections.anu.edu.au/handle/1885/41778>>.

RIBEIRO, Mário; COUTEIRO, Ana - A Rede Nacional de Apoio à Integração de Migrantes. Em EDIÇÕES ESGOTADAS, LDA. (Ed.) - Práticas e Políticas - Inspiradoras e Inovadoras com Imigrantes. Lisboa, Porto, Viseu, Aveiro: ISBN 9789899092570. (2022) p. 221–242.

DE DEUS, Flávio ROCHA - O conceito «aporofobia» de Adela Cortina: reflexões sobre a sistêmica aversão aos pobres e a pobreza El concepto de aporofobia de Adela Cortina: reflexiones sobre la aversión sistémica a los pobres y la pobreza. (2017).

RODRIGUES, Michele Aldano Alves - O racismo está online: discurso de ódio nas redes sociais no Brasil. Universidade Federal Fluminense. Niterói. Bacharelado em Sociologia (2019).

ROSENBLOOM, Susan Rakosi; WAY, Niobe - Experiences of discrimination among African American, Asian American, and Latino adolescents in an urban high school. *Youth and Society*. New York: ISSN 0044118X. 35:4 (2004) 420–451. doi: 10.1177/0044118X03261479.

SALGADO, Maria Hylma Alcaraz; PEREIRA, Maria De Fátima Azevedo - A nova política migratória portuguesa: uma análise sociojurídica. *Revista Jurídica do Curso de Direito da UESC* (2022.2). Santa Catarina. 21:21 (2022) 80–102. doi: <https://doi.org/10.36113/dike.21.2022.3575>.

SAM, David L.; BERRY, John W. - Acculturation: When individuals and groups of different cultural backgrounds meet. *Perspectives on Psychological Science*. Bergen e Ontario: ISSN 17456916. 5:4 (2010) 472–481. doi: 10.1177/1745691610373075.

SANTOS, Boaventura De Sousa - A construção Multicultural da igualdade e da diferença. Em *Oficina do CES*, no 135, Centro de Estudos Sociais, Coimbra: janeiro, 1999.

SANTOS, Clara Maria Rodrigues Da Cruz Silva; ALVES, Mary Help Ibiapina - Espera, vulnerabilidades e subjugação no contexto das migrações. *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo: ISSN 0101-6628. 2022:145 (2022) 112–131. doi: 10.1590/0101-6628.295.

SANTOS, João Vitor Ferreira DOS - As vertentes da liberdade de expressão. Pontifca Universidade Católica de Goiás. Goiânia. Artigo Científico apresentado à disciplina. (2022).

- SILVA, Laís França - Acesso à habitação e o Direito a Cidade: perspectivas sobre a financeirização e o habitar imigrante no Porto. Universidade do Porto. Porto. Dissertação de mestrado (2021).
- SOARES, Francisco - Aporofobia e a ética da corresponsabilidade e da hospitalidade cosmopolita em Adela Cortina. *Revista Brasileira de Bioética*. Maceió. 14:2018) 1–13. doi: <https://doi.org/10.26512/rbb.v14i0.16729>.
- UNITED NATIONS DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS (UN DESA) - International Migration. New York: ISBN 9781317258391 (2020) 1-38.
- VALDÉS, Luisa Melero; OSMOS, Luis Die - A abordagem psicossocial nas migrações. *Compromisso Social Bancaja*. Valência: ISBN 9788498769999. (2010). p. 71-110.
- VELASCO, Suzana De Souza Lima - Imigração na União Europeia: uma leitura crítica a partir do nexa entre securitização, cidadania e identidade transnacional. EDUEPB [S.l.] ISBN: 9788578791551 (2014). 188p.
- VILELAS, José - Investigação- O processo de Construção do conhecimento. Edições Sílabo, Lda. Lisboa: ISBN 978-989-561-097-6. 3ª ed. 2020.
- WEIWEI, NIE - Plano De Marketing – Iseg. Universidade de Lisboa. Lisboa. Dissertação de mestrado (2018).
- WENDEN, Catherine Wihtol De - As novas migrações: Por que mais pessoas do que nunca estão em circulação e para onde elas estão indo? *Sur* 23. 13:2016) 23–40.
- WERLANG, Rosangela; MENDES, Jussara Maria Rosa - Sofrimento social. *Serviço Social & Sociedade*. 116 (2013) 743–768. doi: 10.1590/s0101-66282013000400009.
- WINNICOTT, Donald Woods - A família e desenvolvimento individual. *Martins Fontes*. 3:2005) 1–147.
- YAZBEK, M. Carmelita - Serviço Social e pobreza *Social Work and Poverty*. *Revista Katál*. Florianopolis. Pós-Doutor (2010) p.153–154.

Bibliografia

AGIUS VALLEJO, Jody; KEISTER, Lisa A. - Immigrants and wealth attainment: migration, inequality, and integration. *Journal of Ethnic and Migration Studies*.ISSN 14699451. 46:18 (2020) 3745–3761. doi: 10.1080/1369183X.2019.1592872.

ALARCÃO, Violeta et al. - Mental Health and Well-Being of Migrant Populations in Portugal Two Years after the COVID-19 Pandemic. *Behavioral Sciences*. ISSN 2076328X. 13:5 (2023). doi: 10.3390/bs13050422.

AMORIM, Devanildo De Souza; SILVA, Luís Delcides Rodrigues - Multiculturalismo, direitos coletivos e individuais: regulação estatal x emancipação mercadológica na sociedade da informação. Em XII Congresso de multiculturalismo, direitos humanos e cidadania. ISBN 0000000332156

BÄCKSTRÖM, Bárbara; CASTRO-PEREIRA, Sofia - A questão migratória e as estratégias de convivência entre culturas diferentes em Portugal. *Rev. Inter. Mob. Hum. Brasília*. 38:2012) 83–100.

BARROS, Allyne Fernandes Oliveira; MARTINS-BORGES, Lucienne - Reconstrução em Movimento: Impactos do Terremoto de 2010 em Imigrantes Haitianos. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 38:1 (2018) 157–171.

BASABE, Nekane; ZLOBINA, Anna; PÁEZ, Darío - Integración socio-cultural y adaptación psicológica de los inmigrantes extranjeros en el País Vasco. *Cuadernos Sociológicos Vascos*. ISSN 1575-7005. 15:2006) 142.

BERGER, Carlos Noberto; BERGER, Isis Ribeiro - Imigração e governamentalidade: reflexões sobre o lugar dos imigrantes nos estados-nação. *Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde*. v.20 no2. 2018).

BERRY, J. W. et al. - Acculturation Attitudes in Plural Societies. *Applied Psychology*. . ISSN 14640597. 38:2 (1989) 185–206. doi: 10.1111/j.1464-0597.1989.tb01208.x.

BOUBEBKRI, Abdellah EL; SAIDI, Benachour - Cross-cultural adaptation of international students in Moroccan higher education: the case study of Sub-Saharan African students at Mohammed First University. *Saudi Journal of Language Studies*. . ISSN 2634-243X. 2:3 (2022) 170–186. doi: 10.1108/sjls-04-2022-0046.

CARDOSO, Júlia - Ética e mínimos sociais: sujeito de direito e rendimento social de inserção. *Revista Intervenção social*, ISSN 0874-1611, Nº. 37 (1º Semestre), 2011, págs. 41-57. Obtido de <http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/is/article/view/1479>.

CASTRO, Fátima - Imigração e Desenvolvimento em Regiões de Baixas Densidades [Em linha]. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014 [Consult. 18 ago. 2020]. Disponível em WWW:<URL:<http://hdl.handle.net/10316.2/32887>>. ISBN 978-989-26-0705-4.

CORMOŞ, Viorica Cristina - The Processes of Adaptation, Assimilation and Integration in the Country of Migration: A Psychosocial Perspective on Place Identity Changes. *Sustainability*. ISSN 20711050. 14:16 (2022) 10296. doi: 10.3390/su141610296.

CRUZ, Eduardo Picanço; FALCÃO, Roberto Pessoa De Queiroz; PAULA, Fábio De Oliveira - Imigrantes ou Consumidores de Intercâmbio? As Agências como possíveis

facilitadores da imigração de brasileiros para Austrália. *Turismo: Visão e Ação*. 2019) 22(2), 297-317.

DANTAS, Sylvia Duarte et al. - Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. *REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. 18:2010) 45–60.

DENCKER, Ada De Freitas Maneti - Hospitalidade e interação no mundo globalizado. *Revista Rosa dos Ventos*. 53:9 (2013) 1689–1699. ISSN 1098-6596.

DIOGO, Elisete; VALDUGA, Tatiane - Os Migrantes NPT e o Desenvolvimento de Territórios de Baixa Densidade. Em: LEMA D'ORIGEM – EDITORA, LD. (Ed.) - IV Congresso Ibero-Americano de Intervenção social- Multiculturalidade, migrações e direitos humanos. ISBN 9789898890832. p. 51–64.

França, T., e Padilla, B. (2018). Imigração brasileira para Portugal: Entre o surgimento e a construção midiática de uma nova vaga. *Imigração brasileira para Portugal: entre o surgimento e a construção midiática de uma nova vaga*. Acedido dia 9 de junho de 2022, disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/17723>

Fonseca, M. L., Ormond, M., Malheiros, J., Patrício, M., e Martins, F. (2005). *Reunificação familiar e imigração em Portugal* (Vol. 15). ACIDI, IP.

GAWENDA, Dominika - Ser brasileiro na Polónia. *Integração e identidade durante migração*. *Studia Romanica Posnaniensia*. ISSN 20844158. 46:3 (2019) 105–116. doi: 10.14746/strop.2019.463.007.

GÓIS, Pedro et al. - Discriminação no recrutamento e acesso ao mercado de trabalho de imigrantes e portugueses de origem estrangeira [Em linha] [Consult. 20 set. 2022]. Disponível em WWW:<URL:www.om.acm.gov.pt/om@acm.gov.pt>. ISBN 9789896850951.

GRIGORYEV, Dmitry; BERRY, John W.; ZABRODSKAJA, Anastassia - Editorial: Stereotypes and Intercultural Relations: Interdisciplinary Integration, New Approaches, and New Contexts. *Frontiers in Psychology*. ISSN 16641078. 12: July (2021) 10–12. doi: 10.3389/fpsyg.2021.728048.

HAAS, Hein DE - The internal dynamics of migration processes: A theoretical inquiry. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. ISSN 1369183X. 36:10 (2010) 1587–1617. doi: 10.1080/1369183X.2010.489361.

HELLGREN, Zenia - Immigrant Integration as a Two-Way Process: Translating Theory into Practice [Em linha] 2015, p.30 [Consult. 7 de junho de 2023] Disponível em: www.upf.edu/gritim/.

HENRIQUES, Maria Adelina - Argumentos para uma viagem sem regresso. *A imigração PALOP por via da saúde: Um estudo de caso*. ISBN 9789896850067.

JÓNSSON, Gunvor - Non-migrant, sedentary, immobile, or 'left behind'? Reflections on the absence of migration. *The IMI Working Papers Series*. April (2011) 1–17.

JORGE, Malheiros; FONSECA, Lucinda - Acesso à Habitação e Problemas Residenciais dos Imigrantes em Portugal [Em linha] Disponível em WWW:<URL: www.oi.acidi.gov.pt>. ISBN 9789896850432.

KETZER, Lisiane Selaimen Heemann et al. - Imigração, identidade e multiculturalismo nas organizações brasileiras. *Interações (Campo Grande)*. 2018) 679–696. doi: 10.20435/inter.v19i3.1673.

KIRCHGASLER, Christopher - The end(s) of inclusion: ungrounding globalization and 'the migrant' in dialogue with hospitality. *Discourse*. ISSN 14693739. 42:5 (2021) 648–664. doi: 10.1080/01596306.2020.1836745.

LECHNER, Elsa - Imigração e saúde mental. *Revista Migrações - Número Temático Imigração e Saúde*. Lisboa. [Em linha] 1:2007) 79–101. Disponível em WWW:<URL:[https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/33297/1/Imigração e saúde mental.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/33297/1/Imigração_e_saúde_mental.pdf)>.

Malheiros, J. D. S. M. (2007). *Imigração brasileira em Portugal*. Acedido em 8 de junho de 2022, disponível em: <http://www.ceg.ul.pt/migrare/publ/ImigrBrasileira.pdf>

MARQUES OLIVEIRA, Fernanda Paula - O ordenamento do território e os desafios colocados pelas áreas de baixa densidade: breves anotações sobre a realidade portuguesa. *Revista Galega de Administración Pública*. ISSN 1132-8371. 60 (2021) 405–425. doi: 10.36402/regap.v0i60.4631.

MÁRQUEZ, Lara A. Sosa - Pessoas em movimento e aceleração social: o fenômeno da migração sob a luz teórica de Hartmut Rosa. Em III Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PUCRS 2020 [Consult. 12 out. 2022].

MILASI, Santo - What Drives Youth's Intention to Migrate Abroad? Evidence from International Survey Data. *IZA Journal of Development and Migration*. ISSN 25201786. 11:1 (2020). doi: 10.2478/izajodm-2020-0012.

MILELI, Diego Ramos - FRONTEIRAS DA EXCLUSÃO DE DIREITOS: HÁ UMA DISCRIMINAÇÃO INSTITUCIONALIZADA CONTRA OS ESTRANGEIROS? *Diacrítica (Braga)*.ISSN 0870-8967. 31:3 (2017) 131.

MOSQUERA, Ana Cristina Ruiz; GARCÍA, María De Las Olas Palma; GONZÁLEZ, Célia Luna Vives - Jóvenes inmigrantes extutelados. El tránsito a la vida adulta de los menores extranjeros no acompañados en el caso español. *Asociación Internacional de Ciencias Sociales y Trabajo Social*. 7:9 (2019) 261. ISSN 2386-4915.

NASH, Mary; WONG, John; TRLIN, Andrew - Civic and social integration: A new field of social work practice with immigrants, refugees and asylum seekers. Em *International Social Work*49.3. Londres, Thousand Oaks, CA e Nova Delhi: (2006): 345-363. <https://doi.org/10.1177%2F0020872806063407>

REDFIELD, Robert; LINTON, Ralph; HERSKOVITS., Melville J. - «Memorandum for the study of acculturation. » *American anthropologist*, 38(1). 1:1936) 149–152.

ROCHA, Vitor Lira; CARVALHO, Érica Rios DE - Políticas imigratórias e direitos humanos de estrangeiros em Portugal. *Globalização e globalismos*. 5:2020) 423–441. Acedido em: 8 de junho de 2022, disponível em: https://www.academia.edu/download/65340364/Livro_INTERDH_Migracoes.pdf#page=423

SAMPEDRO, Rosario; CAMARERO, Luis - Foreign Immigrants in Depopulated Rural Areas: Local Social Services and the Construction of Welcoming Communities. 6:3 (2018) 337–346. doi: 10.17645/si.v6i3.1530.

SIMONSEN, Kristina Bakkær - How the host nation's boundary drawing affects immigrants' belonging. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. ISSN 14699451. 42:7 (2015) 1153–1176. doi: 10.1080/1369183X.2016.1138854.

SNEL, Erik; BILGILI, Özge; STARING, Richard - Migration trajectories and transnational support within and beyond Europe. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. ISSN 14699451. 47:14 (2021) 3209–3225. doi: 10.1080/1369183X.2020.1804189.

SOLÍS, Alejandra Elizabeth Urbiola; AYALA, Ricardo Ortiz - Migración Internacional, una constante en la relación binacional México-Estados Unidos. *Revista CIMEXUS*. XIV:1 (2019).

Anexos

Anexo 1- Matriz de Análise (Profissionais)

Conceito	Dimensões	Variáveis	Indicadores		
Aporofobia	Integração económica	Emprego	Emprego/desemprego/ocupações de trabalho		
			Contrato de trabalho		
			Descontos para o sistema de Segurança Social		
		Condições económicas	Adequação do salário às necessidades da vida quotidiana		
			Integração social	Acesso aos direitos sociais	Apoios sociais (RSI, alimentação, alojamento, vestuário)
					Serviços de Saúde
	Relações sociais	Ensino/Educação (inclui acesso ao ensino do português, caso necessário)			
		Habitação			
	Integração Cultural	Valores culturais próprios versus sociedade de acolhimento	Estabelecimento de relações		
			Inclusão social		
	Discriminação	Principais dificuldades	Cordialidade no tratamento/nos contactos		
			Diferença entre culturas e o processo de integração		
			Promover aproximação e o respeito entre as diferentes culturas		
			Legislação nacional		
			Comportamentos discriminatórios		
Ação profissional	Lidar com a discriminação	Acolhimento diferente consoante a origem			
		Identificação da aporofobia no trabalho com imigrantes			
		subtil/discriminação evidente			
		Desafios da Aporofobia			

Anexo 2 - Matriz de Análise (Imigrantes)

Conceito	Dimensões	Variáveis	Indicadores	
Aporofobia	Trajectoria Migratória	Motivações para migrar	Por que escolheu Portugal como destino	
	Reconhecimento como um sujeito de direito (questões legais, política de reconhecimento da condição de imigrante/residente)	Condição legal no país	Tem/não tem autorização de residência	
			Tempo de espera	
			Facilidade/dificuldade no contacto com serviços	
			Consequências/prejuízos	
	Integração económica	Emprego	Emprego/desemprego	
			Entidade patronal - nacional/outra	
			Contrato de trabalho	
		Descontos para o sistema de Segurança Social		
	Condições económicas da vida quotidiana	Adequação do salário às necessidades da vida quotidiana		
	Integração social	Acesso aos direitos sociais	Apoios sociais (RSI, alimentação, alojamento, vestuário)	
			Serviços de Saúde	
			Ensino/Educação (inclui acesso ao ensino do português, caso necessário)	
			Habitação	
		Relações sociais	Amigos - origens	
Momentos de convívio				
Facilidade de contacto com os portugueses				
Cordialidade no tratamento/nos contactos				
Integração Cultural			Valores culturais próprios versus sociedade de acolhimento	Conhecimento da cultura portuguesa
				Uso da língua portuguesa/facilitação do contacto
	Interesse dos portugueses pela sua cultura			
	Respeito dos portugueses pela sua cultura			
	Oportunidades de divulgar a sua cultura			
Avaliação global da sua condição no país de acolhimento	Os aspetos positivos			
	Os aspetos negativos			
Enfrentamento à discriminação xenofóba/aporofóba	Como se sentiu?			
	Quais ajudas buscou?			
	Sugestões para ultrapassar a discriminação			

Anexo 3 - Ficha de consentimento informado



UNIVERSIDADE LUSÍADA

Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa

Mestrado em Serviço Social

Tema: Aporofobia e população migrante: que desafios para o Serviço Social?

Mestranda: Luiza Barbosa Mira (Investigadora Ipportalegre)

Orientadora: Maria Júlia Cardoso (Doutora em Serviço Social, Professora Auxiliar)

O trabalho de investigação intitulado “Aporofobia e população migrante: que desafios para o Serviço Social?” está a ser elaborado por Luiza Barbosa Mira, sob orientação da Professora Doutora Maria Júlia Cardoso, como dissertação final do mestrado em Serviço Social no Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa (ISSSL), da Universidade Lusíada.

O objetivo geral da investigação é explorar a influência da aporofobia nos processos de integração das populações migrantes, bem como as estratégias do Serviço Social para minimizar essa incidência e promover a efetiva integração dessas populações.

A sua participação neste estudo é gratuita e voluntária. Os dados recolhidos destinam-se a fins científicos, sendo garantido o anonimato e a confidencialidade das informações transmitidas nesta entrevista. Você pode desistir de participar do estudo sempre que desejar, sem que isso lhe traga consequências ou prejuízos.

Eu, _____ (nome completo do participante) declaro que compreendi claramente as informações acima e aceito participar deste estudo, da mesma forma que autorizo o uso dos dados fornecidos voluntariamente. Autorizo a gravação da entrevista por meio de gravação de áudio, tratada de forma sigilosa e confidencial, e posteriormente descartada, assim como foi assegurado pela pesquisadora.

Assinatura do participante: _____

Dados: ___ / ___ / 20__

Em caso de dúvida, entre em contato com o pesquisador do estudo através do seguinte endereço de e-mail: luizaamira@gmail.com

Nome e assinatura do entrevistador: _____

Dados: ___ / ___ / 20__

Anexo 4 - Ficha de consentimento informado (Inglês)



UNIVERSIDADE LUSÍADA

Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa

Mestrado em Serviço Social

Tema: Aporofobia e população migrante: que desafios para o Serviço Social?

Mestranda: Luiza Barbosa Mira (Investigadora Iportalegre)

Orientadora: Maria Júlia Cardoso (Doutora em Serviço Social, Professora Auxiliar)

Informed consent form

The research work entitled “Aporophobia and migrant population: what challenges for Social Work?” is being prepared by Luiza Barbosa Mira, under the guidance of Professor Maria Júlia Cardoso, as the final dissertation of the master’s degree in social work at the Higher Institute of Social Service of Lisbon (ISSSL), at Universidade Lusíada.

The general objective of the investigation is to explore the influence of aporophobia in the processes of integration of migrant populations, as well as the Social Work strategies to minimize such incidence and to promote the effective integration of these populations.

Your participation in this study is free and voluntary. The data collected are for scientific purposes, and the anonymity and confidentiality of information transmitted in this interview are guaranteed. You may withdraw from participating in the study whenever you wish, without this having any consequences or harm to you.

I, _____ (full name of the participant) declare that I have clearly understood the above information and accept to participate in this study, in the same way that I allow the use of the data provided voluntarily. I authorize the recording of the interview through the audio recording, treated in a secret and confidential manner, and then disposed of, as well as was assured by the researcher.

Participant signature: _____

Data: ___ / ___ / 20__

In case of doubt, contact the study investigator through the following email address:
luizaamira@gmail.com

Interviewer's name and signature: _____

Data: ___ / ___ / 20__

Anexo 5 - Guião de Entrevista (Profissionais)



UNIVERSIDADE LUSÍADA

Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa

Mestrado em Serviço Social

Tema: Aporofobia e população migrante: que desafios para o Serviço Social?

Mestranda: Luiza Barbosa Mira (Investigadora Ipportalegre)

Orientadora: Maria Júlia Cardoso (Doutora em Serviço Social, Professora Auxiliar)

Objetivo geral:

É objetivo geral da investigação a explorar a influência da aporofobia nos processos de integração de populações migrantes, bem como as estratégias do Serviço Social para minimizar tal incidência e promover a efetiva integração dessas populações.

Objetivos específicos:

- Identificar os fatores que dificultam os processos de integração de imigrantes recentes no país e que podem traduzir dimensões do conceito de aporofobia;
- Perceber como os assistentes sociais interpretam a aporofobia, se a identificam nas vivências quotidianas de quem chega ao país e que estratégias de intervenção, de natureza individual e coletiva, utilizam para prevenir a aporofobia e/ou mitigar os seus efeitos nos processos de integração.

Guião de Entrevista (Assistentes Sociais)

Caracterização das funções do entrevistado

1. Há quanto tempo trabalha como assistente social? Há quanto tempo trabalha com imigrantes?

2. Qual o perfil principal dos imigrantes que atende e que acompanha? Atualmente, quantos imigrantes acompanha?
3. Quais são suas funções principais no trabalho com imigrantes?
4. Quais as principais dificuldades com que se debate no exercício das suas funções com imigrantes? (por exemplo, o tempo médio de regularização como residente no país, mas não deve fazer a pergunta diretamente)

Integração económica

Emprego e condições económicas

5. Qual a situação perante o emprego dos imigrantes com quem trabalha (emprego/desemprego)? Quais as ocupações profissionais mais frequentes?
6. Quais as condições de emprego? Têm contrato de trabalho? Estão inscritos na Segurança Social?
7. Numa avaliação global, considera que têm oportunidades de trabalho e salários semelhantes aos nacionais ou aos imigrantes já integrados no país?
8. Com base na sua atual experiência profissional, como retrata as condições económicas dos imigrantes que acompanha?

Integração social

Acesso aos direitos sociais

9. De uma forma geral, como avalia as condições de acesso a direitos fundamentais como: saúde, educação, proteção social (RSI, alimentação), habitação... Há maiores dificuldades para os que chegaram ao país do que para os residentes (nacionais ou não imigrantes há mais tempo no país)

Relações sociais – relações culturais

10. No plano das relações entre os imigrantes que chegam ao país e os residentes, considera que há facilidade no estabelecimento de relações? Se não, por que motivos?
11. Como profissional, que estratégias de intervenção utiliza para promover a inclusão dos imigrantes no tecido social/na comunidade?

Integração Cultural

Valores culturais dos imigrantes versus sociedade de acolhimento

12. A cultura e valores culturais dos imigrantes são distintos da cultura nacional. Considera que esta é dimensão facilitadora ou uma dimensão crítica no processo de integração? Explícite por favor
13. Como profissional, que estratégias de intervenção utiliza para promover a aproximação e o respeito entre as diferentes culturas?

Aporofobia

Discriminação

14. Relativamente às principais dificuldades dos imigrantes, considera que elas se relacionam com:
 - a legislação nacional?
 - com comportamentos discriminatórios de outros cidadãos, os portugueses ou outros? *(também há discriminação por parte de outras culturas, por parte de outros cidadãos residentes de origens diversas...)*
15. Observa se os portugueses acolhem imigrantes de forma diferente, consoante a sua origem? (Por exemplo, se vêm de um país africano, asiático, comparando com um país europeu).
16. Conhece o termo Aporofobia? -O interlocutor explicará sobre o termo, caso o entrevistado não conheça. *(Medo, aversão ao pobre)*

“Aporofobia é a aversão a pessoas, etnias e raças, que normalmente não possuem recursos financeiros, e, por isso, não poderiam oferecer nada ou aparentam não poder” (Cortina, 2022) - Com base no conceito aporofobia observa se isto ocorre com os imigrantes com quem trabalha? (Poderia exemplificar alguma situação?)

Ação Profissional

17. Como procede, no exercício das suas funções, numa situação discriminatória **subtil** ou **evidente/objetiva** contra os imigrantes? *(situação discriminatória subtil- atravessar a rua, não querer ser atendido por alguém de outra nacionalidade, etc)*
18. Do ponto de vista dos AS e do Serviço Social, que desafios nos são colocados quando confrontados com comportamentos aporófobos? O que é que tal exige de nós, profissionais?

Anexo 6 - Guião de Entrevista (Imigrantes)



UNIVERSIDADE LUSÍADA

Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa

Mestrado em Serviço Social

Tema: Aporofobia e população migrante: que desafios para o Serviço Social?

Mestranda: Luiza Barbosa Mira (Investigadora Ipportalegre)

Orientadora: Maria Júlia Cardoso (Doutora em Serviço Social, Professora Auxiliar)

Objetivo geral:

É objetivo geral da investigação a explorar a influência da aporofobia nos processos de integração de populações migrantes, bem como as estratégias do Serviço Social para minimizar tal incidência e promover a efetiva integração dessas populações.

Objetivos específicos:

- Identificar os fatores que dificultam os processos de integração e que podem ser classificados como “aporofobia”;
- Perceber como os assistentes sociais interpretam a aporofobia e que estratégias de acolhimento, de natureza individual e coletiva, utilizam para prevenir a aporofobia e mitigá-la.

Dados sociodemográficos

1. Nacionalidade
2. Idade
3. Há quanto tempo chegou a Portugal
4. Com quem veio
5. Com quem reside (sozinho, com família, amigos, conhecidos)
6. Escolaridade

Trajectoria que levou a migração

7. O que o levou a sair do seu país?
8. Por que escolheu Portugal como destino?

Aporofobia

Reconhecimento como sujeito de direito

Condição de regularização no país

9. Possui autorização de residência?
Se não, porquê? Que dificuldades tem encontrado? Qual o prejuízo para a sua vida em Portugal?
Se sim, quanto tempo demorou?

Integração económica

Emprego

10. Situação de trabalho: empregado? Desempregado? Negócio/empresa própria?
11. Se trabalha para outrem, qual a nacionalidade da sua entidade patronal? Quais são as condições de trabalho? Possui contrato de trabalho? Faz descontos para a segurança social?
12. Se está desempregado, quais são as razões que considera estarem na origem dessa condição?

Condições económicas da vida quotidiana

13. Quanto ao seu rendimento mensal, considera-o suficiente para pagar as despesas mensais que tem?
14. Precisa ou já precisou recorrer ao apoio financeiro de outras pessoas? E de instituições?
15. Alguma vez já sentiu que foi tratado de forma diferente devido à sua condição económica?

Integração Social

Acesso aos direitos sociais

16. Recebe algum apoio social, como o RSI, alimentação, alojamento e vestuário?
17. Relativamente ao seu acesso aos serviços de Saúde (SNS), possui número de utente? Tem um centro de saúde e médico de família? Como foi esse processo, encontrou dificuldades? Se sim, quem o ajudou?
18. Relativamente ao campo da educação:
 - a) Tem as suas habilitações validadas em Portugal? Teve dificuldade em o conseguir?
 - b) Teve interesse em prosseguir os estudos em Portugal? Se sim, como foi esse processo?
 - c) Como foi o processo de admissão do(s) seu(s) filho(s) na escola? Enfrentou alguma dificuldade? *(se aplicável)* Quem o ajudou?
19. Relativamente à habitação, considera que tem as condições necessárias? Explique, por favor

Relações Sociais

20. Tem amigos em Portugal? Qual a(s) origem(s) de seus amigos?
21. Sente-se bem acolhido em Portugal? Porquê? *(Se não, Por que acha que isto acontece? - se aplicável)*
22. Teve/tem facilidade em relacionar-se com os portugueses? Tem momentos de convívio com eles? Se não, porquê?
23. Alguma vez já sentiu que foi tratado de forma diferente por causa da sua origem?

Integração Cultural

Valores Culturais próprios versus sociedade de acolhimento

24. Conhece a cultura de Portugal? Incorporou algum hábito da cultura portuguesa?
25. Teve/tem alguma dificuldade em aprender a língua portuguesa? Teve a oportunidade de frequentar o ensino do português?
26. A comunidade de acolhimento, os portugueses, demonstra interesse pela sua cultura? Já teve a oportunidade de divulgar a sua cultura? A reação foi positiva/interessada?

Avaliação global de acolhimento

27. Quais os aspetos positivos de ter migrado?

28. Quais os aspetos negativos de ter migrado?

Estratégias de Enfrentamento (Se aplicável)

29. Quando sentiu que foi tratado diferente, como se sentiu? Que estratégias utilizou para ultrapassar essa situação? Procurou apoio em alguém? (instituição social, assistente social, instituição de apoio a imigrantes, pessoas da sua comunidade...) *(impacto na saúde mental, autoestima, integração do entrevistado).*

30. Acha que os imigrantes são discriminados? Porquê? Se sim, o que deveria ser feito para ultrapassar esse problema?

Anexo 7- Guião de Entrevista Imigrantes (versão inglês)



UNIVERSIDADE LUSÍADA

Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa

Mestrado em Serviço Social

Tema: Aporofobia e população migrante: que desafios para o Serviço Social?

Mestranda: Luiza Barbosa Mira (Investigadora Ipportalegre)

Orientadora: Maria Júlia Cardoso (Doutora em Serviço Social, Professora Auxiliar)

Objetivo geral:

É objetivo geral da investigação a explorar a influência da aporofobia nos processos de integração de populações migrantes, bem como as estratégias do Serviço Social para minimizar tal incidência e promover a efetiva integração dessas populações.

Objetivos específicos:

- Identificar os fatores que dificultam os processos de integração e que podem ser classificados como “aporofobia”;
- Perceber como os assistentes sociais interpretam a aporofobia e que estratégias de acolhimento, de natureza individual e coletiva, utilizam para prevenir a aporofobia e mitigá-la.

Dados sociodemográficos

1. What is your nationality?
2. How old are you?
3. How long ago did you arrive in Portugal?
4. Who did you come with?
5. Who do you live with (alone, family, friends, acquaintances)?
6. What is your education level?

Trajectoria que levou a migração

7. What made you leave your country?

8. Why did he choose Portugal as a destiny?

Aporofobia

Reconhecimento como sujeito de direito

Condição de regularização no país

9. Do you have a residence card?

If not, why? What difficulties have you encountered? If yes, how long did it take to get the document??

Integração económica

Emprego

10. What jobs did you have before your current one? In which conditions?

11. About your current job. What is the nationality of your employer? Do you have an employment contract? Do you make discounts for social security?

Condições económicas da vida quotidiana

12. As for your monthly salary, do you consider it enough to pay your monthly expenses (like, bills, rents, etc)

13. Do you need, or have you needed economic support from other people? Or some institution?

14. Have you ever felt that you were treated differently because of your economic situation?

Integração Social

Acesso aos direitos sociais

15. Do you receive any social support, such as RSI, basket of food, some help for accommodation or clothing?

16. About your access to health services (SNS), do you have a number (número de utente)? Do you have a health center and family doctor? How was this process, did you encounter any difficulties? If yes, who helped you?
17. About Education:
- a) Do you have your qualifications validated in Portugal? Did you have trouble getting it?
 - b) Were you interested in continuing your studies in Portugal? If so, how was that process?
 - c) How was the process of admitting your child(ren) to school? Did you face any difficulties? (if applicable) Who helped you?
18. About housing, you in a room? in an apartment? Do you consider that you have the necessary conditions? Explain please.

Relações Sociais

19. Do you have friends in Portugal? Where are your friends from?
20. Do you feel welcome in Portugal? Why?
21. Did/do you have an easy relationship with the Portuguese? Do you have moments of conviviality with them? If not, why?
22. Have you ever felt that you were treated differently as an immigrant?

Integração Cultural

Valores Culturais próprios versus sociedade de acolhimento

23. Do you know the culture of Portugal? Did you incorporate any habits of Portuguese culture?
24. Did/do you have any difficulty learning the Portuguese language? Did you have the opportunity to attend Portuguese teaching?
25. Does the host community, the Portuguese, show interest in your culture? Have you ever had the opportunity to promote your culture? Was the reaction positive/interested?

Avaliação global de acolhimento

26. What are the positive aspects of having migrated?

27. What are the negative aspects of having migrated?

Estratégias de Enfrentamento (Se aplicável)

28. When you felt you were treated differently, how did you feel? What strategies did you use to overcome this situation? Did you look for some support from someone? (Social institution, social worker, support institution for immigrants, people in your community...) (impact on mental health, self-esteem, integration of the interviewee).

29. Do you think immigrants are discriminated against? Why? If yes, what should be done to overcome this problem?

Anexo 8 - Transcrição de entrevista com assistente social 1

Entrevista com profissional

Assistente social 1

[Introdução]

L: Primeiro aqui. Quanto tempo trabalha como assistente social?

A: *Doze anos mais ou menos, doze anos.*

L: Sim. Há quanto tempo trabalha com migrantes?

A: *Há trinta e três ou trinta e quatro anos?*

L: Uau. E quais eram as suas funções antes?

A: *Hum, quando cheguei, sou imigrante, quando cheguei do meu país de origem que é Cabo Verde fui viver para um bairro, um bairro, degradado, onde só majoritariamente eram pessoas imigrantes e seus descendentes, mas também tinha portugueses. E eu era treinadora de [...] desta de muitas crianças e jovens que nasceram naquele bairro, depois vim trabalhar como animadora sociocultural e treinadora e treinadora de handebol, pronto.*

L: E qual o principal perfil de imigrantes que atende e que acompanha aqui?

A: *Majoritariamente são...hum... o conselho de [...] já teve, agora mudou ligeiramente o perfil dos imigrantes, antes eram muitos cabo-verdianos, que os cabo-verdianos eram os primeiros a entrar no território e agora esses cabo-verdianos e os seus descendentes já são muitos portugueses. Não é? E, entretanto, agora mudou um bocado. Ainda vem muitos cabo-verdianos. Se eu for agora verificar os atendimentos que eu faço, ainda acho que é nacionalidade portuguesa é a necessidade do Cabo Verde ainda temos muito quando... eu tenho duas plataformas. Uma em que eu introduzo só as pessoas imigrantes que não têm o cartão do cidadão e uma outra que é uma base de dados que eu construí que atendo as pessoas que têm que já têm a nacionalidade portuguesa, faço esse diferencial porque quando a câmara da [...] tem um protocolo com o Alto Comissariado para as migrações para registar os atendimentos dos imigrantes. Então não é normal, não considero, temos que separar, porque depois temos que dar esses dados ao Alto Comissariado para as migrações por questões de relatório. Então eu acho que majoritariamente dos imigrantes que eu atendo ou seus descendentes são de nacionalidade africana, na mesma, naturalidade e nacionalidade africana, Cabo Verde. Cabo Verde fica sempre em primeiro lugar no número de pessoas, depois temos outras que é guineense, que é mais da África Ocidental e também brasileiros.*

L: Mas a maioria já tem essa essa nacionalidade portuguesa?

A: *Não, não, não. Quando estou a falar aqui, falo só dos imigrantes que ainda não têm nacionalidade portuguesa.*

L: Ok.

A: *Que é o que lhe interessa.*

L: Sim, exatamente.

A: *É eu agora só vou falar das das pessoas que ainda não me têm nacionalidade portuguesa, que é para esta plataforma exclusivo de de pessoas que não têm.*

L: Obrigada.

A: *São pessoas com escolaridade mais baixas, que tem um emprego não qualificado e maioria estão na idade ativa, é mais ou menos esse o perfil.*

L: E quantos imigrantes mais ou menos acompanha?

A: *Hã... acompanha...são muitos, mas, realmente eu não, não sei porque há uns que vêm e depois já não vem mais, porque conseguiu resolver a situação ou só vem daqui a um ano, são muitos...*

L: é rotativo.

A: *É rotativo há poucos que são mesmo fixo, fixo isso é mau. Porque se são fixos é porque a situação ainda mantém-se, a problemática ainda mantém-se. Naquele agregado ou naquele indivíduo então às vezes não atendo só não, não tenho a noção o quanto já acompanham são são tenha noção se eu for verificar os atendimentos, sei mas são os atendimentos que nem sempre eu acompanho, eu atendi, mas entretanto a pessoa não voltou mais, isso para mim não é um acompanhamento foi um atendimento pontua. Ou depois o título de residência caduca, depois de um ano ou dois anos, depois a pessoa aparece, é é mais ou menos neste neste contexto.*

L: Quais são suas funções principais no trabalho com os imigrantes?

A: *Com os imigrantes? Eu sou assistente social, atendo e acompanho. Também tenho aqui um projeto que se chama "As Marias" que é um projeto multicultural que já temos seis nacionalidades diferentes. Eu não estou a dizer nacionalidade, porque são todas já com uma nacionalidade portuguesa, então estou a dizer com seis nacionalidades diferentes. Angola, Cabo Verde, Moçambique, Portugal eh... São Tomé e Príncipe e... falta uma... Angola Cabo Verde, Portugal, São Tomé e Príncipe, Moçambique... e Guiné, sim, pronto, são seis. Naturalmente são as mulheres que vêm daqui a nada já vêm ensaiar uma dança multicultural. É uma dança intercultural isso sim, que engloba Portugal, Cabo Verde e Guiné está ai uma senhora que vem lhes dar esta esta aula porque vamos receber no dia dezanove de julho a senhora secretária do estado para interculturalidade e imigrações nesse dia então estamos a preparar tudo um evento para dar as boas vindas com uma dança intercultural.*

L: Sim sim. Mas além disso da aqui apoios à nível...?

A: *Apoio alimentar através da Câmara que tem um fundo de emergência social para apoiar as famílias mais carenciadas, ou as famílias que de repente viu-se em situação de vulnerabilidade de uma forma pontual, então a câmara dá um apoio financeiro tem que instruir até no decorrer do atendimento faço um diagnóstico à pessoa para se perceber a situação. Se encaixa, se tem um perfil para solicitar o fundo de emergência social, vou analisar e instruir todo esse processo e enviar para ser aprovado superiormente que isso se chama fundo de emergência social. Acompanho as pessoas se for necessário ao SEF, quando tem problemas de saúde ou são idosos ou, pronto, neste caso, também acompanho, faço orientações dos estágios, também das alunas da licenciatura ou dou muitas entrevistas a meninas como tu que já vieram da Universidade Católica também,*

faço visita domiciliares e depois coordeno tudo e acompanho este projeto “As Marias” que começou com três senhoras imigrantes e agora são quarenta e cinco senhoras.

L: Uau.

A: *É verdade. Sim sim.*

L: Quais as principais dificuldades com que se debate no exercício das suas funções com imigrantes?

A: *a regularização documental é top. O SEF não ajuda nada, nada, nada, nada, muito difícil, então nos últimos dois anos, desde a época da pandemia e quando surgiu também aquela situação no aeroporto com aquele imigrante e a situação piorou imenso depois com isso as pessoas têm muitas dificuldades em em na sua atividade a procura de atividade laboral hum em termos também de apoios sociais, eu na minha opinião, a parte da regularização documental é é gritante.*

L: E qual o tempo médio de regularização?

A: *Ah depende de cada caso é um caso, imagina que vem um imigrante em situação já de que requer a tratamento de saúde, por exemplo, se tem um um relatório médico, pronto, isso vai para um outro artigo pode ser, normalmente, é um bocadinho mais fácil. Tipo dois, meses, ou três, ok. Agora as outras situações é porque só para efetuar o agendamento não é possível, praticamente. Não atendem o telefone e demoramos mais de uma hora, duas, se atendem. Antigamente, nem sequer atendiam. Eu normalmente para não estar a perder tempo envio sempre um email, porque as pessoas não conseguem, os imigrantes já não conseguem fazer os agendamentos, os poucos que conseguem ficam muito tempo ao telefone à espera.*

Eu até estou a ajudar a ensiná-los a a preencher um quadro e enviar através do seu e-mail esse esse pedido, através do email da própria pessoa, porque assim também dá o empoderamento às pessoas, quando sei que têm, que o conseguem fazer através da que que tenham o email e que não têm dificuldades em em lidar com a parte da das escrita eu ensino a fazer eu ensino a fazer esta marcação e este agendamento.

L: Muito bem. Qual é a situação de emprego dos imigrantes? eles se apresentam mais empregados ou desempregados?

A: *Eu acho que neste momento estão mais empregados do que desempregados, sim, apesar, de ser um trabalho mais precário...*

L: E a maioria, qual ocupação possuem?

A: *É mais na área de restauração, limpezas, empregadas domésticas, a maioria estão nesta situação.*

L: E quais as condições de emprego? tem contrato de trabalho? estão inscritos na Segurança Social?

A: *A maioria sim, maioria está sim.*

L: Estão inscritos na segurança...?

A: *As duas coisas, a maioria das pessoas que eu atendo sim.*

L: Ok, ok. E em uma avaliação global, considera que tem oportunidade de salário semelhante aos nacionais ou imigrantes já integrados no país?

A: *Das pessoas que eu atendo aqui concretamente acho que sim, acho que sim. Agora se formos a outras zonas do país se calhar as minhas colegas não respondem da mesma forma, mas aqui de certa forma sim.*

L: Ok. Com base na sua atual experiência profissional como retrata as condições econômicas dos imigrantes que acompanha?

A: *Muito frágil muito vulnerável. Sim, na sua maioria, Principalmente os que ainda só têm título de residência, mas não penso que não não tem a ver com com o título de residência ou o cartão de cidadão é sempre um trabalho mais precário que é o que eu noto.*

L: Precisam de muitos apoios?

A: *Eu acho que agora toda a gente precisa de muitos apoios, principalmente quando há também a outra problemática seguir à legalização tem a ver com a habitação. A habitação está num caos e e as pessoas recebem já um ordenado muito baixo que é o ordenado mínimo. É o que às vezes nem chega para apagar a renda habitacional ou a empréstimo ou à prestação bancária.*

L: E as pessoas que atende aqui a maioria são famílias, são pessoas individuais, são casais...?

A: *são famílias, são mais famílias do que do que pessoas individuais, sim.*

L: Ok. De forma geral como avalia as condições de acesso a direitos fundamentais como saúde, educação, proteção social, habitação, há maiores dificuldades para os que chegam ao país do que para os residentes nacionais ou não imigrantes há mais tempo no país?

A: *É é uma pergunta muito comprida, tem que ser é dividir.*

L: De forma geral, como avalia as condições de acesso aos direitos fundamentais?

A: *OK, está certo. Eu acho que os direitos há uma lei portuguesa e os direitos estão nessa lei. Direito a saúde e direito por isso quem tem título de residência esses direitos está abrangido como qualquer cidadão autóctone, por isso, tem sempre esse direito. Agora se é aplicável em termos e descontos disso tudo, pelo sei que a pessoa tem direito, agora muitas vezes ah por serem imigrantes, às vezes, podem ser uma situação ou outra ah podem trabalhar sem contrato e em algumas situações que depois estava a ser uma situação mais precária. Há pouco tempo recebi uma senhora que o patrão conheceu-a em Cabo Verde veio com ela e com os irmãos ou mais pessoas e foram trabalhando para fora de Lisboa na área da restauração e trabalharam acho que foram dois ou três meses não receberam qualquer remuneração então tiveram que regressar a Lisboa e estão na casa de um familiar e um familiar tem uma casa pequena estão lá assim aos montes e de vez em quando acontece isso das pessoas trabalharem e não receberem chegar ao final do mês não receberem.*

L: No plano das relações entre os imigrantes que chegam ao país e os residentes, considera que há facilidade no estabelecimento de relações? Se não, por que motivos?

A: *Hoje em dia é muito, é muito difícil se falarmos de familiares, é isso, ou não?*

L: Não, de relação com a população portuguesa e a população imigrante mesmo. Essa relação como é que se dá.

A: *Então se chega agora ainda não há nenhuma relação porque não se conhecem, por isso só depois de se conhecerem talvez não sei, acho que uma pessoa quando chega acho que não há nenhuma relação ainda entre os que vêm e os que estão no país de acolhimento não há assim nenhuma relação.*

L: Mas acha que há alguma facilidade para estabelecer relação com os portugueses?

A: *Talvez. Acho que cada caso é um caso, não sei, acho que cada caso é um caso de uma forma geral....*

L: Ok. Como profissional? Que estratégia de intervenção utiliza para promover a inclusão dos imigrantes no tecido social, na comunidade?

A: *Temos que conhecer bem a realidade que é o que eu tento fazer, conhecer bem aqui este território, tentar ver quais são as necessidades e as potencialidades das pessoas ou dos indivíduos que aqui residem e também estar por dentro do que é que diz a lei da imigração, o que é que diz a segurança social, o que é que diz o centro de emprego o que é que está legislado em Portugal para podermos melhor atuar perante aqueles que nos procuram.*

L: Com certeza. A cultura e valores culturais dos imigrantes são distintos da cultura nacional. Considera que esta é uma dimensão facilitadora ou uma dimensão crítica no processo de integração?

A: *Bem, cada um tem a sua cultura, eu acho que deve haver uma abertura de ambas as partes, quer da da comunidade de acolhimento, quer dos imigrantes que chegam aqui país também ter a sua sensibilidade de saber entrar e ao mesmo tempo ao mesmo tempo a comunidade que a acolhe saber aceitar as diferenças principalmente as diferenças culturais. Há que haver aqui. Eu acho que deve haver por parte da sociedade de ambas as partes. Uma sociedade de acolhimento também, essa aceitação das diferenças e acho que é de ambas as partes de ambas as partes.*

L: Como profissional que estratégias de intervenção utiliza para promover a aproximação e o respeito entre as diferentes culturas?

A: *Olha por exemplo o projeto “As Marias”, porque quando cheguei que havia quando começamos o projeto eram três senhoras cabo-verdianas de naturalidade cabo-verdianas agora já temos seis nacionalidade naturalidades diferentes eu sempre eu sempre faço questão, para que haja essa aceitação, esta promoção de interculturalidade e de solidariedade e do amor ao próximo e de respeito mútuo, para que tenhamos uma sociedade mais justa. Afinal estamos num país que não é nosso. Um país que nos acolheu, mas também estamos aqui a dar o nosso contributo, com os descontos, com o trabalho, com a mão de obra, não é? Também há muitos imigrantes e seus descendentes a estudar para que tenham um futuro diferente, então há que haver de ambas as partes essa aceitação e acho que a política em termos macro também é preciso fazer é preciso fazer políticas que vão ao encontro desse ao encontro dessa necessidade.*

L: Relativamente as principais dificuldades dos imigrantes considera que elas se relacionam com a legislação nacional?

A: *também, sim, a legislação até pode estar bem, mas se não aplicável depois pois não não funciona.*

L: Considera que elas estão relacionadas com comportamentos discriminatórios de outros cidadãos ou portugueses ou outros?

A: *Acho que não.*

L: Observa se os portugueses acolhem imigrantes de forma diferente, consoante a sua origem? por exemplo.

A: *Eu não gosto de falar de uma forma geral porque eu conheço muito bons muito bons e boas pessoas portuguesas que não ligam nenhuma a essas diferentes ou que venham mais, mas também pode ser que há outras pessoas que têm esse dizemos preconceito que, às vezes, muitas vezes, está um bocadinho escondido.*

L: Conhece o termo aporofobia? Conhece?

A: *Uhum.*

L: Ah então já tinha ouvido falar e com base nesse conceito. Observa se isso ocorre com os imigrantes com quem trabalha?

A: *Eu em tempos por acaso atendi uma brasileira é uma senhora brasileira acho que com o irmão, eu sei que atendi os dois cá e disseram-me que trabalham num bar ou num restaurante é na área da restauração e sentem-se muito discriminados por por serem brasileiros, não sei. Deve ser por serem brasileiros não faço a mesma ideia que quando até quando dão trocos de euros às pessoas as pessoas não aceitam logo por pôr em cima da do balcão que elas apanham e sentem-se muito muito discriminadas ah muito discriminados, por acaso não tenho, não se já não me lembro do nome da pessoa, mas sendo que é antigamente mas já foi há muito tempo também houve uma tinha uma senhora ela nasceu cá é a filha de país de Cabo Verde também trabalhava na área da restauração e disse que e ela é um senhor só todos os dias de infernizar a vida dela sabendo que ela é que está no balcão, mas aquele senhor fica à espera de outra pessoa para lhe atender não é ela. Então para ela é muito complicado, sim, graças a Deus que não há assim situações podem ver que eu ainda dei conta são só muito poucos neste sentido. Mas, sim senhora deve haver mais. Não sei. Eu espero que não haja mais.*

L: Eu vou até perguntar a nível pessoal uma vez que a doutora Assunção é de origem cabo-verdiana alguma vez sofreu algum constrangimento, consoante a sua profissão ou reconhecimento da sua profissão?

A: *De uma forma geral?*

L: Sim, se a Doutora não foi reconhecida como assistente social e imigrante.

A: *Sim. Hum muitas vezes quando eu acompanho os utentes penso que eu sou familiar de um utente, quando entro em um determinado serviço, sim pensam que eu sou mais uma utente, porque se eu for com uma pessoa com de origem africana, pensam que eu sou mais uma utente, que está aí ou então estou a acompanhar ou um filho ou como mãe ou não como assistente social. Sim às vezes acontece isso. Acontece. Não faz mal. Eu digo o que é que eu sou. Com muito prazer. [risos]*

L: Muito bem, mas nenhuma situação constrangedora que a senhora tenha se sentido mal ou algo do tipo?

A: *Senti acho que atingiu-me um bocado porque também foi com “as Marias” sim. Em que fomos a um almoço dos idosos e como elas são muitas nós não conseguimos sentar*

todas na mesma mesa era ver se há um lugar numa mesa, mais dois lugares noutra mesa, mais dois lugares, mas todas as mesas que eu procurei a ver se há se havia lugar disponível diziam sempre que alguém já lá estava, que o espaço já estava ocupado e que a pessoa tinha ido à casa de banho e metem logo... para mim também foi uma, foi muito mau para mim porque não gostei nem um bocadinho desta situação, então o lugar até estava disponível porque só meteram lá uma mala ou um objeto qualquer justamente para as Marias não se sentarem. Então foi muito complicado conseguir pôr sentada todas as pessoas, mas lá conseguimos e não gostei.

L: Mas não foi diretamente para si, foi para todas.

A: *Sim, mas atingiu-me um bocado até porque eu também sou africana e não gostei eu não gosto de viver essas coisas não gosto de ver situações assim.*

L: Como procede, no exercício das suas funções numa situação discriminatória sutil ou evidente contra os imigrantes. Sutil pode ser atravessar a rua, não querer ser atendido por alguém de outra nacionalidade ou evidente já configurada como crime, não é? com é que a senhora se comporta?

A: *Olha eu ser imigrante ou não ser imigrante eu ajudo qualquer pessoa, a sério, qualquer. Quando há um atendimento ao público que eu que eu percebo que do outro lado o atendimento não está a ser como deve ser, como se lida com o ser humano, como se fala, como se transmite as palavras costume intervir seja pessoa branca, preto, azul, qualquer pessoa. Sim. Eu intervenho logo de uma forma educada também claro, não é? Demonstrando a minha indignação e tem que haver respeito pelas pessoas. Ao atravessar a passadeira também ajudo qualquer pessoa a atravessar. Para mim está tudo bem com qualquer tipo de pessoas. Não é igual e quando vejo que não está bem que há ali algum sinal de preconceito eu tento sempre intervir de uma forma que do outro lado sai quase sempre um bocadinho de desculpas.*

L: Do ponto de vista do assistente social e do Serviço Social desafios nos são colocados quando confrontados com comportamentos aporófobos? O que é que tal o que é que tal existe de nós profissionais?

A: *Devemos dizer a própria pessoa a vítima para apresentar queixas, principalmente, perante no Alto Comissariado para as Migrações, no gabinete (CICDR) Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial mostrar, fazer, perceber a pessoa dos seus direitos e deveres e principalmente se for necessário a apresentação de queixas contra a outra pessoa, isso não há dúvidas. Principalmente se há testemunhas, se há provas disso, mesmo não havendo prova, nós devemos dizer a esta pessoa que é a vítima da não aceitação, mas sem violência, com inteligência e de mostrar o outro lado a pessoa, ao agressor neste caso, ignorante, não é? Pois.*

[Entrevista encerra-se]

Anexo 9 - Transcrição de entrevista com assistente social 2

Entrevista com profissional

Assistente social 2

A associação para não ser identificada e ter o sigilo anunciado na ficha de consentimento informado será neste trabalho nomeada como Instituição 2

Investigadora: Há quanto tempo trabalha como assistente social?

R: Há dois anos e meio.

I: E há quanto tempo trabalha com imigrante?

R: Também é dois anos e meio. Precisamente quando eu comecei aqui na Instituição 2 a moradia na área social porque já cá trabalhava, mas na área da financeira. Pronto. E depois quando a Instituição 2 que se candidatou a dois projetos na área social foi precisamente em dois mil e vinte e depois foram aprovados esses dois projetos, eu fiquei com eles. Sim, porque tinha também terminado o curso, tinha acabado de terminar o curso, terminei em junho. Depois foi o ano da pandemia, portanto, os projetos eram para começar em setembro, mas depois só em dezembro é que começamos mesmo por causa da pandemia.

I: Ok. E qual o perfil principal dos imigrantes que atende e que acompanha?

R: Geralmente, só neste momento são mais homens do que mulheres e em termos de idades deve rondar entre os trinta e qualquer coisa e os quarenta e tal. E são muitos, vêm muitos da Ásia, Bangladexe, Paquistão, Nepal, Índia, pronto, também temos já em número crescente de pessoas que vêm da América Latina e também de África. Pronto temos estes se calhar são os maiores, as maiores origens em termos de nacionalidades das pessoas que acompanhamos aqui.

I: E a maioria então são pessoas individuais ou famílias?

R: Individuais e famílias também.

I: OK.

R: Mas há muitos que deixam as famílias no país de origem e um dos objectivos até conseguirem mandar dinheiro para eles e depois veem-se muito aflitos que não conseguem, mas, também tenho várias famílias que acompanho sim.

I: E não conseguem enviar dinheiro para a família ou não conseguem se sustentar?

R: As duas coisas. Muitos coitados nem conseguem sequer se sustentar e ter uma vida minimamente digna porque não tem dinheiro, nos primeiros anos é muito difícil.

I: Atualmente consegue me dizer mais ou menos quantos imigrantes acompanha?

R: Eu tenho assim uma forma... eu tenho cerca de trezentos e vinte pessoas e famílias. Vão ter muita gente e então o que acontece é que há pessoas é que por exemplo que eu continuo a acompanhar desde o final de dois mil, final de dois mil e vinte, não, mas.

inícios de dois mil e vinte e um até agora, porque os problemas vão sendo resolvidos, mas vão surgindo coisas novas, não é? Eles sabem daqui pronto que nós tentamos ajudar sempre, como pudermos e não há limites em termos até de área, que nós possamos que nós possamos intervir na verdade. Eu trabalho na área social que engloba muita coisa, não é? Pronto, que pode ser tudo. Claro que eu não tenho estas trezentas e vinte pessoas de uma forma consecutiva, mas eu tenho muita gente que sistematicamente que eu procuro dar resposta e que me procuram, para construirmos essas respostas em conjunto e, portanto, eu neste momento acompanho mesmo muita gente muita gente. Os meus dias são completamente lotados, porque de facto a procura tem sido sempre crescente porque as pessoas também vão passando de umas para as outras que existe este serviço e, portanto, acaba por ser...por termos muitas pessoas. Eu estava sozinha na área social, entretanto, houve duas pessoas que eram mediadoras interculturais aqui na Instituição 2 que já passaram também aqui para o CLAIM felizmente e da área jurídica. Nós também temos uma área, não é jurídica, mas que dá apoio às questões da regularização, relação com o SEF, nacionalidade, etc, agora também temos duas pessoas, também era mediadora intercultural e que agora também passou para... pronto. Porque era impossível, e neste momento também estamos agora a interromper os novos atendimentos designadamente na área da empregabilidade porque não conseguimos dar resposta tanto tal é a procura.

I: Ok. Quais são as suas principais funções no trabalho com os imigrantes?

R: Primeiro de tudo é tentar procurar ajudar ou reduzir ou fazer desaparecer problemas e reduzir as necessidades sociais. Pronto. Claro que esta procura é uma procura conjunta, como eu estava a dizer há bocadinho, não é? Não tem qualquer coisas que são taxativas, não é? Como imagina, as prestações sociais que nós possamos pedir ao estado, há coisas que são diretas que se podem logo ver se a pessoa tem ou não têm direito, fazer os pedidos, mas depois há um outro conjunto de que são feitas, em conjunto com as pessoas que atendemos. É assim que eu sei que eu sei trabalhar e é assim que eu tenho feito. Por outro lado, tenho uma grande preocupação em ouvir exatamente o que é que a pessoa me tem a dizer, quais são... as vezes pode parecer que é uma coisa e depois até ouvindo a pessoa com atenção percebemos que há ali um conjunto de outras coisas que estão relacionadas ou até, se calhar, até mais importantes do que aquela que à primeira vista parecia. Pronto, e é preciso estar muito atento e eu tento sempre ouvir, apesar de ter muita falta de tempo, eu acho que ainda há pouco referi, acho que foi ontem à minha direção, que eu prefiro atender menos e atender com qualidade. Não queria baixar a qualidade do trabalho que fazemos aqui, pronto. E agora também temos optado por não estar a receber mais pessoas, designadamente, na área da empregabilidade porque depois não conseguimos dar resposta com a qualidade acho que já temos e, portanto, para mim é uma preocupação permanente é que respondamos com qualidade, pronto. Portanto principais funções é ouvir o que as pessoas nos têm a dizer, não é? tentar resolver ou melhorar ou ultrapassar problemas e necessidades, fazer uma atenção especial às várias situações, cada caso é um caso, não é? Cada família é uma família e cada pessoa é uma pessoa. E depois aqui nesta área com o abrange desde a saúde, à segurança social à parte da educação, à parte do emprego para mim é uma área muito importante é uma uma das funções pelo menos que eu que eu que eu tenho sempre é trabalhar em rede e procurar trabalhar com outras organizações não governamentais, procurar trabalhar com os serviços públicos que existem e fazer este trabalho em rede porque é extremamente importante para conseguir dar respostas às pessoas.

I: Sim, então deixa eu ver se eu percebi. Você escuta as necessidades da pessoa e encaminha ela para outros serviços?

R: Não só encaminhar, encaminhar pode ser uma parte, nós aqui da Instituição 2 a moradia também temos respostas diretas, como por exemplo, apoio ao estudo para crianças dos seis aos dezoito anos, sem pagarem nada, podem ter apoio de matemática, inglês, o que for, ou também temos outras atividades que também vamos fazendo e por exemplo curso de português vamos começar agora, um até muito vocacionado para a área de empregabilidade, porque foi uma das considerações que eu achei importantes, não é só um curso de português mas é um curso português prático, porque isso acho que vai agora ajudar a aumentar a taxa de empregabilidade das pessoas migrantes. Vamos tendo sempre respostas aqui que também podem ser sempre encaminhadas, temos agora a casa de férias também para crianças e jovens, enfim. Sempre que possível, uma vez que nós aqui não temos forma de financiar ninguém, nem dinheiro dar ninguém, é articular com os serviços públicos sempre que é possível, mas para isso as pessoas precisam ter título de residência, se não tiverem não têm acesso às prestações sociais e portanto como há muitas pessoas que nós atendemos que nem sequer têm acesso às prestações sociais é um trabalho muito em rede no sentido de pessoas que precisam de roupas, há organizações com que nós trabalhamos, precisam de comida igual, ou a questão da empregabilidade, que para mim é um fator essencial. Eu tenho desenvolvido muito aqui a área da empregabilidade até agora porque para mim a pessoa poder ter dinheiro e geri-lo como quer acho que é uma das coisas que permite a pessoa viver com dignidade e não andar a receber migalhas ou ter que implorar por um.... ou quase por ser um favor que fazemos às pessoas acho que e todas elas que vêm ter comigo querem mesmo trabalhar e estão super disponíveis para isso e, portanto, é só questão muitas vezes não têm essas oportunidades e o trabalho para mim é que um fator essencial.

I: Quais são as principais dificuldades em que se debate no exercício das suas funções com os imigrantes?

R: Pronto uma grande dificuldade é a questão das das pessoas que não têm ainda o título de residência, portanto, não estão ainda regulares e não tem quaisquer apoios do estado. Isso para mim é uma dificuldade gigante, porque as pessoas vivem miseravelmente. Depois a questão da habitação mesmo que tenham, mesmo que recebam prestações sociais ou que tenham até trabalho, muitas vezes são pobres na mesma, porque o valor que recebe não chega para pagar nem os quartos, nem as casas, portanto vivem em situações muito, muito más, partilham quartos, muita gente no mesmo quarto com crianças, com com zero condições ou muitos estão na rua e cada vez estão mais na rua. Portanto, isso é um flagelo, não é? A dificuldade da habitação a dificuldade das questões das proteções sociais e quando também tem acesso também são baixas, isto é válido para migrantes e e não migrantes, pronto, considerando os cidadãos portugueses. Depois, outra dificuldade é muitas vezes a discriminação que existe é designadamente a nível de serviços públicos que eu sinto porque já vi, já presenciei e sei porque as pessoas não falam português e têm que saber falar, porque tem muito a ver com isso é porque já, ouvi... tem médicos a dizer: "isso é porque você está assim porque quando porque toma muitos óleos ou porque usa muitos óleos" há logo um conjunto de juízos de valor e mesmo discriminação faz relativamente às pessoas migrantes, a nível dos serviços públicos que eu sinto que tem que haver uma reformulação urgente e importante e tem que ser dada formação às pessoas que estão a atender seja a pessoa que está no PBX ou que está numa secretaria até ao médico

ou enfermeiro, ou enfim, para mim tem que haver. À nível, de já agora, de empregabilidade as dificuldades tem a ver mais com... também acho tem que haver uma abertura maior por parte das entidades empregadoras, que recebam pessoas aqui a questão maior maior dificuldade é a língua. Como muitos os migrantes não sabem de falar o português, nem entender, acaba por ser um bloqueio muito grande para para conseguirem trabalho e eu acho que se houver uma abertura maior por parte dos empregadores e também por parte das pessoas, não é? No sentido de quererem empreender acho que era muito importante.

I: Em relação a regularização que foi um ponto, que citou o tempo médio de regularização consegue dizer mais ou menos?

R: *Entre dois a três anos.*

I: Nossa... é esse o tempo médio...

R: *É porque o SEF também tem estado muito parado, não é? Estão agora num processo, aliás, já foi distinto, vão criar novas entidades, mas só em outubro é que vão começar a poder funcionar e, portanto, isto tem sido muito muito difícil. E as pessoas e até lá têm muitas coisas na vida parada só que não está parada, não é? Está a andar para baixo porque cada cada dia é piora e muitas vezes tem crianças e é muito duro é muito complicado e muito difícil. Quando digo andar para baixo é que vivem cada vez pior, vão se endividando, com pessoas que emprestam dinheiro a juros altíssimos, não é? Ou que ficam a dever a famílias, a amigos e outros nem sequer têm isso, não é? E que vivem mesmo miseravelmente.*

I: Qual a situação perante o emprego dos imigrantes?

R: *Pronto, era aquilo que eu já dizia há pouco. Por um lado, há uma grande dificuldade na entrada do mercado de trabalho por causa do desconhecimento, do não domínio do português, pronto, e, por isso, aqui até Instituição 2 agora vamos ter dois cursos de português que vão iniciar em agosto. Um deles são cento e cinquenta horas cada um e um deles vai estar mesmo orientado para a empregabilidade nas áreas, porque infelizmente muitas das ofertas de trabalho que nós temos acesso e que conseguimos são de baixa qualificação. Imagine aparecem, quando apetecem, e nós procuramos muito é na restauração, a nível de copa de cozinha, assim, nos hotéis, mas mais para limpezas, não tanto para o atendimento ao público, lá está por causa da língua, jardinagem. E as pessoas que aparecem ou que vêm aqui, que vêm ter connosco e que procuram trabalho são muito qualificadas a grande maioria. Não diria a grande maioria, mas se mais de sessenta por cento são muito qualificados com cursos superiores, mestrados, designadamente, os que vêm de países asiáticos.*

I: E não conseguem se colocar no mercado de trabalho?

R: *E não conseguem, quer dizer nós fazemos um esforço enorme eles também e quando conseguem, conseguem trabalhos pouco qualificados, mas as pessoas vêm, quando vem aqui ter comigo dizem mesmo "olha eu procuro qualquer trabalho, a vida que eu tinha a vida o que eu fui é para esquecer" dizem mesmo isto "eu quero sobreviver" e, portanto, de tão abertos a qualquer trabalho e mesmo assim é muito difícil.*

I: E não conseguem convalidar os diplomas?

R: Não. A questão é que muitas vezes demora e também custa. A equivalência de uma habilitação superior pode custar quinhentos ou seiscentos euros e as pessoas não têm nada.

I: E a maioria estão desempregados ou empregados?

R: Desempregados.

I: Desempregados. Quais as condições de emprego? Em que estes que estão empregados estão.

R: Pronto aqueles que nós aqueles que nós conseguimos em conjunto com a com as pessoas que que recebemos. Esses trabalhos são sempre são sempre formais, não é? Pronto claro têm contrato de trabalho, têm que ter contrato de trabalho e a entidade paternal tem que cumprir o estipulado no contrato de trabalho. Nós trabalhamos em conjunto com uma entidade que é nossa parceira e que é uma agência de empregabilidade que tem um projeto que chama projeto porta aberta e que procura ajudar pessoas a encontrarem trabalho, pessoas vulneráveis, pode ser podem ser imigrantes, mas também podem ser pessoas que estejam a viver... sejam sem abrigo, ou pessoas com adições, etc, pronto. E nós trabalhamos muito em conjunto com eles e pronto e têm um conjunto de empresas que trabalham connosco ao fim ao cabo e que seguem as regras de acordo com com o código do trabalho, não é? Pronto nem poderia ser de outra forma. E, por isso, também é mais difícil, porque já tive aqui situações de pessoas que me dizem, pessoas migrantes, que me dizem "olha tive acesso a um trabalho...", não por nosso intermédio, mas imagine "ah eu soube de um trabalho que me iam pagar quinhentos euros", mas depois, no dia a seguir imagina, outra pessoa migrante diz que aceita trabalhar em troca de um sítio para dormir. Logo ali acaba... pronto, quando o sistema formal funciona mal, há sempre aproveitamentos e, portanto, isto é o dia-a-dia. Mas claro também temos casos de felizmente temos tido alguns e por isso também um bocadinho de sucesso entre aspas, isto do sucesso seria se conseguirmos se toda a gente estivesse bem, não é? pronto, mas o facto de também termos conseguido ao longo do tempo que várias pessoas consigam trabalho de uma forma regular e no mercado oficial, com condições, pronto, que tem sido possível para muitos nós, não é? Como disse nós recebemos muitas pessoas e pronto é o que também nos dá um bocadinho de para para continuar, não é? E não só e não só isso, mas também é importante.

I: Então a maioria tem contrato de trabalho...

R: Destes que estão aqui por nossa, por nosso intermédio e que conseguem trabalho? Sim. Depois também há pessoas que vêm aqui ter connosco, umas estão a trabalhar de uma forma mais informal, outras estão empregadas, mas até podem vir tratar, imagine, da inscrição dos filhos na escola, ou que estão com um problema qualquer no centro de saúde e que precisam de resolver, ou porque tem os documentos que receberam e não entendem porque não dominam o português, ou, enfim, podem ser..., ou porque precisam de prestações, precisam de saber que apoios é que podem ter da segurança social etc. Depende de cada caso.

I: Entendi, mas os que tem contrato de trabalho consequentemente estão inscritos na Segurança Social, certo?

R: Sim, sim, claro. Tem que ter o número de segurança social, tem que ter número fiscal.

I: Ok. Em uma avaliação global considera que tem oportunidade de trabalhos e salários semelhantes aos nacionais ou a imigrantes já integrados no país?

R: *É assim, nunca podem receber, estes trabalhos formais, nunca é abaixo do salário mínimo nacional, portanto, logo ali... Agora, isto é aquele trabalho que nós, que se arranja por intermédio do trabalho que fazemos aqui, não é? Agora, para as outras pessoas que vêm aqui ter conosco, se calhar, que já tinham trabalho, que eu sei que muitas vezes as coisas não são, não são como é que eu hei de dizer... que são exploradas, não é? As pessoas acabam por ser exploradas ou muitas vezes até por por pessoas dos mesmos países de origem são empregadores e que acabam também por explorar os próprios pessoas do mesmo país, mas a questão é que depois a pessoa se quiser sair desse sistema e quiser entrar no mercado regular de trabalho, por nosso intermédio, e depois pode demorar muito tempo e as pessoas têm que subsistir e têm que sobreviver.*

I: Com base na sua atual experiência profissional como retrata as condições econômicas dos imigrantes da campanha?

R: *Pronto, a grande maioria vive-me bastante mal em termos económicos e financeiros, muito mau, veem-se muito aflitos, as casas estão muito caras, os quartos iguais, a comida também, os ordenados são baixos, quando trabalham, não é? São trabalhadores pobres ou nem sequer têm trabalho. Pronto e alguns têm o rendimento social de inserção, que são duzentos euros, não é? também não dá para nada, enfim, passam muitas dificuldades.*

I: Aqui vocês dão algum apoio?

R: *Financeiro? Não.*

I: Cabaz de alimentos...?

R: *Não, lá está esse tipo de apoio temos sempre que articular com outras organizações que o fazem.*

I: Ok. De forma geral como avalia as condições de acesso a direitos fundamentais como saúde, educação...?

R: *Como é que eu avalio em termos gerais no nosso país? [investigadora afirma que sim com a cabeça] Bom, eu acho que o acesso muitas vezes não é conseguido, porque falta de informação e por falta de haver uma preocupação efetiva de conseguir chegar a estes cidadãos que não falam português, pronto. E aqui... porque eu acho que falta de informação e falta de comunicação é um obstáculo grande. Por outro lado, a questão das pessoas enquanto, não estão regulares não podem ter acesso a prestações sociais é muito duro.*

I: Mas nesse caso até incluo aqueles falantes de português.

R: *Sim, nós também temos migrantes que falam português e esses nesse aspeto, mas seja para quem fala português ou não a questão da burocracia é outro entrave, porque é preciso um papel para tudo, por si tudo tem pacote de linha. Há pouco estava ali para mudar uma morada é preciso não sei quantas coisas, pronto. Portanto, tudo é burocrático, moroso, as prestações sociais ao meu ver, mas isso é válido para qualquer*

cidadão seja português ou estrangeiro não interessa, as prestações a meu ver são baixas e escassas, mas pronto, há países piores do que o nosso não há dúvida nenhuma. Em termos de saúde não há médico de família e há muita gente à espera, como também há portugueses, com a pandemia também houve uma grande... um grande esforço por parte das entidades de saúde e as respostas nem sempre são céleres, não é? A verdade também é essa. A questão da discriminação que eu sinto que existe muitas vezes, relativamente é dos funcionários, da parte pública, do estado que não têm se calhar por falta de formação, por falta de chamada de atenção... Eu acho que não existe uma filosofia de bem receber pessoas que não são, que não nasceram cá. E acho que... é uma pena porque logo à partida dizem "ah se não fala português não precisa de cá vir" ou se "na sua terra faz assim, aqui..." eu acho que isto existe e é uma pena, eu tenho vergonha quando assisto a uma situação dessas e peço desculpa em nome do Estado. E se me deparo com esse tipo de coisas e chamo a atenção e já fiz reclamações nos livros de reclamação.

I: Muito bem. No plano das relações entre os imigrantes que chegam ao país e os residentes considera que há facilidade de um estabelecimento de relações?

R: E eu acho que sim. Claro. Haverá sempre exceções, mas da parte daquilo que eu tenho sentido e visto sim. Tanto que a maior parte dos migrantes que eu atendo e que têm família e cá já ou que não e que pensam trazer reagrupamento familiar as pessoas que ficaram, as mulheres ou maridos e filhos, há muita vontade de ficar e muitos dos filhotes que já cá estão estão a estudar na escola, e, portanto, e os pais muitas vezes dizem "estou contente porque já têm amigos" e eu acho que isso a mistura é o que vai fazer de Portugal e que fará e eu espero que continuemos a seguir uma linha... receber é importante e nós temos recebido, mas também saber receber e saber dar condições também tem temos que ter aqui um upgrade e também perceber que para nós é muito importante ter pessoas que vêm de outros países que vêm rejuvenescer a nossa demografia, que vem a trazer, que enriquecem o nosso país com novas culturas e dessa mistura saímos muito mais ricos e, portanto, eu mesmo assim a ideia que tenho, mas é da minha apreciação, da apreciação pessoal, eu acho que há acho que há entrosamento e à vontade mútua de se construir uma sociedade múltipla. É aquilo que eu sinto.

I: Como profissional que estratégias de intervenção utiliza para promover a inclusão dos imigrantes no tecido social da comunidade?

R: Primeiro que tudo eu acho que é muito importante estabelecer uma relação de confiança, não é? Entre mim e a pessoa que eu estou a atender. Pronto. Se isso não existir acho que não vale a pena. depois a questão da estratégia há bocadinho de ouvir bem o que é que a pessoa tem a dizer para poder responder o mais próximo possível à intenção da pessoa quando me procura, não é? quando nos procura. Depois a questão da informação, comunicação que eu acho que é importantíssima, eu dizer olha estes serviços funcionam desta forma, aqueles funcionam de outra, falar até sobre a cultura portuguesa e também e também ouvir sobre a cultura das pessoas, não é? Porque eu acho que a comunicação e informação é super importante. São uma ferramenta e é uma mais-valia que as pessoas podem ter. Pronto. Depois a questão da empregabilidade, não é? Para mim é um, é um veículo para uma inclusão realmente efetiva, porque se a pessoa não tiver trabalho estará sempre excluída da sociedade, não é?

I: Fazem alguma coisa para promover a cultura destes imigrantes?

R: Fazemos. Nós temos muitas atividades aqui na Instituição 2 até aconselhava a ver o site, o nosso site também temos, por exemplo o encontro de mulheres migrantes que é um encontro semanal em que há uma partilha de culturas sejam mulheres, sejam da União Europeia ou de outros continentes; o suporte de entreeajuda de partilha; nós também temos uma outra atividade que é o Migrant Tour um outro projeto em que são visitas feitas aqui no bairro da Mouraria por imigrantes, guias migrantes, mas não é só, eles não estão só a mostrar a Mouraria a alunos ou ou grupos e particulares ou pessoas, mas estão também a fazer uma partilha entre as próprias culturas e pontos de ligação com a Mouraria que eu acho extremamente relevante. Depois também temos um projeto, eu acho que isto tudo contribui para a integração. Eu trabalho no CLAIM que é o centro local de apoio à inclusão de imigrantes, mas depois a Mouraria, portanto, que engloba a área social e a área da regularização da documentação, mas depois há um conjunto de projetos e atividades que arranjam a Instituição 2 desenvolve, que tem tudo a ver com com a inclusão das pessoas migrantes, nomeadamente, também temos um projeto que se Academia CV nas escolas, em cinco agrupamentos diferentes onde se dá apoio com uma rede voluntária que é formada por nós apoio a crianças e jovens que chegam ao nosso país e não sabem português e, portanto, na escola acabam por não perceber o português, não percebem o a biologia, nada. E também fazer a ligação com as próprias famílias com a escola, porque às vezes também estão fechados até a própria escola relativamente aos pais e, portanto, haver aqui um uma comunicação maior. Mas temos muitos projetos temos o arraial que fazemos em junho, mas já terminou este ano, é uma forma de, como é que eu hei de dizer isto? de comemorar as várias as várias culturas, como tivemos dias específicos em que convidámos entidades e outras organizações a poder estar, a poderem vender as suas próprias comidas também para ser uma forma de rentabilizarem um bocadinho assim, como para nós precisamos disso para o nosso próprio financiamento, não é? Que nós não podemos só depender de financiamentos, também temos que ter a nossa própria, o nosso próprio fundo, não é? Angariar dinheiro próprio, fundos próprios, mas, pronto, acabou por também ser é também por ser uma celebração mais sobre as várias culturas, tivemos debates temáticos também nos dias do arraial, portanto, começávamos mais cedo tivemos sobre discriminação, tivemos sobre habitação e entre outras tivemos. Sempre convidados, políticos etc. Nós também em termos de estratégia trabalhamos também muito em rede, em conjunto tentamos trabalhar também com os poderes políticos, as juntas de freguesia, a Câmara Municipal, para além das outras entidades do terceiro setor e é isso.

I: A cultura e valores culturais dos imigrantes são os distintos da cultura nacional. Considera que esta é a dimensão facilitadora ou dimensão crítica no processo de integração? Explícite por favor.

R: Eu acho que é facilitadora, porque sim porque dessa mistura é que... [interrupção de uma funcionária] E aqui, nós aqui na Mouraria até temos vários eventos ali quando é o Ramadão e quando termina, quando acaba. O ano chinês. O ano chinês, etc, nós temos sempre... aqui nós na Instituição 2 costumamos ter também concertos de música africana, música do Brasil enfim, temos sempre temos também relação com outras organizações do terreno que partilhamos experiências e vêm pessoas visitar a Instituição 2 e nós também vamos a outro lado. Portanto, há sempre, acho que a mistura tem sido sempre positiva e é o que enriquece realmente a sociedade como eu disse há bocadinho.

I: E como profissional que estratégia de intervenção utiliza para para promover a aproximação e respeito entre culturas?

R: É precisamente eu acho que a palavra é precisamente respeito, não é? Respeitar as culturas de cada um conhecê-las, respeitá-las e perceber que todas, que tudo pode coabitar, tudo pode coexistir e que é super interessante ter que aprender, não é? Conhecer e uma das coisas que gosto muito aqui na minha área é que estou sempre a aprender seja a nível técnico, seja a nível seja a nível de entendimento da forma de vivermos, as sociedades, as diferentes culturas e tem sido super-rico precisamente por isso. Eu acho que se as pessoas todas nós sejam migrantes ou não migrantes estiverem abertas a aprendizagem, não é? saímos muito mais ricos e muito mais... e somos pessoas muito mais interessantes, não é verdade?

I: Com certeza. Relativamente as principais dificuldades dos imigrantes considera que elas se relacionam com: a legislação nacional?

R: É assim temos a legislação, nós até temos uma legislação muito avançada na verdade. Muitas vezes a parte prática é que não é, porque qualquer pessoa que viva a cabo também tem direito a ter uma casa a ter viver condignamente a ter acesso à saúde etc, tal como os portugueses, e depois constatamos que na realidade ficamos muito aquém, pronto. Por outro lado a questão da pessoa enquanto não está regular, não ter acesso a prestações sociais, tirando o subsídio de desemprego, mas aí permitem que a pessoa trabalhe só com passaporte e há muitas pessoas que não têm ainda título de residência e trabalham e, portanto, podem ter direito ao subsídio de desemprego ou subsídio se é o desemprego dependendo do tempo que fizeram os descontos, mas tirando isso não têm nada portanto eu acho que há aqui um grande gap de apoio que podia ser dado em termos de legislação. Depois por outro, lado acho há coisas que são muito burocráticas e que os procedimentos às vezes para obtenção de determinadas determinadas respostas são muito, muito burocráticas, administrativas, dispendiosas, algumas, como falei há bocadinho naquela questão da equivalência das habilitações etc. Pronto e podíamos melhorar também aí nesse aspeto.

I: E relativamente as principais dificuldades dos imigrantes considera que elas se relacionam com comportamento discriminatórios de outros cidadãos ou portugueses ou outras pessoas?

R: É assim, claro que haverá sempre discriminação, não é? Infelizmente como eu estava a dizer há bocadinho onde eu sinto ainda mais, em termos de de dos serviços públicos. Acho que temos muito a melhorar. E falo isto com tristeza no sentido de... pronto, mas sinto de facto sinto. Seja na área da saúde, acho que as pessoas quando vão a um centro de saúde ou vão ao hospital já vão vulneráveis, não é? Porque qualquer um de nós é porque está doente ou está... portanto, em cima disso ainda há discriminação... custa muito ver quando o Estado deveria dar o exemplo. Depois em termos de empregabilidade o próprio estado também devia empregar pessoas migrantes e aí também não se verifica, há muitas funções que é só para cidadãos portugueses nacionais, pronto e que pessoas estrangeiras estão impedidas de eu participar ou candidatar-se. Também para mim, o Estado devia dar o exemplo mais uma vez, não é?

I: Isto a senhora sabe por que vê ou porque os imigrantes contam para si?

R: É uma mistura sim, há coisas que eu vou vendo e e lendo e e assistindo e outras que me são transmitidas. Sim, sim.

I: Observa se os portugueses acolhem imigrantes de forma diferente, consoante a sua origem? por exemplo, diferença no acolhimento entre imigrantes de um país africano, asiático comparado com um país imigrante proveniente de algum outro país da Europa?

R: *Eu não tenho muito essa... o que eu posso dizer aí é tipo só senso comum, porque eu aqui as pessoas que eu recebo são nacionais de países terceiros. Portanto, não são da da Europa, o que eu vejo é com com uma cidadã portuguesa de senso comum, o que sinto que, às vezes, existe sim, principalmente, até mais se calhar relativamente a pessoas de país africanos, mas pronto. Também cada caso é um caso, sim haverá também com certeza, mas como trabalhadora nesta área...eu não aqui não recebo cidadãos de de países da União Europeia, não atendo, mas sim de uma maneira geral sinto que haverá, por exemplo, relativamente a países africanos ou até ou até vem mudando de outras nacionalidades poderá haver maior maior discriminação do que do que por exemplo para outros da Europa.*

I: Há pouco estava a dizer que sessenta por cento dos imigrantes são qualificados...

R: *E só não são mais porque há pessoas que vêm dos países africanos que não têm essa alta qualificação.*

I: Pois e acha que eles não são empregados pela língua somente, ou por mais algum outro motivo? Por uma condição econômica...

R: *Eu acho que assim, essas coisas, geralmente, não é atribuída só a uma causa, não é? Pronto, pode haver a causa principal e daquilo que eu tenho encontrado é a língua, pronto. Porque também tenho tido bons feedbacks de pessoas que vão para empresas, algumas até que já começam a empregar a nível mais qualificado, mas o feedback que eu tenho tido até é bastante positivo. Pronto. Eh parte da parte, mas eh a língua é aqui um fator importante, mas depois claro poderá haver sempre uma mistura entre vários fatores, não é? por ser discriminação, por ser de um continente que pouco ou nada se sabe... por exemplo, há muitos desconhecimentos também ou, relativamente, a formas.... não sei. Pode haver aqui um conjunto de fatores que contribuam uns com maior peso do que outros, depende das circunstâncias, depende das pessoas, depende das empresas, depende.*

I: Conhece o termo aporofobia?

R: *Conheci por intermédio da professora Júlia Cardoso, porque eu também não conhecia.*

I: Sim, [breve explicação do que é a aporofobia]. Com base no conceito aporofobia, observa se isto ocorre com os imigrantes com quem trabalha?

R: *É assim, claro que uma pessoa ser pobre, pobre no sentido... há várias definições de pobreza também. Pronto, mas falamos da pobreza por falta de rendimentos não é? ou por viver abaixo do nível mínimo do índice de pobreza, uma pessoa acaba sempre por de ser posta, esta é a minha ideia, não é? De alguma forma estar em desvantagem e até ser posta de parte, se calhar, relativamente, a outras pessoas que não tenham, que não sejam pobres. Até porque a pobreza para mim tem uma grande ligação... a pessoa que não tem dinheiro, geralmente... isto pode não ser sempre assim, mas pode acontecer de não ter acesso a determinadas... a participar ao fim ao cabo, não é? Se eu não tenho dinheiro não vou poder ir, não vou poder estar no mesmo restaurante que*

a maior parte das pessoas, ou se eu não tenho dinheiro os meus filhos não vão poder conviver com as outras crianças e tal. Pronto. Ou se não tenho dinheiro, tenho que trabalhar não sei quantas horas por dia e, portanto, acabo por não conhecer outros e nesse sentido eu acho que pode haver aqui e não só, não é? Ah aquela pessoa é pobre, mas também há para os portugueses, não é? Portugueses para portugueses. Acho que aqui é um bocadinho transversal. Mas claro, eu acho que sim, o facto de a pessoa não poder participar, não é? Porque não tem dinheiro, não participa. Acaba-se por também, se calhar, não há vontade dos outros também para que participe, portanto, há aqui também uma discriminação pelo facto da pessoa ser pobre, porque não acompanha ou porque mal ou porque a casa não tem condições e não pode receber, enfim.

I: Mas neste caso, trato aqui dos imigrantes com quem trabalha.

R: Dos imigrantes, os imigrantes, pronto, há muitos, como eu falei há bocadinho, há muitos imigrantes pobres seja a nível dos rendimentos, não é? Que são extremamente baixos muitos deles. Outros não, outros outros não são, outros têm um rendimento médio e que nos procuram por outras questões. Mas eu acho que sim que a pobreza traz separação traz segregação e discriminação sim.

I: Consegue lembrar de algum caso específico, exemplificar alguma situação de aporofobia com um imigrante?

R: Sim, por exemplo basta... estão à procura de uma casa, até podem ter dinheiro para pagar a casa ou o quarto, não interessa. Assim que do outro lado a pessoa ouve que só fala inglês, automaticamente não dão continuidade ao processo, por exemplo. Ou se a pessoa tem dinheiro, recebe o ordenado mínimo e tenta arrendar uma casa, se lhe pedem cinco, seis rendas de adiantado. Claro que nunca vão conseguir. Portanto é logo uma forma de excluir a pessoa porque pensa "ah é imigrante, se calhar, tem uma situação estável em termos de mercado de trabalho" eh não vão, não vão arrendar a casa a essa pessoa. Se tiver um português e se estiver uma pessoa migrante, quase que garante que vão para a pessoa que fala português, em exclusão da pessoa que é migrante ou em termos de mercado de trabalho igual, em vez de darem oportunidade à pessoa para terem acesso à uma oferta de trabalho em pé de igualdade com uma portuguesa, por exemplo, se o outro imigrante não domina o português, automaticamente, excluído, automaticamente.

I: E se fossem imigrantes que falassem português?

R: Aí já é diferente. Aí já é diferente. Também eu tenho, mas a maior parte das pessoas que eu recebo falam inglês, pronto. Mas também tenho muitos imigrantes que falam português, mas esses têm tido muito mais facilidade em entrar no mercado de trabalho por exemplo. Infelizmente aqui a língua.... Por exemplo, eu tenho uma colega minha aqui na Instituição 2 que o facto de ser imigrante teve para aí, sete meses ou oito à procura de casa e não conseguia, apesar de ter um contrato de trabalho e receber o mesmo que eu não conseguia. Só porque fala inglês. E não falava português e era do do Bangladexe, e é.

I: Como procede no exercício de suas funções numa situação discriminatória sutil ou evidente contra os imigrantes. A situação discriminatória sutil pode ser não sentar ao lado da pessoa no autocarro, atravessar a rua, não querer ser atendido por alguém de outra nacionalidade, etc. E o evidente é configurada crime.

R: Pronto, eu do que tenho presenciado, já presenciei de tudo, não é? no sentido de algumas que são mais veladas outras deliberadas, pronto. Nestas veladas, eu vejo que vale a pena, eu geralmente mostro, mas posso mostrar de uma forma mais simpática ou menos simpática. Pronto. De forma simpática é tentar mostrar à outra pessoa que não faz sentido o que está a fazer, que muitas vezes, até digo "esta pessoa que é médica" e eles ficam assim a olhar para mim... "é médico?" eu digo "sim, essa pessoa é ginecologista ou isto ou aquilo ou é engenheiro" porque logo ali é como se caíssem as defesas do outro, não é? Um bocado ficam assim pé atrás pensam "ah pronto". Ou já assisti a situações mesmo graves até por profissionais e, como disse há bocadinho, digo mesmo que não não posso admitir na minha presença que haja uma circunstância dessa, faço queixa as utilizando usando o livro de reclamações ou... não deixo de fazer se eu sentir que é mesmo, que é mesmo necessário fazê-lo. Senão tento um bocadinho de uma forma pedagógica tentar mostrar à outra pessoa que não está a ser a agir de uma forma correta.

I: Quando deu esse exemplo da médica e quando alguém de um país "menos desenvolvido ou fora da Europa" se refere nesse sentido, não é?

R: Sim, sim que estamos na altura do COVID por isso simplesmente pôs-se na ponta de um de um corredor e disse "vá se embora, chegue-se para lá, não vou atender!" porque a rapariga estava a tossir. E a médica estava completamente passada e então foi horrível, horrível e não atendeu. E eu tive que fazer uma reclamação por escrito. A aconselhá-la a ser vista por colegas da área de psicologia ou psiquiatria.

I: Do ponto de vista do assistente social e do Serviço Social que desafio nos são colocados quando confrontados com comportamentos aporófobos? O que é que tal exige de nós profissionais?

R: Eu acho que exige uma grande atenção, conhecimento, atenção, conhecimento e não ter medo de intervir. Eu procuro sempre intervir de formas corretas pronto, não perder a cabeça, não é? E tentar ser, como é que eu hei de dizer? Tentar utilizar o que eu sei e as leis e tudo mais e os conhecimentos que tenho, as informações que tenho no sentido de esclarecer o outro. Dizer que não está a ser correto e de lhe dar a possibilidade de se retratar, não é? Quando isso não é possível. Pronto. É aí é mesmo apresentar uma reclamação para o superior, também já o fiz, pronto, mas numa de de procurar mostrar que não estão a ser corretos, que não estão a seguir a lei, não é? Porque as pessoas têm que ser todas tratadas por igual e pronto e contribuir para a melhoria das situações se for possível resolver a bem, senão tem mesmo que ser com uma reclamação escrita pronto e não há outra forma.

[Entrevista se encerra]

Anexo 10 - Transcrição de entrevista com dirigente associativo

Entrevista com profissional

Dirigente Associativo

Investigadora: Sei que o senhor não é assistente social, certo?

[Ele balança a cabeça a confirmar que não é]

T: A minha formação na área de engenharia.

I: Sim. E há quanto tempo trabalha com a Imigrantes?

T: Há vinte e cinco anos. A vinte e dois nesta associação. Esta associação foi fundada em dois mil e um, em junho nesta associação, mas antes trabalhava noutra associação também na área da do apoio ao imigrante. Era uma associação ambientalista de direitos humanos etc.

I: E qual o perfil principal dos imigrantes que atende e acompanha?

T: A gente a gente diz nós somos uma associação de imigrantes ponto final. Não somos nenhuma ONG, não somos nenhuma instituição, não são nenhuma fundação, somos associação de imigrantes com o nome Solidariedade Imigrante traço à Associação para Defesa dos Direitos dos Imigrantes. Somos uma associação que trabalha com as pessoas mais excluídas dos excluídos da terra. Portanto é gente precária, é gente pobre, é gente sem capacidades, é gente muito fragilizada pela vida, é gente precarizada, é a gente que precisa de apoio, muitas vezes desorientada... no COVID na pandemia nós fomos a única associação aberta, porque as pessoas, estas pessoas não é todas, estas pessoas sofreram na pele esta situação e queriam saber, precisavam de afetos, precisavam de saber o que é que se passa e tudo isso e a associação achou que deveria receber as pessoas e e para que as pessoas ficassem tranquilas que soubessem ter a informação etc. Para só dessas pessoas que nós tratamos, não estamos aqui com pessoal VIP, nem ou da Golden visa, nem endinheirados, nem coisas assim.

I: Atualmente quantos imigrantes acompanha?

T: Nós acompanhámos milhares de imigrantes, sabe? Por exemplo, nós todos os dias fazemos atendimentos há mais ou menos cento e dez, cento e vinte pessoas, diariamente. Agora, hoje, em vez de termos cinco pessoas a atender por motivos de férias e a outra está, está grávida, está doente, entre aspas, está grávida, não pode vir hoje, só temos duas pessoas, naturalmente, fechamos a porta mais cedo. Temos para aí setenta, oitenta atendimentos. Mesmo assim só com duas pessoas a fazer atendimento. Nós ainda esforçamo-nos muito. Esforçamo-nos muito para ajudar a quem mais precisa. E isso é o nosso lema.

I: E quais são suas principais funções no trabalho com imigrantes?

T: As minhas pessoalmente, já foram as as minhas pessoalmente já foram muitas. Eu comecei e eu fui um dos fundadores da associação, desta associação, há vinte e dois

anos e com outros colegas de várias nacionalidades. Sabe que nós somos uma das maiores associações imigrantes da Europa, nós temos cinquenta e um mil e oitocentos associados de noventa e nove nacionalidades diferentes. Portanto, nós começamos a trabalhar com várias nacionalidades com as pessoas, quando as pessoas mais precisavam, quando as pessoas eram presas, perseguidas, expulsas, enviadas para os calaboiços das prisões sem o mínimo de condições, houve violações flagrantes que este que este país cometeu em relação aos direitos humanos das pessoas, nomeadamente, também dos imigrantes e por isso, nós começamos a a fazer esse tipo de apoio e de luta pela dignidade das pessoas. E mais tarde eu também me envolvi no atendimento na tentativa de resolução dos problemas das pessoas, com as pessoas e não para as pessoas. Fazendo com que as pessoas façam parte da associação de problema. É essa a nossa filosofia. O sentido da corresponsabilização, da participação sentimento de pertença, esta associação não caiu do céu, não é uma associação do governo, é uma associação dos imigrantes e eles têm que tomar conta desta casa mais ninguém vai tomar conta desta casa se não forem eles, pra manter a porta aberta. Se assim não quiserem nós fechamos a porta e temos mais que fazer na nossa vida. Por isso, nós andamos muito nesta nesta luta. Hoje coordeno, digamos assim, à associação nas suas várias frentes de trabalho. E prontos e continuaremos até que a vida nos deixe.

[A entrevistadora pede para fechar a porta por causa do barulho e assim faz]

I: Quais as principais dificuldades com que se debate no exercício das suas funções com imigrantes?

T: As grandes dificuldades são as políticas públicas que se ainda continuam a ser restritivas. Os processos que os imigrantes têm e dos direitos a que têm direito são bloqueados muitas vezes pela alta burocracia. É uma burocracia kafkiana que este país usa para os processos dos imigrantes. Eh pronto, é complicado, as pessoas têm dificuldades muitas vezes num serviço público que não é de qualidade, serviços públicos muitas vezes ficam aquém daquilo que era desejável, deveremos nós lutamos muito e fazemos essa reivindicação em todas as áreas. Eu sou conselheiro pelos Açores de Imigração e sei o que é isso e discutimos com o governo, digamos assim, e somos também do conselho económico e social. Portanto, é a única associação de imigrantes que tem representantes nesse concelho. Infelizmente, poderia haver outras associações interessadas nesta participação que é uma participação cívica que é fundamental para o exercício da cidadania ativa desta democracia participativa, onde as o cidadão e a cidadã têm voz e deveriam ter e que muitas vezes este este país não deixa que isto, que esses processos avancem. Mas é isso, nós lutamos pelas pessoas, para que tenham direitos.

I: Uma das questões aqui que se fala muito quando trata se de imigrantes é o tempo de regularização, que costuma ser muito demorado. O senhor sabe me dizer mais ou menos o tempo de regularização dos imigrantes que atende aqui?

T: Isso aí é muito variável. No início as coisas poderiam, às vezes, eram infinitas, eu não, não havia tempo específico, porque havia uma indefinição se iam, não iam, se iam por questões humanitárias documentar as pessoas ou não as leis eram muito restritivas e fechadas. A partir do momento que se criou um processo de regularização permanente devido a nossa reivindicação, desta associação, é o artigo oitenta e oito e oitenta e nove, foi porque nós pedimos e isso foi em dois mil e sete foi introduzido na lei um processo de regularização permanente sempre em aberto. Acabar com os processos de

regularização extraordinária, porque só havia regularização de processos, para pedir documentos, se o governo quisesse, pronto. Era extraordinário. Se o governo decidisse "ora bem já temos aqui quarenta ou cinquenta mil imigrantes em indocumentados, irregulares ou ilegais, para quem não entende muito bem estas palavras, vamos lá legalizá-los. Porque houve muita pressão, houve muita luta não foi por vontade do governo, foi porque houve pressão de fora para dentro, os imigrantes manifestaram-se, esta associação sempre a liderar estes movimentos e essas manifestações. Pronto, criou-se então o processo de regularização sempre em aberto, que já demorou quatro anos, cinco anos, três anos, dois anos. Agora está a demorar em média dois a três anos. Uma pessoa espera desde o momento que faz a manifestação de interesse fica à espera. Os agendamentos estão encerrados, abrem quando querem, agora estão em uma fase de reestruturação dos serviços, o seu serviço... a polícia da SEF, polícia, eu falo assim para as pessoas perceberem. Sim. A polícia SEF, não é nenhum serviço público, como os outros, como a Segurança Social. É uma polícia orgânica só para imigrantes. A polícia SEF, que tem esse estatuto polícia judiciária só para imigrantes, estatuto que tem é uma lei orgânica que tem, vai ser extinta, felizmente vai ser extinta, ainda bem. Os imigrantes não têm que estar ligados à polícia. Os imigrantes têm que estar ligados ao Estado numa visão de igualdade de tratamento e de oportunidades, os imigrantes para tratarem dos seus documentos devem ir aos serviços públicos, não devem ir à polícia. Por isso vai ser criada uma nova agência, está a ser criada, portanto, está em processo de de formação uma nova agência que é, um novo serviço público para tratar da documentação dos imigrantes. Não é polícia. Portanto isto vem valorizar também as reivindicações que nós fazemos há muitos anos. Infelizmente Portugal tem tem uma postura e tem um andar muito devagarinho e só depois de muito tempo e de muita pressão e muita luta é que mudam alguma coisa. E agora estão a mudar lentamente, já há dois anos que estamos à espera que essa nova agência comece a funcionar, para que haja mais marcações, para que haja mais fluência dos processos que estão pendentes, que são milhares, são milhares e prontos e é essa a luta que temos que fazer sempre. Os processos são muito burocráticos e por isso demoram muito tempo e eles têm que agilizar, têm que haver uma relação de boa-fé entre o estado e as pessoas. Os imigrantes, na nossa perspetiva, os imigrantes são bem-vindos a Portugal, que venham mais, há lugar para muita gente e muitos mais. Pronto, não temos que ficar assustados em lado nenhuma invasão e, por isso, tem que haver também a políticas públicas e serviços públicos de qualidade para receber as pessoas. Não é um serviço público quando ninguém sabe falar inglês lá dentro, ou não sabem falar francês. Complicado, onde as pessoas não percebem a cultura das pessoas que lá vão, para nunca se calhar, nos seus países, nunca trataram de nenhum documento, não conhecem é preciso haver mediação sociocultural tendo em conta a nova realidade deste país nos serviços públicos para se tornarem serviços públicos de qualidade com todas as ferramentas necessárias para também saberem atender pessoas que não são portuguesas.

I: Com certeza. Qual a situação perante o emprego dos imigrantes com quem trabalha? Emprego e desemprego. Estão mais desempregados, empregados...?

T: *É o já o fenómeno da uberização. Uberização e plataformas e um modo, digamos assim, um modo, as pessoas estão em modo da uberização de plataformas e é isso que dá muito trabalho, digamos assim. É um trabalho muito precário e ainda bem que a autoridade para as condições de trabalho está a atuar em cima, principalmente, das pessoas que fazem esse transporte do Uber, Uberats, que fazem esses transportes de alimentos e não sei quê, a exigir contratos de trabalho. Isso é muito bom, seguros,*

seguros de todo o tipo. As pessoas não podem estar a trabalhar, porque se inscreveram com recibos verdes e agora escreveram-se numa plataforma qualquer e pronto, não! isto é a precarização, por isso é que chamei de a "uberização" no pior sentido, sem direitos nenhuns, isso está a existir muito, em muitas comunidades de imigrantes. Não só da América Latina, também Ásia e por aí a fora, há muita gente que está a optar por isso porque não tem outra possibilidade para que tenha dinheiro o mais pressa possível, porque precisam muito. Portanto, vem aqui gente que trabalha nesta situação de grande precaridade, mas também vem gente que trabalha em setores que agricultura, construção civil, a questão da restauração e hotelaria e mesmo dos cuidados. Portanto, pessoas que trabalham com serviço médicos, até tomar conta das pessoas idosas e, portanto, são setores de atividade que ainda existe que o existe um pendulo muito forte, esta cultura empresarial do tempo das cavernas. Ainda é uma cultura empresarial muito recuada, que pensa que podem fazer tudo, assim ao bel-prazer, porque Portugal é um país de impunidade que que não vigia, que não controla, que não pune quem comete ilegalidades no trabalho nomeadamente os patrões, viu-se agora o exemplo Samoco onde era proibido apanhar bivalves, ameixas etc, era proibido e eles foram contra a lei do país, foram apanhar à custa de imigrantes, sem contrato, sem nada. Portanto, a troca de algum dinheirito e as pessoas foram ali porque precisam. Portanto, há essa exploração escrava que existe e infelizmente, ainda existe neste país, para não falar de Odemira, das estufas, do trabalho agrícola e por ai fora. Há exploração escrava que ainda existe neste país que é preciso combater e continuar a combater. Há muita gente que vem aqui, que também vem destas zonas, naturalmente, pode vir um ou outro com um bom trabalho, mais estável, pessoas que já estão aqui há mais tempo. Mas nós atendemos, principalmente, as pessoas que estão aqui há menos tempo, outras ficam fidelizadas à associação, digamos assim, a associação resolveu o seu problema da documentação, as outras é da família, ajudou a se calhar a combater uma infração ilegal cometida pelo patrão, ajudou muita coisa e a pessoa mantém-se e continua a vir aqui quando precisa de alguma coisa e alguns deles já constituíram a sua própria empresa. Trabalhando em nome individual. Portanto já são donos de si próprio do seu trabalho e continuam assim.

I: Mas esses trabalhos mais precários, a maioria são os imigrantes que ocupam...

T: Se calhar a maioria esmagadora mesmo, se calhar noventa e nove por cento. Porque é um fenómeno não é só português, é europeu. Antes, se calhar, há doze anos ou quinze anos, ias, por exemplo, a França e ias a uns restaurantes e não sei quê ainda havia gente francesa a trabalhar no restaurante. Hoje os patrões da restauração e a hortelaria já não querem franceses, só querem imigrantes e porquê? Mão de obra é mais barata. Essencialmente é isso. Porque os franceses também podem falar outras línguas. É porque a mão de obra é mais barata. Eles então empregam e recrutam imigrantes para o sector da atividade. Nós aqui vemos. Veja aqui a volta da associação, aqui por baixo, esses restaurantes todos quem estão?

I: Imigrantes.

T: Antes, antes há uns anos atrás quando nós estávamos ali na rua da Madalena ali ao lado, aqui a duzentos metros. Antes de tudo isso eram restaurantes tradicionais portugueses, agora o turismo veio efetivamente a criar mudanças. Mas os portugueses também chegaram ao seu fim, o seu ciclo acabou e quem tomou conta disto? foram imigrantes, não foram mais portugueses. Portanto também são empreendedores em vários setores, isso também é bom, mas o fator essencial e fundamental para que não

haja mais nem portugueses em Portugal, nem franceses em França é porque HÁ a baixa de salários ou seja é o lucro. O lucro, o maior lucro possível que faz com que os patrões optem por este caminho e depois as pessoas também já não querem trabalhar os portugueses não querem vir para o restaurante, para copa, para a cozinha ou seja para onde for não querem vir porque o salário são miseráveis. É isso. E as vezes são os salários que definem muitas vezes quem vai trabalhar ou não. Na agricultura antigamente, eu não estava cá, estava em África, mas antigamente, dizem-nos que no Alentejo eram os alentejanos que estavam lá na cerca do trigo, no celeiro, era o povo daquelas aldeias, aquelas pequenas vilas e cidades do Alentejo. Agora quem vê? agora vejo a sombra de uma azinheira e a cantar o grande La Vila Morena e outras coisas mais e que são imigrantes, portanto, as coisas mudaram também estão em outro ciclo.

I: E quais as condições de emprego? os imigrantes que recebem possuem a maioria contratos de trabalho? estão escritos na segurança social?

T: Olha, sim. A maioria sim, mas há muitos, ainda há muitos que não. Uma das condições para a pessoa, por exemplo, obter documentação, uma das condições para as pessoas poderem obter ou ter acesso ao reagrupamento familiar, mandar vir os seus filhos, ou a sua esposa, ou o seu marido, seja quem for, é as pessoas terem trabalho, contrato e descontos. E há muitos patrões principalmente quando as pessoas já têm documento, que continuam a andar por este caminho da infração, da vida do lucro fácil, ou seja, às vezes, preferem pagar por fora sem fazer outros pontos para a segurança social. Nós sempre aconselhamos para não envergarem por esse caminho é bom que descontem para a segurança porque mais tarde, de certeza eles vão perder vão perder com este sistema. Mas há muita gente assim e nós intervimos quando é assim intervimos, só pedimos uma inspeção da ACT autoridade para as condições de trabalho, ou mesmo escrevemos diretamente uma carta para a entidade patronal a exigir que seja feito o contrato de trabalho e que seja feito os descontos para a segurança social.

I: Muito bem. E a maioria que vem para cá então são pessoas individuais, são famílias que que o senhor atende aqui...?

T: Às vezes vem famílias, às vezes vêm crianças com a mãe, mas a maioria são essencialmente pessoas a título individual que vêm aí, mas naturalmente muitas vezes vêm pessoas. Ontem por exemplo estive aí uma mulher que já tem documentos, mas o seu marido ainda não tem documentos e está cá já em Portugal. Portanto é preciso pedir o reagrupamento familiar o artigo noventa e oito número dois, para quem esta já em Portugal. Não é preciso mandar vir de fora, entrou com um visto qualquer. Não é preciso mandar vir de fora, ele já cá está, entrou com um visto qualquer do turismo, seja como for, mas está cá, são casados. Ela já têm documento é preciso reagrupar, depois pode vir a título individual, mas como, muitas vezes, vem também a família atrás. Portanto depende muitas vezes da situação que apresentam.

I: Mas para fazer o reagrupamento familiar não é preciso comprovar renda também?

T: Sim. A pessoa já está tem já está regularizada, já tem documento, neste caso, a mulher tem e está a trabalhar e tem um rendimento, eu não sei qual. Tem o rendimento e é esse rendimento que vai apresentar, se o marido, entretanto conseguir trabalho, também vai acrescentar mais ao rendimento. Mas atenção, esse rendimento muito há portarias do Ministério da Administração Interna a dizer assim "para reagrupar uma pessoa adulta, pronto, estás aqui e queres agrupar o teu marido, adulto, tu precisas,

além do salário mínimo que tu ganhas precisa mais de metade do salário mínimo. Para mandar vir fora. Mas a pessoa já cá está dentro, pode incluir nas despesas a renda que paga, ou ela partilha a casa com a irmã, pronto, a irmã tem que fazer uma declaração que ela está ali a morar, a renda, a luz, água, tudo isso entra também como rendimento. Atenção. Porque se tu, por exemplo, queres se reagrupar com teu marido, para que assim fiques aqui a viver, para uma residência, por exemplo, e queres mandar vir ao teu marido? Se tu vais incluir só ganhas o salário mínimo mais metade do salário mínimo. A priori dá sim é o que a portaria pede, para trazer uma pessoa adulta. Se for criança é trinta por cento do salário mínimo, mas o marido é cinquenta por cento. Mas tu vais incluir depois a despesa da renda que pagas? Uma renda alta, não há rendas baixas, com luz, com água, não sei quê, se vais incluir isso também, baixa-te o rendimento e possivelmente não vai ser possível.

I: Entendi.

T: Não é não é fácil, mas é possível.

I: Em uma avaliação global. Considera que os imigrantes aqui tem oportunidades de trabalhos e salários semelhantes aos nacionais ou dos imigrantes já integrados no país?

T: Não, não tem. Eles começam por situações muito precárias e muito aquém daquilo que é legal, muitas vezes, e muito aquém daquilo que seria nós estarmos a pensar na igualdade de oportunidades em Portugal, que não existe. Mesmo em algum setor de atividade onde existe português e imigrantes a fazer o mesmo trabalho e, muitas vezes, a categoria profissional é inferior de um imigrante, mas está a fazer o mesmo trabalho de pedreiro, por exemplo. Ou mesmo que tenha a categoria de pedreiro, muitas vezes, não entra com o mesmo salário que o português. Portanto há sempre discriminação não tenhamos ilusões nenhuma. Nós na terça-feira vamos ter aqui uma reunião com a CGTP, pedíamos uma reunião e nós vamos colocar também esses problemas todos. Como é que é possível um sindicato, a grande central sindical portuguesa não a lutar contra essa discriminação, porque somos todos trabalhadores, independentemente do país de origem. Portanto e temos de ser tratados de uma forma igual, salário igual, trabalho igual, não deveria ser precisar lutar por esses princípios e...

I: Muito bem. Com base na sua atual experiência profissional como retrata as condições econômicas dos imigrantes que acompanha?

T: A condição económica que vêm aqui à associação é muito fraca, é muito frágil. Portanto, é que vem aqui. As pessoas vêm aqui e associam-se, normalmente, Noventa e nove por cento, se calhar pagam dois euros e meio por mês. Mas se não vem aqui, vão ao advogado que pagam quinhentos euros, que lhes exploram bem até ao tutano e por aí fora da advocacia e nem sequer querem saber a situação das próprias pessoas. Pronto, são clientes. Nós não gostamos dessa palavra, para nós são pessoas com nomes. Até a palavra imigrante tem uma carga pejorativa, está a perceber? Tivemos que começar também a mudar a nossa linguagem, a dizer as pessoas que nos procuram, que vêm dali, dali, dali. Portanto, estão sendo maltratadas neste país, desde sempre, a nível da igualdade salarial, a nível de políticas de acolhimento, a questão da habitação e outras questões mais...

I: De uma forma geral como avalia as condições de acesso a direitos fundamentais como saúde, educação, proteção social.... etc? Há maiores dificuldades para os que chegam ao país do que para os residentes?

T: Há maior dificuldade para as que chegam ao país. Em primeiro lugar, os que chegam, os recém-chegados, muitos ainda estão à espera da sua regularização e a questão do direito à saúde é um direito fundamental, não devia ser negado independentemente da situação jurídica do cidadão em território nacional. Saúde não devia ser negada, as pessoas deveriam ter direito à saúde. As pessoas muitas vezes vão e o governo diz assim "tem então, eles têm, vão lá" Têm, mas vão pagar quanto? E o dinheiro tem? eles não vão, porque não têm esse dinheiro, portanto, não estão a ser tratados em igualdade que outros cidadãos, sejam portugueses ou residentes há mais tempo. Não estão, não têm médico de família é complicado. Portanto, passam horas e horas a dormir aí em frente aos postos de saúde sem serem atendidos. Nós tivemos de deixar-me contar esta coisa porque é importante isto para vocês saberem. Nós não falamos à toa. Não falamos só por falar, nós falamos com dados concretos, nós já tivemos aqui três anos a fazer projetos, uma questão de direito à saúde para as mulheres imigrantes grávidas, direito à saúde para todos os cidadãos, direito a saúde para os indocumentados etc. Três anos. Consecutivos a fazer trabalho, a falar com as pessoas, a fazer focos de grupo, a fazer essas coisas todas. E a influenciar e a tentar influenciar também o poder político. E criamos algumas dinâmicas interessantes. Quando estivemos a fazer o projeto, fiquei há quatro anos nesta parte, o direito das mulheres grávidas, o direito à saúde das mulheres grávidas e imigrantes, por acaso aparecemos logo um caso um caso, que nós tivemos que intervir, demos queixa a Direção Geral de Saúde por aí fora no caso de uma mulher paquistanesa, acho eu, sim, ela não sabia falar português, ela estava grávida, ela foi ao centro de saúde. Ela estava grávida e ainda não tinha documentos, estava assustada, natural. Não tem documentos, não é? O que é que irá acontecer? Foi ao centro de saúde. Chegou ao centro de saúde, começou a falar em inglês e eles não perceberam nada, nem quiseram, nem fizeram esforços para perceber e começaram a ralar e "ah você não fala português tem que falar..." começaram assim com esse palavreado, digamos assim, e a senhora ficou assustada e foi para casa e nunca mais foi ao centro de saúde, já tinha medo. Não atendiam e tinha medo, de como estavam a falar, quase que estava a ameaçar, a pessoa não entendeu e ficou ainda com medo, porque ainda nem sequer estava regularizada neste país. Então o bebé nasceu morto, por falta de assistência. Pronto, mas é isso que acontece, muitas vezes, neste país e que, muitas vezes, não se sabe nada disto pronto. Os imigrantes sofrem muito quando não têm acesso à saúde e sabe que existe uma portaria, ou lei do sistema nacional de saúde a dizer que toda a mulher grávida, independentemente da sua situação jurídica, em território nacional tem direito à assistência médica gratuita no Sistema Nacional de Saúde. E esta senhora não ouve ninguém que pudesse orientá-la, entender, que pudessem entendê-la, fizesse esse esforço e não houve ninguém que fizesse isso. Mas prontos, é isso. Mas sabe que a partir daí, já houve centros de saúde efetivamente, ainda há algumas reservas, ainda há algum desconhecimento. Mas os centros outros nós conversávamos fizemos uma, uma coisa para uma circular, digamos assim, uma nota para dar às mulheres grávidas quando iam ao centro de saúde para à priori mostravam logo aquilo, a dizer que tem direito, a circular tal, tem direito assistência médica gratuita para toda a gente independentemente da situação jurídica. Mas estavam aqui porque mesmo assim conseguimos influenciar também muitos centros de saúde, mas mesmo assim ainda existem algumas reservas "Ah, mas você não tem documento?" "ah, minha senhora, eu estou grávida, veja-me!" pronto e às vezes não entendiam, mas outras vezes entendiam e não queriam consultar. "Ah porque não tem número de utente" não me interessa, "Eu estou grávida precisa ser assistida". São casos desses. Nós lamentamos, mas o acesso à saúde e, muitas vezes, a habitação é um acesso limitado a algumas pessoas. Ainda não é um universal para todos.

I: No plano das relações entre os imigrantes que chegam ao país e os residentes considera que há facilidade no estabelecimento de relações?

T: Depende das nacionalidades, muitas vezes, há nacionalidades que mais ou menos, de uma forma mais ou menos conseguem-se interagir com a sociedade de acolhimento, interagir, não estou a dizer integrar-se. Não sou apologista desta palavra integrar, mas pode ser podem se inserir na sociedade com as suas diferenças respeitando-os, respeitando as diferenças que vem dos outros, com respeito mútuo. Mas consegue inserir e articular e interagir com o país acolhimento. Há comunidades que têm essa vantagem, essencialmente, os países de língua oficial portuguesa. Fator de língua é um fator fundamental para as pessoas terem boas relações de vizinhança, a falarem com o outro, sejam portugueses ou não, ou mesmo estrangeiros que já estão há algum tempo aqui, as próprias redes sociais ajudam a aproximar as pessoas, ajudam, muitas vezes, há tirar dúvidas que as pessoas vão trocando e vão falando... Agora outras comunidades que são mais pequenas, que não são PALOPS muitas vezes sentem grandes dificuldades, por exemplo, quem mora no Casco Velho da cidade de Lisboa? principalmente não são PALOPS. Nós vamos ver onde é que moram a comunidade de brasileira? mais para a linha de Cascais. Onde mora, por exemplo, a comunidade cabo-verdiana mais para a linha de Sintra, a comunidade guineense aí em [impercetível]. Então não sei o quê. Claro que há focos, depois espalhados pelo pela cidade, pelo país, mas e onde é que moram pessoal que vem da Índia ou à Ásia e da África francófona, de outros países...? também da América Latina, Colômbia, Venezuela, etc? mais no casco velho da Cidade de Lisboa, amontoados em quartos. Portanto, esta funciona aqui a habitação solidária, uns ajudam outros. Alguns tirando alguns dividendos económicos, naturalmente, mas um ajuda o outro porque não há sítio, ou então vão para a rua, como foram os timorenses a dormir na rua, como foram em Odivelas com os argelinos e marroquinos dormirem na rua, debaixo da ponte, por aí fora. Portanto, é isto, é isso que nós estamos ainda, infelizmente, em Portugal como não parece um país da Europa.

I: A relação é muito mais entre pessoas da mesma nacionalidade do que entre os portugueses e estrangeiros...

T: Sim, sem dúvida. Nós tivemos, por exemplo trabalho. Os indianos chegam aqui ou paquistaneses, ou nepaleses, os bangladeshianos ou de outra nacionalidade mais... mais longe, digamos assim. Chegam aqui, " nós não conseguimos trabalho, quem nos dá trabalho são os nossos compatriotas". Estas situações e depois dão origem a outras situações, contratos falsos, por aí fora e dão origem há uma certa marginalidade que as políticas públicas fomentam. Portanto esta é a exigência muitas vezes dos contratos de trabalho e não sei, sem primeiro ter o documento, deveria ser ao contrário. Primeiro dado documento e depois exigir então contraste de trabalho, porque os patrões não querem dar contrato de trabalho e a pessoa precisa muito do pão todos os dias, para se alimentar e ajudar a sua família, precisam de ganhar o seu dinheiro e depois sujeitam-se a qualquer tipo de trabalho, sem contrato, sem direitos, sem nada, qualquer salário. E é assim a vida que nós temos e é preciso alterar isto, colocar tudo do avesso, questionar tudo. É a nossa política.

I: Como profissional que estratégias de intervenção utiliza para promover a inclusão dos imigrantes no tecido social?

T: Nós queremos inserir os imigrantes na sociedade num todo, num todo. Não queremos inseridos nos guetos, nem nas suas comunidades, nem nada. Nós queremos inserir,

nós queremos contribuir para a inserção dos imigrantes na sociedade e no país de acolhimento, ponto, com a diversidade que ela tem. Uns mais, outros menos, uns países um maior, outros pormenores, mas é aquilo que existe porque é o ato de nos inserirmos. É que também eu vim em mil novecentos e oitenta para Portugal, e se calhar, não, não não estou a identificar não estou muito inserido com este país e é um ato que me compete é um ato de liberdade de cada um, não sou obrigado a coisa nenhuma, eles não são obrigados a coisa nenhuma. Ok, respeitam-se os seus valores, respeitam àquilo que existe, mas não somos obrigados a nos inserirmos ou integrarmos na sociedade. Podemos até viver à parte a nossa vidinha e prontos é bom para o seu lado, naturalmente, tu não vês muitos portugueses a conviverem aqui, por exemplo, na cidade de Lisboa por exemplo, com muçulmanos, não é? Claro que não. Não vês, nem eu vejo. Vejo muito os indianos na martiz da pátria vão lá fazer os seus piqueniques e tal, são eles não vejo lá que português. Podes haver alguma jovem e tal, algumas associações podem interagir com eles, mas não é isso a sociedade. A sociedade é um todo e por isso a inserção na sociedade é um... nós optamos por isso, mas queremos que os imigrantes exerçam esta cidadania e participem mais e se mostrem mais e que deem a conhecer-se mais e que apareçam na rua e que deem visibilidade e que deem a cara e que não, e que não, e que não tem que não tenham medo de dar a cara e não optem só pelo anonimato. Deem a cara pelos seus direitos, que lutem mais. E é muitas vezes é nesta visibilidade que a gente dá onde quando nos vêm a passar alguns outros não gostaram tanto, mas há, há a comunicação social que nos ajuda, olhem os imigrantes sempre na luta a exigir o quê? Direitos, direitos, direitos humanos, direitos fundamentais, direito de cidadania muito importante. É assim mesmo, nós portugueses também quando estivemos lá fora dizem "também passamos por isto e não gostaríamos de ser mal tratados, ninguém gosta".

I: A cultura e valores culturais dos imigrantes são distintos da cultura nacional. Considera que esta é uma dimensão facilitadora ou uma dimensão crítica no processo de integração? explique por favor.

T: São perguntas da cultura. A cultura é uma ferramenta na minha opinião. É uma ferramenta que pode transmitir valores E os valores, que façam parte, muitas vezes, num processo de resgate de direitos. Porque nós, por exemplo, eu vou-te dar um exemplo, eu não gosto da palavra da integração, prefiro inserção, interação com sociedade de acolhimento, mas nós durante dez anos consecutivos, há coisa de quatro anos quando veio a pandemia deixámos de fazer. Mas há dez anos consecutivos todos os anos vínhamos fazendo o festival imigrar-te, interessante era autónomo, era alternativo, não era das Câmaras de Lisboa, nem aas festas da Cidade Lisboa. Era um dos imigrantes, era da nossa associação, mais vinte e cinco que juntávamos para nos ajudar a organizar isto. Eram associações que vinham dos bairros e a professora Júlia que me conhecia bem o trabalho que fazíamos na [impercetível] e por ai a fora. Na Arrentela e no Casco verde da sé Lisboa trabalhamos com os jovens, eram esses jovens ao longo de um, dois anos de projeto que eles tinham lá. E nós estivemos lá durante mais de oito anos a trabalhar com eles. Eles depois criavam o seu grupo de dança, ou criava o seu grupo de música de hip-hop ou outra coisa, portanto, tinham e nós trazíamos esses grupos e não só da juventude, também de outros lados, do norte e sul do país. Também do Algarve, do Porto, as associações traziam os seus grupos culturais de toda a ordem e vinham a oferecer unidades e participavam gente que nunca pisou num palco e que se sentia importante e era importante que as pessoas se sentissem, importante que lhes dessem essa possibilidade de eles mostrarem a sua cultura e a sua arte. Mas num festival que estava enquadrado numa luta pelos direitos dos imigrantes.

Não era um festival para mostrar música sob o ponto de vista folclórico. "Ah a música é boa o forró é fixe e tal." É fixe, mas tudo bem, forró para quê? Para divertir os portugueses? para eles gostarem muito? nós temos nós temos que explicar o que é isto e a capoeira de onde é que veio, a escravatura o que é que fazia a escravatura. Nós temos que explicar isso não é só agora dançamos o forró e vamos todos contentes, bebemos um copo e vamos todos contentes para casa. Não chega. Está a ver? Portanto é que foi com essa perspetiva, a questão cultural que para nós e continua a ser, é que nós fizemos muitas atividades, desde workshops aqui, da produção, seja aquilo que for, gastronomia, noites de gastronómicas de vários países do mundo por aí fora, vários países do oeste... fizemos muita coisa onde juntámos gente e gente de várias proveniências que começaram a conhecer uns aos outros. Afinal começaram a dizer assim "olha na Ucrânia fazem esta comida", "na Romênia faz aquela sopa branca". Tem nome que já me esqueci. "Olha não sabíamos, por acaso é bom e como é que se faz?" E começaram a misturar-se. As culturas é assim. Quanto mais mistura mais se valoriza. Mais valor tem e é isso que nós queremos ter esta ação e o transporte das culturas e saberes e conhecimentos que as pessoas trazem que seja efetivamente, que façam parte de um processo também de luta pelos seus direitos e pela sua dignidade.

I: Relativamente as principais dificuldades dos imigrantes considera que elas se relacionam com a legislação nacional?

T: Não, a legislação nacional. É, sabe, a gente diz sempre, as leis, muitas vezes, são muito bonitas, pois vamos ver a prática. Na prática é que são elas, muitas vezes, os executores, digamos assim, das políticas, na prática, muitas vezes são... é gente que não gosta da imigração, é gente xenófoba, é gente um pouco racista, é gente que não quer e muitas vezes não aplica. E mais, você perguntou a ainda agora, quanto tempo demoras os processos? Não só para pedir um documento, ou pedir um regulamento familiar, 2, 3 anos, às vezes mais. Pois é. E o código do processo administrativo, que é uma lei portuguesa, que regula o funcionalismo público, a relações entre o estado e o cidadão, às normas, as regras, a lei Diz assim "O estado tem 3 meses, 3 meses, não é 3 anos para responder um pedido que tu faças ao estado" Então, onde é que está a ilegalidade? o cumprimento da lei vem do próprio estado. Temos aqui o código do procedimento administrativo que Diz-nos isto, determina Datas, determina tempos que o Estado não cumpre. Quando nós dizemos, muitas vezes, e na comunicação eu sou conselheiro para os assuntos imigração e digo, muitas vezes "Ilegais é quem comete ilegalidades, é o governo". É preciso mudar isto rapidamente. É preciso que o governo, quanto quer que, neste caso, os cidadãos estrangeiros cumpram, com lei, ele tem que dar o exemplo. Tem que ser o primeiro a, com a lei, não é fechar agendamentos, não é cancelar coisas, não É ao Fim de 3 anos Não ter resposta, estão a dizer que estão em análise. Depois a desculpa que dão é "Ah não temos pessoal" O Estado é obrigado a ter pessoal e atender as pessoas. Ponha o serviço a funcionar como deve ser.

I: E relativamente às principais dificuldades dos imigrantes consideram que elas se relacionam com comportamentos discriminatórios de outros cidadãos portugueses ou outros?

T: Sim, também há. Há de tudo. Há comportamentos discriminatórios por parte dos portugueses e outros, naturalmente, que há, mas, essencialmente, há comportamentos discriminatórios por parte do estado. Quando nós falamos Da discriminação E racismo é institucional, principalmente. Principalmente institucional, quando as pessoas vão a uma repartição pública qualquer e muitas vezes olham para a gente do lado, porque não

é branca, é complicado e, muitas vezes, não respondem da mesma forma, como responder a outra. É complicado e, muitas vezes, não resolvem com o mesmo tempo, com a mesma celeridade, que resolvem outros. É complicado. Muitas vezes, quando vão ao centro de saúde e não querem atender. É complicado. Portanto, Essa discriminação é, essencialmente, institucional. Portanto, transforma este país num país efetivamente de branco com costumes mais racista. É preciso combater isso a todos os níveis. Não tenho dúvidas nenhuma, certo? Todos os níveis, é preciso continuar, estar vigilante. Estamos atentos e... Por exemplo, tu estás a ver alguma campanha na televisão? Eu ainda na reunião, de antes de ontem no conselho das migrações, eu falei nisso. Então? Não se tomou nenhuma medida em relação à campanha que se fez na televisão, alguns canais da televisão estarem a mostrar entrevistas com cidadãos portugueses, esses do TVDE das plataformas dos Ubers para transportar as pessoas, esses do DVDE " Compram carta", "Um paquistânês tentou violar", ou não sei o que "eles vem daquela zona da indo Ásia"... campanha racista e xenófoba. Não houve ninguém do Estado que pusesse ponto final a isto. Vieram do estado a Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR), não se manifestou, mas é aquela campanha... O conselheiro que estava lá da Índia era, sim, é verdade. Estão a por em causa a honestidade das pessoas conduzem TVDE, que não são portugueses, são da Indo ásia e não só. Então, a pôr em causa a documentação deles, quase a quer dizer quem é falsa, porque eles compram as licenças da TVDE, estão a pôr em causa tudo. Então, pelo negativo, tudo. E saíram nas televisões, essas entrevistas e não vi nenhuma reação por parte que quem de direito deveria combater isto... Portugal devia ter efetivamente um cartão de visita totalmente diferente, um país acolhedor, um país que respeita os outros, um país recebe, um país que dê direitos a quem tem que ter direito, mas não. Temos um cartão de visita muito mal, então no aeroporto, na zona de imigração do aeroporto Lisboa, nós vimos lá muitos brasileiros. Eu fui lá uma vez com a televisão e a única pessoa que estava lá dentro, no centro de instalação, digamos assim, temporário, no aeroporto era uma brasileira. E esta brasileira estava ali para ser expulsa, para não deixar entrar, como muitos brasileiros foram repatriados para o seu país de origem. Portanto há um poder discricionário e prepotente por parte dos Serviço de Estrangeiros e Fronteiras que estava ali a controlar as pessoas. Mas há pessoa que chega aqui diz " não, Portugal é um país Bom, é um país que da isto, da aquilo, da CPLP" não da coisa nenhuma. Isso CPLP isso faz parte dos negócios, outro tipo de negócios.

I: Observa se os portugueses acolhem imigrantes de forma diferente consoante a sua origem? por exemplo, a se veem de um país africano, asiático, comparado a um país europeu?

T: país europeu não os chamaria de imigrante, porque eles têm direito a circular no espaço Schengen, ainda são cidadãos europeus. Mas africano, árabes ou da indo Ásia, comparados com outros cidadãos de pele clara, Ucrânia, por exemplo. A gente viu o que se passou com o processo da Ucrânia, não é? é um país de proximidade, de cor branca, então vamos lá, rapidamente, até o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras fez horas voluntárias aos sábados para resolver problemas deles. E havia muitos imigrantes, isto não é só...[impercetível]. É claro isto, havia processo de imigrantes, África, Ásia e por aí a fora, que estava a espera a 3 anos e não se lembraram de dizer assim" vamos fazer trabalho voluntários em um sábado ou dois para este pessoal, que está sofrendo muito, há 3 anos à espera". Mas acabaram de chegar os ucranianos fizeram logo trabalho voluntário ao sábado para tratar dos documentos. por que será? Quem diz ucraniano diz também algumas outras nacionalidades que são mais, digamos

assim, mais aceitáveis do que outros. Embora, haja alguns estigmas ainda há estigmas, ligam a comida brasileira, há alguma marginalidade, ligam a outras... Embora sejam efetivamente recebidos de outra forma por causa do fator língua, é fundamental.

I: Sim. E o senhor conhece o termo Aporofobia?

T: A professora Júlia já falou.

I: Já falou?

T: Ela já tirou este fator surpresa. [risos] Ela acabou com isto, mas é verdade é um modo como como hoje vivemos também. É um modo de estar, é um modo de funcionar, é os pobres, efetivamente. Os pobres são tratados como pobres, e há de ser tratados como pobres ainda durante muito tempo, enquanto tudo não mudar.

I: Então, nesse caso, eu trato aqui da Aporofobia em relação à população Imigrante, ou seja, aversão ao Imigrante pobre. Então, com base nesse conceito, observa se isso ocorre com os imigrantes com quem trabalha?

T: Sim, isso é quase 100%. Pode haver um outro que a gente não sabe, mas naturalmente, que vem da angola ou que vem da Rússia e dizem que querem fazer investimento, mas isso é raro. Mas 99% das pessoas que vêm aqui a associação são gente pobre, gente que vive do seu trabalho e muitas vezes alguns estão desempregados, mesmo à procura da sua sobrevivência. E muitas vezes as políticas são feitas Por isso mesmo, estás a ver? Há um livro muito interessante do londrino Vieira que diz assim, vamos ver se eu consigo ainda retratar esta versão que eu acho que é importante ele diz, ele era um alfaiate e tinha um amigo mussunda, o mussunda dizia assim: "Está a ver? rico é gente boa, ela da trabalho para gente pobre" e o alfaiate dizia assim: "e você o que que tem nesta cabeça?" mais ou menos assim, mas tem umas coisas que fica gira essa, essa expressão dele. "Você não sabe, que rico dá ao pobre para que ele fique sempre pobre?" Está a ver? é um pouco isto, o pobre, tem essa condição de pobre e são tratados como pobre e querem que eles fiquem eternamente pobres. O sistema está feito desta forma, porque se não, não havia estes senhores, meia dúzia de 1% que leva a maior parte da Riqueza desta, deste deste mundo, né? Portanto, é isto. A forma é que o pobre fique sempre pobre.

I: Muito bem. Como procede no exercício das suas funções, numa situação discriminatória sutil ou evidente, contra os imigrantes? Sutil pode ser atravessar a rua, não querer ser atendido por alguém de outra nacionalidade etc. E, evidente, é a configurada como crime.

T: Sim, mas aí do ponto de vista aqui, a discriminação aqui, as vezes, existe algum preconceito independente dos imigrantes. Quando chegam ali dizem "ah eu queria ser atendido por aquele senhor" "não, você vai ser atendido pela pessoa que depois calhar, aqui os processos são iguais para toda a gente" então nós aqui só trabalhamos em equipa, não tem, não existe esta... As vezes em função da língua, não é função da língua, as vezes, é em função porque falaram para ele que aquele atende bem. E o outro? também não atende bem? porquê? Até poder entender melhor. Mas agora, quando a efetivamente discriminação que é notada como esta das televisões da TVDE, eu próprio denunciei isto no Concelho das Migrações. Portanto, Nós denunciámos imediatamente através dos meios que temos ao dispor, para que isto acabe, para que se tome medidas.

I: Muito bem.

T: Uma vez, um jovem veio aqui da Guiné-Bissau. Ele disse assim" a polícia agarrou-me a mim levou-me a esquadra e agora tenho que ir no tribunal amanhã" e então, mas por quê? Está a dizer que fui eu que tirei o telemóvel de outra pessoa que passou na rua, " mas como eu não tirei o telemóvel, meu telemóvel está aqui. Eles ficaram com o meu telemóvel a dizer que este é roubado dela", uma pessoa qualquer. Depois virou para o rapaz jovem que estava a passar ali ao lado, que é o nosso socio, que veio aqui queixar-se também " é preto? foi ele, ponto final" a polícia não quis saber, não investigou, não, não, não acreditou na palavra do jovem. Então fez um processo contra a jovem. E o jovem ficou assustado com tudo isso disto e há N casos nos bairros e por aí fora.

I: Que desafios são colocados quando confrontados com comportamentos Aporofobos? O que é que tal exige de nós enquanto profissionais?

T: Olha, se quer que lhe diga, todos os dias acontecem estes comportamentos, todos os dias. Se não aqui, pessoas a dizer que não quiseram aceitar na empresa (A) que nós encaminhamos para emprego, por exemplo, não, porque, naturalmente, olharam para eles e disseram" Este cara é um desgraçado". Um desgraçado neste sentido, devido a sua condição é uma pessoa, que evidentemente está à procura do primeiro ou segundo emprego, que é Imigrante e naturalmente, é pobre, naturalmente é pobre, então por isso, não são bem aceitos, muitas vezes, são mais aceitos pela aparência que tem. Mas muitas vezes quando não aparentam ser pessoas que não levam bom fato, uma camisola, uma camisa ou uma t-shirt de marca, não sei, de nome, a essa aparência afasta em relação a muitos empregos. Isso acontece.

[entrevista se encerra]

Anexo 11 - Transcrição de entrevista com imigrante, Cabo-verde

Entrevista Imigrante

Imigrante 01, Cabo-verde

Para fins de melhor apresentação de resultados, optou-se por colocar as iniciais dos entrevistados de acordo com as iniciais dos seus países de origem.

Investigadora: Qual a sua nacionalidade?

CV: *Sim, Cabo Verdiana*

I: Qual a sua idade?

CV: *Minha idade, seis de janeiro mil novecentos e setenta e dois.*

I: Então tem cinquenta e um anos.

CV: *Uhum.*

I: Muito bem. Há quanto tempo está em Portugal?

CV: *Dia 3 de desse mês fizeram 6 meses.*

I: Como é seu agregado familiar? com quem vive?

CV: *A casa é da minha irmã.*

I: Vive com a sua irmã?

CV: *Mas imagina como? Um pé fora um pé dentro. Todos os dias diz para sair para a rua.*

I: Ah sua irmã fala todos os dias para você ir embora

CV: *Sim, mas não tem, não tem noção. Nós somos os quatro, mas na casa somos dez.*

I: São 10 pessoas em casa?

CV: *Sim, todos os 10, não tem, não tem lugar para ir, não está a encontrar quartos para ir.*

I: E a senhora veio sozinha?

[Entrevistada faz gesto com a cabeça]

I: Não?

CV: *Tem a minha filha, tem a minha sobrinha, tem um cunhado da minha irmã, e outra colega que trabalhava no hotel.*

I: ... outra colega e ela também tá vivendo a casa da sua irmã?

CV: *Não, ela procurou um quarto.*

I: Já procurou um quarto, e o resto...

CV: *Um... nós somos dez., estão em sua casa, outros deitam no chão, em sua casa, se nós saímos para a rua de fora de sua casa eu vou-lhe embora, mas não tem lugar para ir.*

I: E o resto quem vive na casa é a sua irmã e a família dela?

CV: *Uhum*

I: Ok. Qual a idade da sua filha?

CV: *Dezanove anos dezanove anos.*

I: E ela trabalha?

CV: *Sim, ela trabalha, já está no emprego de quartos, camareira.*

I: Camareira?

CV: *Sim, como minha sobrinha.*

I: A senhora estudou até que série?

CV: *Nono ano.*

I: Nono ano?

CV: *Sim, porque depois meu pai e minha mãe faleceram, não tinha ninguém para ficar com a minha filha, trabalho e depois não tive mais tempo para estudar.*

I: O que a levou a imigrar?

CV: *não estava com ideia de vir, mas o senhor gostou do meu trabalho, conheram-me no hotel...*

I: Em Cabo-Verde?

CV: *Na Ilha do Sal. Eu sou de Santo Antão, mas resido na Ilha do Sal.*

I: Ilha do Sal fica em Cabo verde?

CV: *Aham, Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal.*

I: Ok.

CV: Sempre fui trabalhar no Sal, há muitos anos, tinha 23 anos quando fui trabalhar no hotel. E então o senhor me quer, que eu saia do trabalho e traz para Portugal para trabalhar aqui em seu restaurante, em São Jacinto, perto de Aveiro. Mas me trataram muito mal....

I: E foi então que veio para aqui, para trabalhar em Aveiro?

CV: Chego aqui e vou para seu lugar em São Jacinto. Uns 15 minutos de barcos para seu restaurante. Aveiro e São Jacinto era preciso tomar barco para chegar, porque os restaurantes eram a beira-mar, onde os barcos andam sempre a transportar.

I: E a senhora trabalhava lá?

CV: Sim.

I: Então o que ele prometeu?

CV: Ele disse em Cabo verde, 800 euros, depois chegado em Portugal disse 700 euros, depois disse que não ia receber nada. Depois disse que vou descontar passagem porque eu trouxe vocês de Cabo-Verde, vou descontar o apartamento, porque tínhamos apartamento gratuito, era 800 líquidos na mão e depois disse que vocês tem que pagar o apartamento, descontar o gás, água e a luz.

I: E a senhora estava a viver aonde no apartamento dele?

CV: no terceiro andar e o restaurante fica embaixo no primeiro andar. Nós pegávamos as 9 horas e largávamos só depois da meia-noite e depois...

I: Pegava as 9 horas da manhã?

CV: Uhum. Mandava-nos nomes (palavrões)

I: E estava a destrata-los?

CV: Sim... e dizia que estava a descontar e não tínhamos segurança social. Ele dizia, vou descontar segurança social, passagem, renda de casa e depois chegava no fim do mês não dava-nos nada. Depois no mês de fevereiro, ele dava-nos só 40 euros, depois nós não tínhamos mais dinheiro para receber, ele estava a fazer descontos de tudo.

I: Nossa.

CV: Sim, não tinha comida para comer.

I: A senhora comia no restaurante pelo menos?

CV: Não, as vezes não tinha comida, só andar a aquecer o arroz e aquele aquecido, assim no frigorífico e a batata também. Nós passávamos muito mal, mal, mal. Como não aquecemos, no dia 18 de março, fugimos para a minha irmã. Fugimos as 5 horas da madrugada. Nós os quatro fugimos, não podíamos aguentar.

I: Como foi no dia seguinte de trabalho?

CV: Nós demoramos a entrar no trabalho, telefonaram, as 10 horas não respondemos e chegamos na casa da minha irmã era uma hora da tarde. Foi chamada outra vez o telefone, eu não respondi, boqueei meu móvel, veio responder o meu cunhado e então ele disse “eu não acredito que vocês fugiram, eu não acredito!” Deixaram a porta aberta a chave em cima da mesa não encontraram nós, ele disse” eu não acredito que vocês fugiram! Vocês não é gente, vocês fugiram da minha casa, do meu trabalho”. Meu cunhado disse “você tinha em nós em vossa casa e fomos muito discriminados, porquê? Somos escravos em vossa casa, não tínhamos garantia de nada, só trabalho, trabalho, depois... não tínhamos dinheiro no fim do mês e as horas que dizemos?” Não dá nada, as vezes só as gorjetas que os clientes davam, ficamos com 30 euros porque tínhamos de dividir, mas não tinha dinheiro, para tomar refeição, passávamos sempre fome, fome. A minha sobrinha que vem da América sentiu pena de nós e deu-nos 40 euros para comer. Sim, nós passávamos mal, mal, mal. A minha filha todos os dias andava a chorar, a beira a mar chorar. E ele dizia” não é para falar com os clientes”, ele não queria que falássemos com os clientes, os clientes são (palavras inadequadas).

I: E a senhora já possui autorização de residência?

CV: Depois que nós viemos agora já temos, autorização de residência, segurança social, número de contribuinte, junta de freguesia e amanhã vou fazer número de utente.

I: Muito bom, muito bem. E como é que foi pra fazer contato com com o SEF? Pra fazer essa regularização?

[Imigrante não percebe bem a pergunta]

CV: Como foi pra poder se regularizar aqui em Portugal? Pediu ajuda a Dra Assunção? Pediu ajuda aqui sempre foi à procura de trabalho de emprego porque nós estamos no chão, não tem lugar pra ir, complica muito assim, não tem jeito, então procurei a doutora Assunção só pra trabalho. Sempre foi assim e o a minha a minha amiga e no trabalho aqui na fila. Sim, fui tratar, fui receber um dinheirinho e vai fazer os documentos. Trabalha na firma se pega às seis horas da manhã e larga as oito e meia tipo duas horas e meia de trabalho, depois eu venho para uma senhora no Rossio já idosa só para falar com ela, colocar comidas, depois trocar fraudas...

I: Entre primeiro trabalho que a senhora trabalha ...

CV: É em São Jacinto.

I: é de que este primeiro trabalho, não percebi?

CV: Primeiro trabalho depois de São Jacintos, que trabalhava no restaurante, fui trabalhar em dois trabalhos, fui trabalhar na firma até às oito e meia e às três às quatro horas ao entrar no Rossio trabalhar com as senhoras de idosas.

I: Ok. Na firma qual era a sua função?

CV: Limpezas de escritórios.

I: E tem contrato estes trabalhos?

CV: não tinha, não tinha porque não tinha ainda estava sempre tomar o segurança sem autorização de residência também.

I: E com é que foi pra ligar pro SEF? Porque é difícil ligar pro SEF?

CV: Não, é minha irmã que vem para tratamento, ela ajuda nós todos todos ligaram para o SEF. Mas nós não dizemos nada do que passamos.

I: Então foi sua irmã que ligou para o SEF pra marcar, para agendar pra vocês irem lá...

CV: Sim, sim.

I: OK. Em quanto tempo vocês conseguiram se regularizar desde que vieram pra cá?

CV: Nós chegamos aqui 18 de março, abril, maio, já tenho quase todos, está a faltar só a segurança social.

I: Ah, nossa! Que bom.

CV: Sim, é Deus! Deus está connosco. Foi rápido, muito rápido.

I: Realmente.

CV: Sim.

I: E hoje em dia a senhora tá trabalhando?

CV: Não, eu falei com a dona São e fiz inclusive entrevista, fui ao seu colega a entender, entregar todos os documentos, enviaram todo para os emprego, restaurantes e hotéis e depois eu fui para a entrevista no Estoril. Havia duas senhoras responsáveis, porque os senhores tem duas hotéis e queriam para trabalhar em cascais. Eu gosto de trabalhar para turistas. Sim. Eu tenho vinte e três anos a trabalhar em hotel. O hotel XXXX cá tem os mesmos diretores do hotel XXXXX na Ilha do Sal.

I: E qual a racionalidade desses senhores que querem empregar a senhora? São portugueses?

CV: Sim portuguesas são muitos lindos, simpáticos, gostaram muito de mim. Sim, eles gostam disse para arranjar mais pessoas.

I: E agora a senhora vai ter contrato de trabalho.

CV: Sim, vai ter seis meses de contrato de trabalho, depois do fim do ano que ainda tomar o subsídio de Natal, seguro de vida para fazer as consultas tudo e depois férias...

I: Vai fazer descontos a segurança social....?

CV: Sim, sim [Ela mostra o papel que recebeu do hotel com todos os benefícios que terá direito, enquanto funcionária] eles entregaram segunda-feira porque eu fui lá fazer entrevista.

I: Muito bom. E quanto ao rendimento mensal considera que vai ser o suficiente pra pagar todos os seus custos?

CV: *Ele disse que vai ser 900 euros, mas eu não sei se tem alimentação, se preciso levar da minha casa. Não sei se eles dão almoço no hotel, não sei. Porque em Cabo-verde nós temos almoço nos hotéis, mas aqui não, né? Porque eu vou entrar segunda-feira as oito horas.*

I: Também não sei, melhor perguntar. Mas acha que com esse rendimento que a senhora vai receber vai conseguir uma casa, ou algum lugar para ficar, não é?

CV: *Sim, estou a procura de uma casa. Sem deitar no chão, com dores nos corpos e todos os dias está com um pé fora (das cobertas). Senhor...(suplica).*

I: Pelo menos pra si e pra sua filha.

CV: *Sim e tem minha sobrinha que anda só a chorar. Só vive injuriada.*

I: Precisa ou já precisou de algum apoio financeiro de alguém da sua família?

CV: *Eu não tenho.*

I: Não tem.

CV: *Se agora que fui abrir as contas, porque não tinha.*

I: Só aquela sobrinha que vivia na América, não é? Que ajudou a senhora, não foi?

CV: *Sim. Só ela assim. Ela foi nos dar quarenta euros.*

I: Alguma vez já sentiu que foi tratada diferente pela população nacional? Pelos portugueses? Devido a sua condição econômica?

CV: *[Faz gesto com a cabeça que não]*

I: Não?

CV: *Nada, nada.*

I: Esse senhor que trouxe a senhora, ele é português?

CV: *Sim, português. Porque ele foi passar férias, gostaram do meu trabalho.*

I: E porque a senhora acha que foi tratada desta maneira?

CV: *Não sei.*

I: Porque tem poucas condições econômicas? ou por ser cabo-verdiana?

CV: *Não, não... Eu fui porque lá na Ilha do Sal nos mostraram um muito de coisas, fui pela minha casa, depois mostrou sua mulher, um cara assim muito lindo, mas depois mostraram o cara aqui em Portugal.*

I: Acha que foi por que então?

CV: Não sei. Não é muito fácil de dizer né? Ele disse quando chegarem eu vou ajudar vocês, eu vou ajudar vocês e a família em cabo verde, assim que ele disse aqui na minha terra. Pois não foi nada. Ele falaram mentira. Contaram mentira. O eu disse, ele tem duas caras.

I: Recebe algum apoio social como RSI, alguma alimentação, capaz de alimentos? Vestuário?

CV: [Faz gesto com a cabeça que não]

I: Relativamente ao acesso ao número de utente. Já possui?

CV: Meu cunhado vai fazer, ainda vai fazer.

I: Uhum, muito bem. Por acaso tem amigos portugueses aqui?

CV: Não, ainda não.

I: Já se sentiu acolhida por portugueses?

CV: Tenho uma sopa com essa cabeça de novo.

I: Tem até o que, desculpa?

CV: Os portugueses já andaram a conquistar, mas eu não quero ir assim já para os portugueses.

I: Ah, entendi. Mas quais são os momentos em que a senhora convive com os portugueses?

CV: Só no hotel e no restaurante, mas ele não gostava de falar, que ele disse que nós estamos falando mal dele. E ele dizia "[impercetível] então você vai para o trabalho" ele não deixávamos falar com os portugueses, a dizer eles são uns "[ofensas] e não deixava nós falar com eles.

I: Quando voltava a trabalhar no restaurante daquele senhor que fez mal a si, não foi?

CV: Uhum.

I: Quando vai a algum supermercado, quando vai a quando vai algum serviço que é atendido por algum português? como é que a senhora é tratada?

CV: Não, linda sim.

I: É bem tratada?

CV: Sim, sim.

I: Ok. Alguma vez já sentiu que foi tratada de forma diferente devido a sua origem?

CV: Não. Só no senhor aqui em Jacinto. Só esse senhor específico, porque aqui na firma sempre me trataram muito bem.

I: A senhora conhece a cultura de Portugal?

CV: Não.

I: Então também não fez nada pra tentar integrar...

CV: Não.

I: Ainda nada?

CV: *Sim porque eu não saio de casa.*

I: Então também não incorporou nenhum hábito de portugueses? ainda está aprendendo

CV: *sim, sempre os amigos, sempre convidam para sair, mas eu ainda estou assim.... [impercetível] Mas telefonam para sair, para jantar, almoçar para mostrar discotecas e eu a dizer "não estou na casa da minha irmã não posso sair se eu sair a minha irmã apanha a minha bolsa e minha roupas e deita fora.*

I: E qual a origem dos seus amigos?

CV: *São Cabo-Verdianos, que se trabalha aqui. Eles dizem, vai tomar um vento, vai para o porto, para festas e eu digo que não vou sair. Sempre convidam, mas eu digo que estou na casa da minha irmã.*

I: Em Cabo-verde fala-se algum dialeto, crioulo?

CV: *Sim.*

I: Tens dificuldades com o português por causa disto?

CV: *Não, não.*

I: Já demonstraram algum interesse pela sua cultura?

CV: *Não sei.*

I: Alguém que não seja de Cabo Verde já demonstrou algum interesse pela sua cultura aqui em Portugal?

CV: *Sim, pode ser.*

I: Sim? e quem é que foi essa pessoa? foi no restaurante?

CV: *Sim, sempre no restaurante.*

I: O que perguntavam?

CV: *Se eu sabia [inaudível] telemóvel, mas eu fico sempre calado, indignado. Porque elas conhecem agora que eu chegar em Portugal, fazem muitos convites para ir para a América, França...*

I: Perguntavam se você sabia mexer no telemóvel?

CV: *Uhum.*

I: Sente que a sua cultura respeitada pelos portugueses?

CV: *Sim, sim eles gostam muito de mim, eles dizem que eu sou simpática.*

I: E você já teve a oportunidade de divulgar a sua cultura? De falar sobre ela? Um pouquinho?

CV: *Não.*

I: Quais foram os aspetos positivos de ter saído do seu país?

CV: *Porque hoje estou gostando.*

I: E está a gostar do que?

CV: *Sim do ambiente, das pessoas.*

I: E o que que o ambiente aqui é melhor do que lá?

CV: *O vencimento é alto.*

I: O salário é mais alto?

CV: *Sim. Mas lá é, lá é lindo, lá em cima é muita coisa, mas só que não temos... Eu trabalhava há vinte e um vinte e três anos no hotel e ganhava trezentos euros. Trezentos euros. Sim. Sim.*

I: Sim, mas o custo de vida lá é mais baixo?

CV: *Sim, sim, é mais baixo, rendas de casa. Aqui a gente não está a encontrar nada só apartamentos assim que a minha irmã mora assim de 150 euros que eles pagam.*

I: De renda?

CV: *Sim, aquelas casas do estado, do presidente. Então eu estava com ideia disso e disseram-me "não vão dar pra vocês nada", pedir ajuda para ajudar a entrar no trabalho e o seu dinheirinho vai entrar nas suas contas, mas aqui não sabe se isto vai ajudar a encontrar um apartamento. Aqui a Dona São disse que só no Alentejo. Mas eu disse que não sei onde o Alentejo é, não sei os lugares.*

I: E quais mais aspetos positivos de estar aqui?

CV: *É isso bom, só a casa da minha irmã que está um bocadinho triste, a minha filha só anda a chorar.*

I: E os aspetos negativos então de estar aqui?

CV: *Eu queria só ir para Cabo-verde.*

I: Queria voltar?

CV: *Sim, eu queria voltar, até quando estava no restaurante do senhor queria só voltar para a nossa gente e ir para Cabo-verde, mas depois nos digo... venho falar com a nossa irmã para ficar um mês ou dois meses no apartamento para...*

I: e agora gostava de voltar?

CV: *Sim. Agora vamos ficar aqui no trabalho. Se voltamos para Cabo-verde as pessoas vão criticar, eles falam...*

I: Pois. Quando você foi tratada diferente, como é que isso impactou na sua vida? Que estratégias a senhora usou pra ultrapassar essa situação?

CV: *Não tem negócio de ficar coisa... eu disse agora tenho de aguentar.*

I: Mas a senhora acha que impactou talvez no seu psicológico, no emocional...?

CV: *Eu fique assim porque Portugal eu não conheço todas as pessoas...*

I: A senhora se descobriu mais forte depois disso?

CV: *Uhum. Não é fácil, ainda tenho medo, pois é o tempo de lutar e temos de vencer, tenho que vencer. Depois do que passei no hotel minha pele mudou toda, eu estava com um bom corpo, mas mudaram todas as coisas e agora eu venho fazer teu tratamento de pele mudaram toda a pele por causa do senhor colocou-nos a arrear panelas, trabalhar com peixes, carregar cargas, coisas de congelador com o trabalho misturado em sua casa, tudo. Fazia tudo, descarregar cargas do seu carro, depois ia fazer compras nos minimercados. Sim eramos escravos. Sim eramos escravos. Trabalho era deita, depois levantaram muito cedo, sono, sono. Não dormia, não tinha refeição em condições.*

I: Quando que sentiu que estava a ser discriminada que recursos buscou, buscou a ajuda de alguém?

CV: *Não, só fugiu com o troquinho que a a minha sobrinha que veio aqui passar férias deu, transportamo-nos e chegamos a casa da minha irmã.*

I: A senhora tem alguma recomendação para combater a discriminação com imigrantes em situação de pobreza?

CV: *Não... Aqui só passei muito mal, mal, mal, colocava a mão nas coisas de lula, sem a força, queimava, com coisa de congelador [imperceptível] do jeito que saia do congelador tinha que trabalhar, a mão dava bolha. E sempre a xingar (fala palavrões como o ex-patrão).*

I: Sempre a ofender.

CV: *Sim. Teve um dia que quase brigamos. Eu já não podia aguentar. As coisas tem um limite, já não podia aguentar mais. E ele disse "você vai mandar em minha casa?" e eu disse "não posso mandar em sua casa, mas você tem que me dar respeito e consideração no vosso restaurante". Sim, já não podia aguentar mais, ainda mais ele, grosso. O meu pé era liso, liso. E agora vou fazer um tratamento com uma colega brasileira, mora no Estoril. [Entrevista se encerra]*

Anexo 12 - Transcrição de entrevista com imigrante, Paquistão (versão traduzida)

Entrevista com imigrantes, versão traduzida

Participante 2, Paquistão

Para fins de melhor apresentação de resultados, optou-se por colocar as iniciais dos entrevistados de acordo com as iniciais dos seus países de origem.

Investigadora: De onde você é?

P: Eu sou do Paquistão.

I: E quantos anos você tem?

P: Eu tenho 36.

I: Há quanto tempo você chegou a Portugal?

P: Cheguei aqui em janeiro de 2022.

I: OK

P: Então, mais de um ano, talvez 18 meses ou algo assim.

I: OK. Você veio sozinha?

P: Não, eu venho com minha família.

I: Ok.

P: Eu, meu marido e meus filhos.

I: Seus filhos?

P: Sim, crianças. Meus filhos.

I: Quem são seus filhos? Um menino...?

P: Meninos.

I: Dois meninos?

P: Quatro meninos.

I: Quatro meninos.

P: Sim.

I: Quais são as idades deles?

P: O mais novo tem 5, depois 9, depois 10, depois 11.

I: Uau. Legal. E você mora com todos eles?

P: sim.

I: Ok. E você completou sua escola?

P: Sim, eu completei minha escola.

I: Você tem Universidade ou...

P: Fiz mestrado em economia.

I: Ah, legal. OK. Por que você saiu do seu país?

P: Porque meu marido estudou na Europa, na Irlanda, então na opinião do meu marido o nível de educação é melhor na Europa. É por isso que me mudei para cá com minha família para um sistema educacional melhor.

I: Essa foi sua decisão?

P: Do marido e meu, ambos.

I: Ok, porque você queria uma educação melhor...

P: Para meus filhos.

I: Ok, sim. Desculpe, porque às vezes não entendo o sotaque.

P: Está bem.

I: Por que escolheu Portugal?

[inaudível]

I: Você foi primeiro para a Irlanda?

P: Não. Meu marido morou na Irlanda, mas, no passado, para estudar e trabalhar. E então, ele se mudou para o Paquistão e depois se casou e teve filhos. Então tentamos o país para o qual tínhamos que nos mudar. Então, procurei na internet por melhores condições, temos que ver, porque meu país não é muito bom, onde eu pertença.

I: Ele é irlandês?

P: Meu marido? Não. Ele é paquistanês. Ele não é irlandês.

I: Ok. Ele estava na Irlanda para estudar e trabalhar.

P: sim.

I: E ele foi para o Paquistão.

P: sim.

I: Ok.

P: Ele é do Paquistão. Ele se mudou para o exterior para estudar.

I: Ok.

P: Para graus mais avançados.

I: Ok, e o que aconteceu depois?

P: Quando venho aqui em Portugal, ou você me perguntou porque escolhi Portugal?

I: Sim.

P: Escolhi Portugal, pelo clima, o tempo é muito bom. Não é tão frio como qualquer outro país europeu. E porque eu e o meu filho mais novo adoramos praias, o meu marido também. Eu faço pesquisas. Vejo muitos lugares, muitas praias em Portugal, praias muito bonitas. O campo, o interior é muito bonito.

I: Sim.

P: E a cultura portuguesa é muito boa e a comida portuguesa também é muito boa.

I: Sim, e é semelhante à cultura paquistanesa? Ou não?

P: Não. A cultura não é parecida com a do Paquistão, mas o clima é parecido. O Paquistão não é muito frio. Algumas áreas são muito frias. Onde eu pertença não é muito frio, como Portugal, quentes e águas frias.

I: Ok. Você tem o cartão de residente?

P: Não. No momento, apenas um dos meus filhos tem cartão de residente. Eu não tenho, eu estou em uma fila.

I: Ok.

P: Porque hoje em dia o sef está funcionando muito devagar, por isso.

I: Ok. Apenas um de seus filhos.

P: Sim.

I: Ok. Seu marido, não?

P: não.

I: Ninguém está trabalhando...?

P: Meu marido está trabalhando. Ele está fazendo um trabalho, sim.

I: Ok, mas eu não tem cartão de residente.

P: Não, não, não.

I: Ok. Você está trabalhando?

P: Comecei a trabalhar aqui há apenas dois dias.

I: Ok, aqui.

P: Sim.

I: Ok, legal. E o que você faz?

P: Como há um novo projeto chamado Radhika, é para língua portuguesa, cursos de idiomas para pessoas migrantes. Então, estou apenas cuidando do curso.

I: Ok.

P: Cuido deste curso.

I: Legal, legal. E você tem contrato?

P: Sim, hoje ela me deu um contrato. Então, essa é uma grande diferença.

I: Então você ainda está esperando o cartão de residente, né? você e seus meninos?

P: E meu marido.

I: Ok. Seu marido trabalha para outra pessoa, certo?

P: sim.

I: E quais são as nacionalidades para quem ele trabalha?

P: Ele está trabalhando para portugueses.

I: Ok. Ele tem contrato?

P: sim.

I: Legal. Tem acesso à “Segurança Social”?

P: sim.

I: Você também?

P: sim.

I: Legal.

P: Todos nós temos esses documentos. Eu, meu marido e meus filhos. Todos os documentos exigidos em Portugal. Todos nós só não temos o título de residência. Caso contrário, temos todos os documentos.

I: E como você conseguiu?

P: Documentos?

I: Sim.

P: Fomos em um cartório onde são feitos os documentos, depois fomos e fizemos nós mesmos.

I: Você teve alguma ajuda?

P: Não.

I: Você fez isso, sozinha?

P: Sim.

I: Sem falar português?

P: inglês.

I: É mais difícil para você se você não fala português.

P: Mas levará tempo para que meu trabalho seja concluído. Vai levar tempo. Portanto, o português é uma língua obrigatória para quem vem a Portugal ou planeja morar em Portugal. Portanto, a língua portuguesa é obrigatória.

I: Sim. E faz quanto tempo seu marido está trabalhando?

P: Ele está trabalhando de... Quando a gente chegou, ele estava sem trabalhar. Ele não tinha trabalho, então teve um emprego por quatro meses. Então, em dezembro, ele não tinha emprego. Então em abril, no final de abril, logo no começo de maio, ele recomeçou a trabalhar.

I: Então, tem meses que ele trabalha, poucos meses no trabalho.

P: *sim*

I: Ok. E por que você acha que alguns meses ele trabalha e outros não?

P: *Geralmente porque ele está trabalhando em um hotel. Normalmente no verão há trabalho em hotéis nos departamentos de hotelaria, mas no inverno não há trabalho em hotéis. É por isso.*

I: OK.

P: *Geralmente isso acontece em Lisboa. Normalmente, porque estou aqui para mais, significa que vi nos verões que há muito trabalho para você. No inverno não há trabalho.*

I: Inverno menos?

P: *No verão. Mais trabalho, mais convidados, mais pessoas vêm nos visitar.*

I: OK.

P: *Muito trabalho no verão.*

I: E você? Por que você acha que não tinha emprego até dois dias atrás?

P: *Como me inscrevi muitas vezes, a principal preocupação é o meu idioma. Porque eu falo inglês, mas não sei falar português, há dois meses. Acabei de ser admitido em um curso de língua portuguesa. Eu fiz meu curso de língua portuguesa. Só parei no meio por causa das minhas condições de vida, porque não estou morando direito numa casa. Por isso parei de aceitar trabalho de português. Completei dois meses dois meses de curso. É um curso de três meses, mas eu completei dois meses.*

I: OK.

P: *Então, a linguagem é uma obrigação. Sem o idioma, você não consegue encontrar um bom emprego. Caso contrário, você faz todos os trabalhos. Não é fácil encontrar aqui, como o nosso trabalho. Os trabalhos profissionais são muito difíceis se você não fala português.*

I: E como é para você? Você tem mestrado e agora não encontra emprego.

P: *Sim, acontece. Geralmente é mestre e você está apenas fazendo trabalhos de entrega de comida aqui em Lisboa, em Portugal. Isso porque a língua é muito importante em Portugal.*

I: Como você se sente sobre isso?

P: *Está bem. Você deve enfrentar diferentes desafios em sua vida. É a sua vida. É a vida porque eu escolhi esta vida. Eu escolhi o caminho de vim. Então, eu tenho de enfrentar situações diferentes.*

I: Ok. E o seu aluguel? Como sobre o dinheiro que você recebe? Você acha que é o suficiente para pagar suas coisas? Quero dizer casa, comida...

P: *Com um salário base em Lisboa, não consegues satisfazer as tuas necessidades diárias. É assim que são os aluguéis, são as contas, sua comida. Não, você não é capaz de cumprir todas as coisas para sua família. Se tens um salário base com a tua família em Portugal, não, não é possível. É por isso que não podemos pagar nossa casa.*

Estamos vivendo desde o início até agora em um quarto, compartilhando. Normalmente, as pessoas vivem em partilha em Lisboa, Portugal. É por isso que estou morando em um quarto compartilhado com meus filhos e outras pessoas.

I: Sim, e quanto à comida?

P: O preço dos alimentos tem subido dia após dia em Portugal, então você deve parar de joelhos. Você deve apenas comprar as necessidades que deseja. Caso contrário, tudo é muito caro.

I: Você já pediu ajuda?

P: Sim, eu pedi ajuda, mas tu não consegue porque tem muita gente que vem aqui, vêm imigrantes, vêm, todos querem ajuda. Então, eles não vão dar ajuda adequada a todos, mas estão fazendo um pouco para ajudar com o que podem pagar. De outra forma. A principal preocupação são os empréstimos para habitação e emprego. A casa é muito, muito, muito difícil em Portugal e os empregos são muito difíceis em Portugal. Encontrar empregos sem idioma ou com os dois idiomas é muito difícil.

I: Sim. Você já sentiu que foi tratado de forma diferente porque não tem uma boa condição?

P: Sim, você está certo. Às vezes as pessoas não gostam que os migrantes venham trabalhar para ele. Por que muitos imigrantes vêm aqui, porque eles não têm muitos. Se você não é grande o suficiente para um trabalho aqui. Se você não é grande o suficiente para morar aqui em uma casa, por que ficar aqui? "Volte para o seu país", eles costumavam dizer. Acontece. As vezes acontece.

I: Você recebe alguma ajuda com dinheiro, ou comida...?

P: Não. Nunca. Nós apenas fazemos isso por nós mesmos. Nós apenas fazemos. Três meses atrás tínhamos apenas uma cesta de comida seca, uma cesta de comida.

I: De quem?

P: De Argenta, onde moro.

I: Ok.

P: Então, eles só nos davam uma cesta por mês. Isso não é suficiente para mim. Está um pouco seco, mas tudo bem.

I: Então, você já tem um número de saúde (número de utente)?

P: Sim, eu tenho.

I: Ok. Você teve alguma dificuldade em tomá-lo ou não?

P: Não. Quando a gente veio pra cá, a gente foi para o hospital, e não pegou. Ninguém estava nos dando o número do SNS. Eles disseram: "você deve nos enviar um e-mail". Enviamos um email. Eles não nos responderam, então enviamos novamente. Depois de dois meses eles não nos responderam. Então chegamos a uma associação. Então eu disse a ela "Por favor, faça alguma coisa porque não estou recebendo meu número do SNS, eu e meus filhos". Isso porque meu marido tem do trabalho dele, mas eu não tinha, a gente não tinha. Então ela me ajudou. A associação ajudou-me a obter o meu número SNS.

I: Qual associação? Esta?

P: sim.

I: Ok. E quanto à educação, você tem seu mestrado válido aqui?

P: não

I: Ok. Como foi o processo de inscrição para seus filhos na escola aqui?

P: Sim, mas ouvi dizer que seis meses é muito difícil para nós no começo, porque eu fui para a escola. Meus filhos ficam em casa, fazem bagunça toda vez que tomam banho. Eles estão me perturbando, e eles estão nos perturbando muito. Então fui para a escola, para diferentes escolas da minha área, onde pertencemos. E foi um momento muito difícil, porque tenho filhos. Eu consegui admissão para apenas duas crianças em 7 da minha área e dois filhos em áreas diferentes. Não consegui ingresso na minha área, para todos eles. Então, consegui internar ele fora da minha área. Então, é muito longe da minha casa. Sinto muita dificuldade porque tenho dois filhos em escolas diferentes, e dois filhos estão em escolas diferentes. Então, a admissão na escola é muito difícil.

I: Mas por que não aceitaram seus filhos?

P: Disseram que agora não há vagas nas escolas da área a que eu pertencço. Há talvez mais ou menos 5 ou 6 escolas, e em todas as escolas a que me candidatei não há vagas para os meus dois filhos. Então, eu fico muito triste, porque meus filhos estão em casa há seis ou sete meses. Então, eu digo que eles ainda não sabem se tem lugar para os meus filhos. Mas em todas as escolas da região meus filhos não têm lugar.

I: Então, quer dizer que as escolas já estavam lotadas?

P: Não sei o que aconteceu. Não há uma escola. Existem talvez cinco ou seis escolas na minha área ou talvez 8, mas elas não têm vagas para meus dois filhos, então é por isso que admiti, que a admissão está quase fechada demais e minha. Estou muito desapontada. Então eu admiti meus filhos fora da escola da área, é difícil para mim porque meus dois filhos na minha área e dois filhos estão indo para longe de minha casa. É muito difícil.

I: Sim, mas eu não entendi, se foi por causa da hora do...

P: Não, eu admito que todos os meus papéis são os mesmos dos meus filhos na escola, mas há um processo que você deve aplicar. Ao solicitar sua admissão na escola, você deve marcar 2-3 nomes em sua área para que eles automaticamente transfiram a admissão. Se não houver vaga em uma escola, eles transferem para uma segunda escola, depois verificam se não há vaga e transferem para outra escola. Então, isso aconteceu em todas as cinco escolas, sem aula para meus dois filhos. Então é por isso que estou muito desapontada. É por isso.

I: Por que eles não tinham uma vaga para eles?

P: Não sei porque dizem que as aulas estão cheias, as turmas estão cheias, não há vaga para os meus dois filhos. Por isso é muito difícil. Eu implorei, por favor façam alguma coisa porque meus filhos já estão há sete ou oito meses em casa se estiver acontecendo de novo. Então o que eu posso fazer? Como posso gerenciar a escola em casa? Aí ela fala pra você aplicar fora da área. Quer dizer, não é possível para mim. Então, mando dois filhos aqui para irem para outro lugar, ela falou "então não é problema meu". No dia seguinte você pode e por enquanto você pode admitir seus filhos fora da escola da área, a partir do próximo ano você será transferido para esta área. É por isso

que nesta área enviei o pedido à escola para transferir meus filhos para as duas crianças da minha área, porque é muito difícil enviar crianças para áreas diferentes.

I: Aí meu Deus. Por que você acha que aconteceu com você?

P: Não sei porquê. Quando eu fui na secretaria da escola da minha região, eles falaram que esse ano veio muito imigrante, veio muito imigrante, então não temos vaga.

I: Ok e agora eles estão na escola?

P: Sim, eles estão na escola.

I: E quem os prepara para ir à escola?

P: Primeiro, eu e meu marido os deixávamos os meninos na escola. Eu costumava deixar meus dois filhos perto de casa e os outros estão longe de casa. Então, nos primeiros dois meses, fui muito ativa. Meu marido costumava deixar meus dois filhos, e então eu deixava na minha área e meu marido ia trabalhar. Então eu pegava todos os meus filhos sozinha. Depois ficou muito pesado para mim porque eu tenho que pegar duas crianças na minha área e depois vou para longe pegar outras crianças fora da área. E em um horário diferente do horário escolar. Você sabe que às vezes a escola fecha em um horário, às vezes a escola fecha em outro horário. Uma das escolas dos meus filhos fecha às 4:00 e alguns dias às 5:00. Então é uma situação muito, muito difícil para mim pegar crianças. Então, o tempo todo que estou sofrendo, estou saindo, só pegando as crianças e deixando em casa. Aí eu saio porque faz três meses que estou sofrendo, sofrendo, sofrendo muito. Então eu decidi para meus filhos mais velhos, eles podem ir sozinhos e vir sozinhos. Então eu enviei a ele a rota do ônibus. Então eles vão de ônibus. Então eles vêm de ônibus novamente sozinhos. Depois o outro. Ele está na 4ª série. Então eu o enviei. Ele está na escola da minha área, mas diferente. Aí eu falei pode ir sozinho e voltar e ele falou “mãe eu posso ir sozinha e voltar em casa, é fácil”. Então você agora é apenas meu filho mais novo. Ele tem cinco anos. Meu marido deixa na escola e eu busco. Portanto, na mesma área, meus filhos não estão na mesma escola. Na mesma área, meus filhos estão em escolas diferentes. Duas crianças estão em escolas diferentes na minha área e duas crianças estão em outra área. Eles estão na mesma escola. Então, tenho que pegar meus filhos nas escolas e deixá-los lá. É uma situação muito, muito horrível desde o início de três anos e depois de três anos meus dois mais novos vão sozinhos, então o outro vai sozinho. O único mais novo, o único mais novo, devo me deixar e buscar. Porque eu sou totalmente zangada. O que você pode fazer? Qual é a condição destes dias? Porque não tem transporte escolar. Se você quer transportar a escola do seu filho, tem que pagar? E é um salário muito alto. Caso contrário, as crianças vão para a escola em ônibus públicos.

I: OK. E sobre sua habitação?

P: A condição da casa é muito ruim. Ainda assim, estou morando em um quarto, o pior. Não imagina encontrar uma casa em Lisboa. Principalmente em Lisboa, é muito difícil. O dono está a pedir-te às vezes cinco rendas, às vezes seis rendas e às vezes, sei lá, logo quer este IRS. Ele quer este papel, este papel, uma declaração, a concessão, se ele pedir no fim do dia. Você é um estrangeiro, nenhuma vantagem para você. Geralmente acontece. Já enfrentei isso várias vezes. Toda vez que estou perguntando, estou apenas rolando na minha net por algum apartamento na minha área perto, porque se eu for para algum lugar longe da minha área, como vou administrar a escola dos

meus filhos? É muito difícil para mim se eu for a algum lugar distante. É por isso que estou quase procurando por mim. Mas ainda não consegui encontrar.

I: Você mora aqui perto?

P: Só do “comboio”, duas estações. É em XXX, onde moro no final de Lisboa.

I: Você tem amigos portugueses?

P: Sim, tenho uma família portuguesa. Eles são muito úteis. Os portugueses são bons porque quando cheguei cá ajudaram-me e foi só o meu segundo mês em Portugal. Tenho amigos portugueses na minha área, eles são muito prestativos. Toda a família ou meus amigos são muito prestativos em meu apartamento. As pessoas que vivem lá são muito prestativos, mas também são de outro país. Eles são da Espanha; um é do Brasil. Ela é uma garota muito legal. Ela nos ajuda muito. Eles estão morando numa área, eles ajudam muito a gente, toda a família, mãe, pai, filhos, eles são muito bons. Os portugueses são bons e são pessoas muito boas. Eles estão fazendo amizade com outras pessoas de outros países. Eles são bons, estão ajudando as pessoas.

I: Achas que estás muito bem integrado aqui em Portugal?

P: Não. Não está muito “bem”, mas não está mal e fica no meio.

I: Porquê?

P: É no meio, às vezes as pensões não são boas. Por que muitos indianos vêm para o nosso país? Porque esta é a política do governo de Portugal. Então, os migrantes estão chegando, neste país as pessoas não estão vindo sozinhas, elas estão vindo de acordo com a política, elas veem a política, leem a política. Existe uma política de imigração. Então é por isso que eles estão vindo, porque eles têm um governo que acolhe os imigrantes, por isso eles estão vindo. Se seu governo impede que as pessoas venham, eles mudam as regras de sua política de imigração. Então, na imigração de Portugal, muita imigração vem aqui, o imigrante vem para cá. E estas pessoas estão a fazer Lisboa desenvolver-se muito. Eles estão construindo muito com o povo migrante. Os migrantes estão pagando muitos impostos. Eles têm que pagar muitos impostos. Acho que metade da população de Portugal sobrevive com os impostos dos imigrantes. Os imigrantes fazem todo o trabalho operacional, tudo porque Portugal é um país agrícola. Sua agricultura é quente e fria. Então, tem muitos animais, geralmente muito mais. Acho que 80% do trabalho em Operacional está sendo feito. Mas os povos imigrantes, os povos migrantes estão chegando. Apenas apenas fazendo esses trabalhos.

I: Você acha que eles tratam bem os imigrantes aqui?

P: Às vezes eu vejo na Internet, mas às vezes não é verdade, às vezes é verdade. As pessoas habituais que dirigem Uber ou Careem ou serviço de alimentação em Portugal são quando às vezes são maltratadas pelas outras pessoas. Então, novamente, às vezes eles enfrentam muitas dificuldades, é muito difícil. Às vezes, eles dizem "por que você está dirigindo o carro do Uber se não sabe português". Os estrangeiros estão falando inglês; os estrangeiros não falam português. Se os estrangeiros vêm aqui, se os turistas vêm aqui, os turistas não estão falando a sua língua portuguesa. Você sempre fala inglês como língua internacional. Então, eles estão usando isso e dizendo "por que você não fala português se está dirigindo nossos carros no país". Então porque não falamos português? Então às vezes eles estão lidando muito mal.

I: Sim. Você teve dificuldade ou facilidade para se relacionar com o português?

P: Língua?

I: Não, pessoas. Portugueses, desculpa.

P: Portugueses, são todos bons. Quando vou a escritórios diferentes, conheço as pessoas. Felizmente, acho que tive sorte. Então, eu encontro as pessoas em diferentes escritórios do governo. Eu entendo um pouco de português. Eu posso falar um pouco entre mim e meu marido. Então, não estamos enfrentando nenhuma dificuldade. Então, eles são bons. Ainda lá, com pessoas que conheço. Eles são bons em Portugal e o seu comportamento é muito bom conosco.

I: Ok. Tem momentos com portugueses? Quero dizer, você disse que tem amigos portugueses.

P: sim.

I: Você vai na casa deles ou algo assim?

P: Tipo, sim, eu vou na casa dos portugueses, na casa dos meus amigos, temos uma reunião, jantamos juntos.

I: Você já se sentiu tratado de forma diferente por ser de outro país?

P: Normalmente não. Se me sento com meu amigo português, eles ficam muito interessados na minha história. Eles estão muito interessados na minha cultura. Se eles navegam na Internet, dizem que adoro ver seu país. É muito bonito. Muitos Blogger em um sub Blogger vão para o meu país, Paquistão, eles visitam lá. É muito bonito. A cultura e hospitalidade dos povos do meu país é sem palavras. Então, ontem, encontrei um amigo português e ele disse: "Oh meu Deus, meu blogueiro português foi para o Paquistão. Ele está no Paquistão viajando. Então, ele está apenas mostrando filmes e fotos do Paquistão, que é muito, muito, muito bonito, e a hospitalidade do povo paquistanês é muito boa, pois ele disse que temos uma boa experiência em qualquer país. Ele só pagou as contas dos restaurantes e hotéis onde se hospedou, mas no Paquistão, porque ele está fazendo uma turnê mundial. Quando você vai para o Paquistão, basta bater na porta e ir, e as pessoas dizem que sim, sim, você pode ficar na casa delas por um ou dois dias de graça. A comida é grátis, tudo é grátis. Agora ele está no Paquistão, por isso disse que é muito diferente de outro país.

I: Mas quero dizer, se alguém já te tratou mal porque você é do Paquistão?

P: Não. Nunca.

I: Ou olhar mal para você, de ou atravessar a rua ou....

P: Sim, isso aconteceu comigo. Parei quando estava viajando com meus filhos na beira da estrada, talvez nos últimos meses. Estávamos na faixa de pedestres. Eu estava com meus filhos atravessando a faixa de pedestres. Os dois homens também chegaram de carro. Uma pessoa acabou de atravessar a rua muito rápido. Eles não pararam o carro. Mas então a pessoa que correu também ficou chocada. O que aconteceu com essa pessoa? Ele não está parando o carro na faixa de pedestres quando a senhora está atravessando a rua com as crianças. Eu digo: "o que é isso?". Comecei a gritar e meus filhos também, porque o carro estava muito rápido e meus filhos eram muito pequenos. Estou gritando o que aconteceu, o que ela fez, quais são as regras e regulamentos? Porque estamos em uma faixa de pedestres. Não estamos atravessando no sinal vermelho. Estamos atravessando em uma faixa separada. Isso aconteceu duas ou três vezes em Lisboa.

I: Você acha que foi tratado de forma diferente para alugar uma casa ou quarto porque é paquistanês?

P: sim, se eu fosse de países latino-americanos ou de países europeus, em qualquer outro país europeu, não é difícil encontrar um apartamento. Aqui, você pode encontrar mais ou menos, mas se você for de um país asiático, é muito difícil encontrar um apartamento aqui.

I: Você conhece a cultura portuguesa?

P: Um pouco, não muito, mas sei que há quase 800 anos que os muçulmanos dominam Portugal. Há uma história muçulmana muito, muito profunda. Se você vê os prédios de arquitetos muito antigos em Lisboa, em Portugal, ou seja, lá o que for, há um impacto dos muçulmanos, porque os muçulmanos governaram aqui há muitos anos, os muçulmanos governaram Portugal.

I: Você tem algum hábito de português agora? Algo que os portugueses fazem e que agora vocês também fazem.

P: português. procuro comida. Portuguesa Nata. É bom. Eu já gosto da Nata.

I: Nata?

P: Nata sim, Nata é bom. A cultura portuguesa é boa. O tipo de comida que eles comem é bom. Fora isso, não aceitava nenhum hábito dos portugueses.

I: Ok. [conversa paralela]

I: Você teve a oportunidade de aprender português?

P: Língua? Sim, eu vou para cursos de português, para cursos de língua portuguesa.

I: Agora você está no trabalho e está aprendendo...

P: Meu prazer é falar um pouco de português, então estou aprendendo com ele. Eu pergunto a ele toda vez o que você diz nessa palavra em português, ou como você diz em português. Então é por isso que minha aula já está acontecendo.

I: Ok.

P: Então, eu aprendi "mais ou menos" português.

I: Ok. Achas que os portugueses demonstram algum interesse pela tua cultura? Eles estão interessados em sua cultura?

P: Sim, muitos portugueses. Os meus amigos portugueses costumam achar muito interessante a minha cultura, a minha comida, geralmente as minhas especiarias, porque quando eu e os meus filhos celebramos aqui, os meus filhos usam roupas minhas diferentes, pratos tradicionais ou nós vestimos só para comer. Principalmente perguntam. Assim dizem os meus amigos portugueses "oh, o que você veste no seu dia especial". Eu vi que é uma roupa bem diferente, o que você está vestindo?

I: Ok e você teve a oportunidade de divulgar sua cultura para os outros? Quero dizer, para um amigo...

P: Sim, meu amigo, porque eles me perguntam sobre minha comida. É por isso. A comida de algum lugar. O que estou usando, o que existe é o que estou usando na minha cabeça. Então é por isso. Eles estão me perguntando, isso é bom.

[inaudível]

P: Estou usando um cachecol. Um dos meus amigos me perguntou o que é um hijab. Este não é um hijab. Isso é uma peça de roupa. Dizemos que isto é um lenço, mas a forma como o aplicamos, a forma como o vestimos é o que chamamos de hijab.

I: Ok. Qual é a vantagem de migrar para Portugal?

P: As pessoas são boas, as pessoas são amigáveis, as pessoas são boas e amigáveis, a cultura e o clima são bons. O clima de Portugal é bom e as pessoas são amigáveis. Mas o único problema principal é o idioma e o apartamento onde morar.

I: Ok.

P: É muito difícil, o trabalho também. O apartamento e o idioma, se tiver, são bons. Você está vindo para cá se quiser morar aqui, então você deve aprender a língua portuguesa. Não, estou dizendo que as crianças estão aprendendo muito rápido. As crianças estão escolhendo os sotaques muito rápido. As crianças estão aprendendo a linguagem muito rápido.

I: E como é para os seus meninos aprender português?

P: Eles estão aprendendo. Meu filho mais novo é totalmente fluente. Meus outros dois, o mais velho, estão aprendendo português. Entendo muito bem o português.

I: Legal. Muito rápido.

P: Quando eu vou a algum lugar, se a pessoa está falando português, eu digo “crianças, por favor, perguntem a ele... Mamãe não vai dizer isso, ou o que ele está dizendo”, então eles podem apenas traduzir para a mamãe. “Ele está dizendo isso”. É por isso.

I: Quando você falou sobre isso, quando foi tratado de forma diferente ao tentar alugar uma casa, por exemplo. Você considerou isso uma discriminação com você?

P: Eu não entendo o que você está dizendo.

I: Discriminação. Você sabe o que eu quero dizer?

P: não.

[A entrevistadora explicou o conceito de discriminação]

I: Você acha que aconteceu com você, quando tentou alugar uma casa?

P: Sim, aconteceu. Aconteceu.

I: E como você se sentiu?

P: Me senti mal, muito mal. Porque se tivermos, podemos pagar. Então, por que você precisa nos dar o apartamento para morar? Sim.

I: Qual estratégia você usou para sair dessa situação?

P: Nós apenas ficamos calmos, ficamos calmos, trabalhamos antes. Boa sorte e quando eles descobrirem que você pode. Tente não, não entre em pânico. Lento e constante. Concentre-se no seu trabalho. Vou tentar listar, tentar encontrar um emprego para você, tentar encontrar uma casa para você ou aprender português.

I: E por que você acha que os imigrantes são discriminados?

P: De alguma forma, eles disseram isso porque há muitos imigrantes neste país. O povo, eu acho, acha que tem muito indiano. Talvez eles possam concretizar nosso país. Então é por isso que às vezes eles não gostam de portugueses, ou não gostam de imigrantes. Isso ocorre porque há muitas pessoas para empresas de imigrantes. Esse problema era muito disso. Por causa da política do governo, dos imigrantes, muitos imigrantes vêm para cá. Porque essa é a política do governo. As pessoas não entendem porque as pessoas estão vindo. As pessoas devem entender que precisam primeiro saber que esta é a política do governo. Eles fazem isso. Os imigrantes vêm aqui, mas não merecem. Eles não reconhecem que devido ao número de imigrantes em seu país, a taxa do IGPT está subindo muito. Ontem, em toda a Europa, seu pessoal é o país em que as taxas de PIB vão de 10/8 a 10 anos e ficam muito altas. O desenvolvimento está agora nos países em desenvolvimento. A arquitetura deste país agora é muito alta. Então, as pessoas deveriam admitir isso. Por causa dos imigrantes, por causa dos imigrantes, as taxas de PIB do país estão muito altas.

I: Para que você acha que isso deveria ser feito... Não acontece. A discriminação não acontece?

P: Porque eles, eu acho que eles têm que construir mais moradias para a imigração, para os imigrantes, porque muitos migrantes vêm para cá. Muitas pessoas vêm aqui porque as pessoas preferem ser enviadas. Dão a casa aos turistas porque ganham muito com os turistas. Eles dizem que têm sua casa; eles estão vazios por anos e anos. Eles apenas enviam suas casas para dois eventos, os turistas vêm no verão, eles enviam suas casas para alugar para turistas, não para imigração. Então, temos que viver para isso.

I: Talvez pudéssemos fazer algo para as pessoas que vivem aqui, em Portugal?

P: Sim, vocês deveriam. As pessoas deveriam ver, as pessoas que já moram aqui. Se os alunos vierem aqui por alguns dias, por dois dias, três dias se tornarão mais de 10 dias em um mês. Mas que já moram aqui há anos. Então, eles têm que ver qual a condição deles, o que eles precisam, o que eles estão procurando. Porque eles estão pagando por isso. Eles estão pagando. Todo mundo está pagando os impostos. Há muitos impostos. Todo mundo está pagando o imposto federal. Todo imposto que temos para as pessoas imediatas tem que pagar. Então, temos que fazer isso como algo para o nosso imposto. Estamos a fazer muitos trabalhos duros em Portugal. Pessoas imediatas fazem muitos trabalhos difíceis aqui. Sim. Então, eles tiveram que voltar para ele.

[Entrevista se encerra]

Anexo 13 - Transcrição de entrevista com imigrante, Paquistão (versão original)

Entrevista com imigrante, versão original (inglês)

Participante 2, Paquistão

Para fins de melhor apresentação de resultados, optou-se por colocar as iniciais dos entrevistados de acordo com as iniciais dos seus países de origem.

Interviewer: Where are you from?

P: I am from Pakistan.

I: And how old are you?

P: I am 36.

I: How long did you arrive in Portugal?

P: I arrived here in January 2022.

I: OK

P: So more than a year, maybe 18 months or something.

I: OK. Did you come alone?

P: No, I come with my family.

I: Ok.

P: Me, my husband, and my kids.

I: Your kids?

P: Yes, kids. My kids.

I: Who are your kids? Boy?

P: Boys.

I: Two boys?

P: Four boys.

I: Four boys.

P: Yes.

I: What are their ages?

P: The youngest one is 5, then 9, then 10, then 11.

I: Wow. Nice. And do you live with all of them?

P: Yes.

I: Ok. And did you complete your school?

P: Yes, I did complete my school.

I: Do you have University or...

P: I did a masters in economics.

I: Oh, Nice. Ok. Why did you leave your country?

P: Because my husband does their studies from Europe, Ireland, so in my husband's thinking the education level is better in Europe. That's why I moved here with my family for a better education system.

I: Was that your decision?

P: Husband's and mine, both.

I: Ok, because you wanted a better education...

P: For my kids.

I: Ok, yes. Sorry, because sometimes I don't understand the accent.

P: It's ok.

I: Sorry. Why did you choose Portugal?

(inaudible)

I: Did you first go to Ireland?

P: No. My husband is living in Ireland, but in the past for studies and a job. And then, he moved to Pakistan and then got married and had kids. Then we tried the country we had to move to. So, I searched on the Internet for better conditions, we have to see because my country is not very good, where I belong.

I: Is he Irish?

P: My husband? No. He's Pakistani. He's not Irish.

I: OK. He was in Ireland to study and work.

P: Yes.

I: And he went to Pakistan.

P: Yes.

I: Ok.

P: He's basically from Pakistan. He moved abroad for students.

I: Ok.

P: For further degrees.

I: Ok, and what happened after?

P: When I come here in Portugal, or you ask me why I choose Portugal for the government?

I: Yes. What did you choose, Portugal?

P: I chose Portugal, weather wise, weather is very good. Not so cold like any other European country. And because me and my younger one love beaches, my husband also. I do research. I see lots of places, lots of beaches in Portugal, very lovely beaches. The countryside, the county sides are very beautiful.

I: Yeah.

P: And the Portuguese culture is very good and Portuguese food is also very good.

I: Yeah, and is it similar to Pakistani culture? Or no?

P: No. Culture is not similar like Pakistan, but the weather is similar. Pakistan is not very cold. Some areas are very cold. Where I belong is not very cold like Portugal's hot and cold water.

I: Ok. Do you have the resident card?

P: No. Right now, only one of my kids has a resident card. I don't have one. I am in a queue.

I: Ok.

P: Because the sef is working nowadays very slow, that's why.

I: Ok. Just one of your kids.

P: Yes.

I: Ok. Your husband, no?

P: No.

I: Nobody is working...?

P: My husband is working.

I: He's working?

P: He's doing a job, yes.

I: Ok, but I don't have a resident card.

P: No, no, no.

I: Ok. Are you working?

P: I started working here just two days ago.

I: Ok, here.

P: Yes.

I: Ok, nice. And what do you do?

P: *As there is a new project called Radhika, it's for Portuguese language, language courses for migrant people. So, I'm just taking care of the course.*

I: Ok.

P: *Take care of this course.*

I: Nice, nice. And do you have a contract?

P: *Yes, Today, she gave me a contract.*

I: Nice.

P: *So, this is a big difference.*

I: Yes, it's very special.

P: Yes.

I: So, you are still waiting for the resident card, right? you and your boys?

P: *And my husband*

I: Ok. Do your husband work for someone else, right?

P: Yes.

I: And which are their nationalities?

P: *That means, he's working with the Portuguese.*

I: People?

P: Yes.

I: Ok. Does he have a contract?

P: Yes.

I: Nice. Does he have access to the "Segurança Social"?

P: Yes.

I: You too?

P: Yes.

I: Nice.

P: We all have this document. Me, my husband, and my kids. All documents required in Portugal. We all have a resident card. Otherwise, we have all the documents.

I: And how did you get it?

P: Documents?

I: Yes.

P: We go to an office where the documents are made, then we go and make ourselves.

I: Did you have some help?

P: No.

I: Did you do it, all alone?

P: Yes.

I: Without speaking Portuguese.

P: English. It is more difficult for you, if you are not a Portuguese speaker. But it will take time for my work to be completed. It will take time. So Portuguese is a mandatory language for anyone coming to Portugal or planning to live in Portugal. So, the Portuguese language is a must.

I: Yes. And for how long is your husband working?

P: He's working from ... When we arrived, he hadn't been working for four months. He didn't have work, so he had a job for four months. Then in December he didn't have a job. Then in April, at the end of April, just starting of May, he starts his work again.

I: So, some months he works, some months don't work.

P: Yes.

I: Ok. And why do you think some months with work, and some don't work?

P: Usually because he's working in a hotel. Usually in summers there is work in hotels in hotel departments but in winter there is no work in hotels. That's why.

I: OK.

P: Usually this happens in Lisbon. I usually because I'm here for more, it means I saw in summers there is lots of work for you. In winter there is no work.

I: Winter less?

P: In summer. More work, more guests, more people are coming to visit.

I: OK.

P: Lots of work in the summer.

I: What about you? Why do you think that you didn't have a job until two days ago?

P: Because I applied too many times, the main concern is my language. Because I can speak English, but I didn't know how to speak Portuguese, since two months ago. I just got admission in a Portuguese language course. I did my Portuguese language course. I just stopped in the middle because of my living conditions, because I'm not properly living in a house. That's why I stopped taking Portuguese work. But I completed my two months course. It's a three-month course because I complete two months.

I: OK.

P: So, language is a must. Without language you are not able to find a good job. Otherwise you have done all the jobs. It's not easy to find here, like our job. But professional jobs are very difficult if you are not a Portuguese speaker.

I: And how is it for you? You have a master's degree and now you don't find a job.

P: Yeah, it's happened. It's usually the master and you people are just doing food delivery jobs here in Lisbon, in Portugal. That's because language is very important in Portugal.

I: How do you feel about it?

P: It's OK. You must face different faces in your life. It's your life. It's life because I chose this life. I chose the way where I came. So, I have to face different faces.

I: Ok. How about your rent? How about the money that you receive? Do you think that it's enough to pay for your things? I mean house, food...

P: With a basic salary in Lisbon, you are not able to fulfill your daily needs. This is how rents are, this is bills, your food. No, you are not able to fulfill all things for your family. If you have a basic salary with your family in Portugal, no it is not possible. That's why we can't afford our home. We are living from the beginning until now in a room, sharing. Usually, people live in sharing in Lisbon, Portugal. That's why I'm living in a shared room with my kids and with other people.

I: Yeah, and how about food?

P: The price of food has been rising day by day in Portugal, so you must stop your knees. You must just buy the necessities that you want. Otherwise, everything is very expensive.

I: Have you already asked for help?

P: Yes, I asked for help but not you because there are lots of people who come here, immigrants come here, they do, everyone wants help. So, they are not going to give everyone proper help, but they are doing a little bit to help what they can afford. Otherwise. The main concern is house and job lending. House is very, very, very difficult in Portugal and jobs are very difficult in Portugal. Finding jobs without language or with languages both is very difficult.

I: Yeah. Did you ever feel that you were treated differently because you don't have a good condition?

P: Yes, you are right. Sometimes people don't like that migrants come to work for him. Why too many immigrants come here, because they don't have too many. If you are not big enough for a job here. If you are not big enough to live here in a home, why stay here? "Go back to your country" they usually said. It happens. Sometimes it happens.

I: Do you receive some help with money, or food...?

P: No. Never. We just do it by ourselves. We just do. Three months back we just had one basket of dry food, one basket of food.

I: From who?

P: From Argenta, where I live.

I: OK.

P: So, they just gave us one basket in a month. That is not enough for me. It's a little bit dry, but that's OK.

I: So, do you already have a health number (número de utente)?

P: Yes, I do.

I: Ok. Did you have any difficulties taking it, or not?

P: No. When we came here, we went to a hospital, and we didn't get it. No one there was giving us the SNS number. They said, "you must send us an email". We sent an email. They didn't reply to us, so we sent it again. After two months they didn't reply to us. Then we came to an association. Then I told her "Please do something because I'm not getting my SNS number, me and my kids". That's because my husband has it from his job, but I didn't have it, we didn't have it. Then she helped me. The association helped me to get my SNS number.

I: Which association? This one?

P: Yes.

I: Ok. How about education, do you have your master's degree valid here?

P: No.

I: Ok. How was the process to apply to your kids into school here?

P: Yes, but I heard that six months is very hard for us at the beginning, because I went to school. My children stay at home, they make a mess every time they take a shower. They are disturbing me, and they are disturbing ourselves a lot. Then I went to the school, to different schools in my area, where we belong. And it was a very difficult time, because I have children. I got admission to only two children in my area and two children in different areas. I could not get admission in my area, for all of them. So, I got him admitted outside my area. So, it is very far from my home. I feel a lot of difficulty as I have two children in different schools, and two children are in different schools. So, admission in the school is very difficult.

I: But why didn't they accept your kids?

P: They said that there are now no vacancies in the schools in the area to which I belong. There are maybe more or less 5 or 6 schools, and in all the schools I applied for there are no places for my two children. So, I am very sad, because my children have been at home for six or seven months now. So, I say they still don't know if there is a place for my children. But in all the schools in the area, my children have no place.

I: So, do you mean the schools were already filled? 16.06

P: I don't know what happened. There is not one school. There are maybe five or six schools in my area or maybe 8, but they don't have vacancies for my two kids, so that's why I admitted the admission is nearly too closed and my. I'm very disappointed. Then I admit my kids out of the area school, they're difficult for me because my two kids in my area and two kids are going far away from my home. It's very difficult.

I: Yes, but I didn't get it, if it was because of the time of the...

P: No, I admit my all paper as my kids paper same on the time in school but this there is a process you must apply. When you apply for your admission in the school, you must mark 2-3 names in your area then they automatically transfer the admission. If there is no vacancy in one school, they transfer to a second school, then they check if there is no vacancy then they transfer to another school. So, this has happened in all five schools, no class for my two kids. So that is why I am very disappointed. That's why.

I: Why didn't they have a class for them?

P: I don't know why they say classes are full, classes are full, no vacancy for my two kids. That's why it's very difficult. I go to begging him please do something because already my kids stay at seven or eight months at home if it's again happening. So, what can I do? How can I manage him in school at home? Then she says so you can apply outside the area. I mean it's not possible for me. So, sending two kids here to get somewhere else, she said "so it is not my problem". The next day you can and for time being you can admit your kids outside the area school then from the coming year you will transfer in this area. So that is why in this area I have sent the application to the school to transfer my kids to both of the kids in my area because it is very difficult to send kids in different areas.

I: Oh my God. Why do you think it happened to you?

P: I do not know why. When I went to my school secretary in my area, they said this year lots of immigrants came, lots of immigrants came, so we don't have a vacancy.

I: Ok and now are they in the school?

P: Yes, they are in the school.

I: And who prepares them to go to school?

P: First, me and my husband dropped them. I used to drop my two kids near my home and the other ones are far away from my home. So, for the first two months I was very active. My husband used to drop my two kids, and then I dropped in my area and my husband went to work. Then I pick all my kids by myself. Then it's very active for me because I must pick two kids in my area and then I go far away to pick other kids from outside the area. And there is a different time from school time. You know sometimes school is off at one time, sometimes school is off at another time. One of my kids' schools is off at 4:00 and some days at 5:00. So this all sometimes my other school for my kids is off at one and sometimes it is off at 5:00. So it is a very, very difficult situation for me to pick up kids. So all the time I am suffering, I am going outside, just picking the kids and dropping them off at home. Then I go outside because for three months I am suffering, suffering, suffering a lot. Then I decided to my elder kids, they can go by themselves and come by themselves. Then I sent him the route of the bus. Then they go by bus. Then they come by bus again alone. Then the other one. He's in grade 4. Then I sent him. He's in my area school, but different. Then I said you can go buy alone and come and he said "mom I can go alone and come back at home, it's easy". Then you are

now only my younger one. He is five. My husband documents school and I pick him from school. So in the same area my kids are not in the same school. In the same area my kids are in different schools. Two kids are in different schools in my area and two kids are in another area. They are in the same school. So, I have to pick my kids from their schools and drop them off. It is a very very horrible situation from the beginning of three years and after three years my two younger one goes by himself then the other one goes by himself. The only younger one, the only youngest one, I must drop myself and pick. Because I'm totally mad. What can you do? What is the condition of this day? Because there is no school transportation. If you are wanting to transport your kid's school, do you have to pay for it? And it's very high pay. Otherwise, kids go to school by public buses.

I: OK. How about the house?

P: House condition is very bad. Still, I am living in one room, the very worst. You can't imagine finding a house in Lisbon. Mainly in Lisbon, it's very difficult. The owner is asking you sometimes five rents, sometimes six rents and sometimes, I don't know, soon he wants this one IRS. He wants this one paper, this paper the declaration, the grant or end of day if he asks. You are a foreigner, no threat for you. It usually happens. I have faced this several times. Every time I'm asking, I'm just scrolling on my net for some apartment in my area nearby because if I go somewhere far away from my area, how do I manage for my kids' school. It's very difficult for me if I go somewhere far away. That's why I'm searching nearby for me. But I couldn't find it yet.

I: Do you live near here?

P: Just from "comboio", two stations. It's Benfica, where I live at the end of Lisbon.

I: Do you have Portuguese friends?

P: Yes, I have a Portuguese family. They are very helpful. Portuguese people are good because when I arrived here, they helped me and that was only my second month in Portugal. I have Portuguese friends in my area, they are very helpful. The whole family or my friends are very helpful in my apartment. The people who live there are very helpful there, but they are also from another country. They are from Spain; one is from Brazil. She's a very nice girl. She helps us a lot. They are living in an area, they help us a lot, the whole family, mother, father, their kids, they are very good. Portuguese are good and they are very good people. They are making friends with other people from other countries. They are good, they are helping people.

I: Do you think that you are very well integrated here in Portugal?

P: No. It's not very "well", but not bad and it's in the middle.

I: Why?

P: It's in the middle, sometimes pensions are no good. Why do lots of Indians come to our country? Because this is the policy of Portugal's government. So, migrants are coming, that in this country people are not coming by themselves, they are just showing the policy, they see the policy, they read the policy. There is a policy of implication. So that is why they are coming, because they have a government that welcomes immigrants that is why they are coming. If their government stops people from coming, they change the rules of their immigration policy. So, in Portugal immigration lots of immigration coming here immigrant come here. And these people are making Lisbon develop a lot. They are constructing a lot with the migrant people. Migrant people are paying a lot of taxes. They have to pay lots of taxes. I think half of the population of Portugal is surviving

on the taxes of immigrants. Immigrants do all operational work, all because Portugal is an agricultural country. Their agriculture is hot, and it is cold. So, there are lots of animals, usually lots of more. I think 80% of the work on Operational is doing. But the immigrant people, the migrant peoples are coming. Just only doing these jobs.

I: I understand. I am also an immigrant.

P: Yes, where are you from?

I: Brazil.

P: Brazilian, you are Brazilian. I have a Brazilian friend also. They are living near my apartment. They were good. They are 13 years old and his brother is 19 years old. They are Brazilian and my friend is living in my apartment. She's Brazilian. She's very nice. She's very helpful.

I: Do you think that they treat the immigrants well here?

P: Sometimes, I see on the Internet but sometimes it's not true, sometimes it's true. The usual people driving Uber or Careem or food service in Portugal are when they are sometimes treated badly by the other people. Then again sometimes they face very difficulties, it is very difficult. Sometimes, they say "why are you driving the Uber car if you don't know Portuguese". Foreigners are speaking English; foreigners are not speaking Portuguese. If foreigners come here, if tourists come here, tourists are not speaking your Portuguese language. You always speak English as an international language. So, they are using this over and saying, "why you don't speak Portuguese if you are driving our cars over in the country". So why don't we speak Portuguese? So sometimes they are dealing very badly.

I: Yes. Did you have difficulty or facility to relate with Portuguese?

P: Language?

I: No, People. Portuguese people, sorry.

P: Portuguese, they are all good. When I go to different offices, I meet the people. Luckily, I think I was lucky. So, I meet the people in different government offices. I understand a little bit of Portuguese. I can speak a little bit between me and my husband. So, we are not facing any difficulties. So, they are good. Still there, with people I face. They are good in Portugal and their behavior is very good with us.

I: Ok. Do you have moments with Portuguese people? I mean, you said you have Portuguese friends.

P: Yes.

I: Do you go to their house or something?

P: Like, yes, I go to Portuguese people's house, my friend's house, we have a gathering, we have dinner together.

I: Did you already feel treated differently because you are from a different country?

P: Not usually. If I sit with my Portuguese friend, they are very interested in my history. They are very interested in my culture. If they scroll on the Internet, they say I love to see your country. It is very beautiful. Lots of Blogger in a sub-Blogger go to my country,

Pakistan, they visit there. It is very beautiful. The culture and hospitality of the peoples of my country is speechless. So yesterday, I met a Portuguese friend and he said, "Oh my God, my Portuguese blogger went to Pakistan. He's in Pakistan traveling. So, he's just showing movies and pictures of Pakistan, which is very, very, very beautiful, and the hospitality of Pakistani people is very good, because he said we have a good experience in any country. He only paid the bills of the restaurants and hotels where he stayed, but in Pakistan, because he is doing a world tour. When you go to Pakistan, you just knock on the door and go, and people say yes, yes, you can stay in their house for a day or two days for free. The food is free, everything is free. Now he is staying in Pakistan, that is why he said it is very different from another country.

I: But I mean if someone already treated you badly because you are from Pakistan?

P: No. Never.

I: Or look at you badly, from or cross the street or....

P: Yes, this happened to me. I stopped when I was traveling with my kids on the side of the road, maybe in the last few months. We were on the crosswalk. I was with my kids crossing the crosswalk. The two men also came in a car. One person just crossed the road very fast. They didn't stop the car. But then the person who ran was also shocked. What happened to this person? He is not stopping the car at a crosswalk when the lady is crossing the street with the children. I say, "what is this?". I started screaming and so did my children because the car was going very fast, and my children were very small. I'm shouting what happened, what did she do, what are the rules and regulations? Because we are in a crosswalk. We are not crossing at the red light. We are crossing in a separate lane. This happened two or three times in Lisbon.

I: Do you think that you were treated differently to rent around a house or room because you are Pakistani?

P: Yes.

I: And maybe if you were from another country it could not happen to you.

P: Yes, if you are from Latin American countries or from European countries. In any other European country, it is not difficult to find an apartment here, you can find more or less, but if you are from an Asian country, it is very difficult to find an apartment here.

I: Do you know about Portuguese culture?

P: A little bit, not much, but I know that for almost 800 years Muslims have dominated Portugal. There is a very, very deep Muslim history. If you see the buildings of very old architects in Lisbon, in Portugal, or whatever, there is an impact of Muslims, because Muslims ruled here many years ago, Muslims ruled Portugal.

I: Do you have some Portuguese habit in you now? Something that Portuguese do that now you also do.

P: Portuguese. I look for food. Portuguese Nata. It's good. I already like Nata.

I: Nata?

P: Nata yes, Nata is good. Portuguese culture is good. The type of food they're eating is good. Otherwise, I didn't accept any habits of Portuguese people.

[side conversation]

I: Did you have the opportunity to learn Portuguese?

P: Language? Yes, I go for Portuguese courses, for Portuguese language courses.

I: Now you are in the job and you are learning...

P: My pleasure is speaking some Portuguese, so I'm learning with him. I ask him every time what you say in this word in Portuguese, or how do you say it in Portuguese. So that's why my class is already going.

I: Ok.

P: So, I learned "mais ou menos" Portuguese.

I: Ok. Do you think that Portuguese people show some interest in your culture? Are they interested in your culture?

P: Yes, many Portuguese. My Portuguese friends usually find my culture very interesting, my food, usually my spices, because when me and my children celebrate here, my children wear different clothes for mine, traditional dishes or like we wear just to eat. Especially the questions. So, my Portuguese friends say "oh, what do you wear on your special day!". I saw it's a very different outfit, what are you wearing?

I: Ok and did you have the opportunity to divulge your culture to the others? I mean, for a friend...

P: Yes, my friend does, because they ask me about my food. That's why. The food from somewhere. What I'm using, what's there is what I'm using in my head. So, that's why. They are asking me, that's good.

[inaudible]

P: I am using a scarf. One of my friends asked me what a hijab is. This is not a hijab. This is a piece of clothing. We say this is a scarf, but the way we are applying it, the way we are wearing it is what we call hijab.

I: Ok. What's the good aspect of migrating to Portugal?

P: That is a positive aspect. People are good, people are friendly, people are good and friendly, culture and climate are good. The climate of Portugal is good, and the people are friendly. But the only main problem is the language and the apartment to live in.

I: Ok.

P: It's very difficult, also the job. The apartment and language, if you have one, is good. You are coming here if you want to live here, so you must learn the Portuguese language. No, I'm saying kids are learning very fast. Kids are picking the accents very fast. The kids are picking language very fast.

I: And how is it for your boys to learn Portuguese?

P: They are learning. My younger one is totally fluent. My two other ones, the elder one, are learning Portuguese. I Understand Portuguese very well.

I: Nice. Very fast.

P: When I go somewhere, if the person is speaking Portuguese, I say "children, please ask him... Mommy will not say it, or what he is saying", then they can just translate to mommy. "He is saying that". That's why.

I: When you talked about that, when you were treated differently while trying to rent a house, for example. Did you consider it a discrimination with you?

P: I don't understand what you are saying.

I: Discrimination. Do you know what I mean?

P: No.

[interviewer explained the concept of discrimination]

I: Do you think that it happened to you, when you tried to rent a house?

P: Yes, it happened. It happened.

I: And how did you feel?

P: Feel bad? Very bad. Because if we have, we can pay. So why do you need to give us the apartment for living? Yeah.

I: Which strategy did you use to move on from this situation ?

P: We just stay calm, stay calm, do work prior. Best luck and when they find you can. Try to don't, don't panic. Slow and steady. Do focus on your work. I will try to list, try to find a job for you, Do try to find a house for you or learn Portuguese.

I: And why do you think immigrants are discriminated?

P: Somehow, they said this because there are lots of immigrants in this country. The people, I think, think there are a lot of Indians. Maybe they can concrete our country. So that's why sometimes they don't like Portuguese people, or they don't like immigrant people. This is because there are lots of people for immigrant companies. This problem was lots of this. Because of the policy of the government, the immigrants, lots of immigrants come here. Because this is the government policy. The people don't understand why the people are coming. People should understand they have to first know that this is the policy of the government. They make that. The immigrants come here but they don't deserve it. They don't recognize that because of the number of immigrants in their country, the IGPT rate is going very high. Yesterday there in all of Europe your personal is the country is GDP rates go in last from 10/8 to 10 years is go very high. The development is now in developing countries. The architecture of this country is now very high. So people should admit this. Because of immigration people, because of immigrant persons, the country GDP rates go very well high.

I: What do you think that should be done for... It doesn't happen. Discrimination doesn't happen?

P: Because they, I think they have to build more housing for immigration, immigrant people, because too many migrants come here.

Lots of people come here because people prefer to get sent. They give their home to tourists because they earn a lot with the tourists. They say they have their home, they're empty for years and years. They just send their home for two events tourists come in summer, they send their home for rent to tourists, not for immigration. So we have to live for this.

I: Maybe we could make something for the people who live here, In Portugal?

P: Yes, you should. The people should have to see the people who are already living here. If the students come here for some days for two days, three days will become more than 10 days over a month. But who are already living here for years. So, they have to see what their condition, what they need, what they are looking for. Because they are paying for that. They are paying. Everyone is paying the taxes. There are lots of taxes. Everyone is paying the federal tax. Every tax we have to the immediate people has to pay. So, we have to do this as something for our tax. We are doing lots of hard jobs in Portugal. Immediate people do lots of hard jobs over here. Yeah. So, they had to return to him.

I: Yeah. So, thank you very much.

P: You're welcome. That's it.

Anexo 14 - Transcrição de entrevista com imigrante, Angola

Entrevista com imigrante

Participante 3, Angola

Para fins de melhor apresentação de resultados, optou-se por colocar as iniciais dos entrevistados de acordo com as iniciais dos seus países de origem.

Investigadora: Qual a sua nacionalidade?

A: *angolana.*

I: Que idade tens?

A: *23 aninhos.*

I: Há quanto tempo chegou a Portugal?

A: *Olha, estou cá há 1 ano.*

I: Com quem veio?

A: *Olha, vim sozinha, sozinha.*

I: OK. Com quem mora?

A: *Também sozinha, sozinha, e é.*

I: Qual o teu nível de escolaridade?

A: *Até o 12º ano.*

I: O que te levou a sair de seu país?

A: *Olha, foi por motivos de estudo, para formações, nesse caso, licenciatura.*

I: Licenciatura em qual área?

A: *É gestão de empresas, gestão de recursos humanos. Estas 2 opções, ou uma ou outra.*

I: Ok. Por que escolheu Portugal como destino?

A: *É porque acho que Portugal é um país que, em termos de educação, estudo, é um bom país para isso. Então vim pra aqui pra esse fim. Por causa da língua também.*

I: Possui autorização de residência?

A: *No momento ainda não, mas já estou a tratar para ver se consigo ter a minha residência, assim consigo ir voltar para o meu país à vontade.*

I: Sim, mas já tá frequentar a faculdade?

A: *Ainda não, ainda não. Infelizmente ainda não.*

I: Chegou cá tem 1 ano e ainda não foi a faculdade?

A: *Não, ainda não.*

I: Mas está a trabalhar?

A: *Estou, estou a trabalhar.*

I: Mas e que dificuldades tem encontrado para, para essa regularização da tem acontecido? por que que não está mais regular ainda?

A: *Olha o ano passado, o que aconteceu foi a perda da vaga nesse caso e, por outro lado, as propinas aqui nas universidades de Lisboa acaba por ser um bocadinho mais cara.*

I: Você perdeu a vaga na universidade?

A: *Era para uma formação com nível superior. Porque, a princípio, quando eu vim para aqui, era para ir para o Porto, na universidade do Porto, só que não fui para o Porto. Fiquei cá porque tinha alojamento aqui e me estabilizei aqui.*

I: Tinha amigos? família?

A: *E.. amizade... tinha uma amizade que na altura eu fiquei lá durante algum tempo, mas depois eu tive que sair, obviamente. E para não perder o ano, houve a opção de fazer se essa formação com nível superior para um curso que chamou a atenção, de administração financeira no esc de Lisboa. Era uma formação de 2 anos, mas só que nesse caso, a pessoa que tem me ajudado em sentido financeiro como está distante, então o dinheiro chegou tarde, não consegui pagar a tempo e me passou a vaga e foi isso que aconteceu.*

I: Então não, não conseguiu fazer.

A: *Infelizmente, o ano passado, agora esse ano eu tô atenta, estou a me organizar pra ver se consigo, me orientar, em termos de...*

I: Mas quando passou a vaga, é que perdeu a data?

A: *Sim, passou a data, já não tinha, já não tinha as datas disponíveis, já era a última fase. Estás a ver?*

I: E agora, está com dificuldade e até por isso que está a buscar a associação, não é?

A: *É isso, para saber se se tem algum, alguma forma de eu pagar um bocadinho mais baixo, valor, alguma bolsa que favorece a nós como imigrantes, né?*

I: Mas qual a sua situação com o SEF? Tem manifestação de interesse? Como é?

A: olha, no momento eu fiz manifestação de interesse sim, e há tempos eu liguei pra lá. Acho que já passou um mês. Disseram que eu tinha que aguardar, porque estavam a ser analisadas as manifestações de interesse de até janeiro deste ano de 2023. A minha, como eu fiz mais pra frente, agosto, setembro, ela disse que era pra aguardar um bocadinho, mas então estou à espera.

I: Na verdade, isso foi antes, não é?

A: Sim, eu não consigo tirar da CPLP porque os acordos da CPLP foram feitos a 31 de outubro e o meu visto foi emitido antes dessa data.

I: Então, chegou cá com o visto.

A: Sim, antes dos acordos da CPLP serem feitos, então não tenho como tirar.

I: E quanto é quanto tempo de visto tinhas?

A: Eu tinha 3 meses do visto.

I: E aí não conseguiu renovar porque não conseguiu entrar no curso?

A: Sim, não consegui renovar e nem conseguir tirar a residência de estudante porque não tinha declaração alguma, Declaração de frequência de que eu estava aqui a fazer alguma formação, De estava a estudar, então decidi fazer com contrato de trabalho, que é a manifestação de interesse pelo artigo 88.

I: E colocou a manifestação interesse em setembro

A: Sim.

I: Então agora está empregada ou desempregada?

A: Empregada.

I: Qual a nacionalidade da sua entidade patronal?

A: São moçambicanos.

I: Quais as suas condições de trabalho? possui contrato de trabalho?

A: Sim, foi com o contrato do trabalho de 6 meses, passou 6 meses, foi renovável...

I: Muito bom... faz descontos a segurança social?

A: Sim, Descontos, a segurança Social é da segurança social, irs.

I: Quanto é seu rendimento mensal, considera o suficiente para pagar suas despesas?

A: As despesas chega assim agora para financiar os estudos e também por conta do cansaço, nem é tanto por conta do cansaço. É mesmo para financiamento dos estudos com as outras despesas não compensa.

I: Estás preocupada com isso, não é?

A: Muito preocupada.

I: Precisa usar para precisou recorrer a apoio financeiro de outra pessoa, pai, mãe, Amigos?

A: Desde que eu comecei a trabalhar, não, nunca precisa e graças a Deus, sempre soube é gerir bem as minhas contas, as Minhas despesas.

I: E quando é que começou a trabalhar?

A: Eu comecei a trabalhar depois de 3 meses, depois de eu me organizar. Ter NIF, número segurança social, conta bancária, número de utente, depois desse período todo, eu comecei a trabalhar.

I: Ou seja, depois que acabou aquele Visto que tinha, não é?

A: sim.

I: Alguma vez sentiu que foi tratada de forma diferente devido às suas condições económicas?

A: Olha, pelo que eu me lembre, não, nunca tive contato direto assim com...

I: Recebe algum apoio social? RSI, apoio para alimentação, algum cabaz de alimentação.

A: Não, infelizmente não, não.

I: Relativamente ao seu acesso ao a, ao serviço de saúde, possui número de utente?

A: Sim.

I: Foi fácil para conseguir?

A: Olha, sim, foi tranquilo porque na altura, a pessoa com quem eu vivia, aquela que era uma amizade até ficou mais do que uma amizade e que acabou por uma orientar nesse sentido, foi a minha responsável. Como ela já estava aqui há muito mais tempo do que eu, então.

I: E relativamente a habitação. Vive de num quarto, numa casa...?

A: Sim, olha, eu vivo numa casa, aluguei um quarto nesta casa e pago a renda nesse caso do quarto.

I: Ok e vive, com quantas pessoas?

A: No total, tem a família, tem o pai, a mãe, a filha da minha idade e tem uma outra inquilina.

I: E foi difícil para encontrara esta habitação? como é que foi?

A: Sim, foi difícil. Fogo, foi mesmo difícil porque eu já estava assim a procura, tanto é que foi numa área que eu não esperava que eu ia morar, mas olha, apareceu. Eu já

estava aflita, Já tinha necessidade de sair de onde eu estava, então fiquei lá até hoje. Estou até hoje.

I: Por que você acha que houve essa dificuldade? em conseguir esse quarto?

A: Além de as vendas estarem um bocadinho puxadas, mesmo para quem só quer quarto. A dificuldade em encontrar é, é, no meu caso, não é? Casas que Consegues receber visitas? Apesar de estares a viver num quarto, onde, por exemplo, consegue ficar à vontade. Então todos esses fatores influenciam na procura, mas, principalmente, do preço dos próprios quartos.

I: E Estás na mesma casa desde que chegou?

A: Não. Já, já troquei.

I: E acho que essa dificuldade em conseguir quarto também tem a ver com o pelo fato de ser Imigrante?

A: Eu Acredito que sim. Porque a procura é mais por parte dos imigrantes, porque a maioria de quem está a cá já tem casa, já tem a vida até certo ponto, um bocadinho estabilizada, né? Então acho que a dificuldade é mais por parte de nós, imigrantes.

I: Tem amigos portugueses?

A: Não.

I: Qual a origem dos seus amigos?

A: Angola, Cabo Verde, Brasil, que eu fiz nesse trabalho onde eu estou até hoje, então é isso, portugueses, assim, não. Ainda não tive a oportunidade de ter, assim, uma afinidade mesmo à chegada que eu possa falar na amizade mesmo.

I: E trabalhas em que área?

A: Eu sou assistente de vendas num café.

I: E acha que os portugueses são abertos a se relacionar com os imigrantes, consigo...?

A: Em parte sim e em parte não.

I: Mas possui algum momento de convívio com eles? Essa família com quem vive são Portugueses?

A: São, são portugueses.

I: E são abertos?

A: Sim pelo que tenho notado, sim.

I: Te tratam com respeito...

A: Sim, com respeito.

I: E a filha deles não consegue fazer amizade com ela?

A: *Não, não, já conversamos assim algumas vezes, mas é do mundo superficial, não é aquilo mesmo de...*

I: Sente-se bem acolhida em Portugal?

A: *Diria que talvez pensei que estaria melhor, mas é como tudo, a pessoa gere e vai se acostumado.*

I: Por que que você acha que isso acontece?

A: *Eu acho que isso acontece principalmente pelo fato da pessoa ser Imigrante e Talvez pela diferença de de raça, nacionalidade, isso também influencia, obviamente, em todo, em qualquer parte do mundo, a pessoa vai ter esse tipo de dificuldades quando se é Imigrante. E eu acho que é mais ou menos isso.*

I: Alguma vez já sentiu que foi tratada de forma diferente por causa da sua origem?

A: *Já, pela forma como falam contigo, pela forma como te olham. Já senti isso sim, é super desconfortável.*

I: Pode me dar um exemplo de algum episódio que aconteceu e não gostou?

A: *São vários, vários, vários acontecimentos, porque a pessoas há mal-educadas, arrogantes e por seres preta, acabas por ser tratada de forma diferente também, até pela forma te olham. Já ouvi cliente que falaram mal, tu perguntas e respondem de formar arrogante, sem qualquer respeito.*

I: Conhece a cultura portuguesa?

A: *Um pouco, pouco, pouco.*

I: E do pouco que se conhece, incorporou algum hábito?

A: *Bom, até agora não.*

I: Tem ou teve alguma dificuldade em aprender a língua portuguesa?

A: *Não, não.*

I: Não fala-se muitos dialetos em angola?

A: *Não, não sou fluente no meu dialeto. Sempre foi o português. Então acho que não tive grandes dificuldades quanto a isso. Quando cheguei cá, só às vezes é um bocadinho diferente, porque eles falam, parece que falam mais rápido, são mais afinados, mas, da para perceber.*

I: Muito bem. A comunidade de acolhimentos, OS portugueses demonstraram algum interesse pela sua cultura?

A: Sim, algumas pessoas já fizeram perguntas assim, pra saber como é que funciona, até as nossas comidas típicas e tudo isso já sim, se alguns até gostaram.

I: E quais aspetos positivos de ter migrado?

A: É, primeiramente, acho que ajuda a crescer como pessoa. No meu caso foi isso, aconteceu. Fiquei mais, mais madura, né? Hoje consigo gerir as minhas coisas, consigo gerir as minhas contas desde que eu comecei a trabalhar num foi preciso Eu pedi ajuda de alguém. Então acho que foi bom até certo ponto, porque cresci e tenho desenvolvido bastante e espero continuar a desenvolver, né, a crescer.

I: Com certeza. E quais os aspetos negativos de ter migrado?

A: Aspeto negativo é que estou sozinha, é que tens que ter em mente de se alguma coisa acontecer, és tu quem vai resolver. As vezes a solidão um bocadinho, por não ter os familiares por perto, também é um bocadinho difícil, quando, se calhar, está a precisar de uma ajuda, que normalmente quem dá esse tipo de ajuda são os familiares e não tens? É um pouco complicado.

I: Sim, tem vontade de trazer a família?

A: Muita, muita. Acho que ficaria tudo bem mais fácil se tivessem aqui.

I: Acha que os imigrantes são discriminados?

A: Sim, são, são discriminados. Sim, até hoje Há tempos Vi um senhor a fazer comentários negativos acerca de imigrantes, pessoas que migram para aqui, para Portugal, a dizer "o que que procuram?", "Fiquem nos vossos países". Discriminação mesmo com imigrantes, então são situações, mesmo que até hoje acontecem, infelizmente.

I: E por que que você acha que isso acontece?

A: Porque se calhar os portugueses acham que nós estamos a invadir o seu território, seu país. Estamos a tirar o seu lugar, até certo ponto. É por aí, é mais ou menos isso.

I: O que deveria ser feito para ultrapassar esse problema?

A: Acho que mais amor ao próximo. Empatia, compaixão, se por no lugar do outro, acho que se todos tivessem um cadinho de mais amor ao próximo, empatia, compaixão e, em vez de só falar, ajudar mesmo, na prática, na resolução dos problemas. Eu acho que melhoraria em muito.

I: E você percebe diferença no tratamento que as pessoas recebem devido a sua origem?

A: Muita, muita diferença. Por exemplo, eu tenho uma colega que está grávida. Ela me disse que foi ao hospital e a medica não passou baixa, mas a situação dela enquanto grávida era a mesma situação que uma portuguesa. São situações que eu já tenho estado a ouvir que tem acontecido, então acho que acabam, por favorecer mais uns em relação a nós, não só pelo tom de pele, mas por sermos imigrantes.

I: E ela era angolana também?

A: Não, ela era de Cabo Verde.

I: E o que é que acha que podia ser feito para ultrapassar esse problema da discriminação? Assim, a nível do governo? Que que o governo, os serviços podiam fazer?

A: Olha por mim, eu acho que podiam ser sancionadas por terem esse tipo de atitude, cortarem as dessa forma, talvez mesmo que não fizessem do coração, pelo menos tinha um tenta fingir, né? Porque até mesmo em serviços públicos... Os serviços públicos em si, já são péssimos, o atendimento as pessoas que estão nessas instituições públicas acabam por piorar ainda mais a situação. Ou seja, o governo devia criar leis ou estar mais atenta a esse tipo de situações, terem o controle.

I: Como se o próprio governo devesse dar o exemplo?

A: Sim, é exatamente isso. É isso mesmo.

[Entrevista se encerra]

Anexo 15 - Transcrição de entrevista com imigrante, Brasil

Entrevista com imigrante

Participante 4, Brasil

Para fins de melhor apresentação de resultados, optou-se por colocar as iniciais dos entrevistados de acordo com as iniciais dos seus países de origem.

Investigadora: Qual a sua nacionalidade?

B: Eu sou brasileira.

I: Qual a sua idade?

B: Eu tenho 22 anos.

I: Há quanto tempo está em Portugal?

B: Estou há 1 ano.

I: Como é seu agregado familiar, vive com quem?

B: Vivo com meu marido e recentemente, com meu bebê.

I: Qual é o seu nível de escolaridade?

B: Eu terminei a escola, 12º aqui, falando em Portugal.

I: O que a fez sair do Brasil?

B: Eu acho que o que me fez sair do Brasil foi a segurança que Portugal passa para a gente, né? Aqui tem muita segurança em relação ao Brasil.

I: Por que escolheu Portugal como destino?

B: Porque o meu marido tem um irmão que mora aqui há 5 anos e ele decidiu vir para Portugal justamente para ficar mais próximo da família e eu acompanhei.

I: Possui autorização de residência?

B: Sim.

I: Como foi para fazer contato com o serviço de regularização, nomeadamente o SEF?

B: Olha, foi um pouco confuso e demorado, mas até então, lá, indo no dia, foi BEM tranquilo.

I: E como é que você fez a marcação? Foi por telefone?

B: Foi, não, eu conversei com uma mulher no qual ela faz esses trâmites, né? Aonde eu tive que pagar Pra Ela poder agendar, Porque não sei, de certa forma ela Deve ter um esquema, porque ela consegue. Eu ligando todos os dias, só caía na caixa postal ou falava que era pra tentar um outro horário, mas eu ligando todos os dias não consegui.

I: E essa mulher, o que é, advogada?

B: Não. Só faz esse serviço.

I: Demorou quanto tempo para você conseguir a Marcação?

B: Olha, eu cheguei aqui em março. E marcou, se eu não me engano para julho. Não, perdão, o marcou para agosto, porque a minha residência vence em agosto, porque minha residência vence em agosto.

I: Um ano de residência?

B: São 2 anos.

I: 2 anos o tempo de renovação?

B: Isso a minha é 2 anos, é porque é a do meu esposo foi um ano porque ele é estudante, né? Agora, como eu vim em posso exercer trabalho aqui foi 2 anos.

I: E o seu é como estudante ou como agregado familiar?

B: Não foi como agregado familiar, 2 anos.

I: Como se encontra sua atual situação de trabalho?

B: Eu estou desempregada.

I: Quer falar mais sobre isso?

B: Olha, estou desempregada, porque no recentemente tive um bebê, como já tinha dito, e a partir do momento que eles souberam, na verdade, quando eu descobri que estava grávida, eu já estava em processo de treinamento, não é? E aí fiquei com receio de falar porque estava em treinamento mesmo assim, pelo bom senso, Comuniquei a empresa. Até então, a empresa não tinha dito nada. Falou assim "é tranquilo, já temos outras telecomunicadoras grávidas e é tranquilo". Então tá bom, não é? na minha cabeça, estava OK. Um dia antes de eu assinar o meu contrato, eu fui dispensada. Justamente um dia antes, porque disseram que não tinha nada a ver com a gravidez, mas eu sinto e vou recorrer aos meus direitos, porque eu tenho justo, é na cabeça que foi por conta da da gravidez, porque nos primeiros meses, eu faltei um pouquinho, né? por conta dos enjoos, mas tudo justificado, né? Tudo com atestados e, enfim, justificativas de que eu fui ao hospital porque eu não estava bem. Mas mesmo assim não quiseram saber e até então fui dispensada um dia antes de assinar o contrato. Eles podiam ter me dispensado justamente antes, quando viram que estava "dando problema", mas um dia antes de assinar o contrato, eles me demitiram.

I: E qual era a nacionalidade dessa entidade patronal?

B: Portuguesa.

I: Possuía contrato? Era a termo certo, não era?

B: Possuía contrato, eu assinei, inclusive eu fiz o treinamento, assinei os contratos, os primeiros contratos de treinamento, o contrato normal, mas um dia antes de assinar o contrato para prestar o serviço para a empresa, realmente eles não descartaram.

I: E você teve alguma outra experiência de trabalho aqui?

B: Trabalhei numa churrasqueira, mas até então eu que pedi para sair, porque era um trabalho que você praticamente não tinha vida. Você entrava das 7 da manhã e saia o horário que terminava o funcionamento. Então se tivesse pessoas as onze e meia, você tinha trabalho até às 11:30 da noite e era um trabalho de domingo a domingo, você folgava na terça. Uma folga, feriado você não recebia mais, hora extra você fazendo ou não fazendo, na verdade, eu era obrigado a fazer porque você tinha horário pra entrar, mas não tiraram pra sair, você não recebia mais, entendeu? Então também pedi justamente pra sair. Por conta disso, estava bem puxado.

I: E não tinha contrato. Ou tinha?

B: Tinha contrato.

I: E fazia desconto para a segurança social?

B: Diz que fazia, eu não tinha certeza, mas até então no contrato tinha muitas coisas, Aonde em tese não era praticada. Porque falava que eu tinha que receber férias, não. Tudo bem que eu não fiz um ano, mas aqui não é preciso fazer um ano, não é? Mas não recebi férias, é falavam que pagavam o feriado, não pagavam feriado. Em tese, era para acontecer, mas na vida real não acontecia nada.

I: Quanto ao seu rendimento mensal, hoje vive. Vive com o rendimento do seu marido?

B: Sim só um ordenado mínimo.

I: E você acha que é o suficiente para pagar todos os seus custos?

B: Não, não dá. Temos no mercado, agora tem o bebê, que é um gasto maior, aluguel que é um absurdo de caro aqui é, enfim, não dá.

I: E como é que vocês fazem? Vocês precisam ou já precisaram de algum apoio de familiares para poder se sustentar aqui?

B: Já, até então, no início, foi bem complicado. Agora a gente consegue deixar uma conta aqui, outra ali, igual o cartão dá para pagar mais pra frente, mas no começo precisamos sim de ajuda, porque era muito gasto e o dinheiro acaba que por ter o aluguel muito caro, essas coisas, acabava que a gente... enfim, foi bem complicado.

I: Ele fazia trabalho extra, você também, alguma coisa assim?

B: Não.

I: Alguma vez já sentiu que foi tratado diferente pela população devido à sua condição econômica?

B: Não, econômica? Não.

I: OK, recebe algum apoio social como RSI, ou cabaz de alimentos, apoio com roupas...?

B: Não, não. O único apoio que eu recebo hoje é o do bebê.

I: E como é que funciona esse apoio?

B: É um valor de 161, EUR. É considerado pré-Natal, né? Até então, agora é apoio de família, mas é o mesmo valor. Aí é pago todo dia 14 ou dia 16. Aí foi calculado entre a renda do meu marido e a minha. Só que né? Até então não tenho renda, então só calculou a dele. Aí ficamos no primeiro escalão, tem uma conta que eles fizeram, enfim, eu não vou saber te falar de cabeça...

I: E vai receber até quando este apoio?

B: A carta agora que eu recebi é que é durante 12 meses. Vou receber 161 EUR e 3 cêntimos, podendo eles avaliando é ser automaticamente, renovado, inclusive, aumentado ou diminuindo, mas se eles decidirem, olha, já deu, depois de 12 meses acabou. Passou, acabou.

I: Entendi. Relativamente ao seu acesso ao serviço nacional de saúde, possui número de utente?

B: Sim.

I: Tem médico de família.

B: Não, quando sou atendida não é por um médico só. A minha gravidez fui acompanhada por uma enfermeira. Aonde na primeira consulta, foi por uma médica, depois a enfermeira, agora eu com meu filho, não é o mesmo médico, é sempre um médico trocando. Eles sempre deixam as coisas apontadas, numa caderneta. E é isso, não tenho médico, eu acho que é até ruim, porque é uma coisa que você quer conversar com o médico, mas você nunca sabe ao certo qual é o médico. Não tem um médico para te acompanhar nem acompanhar o seu filho. É sempre vários médicos, outros, médico, às vezes nem entende o que está se passando porque não estava lá.

I: Encontrou algum obstáculo para aceder ao serviço nacional de saúde?

B: Não, não.

I: É relativamente à habitação, como foi? Vocês hoje moram numa casa? Ou num quarto?

B: Em um apartamento.

I: Um T1?

B: É, é um t zero. É um t zero modificado para ter um.

I: E como é que foi para conseguir essa habitação?

B: Olha uns colegas do irmão do meu esposo, que moravam nesse nesse apartamento e aí acabou acontecendo da esposa dele também ficar grávida e eles quiserem procurar um apartamento maior, só que eles tinham um contrato nesta residência que a gente está. Então o senhorio avisou a eles que se eles saíssem, eles teriam que pagar uma multa. Para eles não pagarem essa multa, eles preferiram arrendar para outra pessoa, que no caso somos nós.

I: Entendi. Mas esses senhores sabia que estava sob locando para vocês?

B: Até sabia, mas ele falou que quando eles conversaram eram os primos deles que estavam indo para casa, estavam precisando de um apartamento. Ele falou "bom por mim, tranquilo. O que não vai acontecer eu mudar o nome do contrato, porque o contrato está no nome de vocês" então ele falou que tudo bem. E aí ele falou que está.

I: Então se resolveu.

B: Sim, mas nunca vimos ele. [risos]

I: Vocês acabam pagando para esses, pra essas pessoas que conhecem?

B: Isso, e eles pagam para o senhorio. Tanto que a caução que demos, a gente teve que dar uma caução foi para essas pessoas.

I: Ok, então, não foi assim difícil de conseguir casa, não é?

B: Não é não.

I: Vivem em condições...

B: Razoáveis.

I: Qual a origem dos seus amigos aqui?

B: A maioria são brasileiros.

I: A maioria... e os outros?

B: Acho que todos. Acho que eu tenho só um amigo português.

I: Como se sentiu em termos de acolhimento em Portugal? Se sentiu acolhida pelos portugueses?

B: Não.

I: Então, porquê?

B: Além da discriminação que eu sofri Na empresa onde eu trabalhei por ser Brasileira. Eles são um povo muito fechado, não se diz preconceituoso, mas são muito: É português, é português, não é? Já não, tem que ser meu amigo, entendeu? Eu já vi casos, enfim, quando eu estava até na gravidez, uma médica atendendo uma não sei se ela era Indiana, não sei e ela questionava falando para ela como ela estava falando em inglês. A médica falava que ia se se recusava, falou desse jeito "eu me recuso a atender você, porque você está morando em Portugal, você está morando em

Portugal, você tem que falar português de Portugal". Aí perguntou até para ela quantos anos ela estava aqui, Ela falou que estava um ano. Ela falou "então, se você está um ano, você sabe muito bem falar português de Portugal, só vou te atender se eu falar Português de Portugal" e eu presenciando tudo. Então, em relação à discriminação e que eu sofri também por ser brasileira e eles me falaram que eu teria que ser falar português de Portugal, agir como se eu tivesse em Portugal. Não, não me senti acolhida.

I: Entendi. E como é sua relação com os portugueses, têm facilidade para se relacionar com eles?

B: Sim, os que não me discriminarão. Sim, sim.

I: Quais os são os momentos de convívio que possui ou que possuiu os com portugueses?

B: Eu acho que só mesmo quando eu trabalhei, quando estava trabalhando. Aí, sei lá, algo quando está no mercado, quando conversa com o português, enfim, mas eu estou mais em casa, então... Só meu marido que tem um amigo português aonde a família dele inteira é portuguesa e fomos jantar, fomos convidados a jantar, um Belo dia na casa dele e fomos recepcionados super bem. Conversa vai, conversa vem, a esposa desse amigo do meu marido deixou bem claro que ela não gosta de Imigrante, ela disse, refugiados ucranianos, que vem para cá para sugar ela disse, desse jeito, que vem para cá para sugar os benefícios, o emprego dos portugueses, a ajuda que os portugueses têm que ter, não esses outros povos. Ela disse que não tem nada contra brasileiro, mas creio que sim, porque eu senti ali uma coisinha. Mas ela falou que é os imigrantes que vêm para cá não deveriam ter ajuda, ajuda que eles recebem no governo, porque o português em si ele não é ajudado. Então por que que os refugiados, os imigrantes, tem que ter essa ajuda?

I: E como é o atendimento oferecido por portugueses quando precisa aceder algum serviço privado ou público?

B: A maioria das vezes, que nem quando eu vou ao médico, ao mercado é é tranquilo. O jeito deles eu acho uma forma grosseira, Às vezes, você pergunta uma coisa e não entendi, vai perguntar novamente, Eles tratam a gente como se fossemos burros, né? Mas não pelo fato de você ser burra, pelo fato de você não ter entendido e perguntar novamente, então eles são Grossos e devem achar que somos burros. Enfim.

I: É alguma vez já sentiu que foi tratada de forma diferente, consoante a sua origem?

B: Todos as vezes a partir do momento que eles me ouvem falando uma palavra, por exemplo, geladeira que é considerado no Brasil, aqui é frigorífico. Eles dão uma olhada diferente, falam algumas coisas diferentes por sermos brasileiros, termos costumes diferentes.

I: Você conhece a cultura portuguesa?

B: Não inteira, conheço algumas coisas.

I: Já incorporou algum hábito português para si?

B: Aí, eu acho que algumas palavras que eu entendo, se calhar que eu imito, não é? Eu uma vez imitei e acabou pegando, então já virou costume, mas... Ah, algumas comidas que eles fazem aqui que fazemos no Brasil de uma forma diferente, mas só isso.

I: Os portugueses já mostraram algum interesse pela sua cultura?

B: Não.

I: Sente que a sua cultura é respeitada pelos portugueses?

B: Não. Pelo fato de não ter segurança no Brasil, eles preferem o país deles e acham que, sei lá, somos diferentes. Por conta disso, da comida que aqui é de feita diferente, Das palavras... Por exemplo, essa mesma mulher que falou para gente que não gosta de imigrantes, refugiados, o filho dela estava assistindo muito vídeo por brasileiro. Ele é português. E aí ele começou a falar, geladeira, Ônibus, que é considerado no Brasil e ela simplesmente ficou indignada e falou que não é geladeira. Frigorífico é o ônibus que a gente fala no Brasil, aqui é o autocarro que se ele está em Portugal, ele tem que falar português de Portugal.

I: Já teve a oportunidade de divulgar sua cultura?

B: Eu acho que a partir do momento que a gente conversa com alguém, a gente está ali, meio que já introduzindo. Não é que nem no Brasil a gente faz desse jeito, gente come isso...

I: Quais foram os aspetos positivos de ter migrado?

B: A quem nem eu falei, a segurança, não é? você pode comprar algo e não ser assaltado. A educação só de saber que agora meu filho pode ter espanhol francês, não é pelo preço, muitas vezes gratuitamente nas escolas. Eu acho que é isso.

I: E quais foram os negativos de ter migrado?

B: A saudade da família, né? Da cultura, porque aqui é tudo muito diferente, dos amigos por perto, da facilidade, do jeitinho brasileiro para as coisas que aqui não tem, entendeu? Dá rapidez com tanto quanto documento, quanto médico aqui é bem complicado.

I: Quando foi tratada diferente, como isso impactou na sua vida? Que estratégias utilizou para ultrapassar essa situação?

B: Eu fiquei triste no momento, na hora, mas depois eu caí em mim que nem todos os portugueses são preconceituosos, assim como, nem todos os brasileiros não prestam sim, não é? Então, no momento ali eu fiquei triste. Meia cabe baixa, mas com o pensamento de que coisas boas viriam nos próximos dias.

I: Quando sentiu que estava a ser discriminada que recursos, buscou, buscou a ajuda de alguém, de algum recurso?

B: Sim, quando eu sofri discriminação na empresa, eu tentei para conversar com meu supervisor, que também era português, e me deixou bem claro que aqui é normal, que é comum acontecer essas coisas que quando acontecesse isso era para pedir para, para o cliente tentar ligar novamente para que caísse com um português.

I: Um, alguma recomendação para combater a discriminação de imigrantes em situação de pobreza?

B: Sugiro que os portugueses se acostumem, porque a mesma língua é o mesmo, muda algumas coisas, mas são culturas diferentes, né? Até então sim, porém, a gente tem muita facilidade de entender eles, assim como eles tem de entender a gente. Então, se eles fossem um pouquinho mais maleáveis com a gente, não teria essa essa discriminação nem com eles, nem com a gente.

Anexo 16 - Transcrição de entrevista com imigrante, Congo

Entrevista com imigrante

Participante 5, Congo

Para fins de melhor apresentação de resultados, optou-se por colocar as iniciais dos entrevistados de acordo com as iniciais dos seus países de origem.

Investigadora: Qual a sua nacionalidade?

C: *Eu sou do Congo, RD Congo, República Democrática do Congo.*

I: Muito bem, sua idade?

C: *Tenho 45 anos.*

I: Há quanto tempo chegou em Portugal?

C: *Há um ano, já.*

I: Com quem veio?

C: *Eu vim sozinho.*

I: Sozinho?

C: *Sim, mas a minha família já fica cá em 6 a 5 anos. Completou 6 anos.*

I: Há então, o senhor veio atrás da família...

C: *Sim, vim seguir a família. A família é o tinha ficado sozinho aí na Terra. Condições não estava a permitir, por isso fez tudo para ver seguir a família.*

I: E com quem o senhor reside? Com quem o senhor vive?

C: *Vive com a, com a, com a minha família.*

I: Quem faz parte da sua família? Esposa...?

C: *A minha esposa e as minhas filhas, tem 3 filhas aqui e a mulher.*

I: E a idade das suas filhas?

C: *E a primeira que a primeira que tá, que tem 17 e meio, aham, e a seguir tem 15 anos e outra pequena, tem 12 anos.*

I: Qual o nível de escolaridade do senhor?

C: *Nona, nona classe, nona.*

I: Então, por que escolheram Portugal?

C: *Não, porque oportunidade apareceu só para nós chegar aqui.*

I: A sua mulher veio primeiro, porquê?

C: *vem primeiro, é pelas condições que está na nossas Terras não dá para viver lá é por isso que estamos a vir aqui. Porque o branco está a mexer muito na nossa Terra. O europeu está a mexer muito na nossa terra, não tem como ficar lá, tem que seguir o que ele faz, o pensamento deles.*

I: A sua esposa veio para para Portugal com as meninas já?

C: *Sim, com as meninas já.*

I: E o senhor possui autorização de residência?

C: *Ainda não tem ainda, eu ainda não tenho. A minha família já tem, já tem, já tem tudo.*

I: Por que que o senhor acha que tem que o senhor ainda não tem?

C: *Porque os processos ainda não está completo. Eu acho que os processos devagar.*

I: E qual o prejuízo para a sua vida em Portugal? O que a falta de residência dificulta na sua vida?

C: *Em Portugal o trabalho está muito difícil, muito difícil. Trabalho está muito difícil, mas sempre nas redes sociais estão a publicar que precisa de trabalhadores. Mas você quando liga "não", você quando manda os documentos... sempre assim.*

I: E o senhor agora está empregado ou desempregado?

C: *Estou desempregado. Um ano que eu cheguei aqui, nunca trabalhei, ó, já estou um ano, tem 3 filhas e a mulher. Estou a passar a vida com muita dificuldade.*

I: Por que que o senhor acha que está desempregado?

C: *Estou a fazer tudo para trabalhar, estou a andar todos os dias. Eu não fico em casa.*

I: Por que que o senhor acha que o senhor está em situação de desemprego?

C: *O país... não sei, sei como, tem pouco empreendimento.*

I: Entendi. Considera que o fato do senhor estar desempregado tem a ver com a origem do senhor?

C: *Não para mim, para mim não, não. Eu não estou a trabalhar porque não tenho documento, falta de documento, porque muitos trabalhos que está a aparecer do meu gosto, mas de você chega lá, não tem residência, não vale.*

I: E o rendimento mensal da sua família, considera o suficiente para pagar todas as despesas que tem?

C: Não consegue nem um pouco. Só mulher que está a trabalhar, eu não trabalho.

I: E ela trabalha com o que?

C: Trabalhar no que no lar do idoso

I: Lar de idosos, ok. E o senhor ou ela já precisaram recorrer a algum apoio financeiro de amigos ou familiares para poder pagar alguma conta?

C: Não se se apareceu apoio, agradeço se tem apoio, Vou agradecer muito.

I: Mas até agora, nunca tiveram apoio?

C: Apoio não tem, não tem apoio.

I: Ok. Alguma vez já sentiu que foi tratado de forma diferente devido à sua condição econômica?

C: Não ainda.

I: O senhor possui número de utente?

C: Sim já tem, já tem.

I: Já possui. Tem médico de família?

C: Médico da família não tem agora em Portugal está difícil, tá difícil, tá difícil. Seja o próprio português e não tem médico familiar.

I: As filhas do senhor estão na escola aqui?

C: Sim, então, estudar.

I: E foi difícil processo?

C: Foi difícil quando a senhora estava com as crianças. Foi difícil, mas estão sempre andar.

I: Mas hoje já está tudo certo?

C: Tudo certo, já está, já está tudo certo.

I: E relativamente a habitação, o senhor MORA em uma casa ou é num quarto, como é que?

C: Está numa casa mais, é sótão. É sótão, vocês têm que andar, abaixar a cabeça. Se não, tô cheio de cicatriz. Cicatriz, se não quer ir na cabeça.

I: E considera que a sua habitação tem as condições necessárias para viver bem?

C: No momento?

I: Sim.

C: No momento porque não tem sítio para ir, estamos vivendo só aí porque não tem também outro dinheiro para acrescentar aí. Se conseguir outras condições, vou mudar de casa.

I: E o senhor tem amigos aqui, Portugal?

C: Ou os amigos tem? Tem os amigos, sim.

I: E qual a origem dos seus amigos?

C: Têm os angolanos, tem os congolenses, tem um Guinness também, os amigos. Sim, sim, da guiné.

I: E o senhor sente se bem acolhido aqui em Portugal?

C: Aqui em Portugal, sim, sim.

I: Teve ou tem dificuldade em relacionar-se com os portugueses?

C: Sim, já estou aqui, não tem como desfazer.

I: Tem momentos de convívio com os portugueses?

C: Não tenho amigo português do momento, por enquanto, ainda não tem.

I: O senhor já sentiu que foi tratado de forma diferente por causa da sua origem?

C: Não, não, não, não.

I: O senhor conhece a cultura portuguesa?

C: Não conhece muito bem, não conheço ainda.

I: Tem ou teve alguma dificuldade em aprender a língua portuguesa?

C: Na língua portuguesa para mim, é mágico como um sol do país em francês. Eu falo português mais de devagar, nem correto, tipo como eles próprios portugueses, ahah, porque nós somos do país de fora. Foi colonizado pelo francês, sim.

I: O senhor aprendeu o português aonde?

C: Aprender em Angola.

I: Em Angola, o senhor viveu lá?

C: Sim, vivi em Angola.

I: E os portugueses? O senhor disse que não tem amigos, não é?

C: Não ainda não tem amigo português, mas só tem um vizinho, vizinha português.

I: Ok, por acaso os portugueses que conhece já demonstraram algum interesse pela sua cultura?

C: *Não ainda, nunca, nunca, nunca.*

I: É, e quais aspetos positivos de ter migrado para cá para Portugal? Qual a parte boa de ter vindo para Portugal?

C: *Como a família já tinha vindo, vindo aqui, eu também não dá para ficar sozinho. Aí fez, fez numa forma, ILEGAL, mas consegui, entrei.*

I: Você vê, entrou então de uma forma ilegal?

C: *Sim, numa forma ilegal.*

I: E como é que foi isso?

C: *Entre aqui em documento angolano, mas eu não sou angolano, Porque não tinha como, não tinha como, porque a família estava a passar mal. Passou então a passar mal e mulher tinha caído de doente, doença. Passou muito mal, as crianças, passou muito mal. Quando estava a escutar isso mesmo, não consegui. Fez tudo mesmo para conseguir chegar aqui. Imagina um documento? Vamos falar em documento falso, documento original, mas de identidade falsa.*

I: E o senhor? Não, não tinha outros parentes, amigos aqui para ajudar a sua mulher que estava aqui?

C: *Aqui é difícil. Aqui para ajudar a pessoa, é muito difícil. Até o próprio amigo que eu tenho aqui, nenhum amigo para te dar daqui 50 ou 10 euros. Nunca me ofereceu nenhum amigo. Complicado.*

I: Mas a parte boa, então, de ter vindo para cá foi estar perto da família, não É?

C: *Só perto da família, sim.*

I: Sim, e poder ajudar nestes momentos mais difíceis também.

C: *É.*

I: E, mas quando a sua mulher passou mal e as meninas também estavam aqui, são menores de idade, não podem trabalhar, não é? Quem é que ficou a sustentar a casa? e a parte financeira, como é que ficou essa parte?

C: *Aí a mulher só fez mesmo, tudo fez mesmo. E passei muito, passou muito mal, mas Deus já Deus cuidou, estamos a subir, só devagar.*

I: O senhor veio de avião?

C: *Sim, sim do vem do avião.*

I: E, quais os aspetos negativos de ter vindo para cá para Portugal?

C: *Não vi nada negativo.*

I: Não conseguiu o emprego?

C: É a única coisa, só aquilo, porque um ano estou aqui e Nunca trabalhei. Tentei de trabalhar em uma empresa só fiz 5 dias e me tiraram. Até hoje a tempo você vai na obra, trabalha só uma semana, 2 de a obra acabou, vai lá, trabalha só 3 dias, A obra acabou.

I: Ah então o senhor pelo menos trabalha é freelancer, né? Trabalha um pouquinho...

C: Mas é difícil tanto tempo que eu venho. Um ano que eu estou aqui, só trabalhei 3 sítios. Nunca trabalhei um mês completo ou 2 semanas completo, só 2 dias, 3 dias, uma semana.

I: Entendi. E aqui a associação tem ajudado o senhor?

C: Não ainda, nunca me ajudou. Ainda não.

I: Mas o senhor tem vindo aqui procurar trabalho?

C: Sim, já peguei o trabalho aqui, só me dê o endereço do trabalho, mas fui lá também... Já 2 meses passado.

[Entrevista se encerra]

Anexo 17 - Transcrição de entrevista com imigrante, Rússia (Versão traduzida)

Entrevista com imigrantes, versão traduzida

Participante 6 e 7, Rússia

Para fins de melhor apresentação de resultados, optou-se por colocar as iniciais dos entrevistados de acordo com as iniciais dos seus países de origem.

Investigadora: Qual é a sua nacionalidade de vocês?

R6: Russos.

I: Ok. E qual a sua idade de vocês?

R7: idade?

I: Sim

R7: Tenho 35 anos.

R6: Eu tenho 36

I: Há quanto tempo vocês estão em Portugal?

R7: Três meses.

R6: Chegamos há três meses.

I: OK. E vocês vieram juntos? Apenas?

R7: Juntos.

I: Você tem filhos ou não?

R6: Sim, temos filhos... Criança, Criança. Uma criança. Filha, Margarida.

I: OK. Ela veio com você?

R7: Sim, claro.

I: Qual é o seu nível de estudo? Quero dizer, ensino médio, universidade, mestrado...?

R6: Eu tenho mestrado.

R7: Eu tenho Bacalava

I: Bacalava, Universidade?

R7: Sim.

I: Ok. Por que vocês saíram do seu país? Por que vocês vieram para Portugal?

R6: Porque aqui o clima é muito bom. O clima é muito bom para nós, ok, para a nossa filha. Este o oceano, este o ar.

I: Ok. Então o clima é bom aqui.

R7: O clima é muito bom para nós.

R6: A instabilidade, e a situação política do nosso país, também nos fez vir.

I: Vocês têm cartão de residente?

R7: Não, não.

R6: Só temos hora marcada para o SEF.

R7: E muitos documentos.

I: Quais documentos vocês têm? Quero dizer NISS, NIF,...

R7: NIF, manifestação, junta...

I: Junta de freguesia

R6: E... a gente tenta abrir uma conta bancária. É difícil para nós, para os russos.

I: Vocês não tem conta no banco?

R6: Não. Em Portugal, não.

R7: Tentamos 2 meses abrir uma conta bancária.

I: Ok. E foi difícil marcar o cartão de residência no SEF?

R6: Sim, é difícil. Pedimos ajuda, ajuda, ajuda de outras pessoas.

I: Você pediu ajuda a alguém?

R7: Para quem mora aqui, sim

R6: Não, deixe-me traduzir.

I: Não se preocupe.

R6: Assistência. Assistência. Sim, tivemos assistência para podermos marcar.

I: Certo, mas onde? aqui?

R7: Sim, aqui em Portugal.

I: Mas nessa associação?

R7: Sim, nesta associação e assistência.

I: E você tem trabalho? Você está trabalhando aqui em Portugal?

R6: Trabalhamos remotamente em nosso país.

R7: Tenho trabalho na Rússia e na Turquia, em qualquer país.

R6: Trabalhamos remotamente. Distância, remotamente.

I: Ah, tá. Então você ainda trabalha...

R7: Trabalho remotamente, mas quero trabalhar em Portugal, talvez ano que vem, talvez eu esteja trabalhando, trabalhando...

I: Mudar?

R7: Mudar sim, porque sou Arquiteta e Designer.

I: E você pode trabalhar com essa distância...

R7: Agora com distância, sim. Mas quero trabalhar em Portugal.

R6: Em Portugal, noutro país, Europa, Europa...

R7: Porque minha profissão é muito interessante Designer e arquiteta.

I: E qual é a sua profissão?

R6: Minha profissão?

I: Sim.

R6: Eu tenho negócios na área de produtos químicos.

I: Ah legal. Qual é a moeda do russo, não é um euro, certo?

R6: Eu tenho euros, em dinheiro.

I: Não, não, não. Quero dizer, na Rússia, é outra moeda, certo?

R6: Como podemos transferir?

I: Qual é o nome da moeda russa?

R6: Rublo russo.

I: E o euro é mais caro ou...? Como é?

R7: Agora? Sim.

R6: Um euro são 100 rublos russos.

I: Aí meu Deus!

R6: Mas o custo dos itens é o mesmo da Rússia.

I: Aqui e na Rússia é a mesma coisa?

R6: Sim.

I: E o salário é parecido?

R6: Salário em Portugal, talvez, mesmo para capital, porque em outras cidades o salário é menor, menor, talvez 500€ no máximo, por mês.

I: Sobre a renda mensal você acha que o seu salário convertido é suficiente para pagar suas despesas e ter uma boa condição aqui?

R6: Em bom estado... 2000€ talvez 4-3 pessoas porque em Lisboa o preço de custo do aluguer como Moscovo é de 1 mil 1200 euros e precisamos de mais 500 euros para comida, roupa.

I: Sim, sim, tudo é muito caro. Precisam ou já precisaram de ajuda para pagar alguma coisa aqui? Quero dizer amigos ou familiares para pedir dinheiro emprestado.

R6: Não, não tenho amigos em Portugal. Meus pais moram na Rússia.

R7: Meus pais moram no Cazaquistão. Eu nasci no Cazaquistão.

I: Você sente que foi tratado de forma diferente por causa da sua condição econômica?

R6: Não entendemos agora porque nós chegamos a pouco tempo. Sabemos apenas o preço da comida, o preço do restaurante, o valor de transporte, talvez mais na Rússia apenas para alugar mais na Rússia do que em uma capital.

I: Ok. Você recebe alguma ajuda aqui? Quero dizer por comida, um cabaz de alimentos ou algumas roupas. Vocês recebem algo assim de algum apoio neste sentido? Algo assim?

R6: Recebemos?

I: Sim, alguém deu a vocês?

R7: Não, não.

I: Alguém ohh "Estou dando roupas para você, comida porque você precisa da minha ajuda", assim. Algumas associações, algumas instituições, algumas...

R6: Nós não sabemos sobre isso.

I: Mas vocês precisam ou precisaram de alguma ajuda econômica?

R7: Não, não.

I: Neste ponto você está bem. Você só precisa de ajuda com documentos?

R7: Sim.

R6: Refugiados, refugiados, refugiados.

I: Não, não estou falando de Refugiados.

[Eles falam um com o outro em sua língua materna]

R7: Sim, cartão de residente, sim. OK, então apenas esta ajuda.

R6: Nosso salário é suficiente.

I: Ok, sem problemas. Você tem acesso à saúde aqui? Número de utente?

R7: Não, mas eu quero agora, semana que vem, talvez na semana que vem eu pego niss e depois eu pego número de utente.

R6: Podemos abrir o número de utente.

R7: Como a busca de um documento e, em seguida, dois documentos, três documentos.

I: Ok. E sobre a ida da sua filha para a escola. Ela está na escola?

R7: Sim, ela estuda a distância.

R6: Escola a Distância

R7: Na Rússia. Mas talvez, talvez ela o faça no próximo semestre.

R6: Ela não conhece a língua.

I: Ela está estudando português?

R7: Não, não, não. Rússia. Rússia. Sim. Mas talvez no próximo ano. Ela vai estudar em Portugal.

I: Ok. Você tem amigos portugueses?

R7: Sim, sim, eu tenho. Minha amiga é a Tatiana. Ela é professora. Sim, professor. Professor de português. "Estou a aprender português".

I: Muito bom! Sim!

R7: Sente-se bem-vindo em Portugal?

R6: Os portugueses são simpáticos.

R7: Pessoas maravilhosas e sorridentes.

R6: E úteis em muitas situações.

I: Muito bom. Então, teve alguma dificuldade em relacionar-se com os portugueses? conversar, conversar...

R7: Não.

I: Você já foi tratado de forma diferente por causa da sua origem? por ser imigrante?

R6: A gente tem dificuldade de abrir conta em banco, por exemplo.

I: Mas só porque vocês são russos?

R6: Porque, porque somos cidadãos russos, sim. Eles disseram que os cidadãos russos são... eu preciso, eu preciso fazer check-in, fazer check-in mais, mais, fazer check-in necessário mais...

R7: Nossos documentos, nossa família.

I: E a sua casa? Vocês moram em um quarto ou em um apartamento? Como vocês vivem?

R7: *Sim, temos um apartamento. Isso é uma coisa boa.*

I: Um quarto, 2 quartos, 3?

R6: *T1.*

R7: *Sim, nossa vista é o oceano. É muito bom para nós.*

R6: *É o nosso sonho. [risada]*

I: Legal, estou feliz por vocês. E vocês conhecem a cultura portuguesa?

R7: *Sim, sim, eu gosto.*

I: Do que vocês gostam? da Comida?

R6: *Eu gosto de frutos do mar.*

I: Ah, eu amo frutos do mar.

R7: *Pastel de nata, bacalhau, ginja, drinks e vinhos....*

I: Vocês têm hábitos portugueses em casa?

R7: *Temos azulejos portugueses em casa.*

I: Bonito.

R7: *Tábua para queijos, azulejo...*

R6: *São souvenirs.*

I: Ok. Legal. Vocês têm alguma dificuldade em aprender português?

R7: *Sim, difícil, difícil para mim, mas para mim é uma nova atmosfera, linguagem. Mas neste momento estudo... e talvez conheça pessoas e transportes. E é muito difícil a gente ter conta em banco, muitos documentos, muitas vezes.*

I: Ok. Achas que a comunidade de acolhimento, os portugueses, se interessam pela tua cultura? cultura russa?

R7: *Talvez comida.*

R6: *borscht [palavra russa] Na Rússia existem feriados diferentes, religiões, feriados são diferentes. Porque nós temos [palavra russa]. Na Europa Católica.*

I: Católico, tudo bem e você tem outra religião, né?

R6: *Sim, e roupas...*

I: Então, você tem uma boneca

R7: *Sim, Matrioska [risos]*

R6: Mas não temos na nossa casa [risos]

I: Quais são os aspectos positivos de ter migrado?

R6: Acho que isso é sobre o futuro da minha filha. Isto é para o estudo dela.

I: Você acha que ela vai ter uma boa qualidade de estudo aqui?

R7: Sim, sim.

I: Ok.

R6: Pensamos na educação porque a educação russa não é de qualidade. Na Rússia, sim, essa educação é suficiente. Queremos educação internacional para nossa filha.

I: Ok. Você também veio porque discorda da guerra?

R6: Sim. Somos neutros. Porque este é um processo muito complexo.

I: Ok. E quais são os aspectos negativos de ter migrado?

R7: Talvez um lixo, lixo.

I: Sim, no chão?

R6: Sim, porque tem Cigarro nas ruas, na estrada. Na estrada, sim. Na rua, sim. Isso não é bom para nós e...

[entrevista termina]

Anexo 18 - Transcrição de entrevista com imigrante, Rússia (versão original)

Entrevista com imigrantes, versão original (inglês)

Participantes 6 e 7, Rússia

Para fins de melhor apresentação de resultados, optou-se por colocar as iniciais dos entrevistados de acordo com as iniciais dos seus países de origem.

Interviewer: What is your nationality?

R6: Russian.

I: Ok. And what is your age?

R7: Age?

I: Yeah

R7: I'm 35 years old.

R6: I'm 36

I: How long are you in Portugal?

R7: Three months.

R6: We arrived three months ago.

I: OK. And did you come together? only?

R7: Together.

I: Do you have children or not?

R7: Yes, we have children... Child, Child. One child. Daughter, Margarita.

I: OK. Did she come with you?

R7: Yes, of course.

I: What is your level of study? I mean, high school, university, masters...?

R6: I have a master's, Diploma.

R7: I have Bacalava

I: Bacalava, is a University?

R7: Yes.

I: Ok. Why did you leave your country? Why did you come to Portugal?

R7: Because here the climate is very good. Climate is very good for us, ok, for our child. This is the ocean, this is air.

I: OK? So, the weather is good.

R7: The weather is very good for us.

R6: There is instability, and the political situation in our country, also makes us come.

I: Do you have a resident card?

R7: No, not.

R6: We only have just an appointment to SEF.

R7: And many documents.

I: Which documents do you have? I mean NISS, NIF,...

R7: NIF, manifestação, junta...

I: Junta de freguesia.

R6: And... we try to open a bank account bank. It's difficult for us, for Russians.

I: You don't have a bank account?

R6: No. In Portugal, no.

R7: Tried 2 months to open a bank account.

I: OK. And it was difficult to make an appointment for a residence card with SEF?

R6: Yes, it is Difficult. We ask help, help, help from other people.

R7: Who live here, yes.

I: Did you ask for help from someone?

R7: Yes.

R6: No, translate.

I: Don't worry.

R6: Assistance. Assistance. Yes, we have assistance so we can take appointments.

I: OK, but where? here?

R7: Yes, here in Portugal.

I: But in this association?

R7: Yes, in this association and assistance.

I: And do you have work? Are you working here in Portugal?

R6: We work remotely in our country.

R7: I have work in Russia and Turkey, any country.

R6: We work remotely. Distance, remotely.

I: Ah, ok. So you still work...

R7: I have a network in Portugal, but I want maybe next year, maybe I will be working, working...

I: change?

R7: Change the Work because I'm an architect and designer.

I: And you can work with this distance...

R7: Right now with distance, yes. But I want to work in Portugal.

R6: In Portugal, in another country, Europe, Europe...

R7: Because my profession is very interesting Designer and architect.

I: And what is your profession?

R6: My profession?

I: Yeah.

R6: I have business in chemical production.

I: Oh nice. What the coin of Russian is, this is not a euro, right?

R6: I have euro, in cash.

I: No, no, no. I mean in Russia. Is another coin, right?

R6: How can we transfer?

I: What is the name of the Russian Coin?

R6: Russian Ruble.

I: And euro is more expensive or...? How is it?

R7: right now? Yes.

R6: One euro is 100 Russian rubles.

I: Oh my God.

R6: But the cost of items is the same as in Russia.

I: Here and Russia is the same?

R6: Yes.

I: And the salary is similar?

R6: Salary in Portugal, maybe, same for capital, because in other cities the salary is smaller, smaller, maybe €500 maximum per month.

I: About monthly income do you think your converted salary is enough to pay your expenses and have a good condition here?

R6: A good condition...€2000 maybe 4-3 people because in Lisbon the cost price for rent like Moscow is 1 thousand 1200 euros and we need 500 hundred euros more for food, clothes.

I: Yeah, yeah, everything is very expensive. Do you need or already need some help to pay something here? I mean some friends or family to friends or relatives to borrow money.

R6: No, I don't have friends in Portugal. My parents live in Russia.

R7: My parents live in Kazakhstan. I was born in Kazakhstan.

I: Do you feel you were treated differently because of your economic condition?

R6: We don't understand now because we have little time left. We know just the price of food, restaurant price. It's saying it's saying in transport, transport, maybe more in Russia just to rental is more in Russia in a capital.

I: Ok. Do you receive some help here? I mean By food, like a basket of food or some clothes. Do you receive something like this from some association from the government? Something like this?

R6: Receive?

I: Yeah, someone gave it to you?

R7: No, no.

I: Someone ohh "I'm giving clothes for your food because you need my help", like this. Some associations, some institutions, some...

R6: We don't know about this.

I: But do you need some economic help?

R7: No, no.

I: At this point you are OK. You just need help with documents?

R7: Yes

R6: Refugees, refugees, refugees.

I: No, I'm not talking about Refugees.

[They talk to each other in their mother tongue]

R7: Yes, resident card, yes. OK then just this help.

R6: Our salary is enough.

I: Ok, no problem. Do you have access to health here? Number of utente?

R7: No, but I want now next week, maybe next week I will get niss and then I will get número de utente.

R6: We can open número de utente.

R7: Like quest one document and then two documents three documents.

I: Ok. And how about for your daughter to go to school. Is she at school?

R7: Yeah, she studies distance.

R6: Distance School

R7: In Russia. But maybe, maybe she will next semester.

R6: She doesn't know the language.

I: Is she studying Portuguese?

R7: No, no, no. Russia. Russia. Yes. But maybe next year. She will study in Portugal.

I: Ok. Do you have Portuguese friends?

R7: Yes, yes, I have. My Friend is Tatiana. She's a teacher. Yeah, teacher. Portuguese teacher. "Estou a aprender português".

I: Very nice! Yeah!

R7: Do you feel welcome in Portugal?

R6: Portuguese people are Friendly.

R7: Wonderful people and smile.

R6: And helpful in a lot of situations.

I: Very nice. So, did you have any difficulty relating to Portuguese people? to talk, to have a conversation...

R7: No.

I: Have you ever been treated differently because of your origin? because you are an immigrant?

R6: We have difficulty opening a bank account, for example.

I: But only because you are Russian?

R6: Because, because we are Russian citizens, yes. They said that Russian citizens are... I need, I need to check in, check in more, more, check in needed more...

R7: Our documents, our family.

I: And how about your house? Do you live in a room or in an apartment? How do you live?

R7: *Yes, we have an apartment. That's a good thing.*

I: One room, 2 rooms, 3?

R6: *T1.*

R7: *Ok, but our view is the ocean. It is very good for us.*

R6: *It's our dream. [laughter]*

I: Nice, I'm happy for you. And do you know about Portuguese culture?

R7: *Yeah, yeah, I like it.*

I: What do you like? Food?

R6: *I Like Seafood.*

I: Oh, I love seafood.

R7: *Pastel de nata, bacalhau, ginja, drinks wine...*

I: Do you have any Portuguese habits at home?

R7: *We have azulejo in our house.*

I: Cute.

R7: *Desk for cheese, azulejo...*

R6: *It's souvenir.*

I: Ok. Nice. Do you have some difficulties learning Portuguese?

R7: *Yeah, difficult, difficult for me, but for me, it's a new atmosphere, language. But right now, I study... and maybe know people and transport. And it is very difficult for us to have a bank account, many documents, many times.*

I: Ok. Do you think that the host community, the Portuguese, show interest in your culture? Russian culture?

R7: *Maybe food.*

R6: *borscht [Russian word] In Russia There are different holidays, religions, holidays are different. Because, we have [Russian word]. In Europe Catholic...*

I: Catholic, ok and you have another religion, right?

R7: *Yes, and clothes...*

I: So, you have a doll.

R7: *Yeah, Matrioska* [laughter]

R6: *But we don't have in our house* [laughter]

I: What are the positive aspects of having migrated?

R7: *I think this is about the future of my daughter. This is for her study.*

I: Do you think she will have a good quality of study here?

R7: *Yes, yes,*

I: *Ok.*

R6: *We think about education because Russian education is not quality as a country. In Russia, yes, this education is enough. We want international education for our daughter.*

I: *Ok. Did you also come because you disagree with the war?*

R6: *Yeah. We are neutral. Because this is very different process.*

I: *Ok. And What are the negative aspects of having migrated?*

R7: *Maybe a garbage, lixo.*

I: *Yeah, on the floor?*

R7: *Yeah, this is because there are Cigarettes on streets, in the road. On the road, yes. In the street, yes. This is not good for us and...*

[interview ends]

Anexo 19 - Transcrição de entrevista com imigrante, Nepal (versão traduzida)

Entrevista Imigrante, versão traduzida

Participante 8, Nepal

Para fins de melhor apresentação de resultados, optou-se por colocar as iniciais dos entrevistados de acordo com as variantes dos seus países de origem.

Investigadora: Qual é a sua nacionalidade?

N: Nepal, Nepal.

I: Quantos anos você tem agora?

N: Tenho 26 anos.

I: Há quanto tempo você está em Portugal?

N: Três anos agora.

I: Com quem você veio?

N: Sozinha.

I: Ok. Com quem você mora?

N: Agora com meu primo. No momento, já se passaram 6-7 meses.

I: Ok, qual é o seu nível de escolaridade?

N: Sou bacharel, completo. Então, acabei de terminar.

I: Universidade?

N: Sim, acabou.

I: Em que área?

N: No Nepal. Mas apesar de ser assistente social no Nepal, me formei em jornalismo e Serviço Social.

I: Como eu. Legal! O que te fez sair do seu país?

N: Por uma vida melhor, como bens culturais. Nasci no Nepal, então só quero saber sobre outros países e como era a vida. Então, acabei de me mudar.

I: Mas o que foi ruim no Nepal para você?

N: Não, não é assim. Então, eu vim para a Holanda primeiro. Gosto do meu trabalho porque também trabalhei em uma ONG quando estava no Nepal, então tem um workshop. O campo que estou procurando é um programa, então tenho que ir lá e fazer o trabalho do projeto. Então, naquela época, o Corona veio e tudo, então tive que vir, se possível.

I: E porque escolheu Portugal como destino?

N: Porque aqui a gente consegue o cartão de residência, eu ouvi. Então, depois de obter um cartão de residência, talvez, pensei, eu consiga mais facilidades. Vai ser mais fácil, para o cartão de residência, se você está comparando com outros países.

I: Você tem cartão de residente?

N: Sim, já se passaram 3 meses. Finalmente, depois de dois anos e meio, consegui. Porque eu vim em 2020 e por causa de alguns papéis, alguns documentos, já era tarde então.

I: Que trabalho você tinha antes do atual? Antes deste.

N: Antes desse eu também trabalhava em um café.

I: Café?

N: Sim

I: Ok, em Portugal?

N: Sim.

I: E quais condições? Você tinha contratos?

N: Não, não. Sem contrato, falaram porque eu preciso muito do trabalho aqui, é muito difícil arrumar emprego. Eles disseram que “eu não vou te dar um contrato”. “Mas vou te dar um emprego”, então tive que trabalhar assim porque preciso de dinheiro para sobreviver. Não pude perguntar aos meus pais, se eu dissesse a eles que eles vão me ligar. Então, não quero voltar de mãos vazias.

I: Mas então, era um trabalho normal ou?

N: Não, é um trabalho regular. Disseram que era meio período, mas tive que trabalhar 12 horas, às vezes 10 horas sem contrato e com menos dinheiro.

I: Sobre o seu trabalho atual, qual é a nacionalidade do seu empregador?

N: Sim, eu trabalho na cozinha. Então, na cozinha todos nós somos asiáticos, como de Bangladesh e ...

I: Sim, sim, estou falando do seu chefe.

N: O dono do restaurante?

I: Sim, sim.

N: Ouvi dizer que ele é de Israel, então agora talvez ele tenha se tornado português.

I: Ok, você tem contrato de trabalho?

N: Sim

I: Ok. Fazem desconto para a Segurança Social?

N: Não, nunca.

I: Talvez sim, e você não sabe.

N: *Ohh pelo trabalho, eles cortaram 11 por cento do salário. Então, sim, eles cortaram, obviamente eles cortaram. Eles também cortam para a comida.*

I: Seu salário mensal, você considera suficiente para pagar suas despesas mensais?

N: *Não, porque aqui tem sido muito difícil, tipo salário base e tudo agora está aumentando dia a dia, isso é fechar tudo. Então, é um pouco difícil.*

I: Sim. Você precisa ou já precisou de apoio econômico de outras pessoas? Ou alguma instituição?

N: *Não. Aqui, sempre que eu precisar de alguma coisa ou quando não tiver dinheiro, eu vou ligar para os meus pais, eles vão mandar. Mas aqui eu não pedi a ninguém.*

I: Você já sentiu que foi tratada de forma diferente por causa de sua situação econômica?

N: *Situação, não, não. Nunca. Não é a minha situação econômica, mas como estrangeiro, há muita discriminação.*

I: Recebe algum apoio social, como um cesto de comida ou alguma ajuda para alojamento ou roupa?

N: *Não, não.*

I: Sobre o seu acesso aos serviços de saúde (SNS), você tem um número (número de utente)?

N: *Sim, eu tenho. Isso significa número SNS. Eu tenho. Sim, sim, eu tenho.*

I: Você tem médico, médico de família?

N: *Não, não, porque eu pedi. Eles disseram que está muito ocupado agora. Eles não podem fornecer.*

I: E como foi o processo para ter o número da saúde?

N: *Como se fosse como se mudasse todos os dias. Se eu fosse lá, eles diziam “ohh faz isso”, e depois disso eu tentava. Simplesmente não funciona, então de novo eu tenho que ir... É um pouco difícil, mas agora eu me inscrevi online.*

I: Você pediu ajuda a alguém?

N: *Sim, há alguns portugueses quando trabalhei em cafés. Eles foram muito legais em me ajudar.*

I: Ah, que bom! Alguns colegas...

N: *Sim, com alguns colegas.*

I: Então, você tem um diploma universitário, certo?

N: *Sim, do Nepal, não aqui, sim, mas...*

I: Está disponível aqui?

N: *Sim, sim. Se eu quiser, estudarei para isso porque quando estava no Nepal estava estudando para o mestrado e tinha que ir para o workshop, então o deixei. E você não quer trabalhar assim. Aqui quero tentar na minha área, mas devido ao problema do idioma é um pouco difícil de achar.*

I: Ok. Tens um amigo em Portugal?

N: *Sim, do trabalho, mas agora eles foram embora. Sim, eu tenho alguns amigos fofos.*

I: E seus amigos são de onde?

N: *Eles são do Brasil. Eu tenho dois. Carol e Hillary. Sim, isso é tão bom. Eles me ajudam muito, principalmente a Carol.*

I: Legal!! Sente-se bem-vindo em Portugal?

N: *Na verdade não, mas é assim mesmo.*

I: OK, tens uma relação fácil com os portugueses?

N: *Não, não. Por causa do idioma, eles não gostam de falar em inglês e eu estou tentando aprender português, então é difícil aqui.*

I: Você tem um momento com os portugueses?

N: *Sim, eu tenho, como quando eu estava trabalhando em um café, aquela família costumava me ligar nos fins de semana. Então, eu tenho algumas memórias. É realmente bom.*

I: OK. Você já sentiu que foi tratado de forma diferente por ser imigrante?

N: *Sim, muitas vezes, mesmo que eu vá às compras, é a mesma coisa. Se eu fosse para o hospital seria a mesma coisa. É em qualquer lugar, você só precisa se controlar.*

I: Porquê?

N: *Não sei. Por exemplo quando vou ao Pingo Doce, se tem fila ou assim, não é a cor, tipo, até eu não posso dizer negros ou brancos, não sei. Mas eles empurram, isso é uma coisa muito ruim, e eu tenho que ficar de lado, e então eu vou. É assim até nos gabinetes da Segurança Social, em todo o lado é assim. Sim, talvez eles pensem que somos asiáticos, não sabemos como falar português ou alguma coisa. Então, eles realmente não se importam. É assim em muitos lugares.*

I: Conhece a cultura de Portugal?

N: *Sim, eu gosto do Natal e coisas assim. Eles colocam um pouco de maquiagem nos olhos. Eu não sei o nome. Algo parecido. Sim, um pouco.*

I: E você incorporou algum hábito da cultura portuguesa?

N: *Desculpe.*

I: Você incorporou algum hábito português?

N: Não. Cultura não.

I: Você teve alguma dificuldade para aprender a língua portuguesa?

N: Sim, porque estou tentando entrar na escola, mas é muito difícil conseguir um horário, então, às vezes, vejo pelo meu telefone, mas não está dando certo. Então, isso é um pouco difícil.

I: Mas você está indo para a escola?

N: Não, para ir à escola temos que marcar hora. Eles vão nos ligar ou algo assim. Mas já se passaram 6-7 meses. Não chegaram a ligar. Talvez esteja ocupado ou algo assim, não sei.

I: Mas é de graça?

N: Talvez. Não sei. Antes eu não tinha o cartão de residência, então falaram que não é permitido. Então, alguns dos meus sobrinhos estão tentando conversar com eles, mas eu não quero ir porque é muito caro.

I: Os portugueses demonstram interesse pela sua cultura?

N: Como na minha cultura? Sim, aqui, como Larissa, viu nosso festival, quando é nosso festival, como tentamos fazer uma sobremesa. E ela sempre dizia coisas boas. Sim, alguns amigos estão tão interessados. É bom. É um pouco bom para nós.

I: Você já teve a oportunidade de divulgar sua cultura, certo?

N: No trabalho. Mas fora, não faço ideia porque não tenho solução.

I: Então, como foi a reação quando você mostrou sua cultura?

N: Funcionou como se fosse positivo, mas por fora não faço ideia. Gostei muito de uma hora, por exemplo, da última vez, tivemos um Ano Novo, é diferente, então é bom. Todos apreciaram. Então, eu gosto disso.

I: Ok, você mora no seu quarto em um apartamento?

N: Eu vivo compartilhando.

I: Com seu primo, né?

N: Sim, agora mesmo. Antes, era como cinco pessoas em um quarto e eles simplesmente não davam nada, só um colchão, mais nada. Então, é como se fosse muito difícil antes, mas agora meu primo comprou uma casa aqui, então eles se estabeleceram aqui da Alemanha, então agora é fácil.

I: Mas agora vocês ainda dividem, mas numa casa. Uma casa grande?

N: Sim.

I: Mas quantos quartos?

N: Sim, tem 2 quartos, uma sala de estar e 1 hall. Então, em um quarto eu e minha irmã e em outro quarto meu irmão, sua esposa e seu filho.

I: Legal. Sim, agora é bom para toda a sua família.

N: Sim, isso é bom por enquanto.

I: E quais são os aspectos positivos de ter migrado?

N: Um positivo?

I: Sim.

N: Oh, para mim, eu adoro viajar. Então, por aqui eu gostaria de ter cada momento aqui. A cultura e as pessoas, tipo o seu ponto de vista, de tudo. Então, sim, sim, sim, é bom.

I: E quais são os aspectos negativos de ter migrado?

N: Tipo, se você não sabe... Eu não sei o idioma é a principal desvantagem e ser "marrom" também em alguns lugares, é assim. O principal é a linguagem. Se eu soubesse o idioma, talvez eles poderiam ver isso de uma forma positiva.

I: OK, então você acha que os imigrantes são discriminados?

N: Sim, 1000% posso dizer.

I: E porquê?

N: Teremos visões diferentes, ok? Para mim, como eu moro em Alcântara agora, antes de morar na Alameda. E quando falo com a polícia, gente que fala inglês, eles falam que por causa dos imigrantes, existe poluição, e sujeira. Tudo o que eles (imigrantes) jogam na estrada. Talvez por isso também estejam nos tratando mal ou não sei, talvez cada um tenha seu ponto de vista.

I: Então, o que deve ser feito para superar esse problema?

N: Talvez devesse haver uma lei estrita. OK, se as pessoas se tornarem livres, elas pensam que podem fazer tudo. Então talvez os governos devam nos trazer leis rígidas para imigrantes também, e para os daqui também.

I: E quando você sentiu que foi tratada de forma diferente, como você se sentiu?

N: Como naquela época, eu realmente sinto falta do meu país de origem, porque eles são tipo, como se nada disso acontecesse, como essa conexão. As pessoas falam tão bem, e aqui mesmo que eu tente falar em português dizendo "oh, por favor me ajude" ou algo assim, eles realmente me ignoram. Então, de alguma forma, é como ansiedade.

I: Que estratégia você usou para superar essa situação?

N: Sim, como eu falo um pouco de português, e eu disse, eu disse "desculpa, falo pouco português" assim para sobreviver. Se as pessoas estão falando comigo, falam algo "oh oh" e depois se eu tiver que dizer algo eu só continuo com esse "pouco, pouco português" e eu tenho que dizer tchau.

I: Apenas para tentar ter alguma empatia.

N: Sim

I: E você procurou alguém para te apoiar nesse momento?

N: Sim, do meu país natal. Agora que consegui a conta da residência, talvez eu possa trazer meu companheiro e será fácil para nós dois. Mas aqui de portugueses ou brasileiros, não.

[entrevista termina]

Anexo 20 - Transcrição de entrevista com imigrante, Nepal (versão original)

Entrevista com imigrante, versão original (inglês)

Participante 8, Nepal

Para fins de melhor apresentação de resultados, optou-se por colocar as iniciais dos entrevistados de acordo com as iniciais dos seus países de origem.

Interviewer: What is your nationality?

N: Nepal, Nepal.

I: How old are you now?

N: I'm 26.

I: How long are you in Portugal?

N: Three years now.

I: Who did you come with?

N: Alone.

I: Ok. Who do you live with?

N: Now it's with my cousin. Right now, it's been like 6-7 months.

I: Ok, what is your education level?

N: I have a bachelor's degree, complete. So, I just finished.

I: University?

N: Yeah, it's finished.

I: In what area?

N: In Nepal. But even though I'm a social worker in Nepal, I graduated in journalism and social work.

I: Like me. Nice! What made you leave your country?

N: For a better life, like cultural assets. I was born in Nepal, so I just want to know about other countries and how life was. So, I just moved.

I: But what was bad in Nepal for you?

N: No, it's not like that. So, I came to the Netherlands at first. I like my work because I also worked at an NGO when I was in Nepal, so there is a workshop. The field I am

looking for is a program, so I have to come there and do the project work. So at that time corona came and everything, business, so I have to come if possible.

I: And why did you choose Portugal as a destiny?

N: Because here we can get the residency card, I heard. So, after getting a residency card, maybe, I thought, I can get some more facilities. It's gonna be easier. Yeah, for the residency card, it says you're comparing to other countries.

I: Do you have a resident card?

N: Yeah, it's been like 3 months. Finally, after two and half years I got it. Because I came in 2020 and because of some paper, uh, some like file documents, it's been late so.

I: What job did you have before your current one? Before this one.

N: Before this one I also worked for the room like in the coffee shop, coffee shop.

I: Coffee shop?

N: Yeah.

I: OK, in Portugal?

N: Yeah.

I: And which conditions? Did you have contracts?

N: No, no. Without a contract, they said because I really need the job here, it's too difficult to find the job. They said I will not give you a contract. But I will give you a job, so I have to work like that because I need money to survive. I couldn't ask my parents if I said to them that they will call me. So, I don't wanna go back with my hands empty.

I: But so, was it a regular job or?

N: No, it's a regular job. They said it was part time, but I had to work for 12 hours, sometimes for 10 hours without a contract and less money.

I: About your current job now, what is your employer's nationality?

N: Yeah, I work in the kitchen. So, in the kitchen we all are Asian, like from Bangladesh...

I: Yeah, yeah, I'm talking about your boss.

N: The owner of the restaurant?

I: Yeah, yeah.

N: I heard he's from Israel, so now maybe he became Portuguese.

I: Ok, do you have an employment contract?

N: Yeah.

I: Ok. Do you make a discount for Social Security?

N: No, never.

I: Maybe they do, and you don't know.

N: *Ohh for the work, they cut 11 percent from the salary. So yeah they cut it, obviously they cut it. They also cut it for the food.*

I: Your monthly salary, do you consider it enough to pay your monthly expenses?

N: *No, because it's been too difficult here, like basic salary and everything now is increasing day by day, that's to close everything. So, it's a little bit difficult.*

I: Yeah. Do you need or have you needed economic support for other people? Or some institution?

N: *No. Here, whenever I need something or when I don't have money, I will call my parents, they will send. But here I didn't ask anybody.*

I: Have you ever felt that you were treated differently because of your economic situation?

N: *No, no, no. Never. No, no, not my economic situation, but as an outsider, there is a lot of discrimination.*

I: Do you receive any social support, such as a basket of food or some help for accommodation or clothing?

N: *No, no.*

I: About your access to health services (SNS), do you have a number (número de utente)?

N: *Yeah, I have. That means SNS number. I have. Yeah, yeah, I have.*

I: Do you have a doctor, Family doctor?

N: *No, no, because I asked for them. They said it's too busy right now. They can't provide.*

I: And how was the process to have the health number?

N: *Like it's it's it's been like changing every day. If I went there, they said ohh do this is this and after that I tried. It just doesn't work, so again I have to go... It's a little bit difficult but now I have applied online.*

I: Did you ask someone for help?

N: *Yeah, some Portuguese when I worked at cafes. They were really nice to help me.*

I: Ohh nice! Some colleagues...

N: *Yeah, some colleagues.*

I: So, you have a university degree, right?

N: Yes, *From Nepal, not here, yeah, but.*

I: Is it available here?

N: *Yeah, yeah. If I want to do it, I will study for that because when I was in Nepal I was studying for a masters and I had to go for the workshop, so I left. And you don't want to work like this. Here I want to try in my field, but due to the language problem, it's a little bit difficult to find.*

I: Ok. Do you have a friend in Portugal?

N: *Yeah, from work, but now they left. Yeah, I have some cute friends.*

I: And where are your friends from?

N: *They're from Brazil. I have two. Carol and Hillary. Yeah, that's so good. They help me a lot, especially Carol.*

I: Nice!! Do you feel welcome in Portugal?

N: *Not really, but it's like that.*

I: OK, do you have an easy relationship with the Portuguese people?

N: *No, no. Yeah, because of the language, they don't like to talk in English and I'm trying to learn Portuguese, so it's difficult here.*

I: Do you have a moment with the Portuguese people?

N: *Yeah, I have, like when I was working at a cafe, that family used to call me on weekends. So, I have some memories. It's really good.*

I: OK. Have you ever felt that you were treated differently because you are Immigrants?

N: *Yeah, many times even if I went shopping, it's the same. If I went to the hospital it would be the same. It's like everywhere, you just need to manage yourself.*

I: Why?

N: *I don't know. For example, when I go to Pingo Doce, if there is a line or something, it's not the color, like, even I can't say black people or white I don't know. But they push, this is something really bad, and I have to keep aside and then I go. It's like that even in Social Security offices, everywhere it's like this. Yeah, maybe they thought we are Asian, we don't know how to talk in Portuguese or something. So, they really don't care. It's like this in many places.*

I: Do you know the culture of Portugal?

N: *Oh yeah, I like Christmas and something like that. They put some makeup on their eyes. I don't know the name. Something like that. Yeah, a little bit.*

I: And did you incorporate any habits of Portuguese culture?

N: *Sorry.*

I: Did you incorporate any habits of Portuguese?

N: *No. Culture no.*

I: Did you have any difficulty learning the Portuguese language?

N: *Yeah, because I'm trying to cast the school but it's really hard to get an appointment so sometimes, I look by my phone but it's not really working out. So, this is a little difficult.*

I: But are you going to school?

N: *No, to go to school, we have to make an appointment. They will call us or something. But it's been like 6-7 months. They didn't get to call. Maybe it's busy or something, I don't know.*

I: But it's for free?

N: *Maybe. I don't know. Before I didn't have the residency card, so they said it's not allowed. So some of my nephews are trying to talk to them, but I don't want to go there because it's so expensive.*

I: Do the Portuguese people show interest in your Culture?

N: *Like in my culture? Yeah, here, like Larissa, see our festival, when it's our festival, like we try to make some dessert. And she always said good things. Yeah, some friends are so interested. It's good. It's a little bit good for us.*

I: Have you ever had the opportunity to promote your culture, right?

N: *At work. But outside I have no idea because I don't have a solution.*

I: So how was the reaction when you showed your culture?

N: *It worked, like it was positive but outside I have no idea. I really enjoyed one hour, for example last time, we had a new year, it's different, so it's good. Everybody appreciated it. So, I like that.*

I: Ok, Do you live in your room in an apartment?

N: *I live sharing.*

I: With your cousin, right?

N: *Yeah, right Now. Before, like it's like for five people in one room and they just give a mattress, nothing else. So, it's like it's really difficult before, but now my cousin bought a house here, so they just settled here from Germany, so now it's easy.*

I: But now you still share, but in a house. A big house?

N: Yeah.

I: But how many rooms?

N: Yeah, there are 2 bedrooms, one sitting room, and 1 hall. So in one room me and my sister and in another room my brother and his wife and his child.

I: Nice. Yeah, it's now good for all your family.

N: Yeah, that's nice for now.

I: And what are the positive aspects of having migrated?

N: Positive?

I: Yeah.

N: Ohh, for me, I love to travel. So, for here I would like to catch each and every moment here. Culture and people, like their point of view, everything. So yeah, yeah, yeah, it's good.

I: And what are the negative aspects of having migrated?

N: Like if you don't know... I don't know the language is the main disadvantage and to be "Brown" also in some places, it's like that. The main thing is language. If I knew the language, maybe they could see it in a positive way.

I: OK, so do you think immigrants are discriminated against?

N: Yeah, 1000% I can say.

I: And why?

N: We will have different views, OK? For me, like I live in Alcântara right now, before I live in Alameda. And when I talk to the police, people who speak English, they say that because of immigrants, there is pollution, and dirty. Everything they throw on the road. Maybe because of that also they are treating us badly or I don't know, maybe, everybody has their own point of view.

I: So, what should be done to overcome this problem?

N: Maybe there should be a strict law. OK, if people become free they think that they can do everything. So maybe the governments should bring us strict laws for immigrants also and for those from here also.

I: And when you felt that you were treated differently, how did you feel?

N: Like at that time, I really missed my home country, because they're like, nothing happens like that, like this connection. People talk so nicely, and here even if I try to speak in Portuguese saying "oh please, help" or something like that they really ignore me. So somehow, like, it's like anxiety.

I: What strategy did you use to overcome this situation?

N: Yeah, like I speak a little bit of Portuguese, and I said, "desculpa, falo pouco português" like this to survive. If people are talking with me, they say something "oh oh" and later if I have to say something I only follow up with this "pouco, pouco português" and I have to say by.

I: Only to try to have some empathy.

N: Yeah

I: And did you look for someone to support you at this moment?

N: Yeah, from my home country. Now that I get the residence account, maybe I can bring my partner and it will be easy for both of us. But here from Portuguese people or Brazilians, no.

[interview ends]